

A Nóra Rotativa

Após a execução do rei Carlos na tarde de 1 de fevereiro, quando os *Conselheiros de Estado* se acharam reunidos para orientar o novo Rei no caminho a seguir em face dos estranhos acontecimentos que tam inesperadamente e tragicamente o tinham levado ao trono, todos foram concordes em que o primeiro ministerio do novo reinado tinha de ser extra-partidario, já porque era absolutamente indispensavel a união de todos em volta da Corõa, já porque a politica dos ultimos mezes collocára cada um dos chefes de partido na impossibilidade de governar com a opinião.

Com effeito o ditador João Franco, embora com o proposito exclusivo de formar partido, conseguiu — e esse foi o unico serviço que o paiz lhe ficou devendo — mostrar ao povo portuguez quanto tinha sido pernicioso para a sua vida e para o seu futuro a existencia dos partidos *rotativos*, assim chamados porque alternadamente se banqueteavam com os dinheiros publicos e alternadamente se absolviam dos crimes praticados.

Essa demonstração fizera a o ditador, completa e clara, no dia em que precipitada e epileticamente confessara ao paiz a existencia de *adeantamentos ilegais* á Casa Real.

Esses partidos portanto estavam completamente exaurados perante a nação no dia em que a nação pela carabina do Buiça expulsava do poder os *tirannos* que á custa de tudo e de todos pretendiam ser cumplices de *adeantadores* e de *adeantados*, fazendo uma liquidação criminosa de tam criminosos factos.

Nenhum dos chefes se atreveu, por isso, a oferecer-se nessa historica reunião do Conselho d'Estado para isoladamente arcar com as responsabilidades do poder, apresentando um programa ou um plano que desse ao novo rei a impressão que á sua volta estavam homens de inteligencia e dedicados ás instituições que elle, inesperadamente, agora representava.

Era cheio de interrogação o dia seguinte e nenhum delles queria isoladamente sacrificar as suas ambições e bem estar futuros ao problematico triumpho das instituições monarchicas — que acabavam de perder um dos seus maiores inimigos na pessoa do seu mais alto representante.

Foi por isso que todos concordaram em que o chefe do novo governo fosse *alguem* que não desse ao paiz a ideia de que estavam no poder os antigos devoristas, os antigos criminosos.

Esse homem que, com mil protestos de admiração e confiança, os *conselheiros* foram arrancar ás suas socegadas digestões de gastro-nomo, foi o sr. Ferreira do Amaral. Tinha s. ex.ª fama de bom garfo e de possuir ideas liberaes.

Era o que bastava. Cançado por constantes e variadas emoções,

atadigado pela serie continua de sobresaltos em que a ditadura o fez viver durante longos mezes, o povo portuguez accitou de mão beijada esse governo que miraculosamente lhe apparecia a oferecer-lhe a *liberdade* tam desejada.

Tendo respirado desafogadamente após as descargas do Terreiro do Paço, como se com ellas se tivesse purificado o ar, o povo portuguez essencialmente bom e sentimental, deu-se por satisfeito com abraçar de novo os que tinham defendido os seus direitos ameaçados e que a ditadura havia atirado para o fundo das prisões, com o proposito deliberado de os mandar para o degredo e para a morte.

Alguns mezes passaram, e de novo esse povo acorda para a luta e se convence definitivamente que é impossivel a sua liberdade e o seu progresso com a existencia das instituições monarchicas. A monarchia reincidente e incorrigivel dá as provas do seu odio ao povo e da sua imoralidade em governar, ordenando os fusilamentos de 5 de abril e a condenação do capitão Thomaz Cabreira, e votando o artigo 5.º do projecto de lista civil do Rei que entregou a uma comissão extra-parlamentar e de homens suspeitos a resolução da melindrosa *questão dos adeantamentos*.

A opinião levanta-se novamente, e é embalde que se procura erguer o prestigio das instituições, fazendo a amostra do rei por terras de provinci.

Ao mesmo tempo em cada um dos partidos monarchicos, cujas clientellas não podem consentir que o bolo seja repartido com a dos outros, de ha muito que se vinha notandou enorme, imenso desejo de *ser poder* e novamente recommear a antiga e regalada vida de, emquanto governo, ir acumulando bem estar e conforto para os tempos duros, *embora necessarios para haver moralidade*, da revolucionaria opposição.

Como sair, porem, do actual estado de coisas e bruscamente entrar no regimen antigo da nóra rotativa?

Era difficil. O sr. Ferreira do Amaral, talvez com o proposito de se segurar mais tempo na cadeira ministerial, fizera jurar ao Rei repetidas vezes o proposito em que estava de, houvesse o que houvesse, não dissolver as côrtes, como era costume e vicio de seu pae, quando nellas via um obstaculo aos seus planos de rei absoluto.

Por outro lado nenhum dos partidos tinha isoladamente um numero de deputados sufficiente para poder governar.

Esperar ainda dois annos era muito e por isso nós assistimos a essa intriga sem equal que tirou o governo das mãos do unico homem que era capaz de fazer viver algum tempo mais a já gasta e irremendavel monarchia portuguesa.

E para que o rotatismo voltasse de novo a desperdiçar o nosso dinheiro e a pôr no prego o pouco que nos resta, e para que não continuasse a forçada concentração dos partidos é que alguns dos elemen-

tos mais ambiciosos e irriquiotos, do partido regenerador resolveram *passar-se* para o partido progressista levando com elles, o numero sufficiente de deputados para que o *glorioso* partido dos Passos possa governar, sem ter de obrigar o Rei a faltar ao seu juramento, logo no primeiro anno do seu reinado.

Tiveram sorte os progressistas em ser o partido regenerador aquele em que havia mais irredutabilidade entre os chefes.

Foram infelizes os regeneradores porque têm de esperar uns tempos para serem governo.

E só o bastante para o *alcruz* progressista encher.

Até lá, paciencia... e promessas de vir a governar com liberdade.

Carneiro Franco

COISAS & COISOS

Musa Alemtejana

Um livrito de rimas pandegas feito pelo processo do *enchido*.

O auctor, com uma regionalidade caracteristica, metteu em tripa rimas sobre rimas, e depois d'um lumeiro aturado pôl'as á venda.

Há lá de tudo. Desde o paio gordo á morcellinha doce.

Para corações burguezes, pouco tratados, é uma leitura amena.

Não dá impressões, não arrepiá, não massa. É uma especie de narcotico fulminante, muito para desejar á cabeceira d'um doente de insomnias. Tem versos que levantam o bom humôr até ao riso, como por exemplo: *Os bebedos* em que o auctor esmagado por uma rima, se vê forçado a descrevel-os *com as bocas em o*.

E assim, diz:

*Que sahem das tavernas
Etc, etc, e fazem d'ó
Incertos nas pernas
Com as bocas em o.*

Mas tambem podia dizer:

*Que sahem das tavernas
Cheios de agua-pé
Incertos nas pernas
Com as bocas em é.*

Ou ainda:

*Que sahem das tavernas
E voltam para lá
Incertos nas pernas
Com as bocas em H.*

E' claro, que isto só pode fazel-o quem pela sua consagração já tem fóros d'artista, e o auctor da *Musa Alemtejana* tem-n'os.

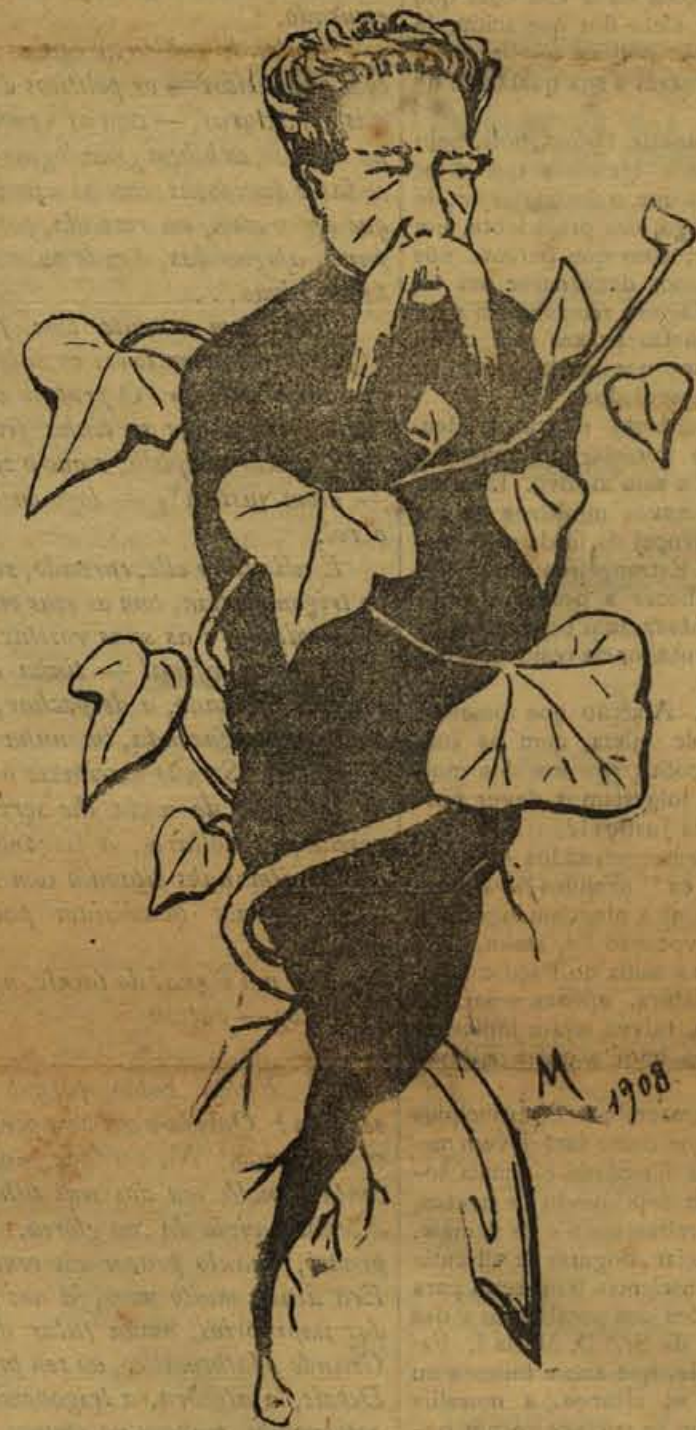
Ainda não ha muito, que a Direcção Geral d'Instrucção Publica, lhe incumbia a factura d'uns versos para o *Hymno Escholár*, e em pleno Agosto, os estudantes primarios portuguezes cantavam ao ar livre esta perola litteraria

*Nós somos a carne
Os nervos, o sangue
O bóje e o intestino grosso
De Portugal*

Eu bem sei que este hymno era mais adequado a uma *associação de cortadores*, mas arte está n'isso precisamente. O talento tambem pôde ser negativo, e nem por isso deixa de ser uma manifestação intensa, original e typica, capaz de merecer tambem uma consagração. Consagração negativa, mas consagração.

Na *Musa Alemtejana* ha prosas rimadas, com aquellas descrições batidas das

CELEBRES... DE BORLA



CONTRASTES...

Entre flores vivendo, angelisado
No seu ar recolhido em que esvoaça
O perfume das flores e a graça
Do seu farto bigode recurvado...

Como as flores subtil, divinizado
Entre thalos e troncos, quando elle passa
Nem sombra de maldade ou de desgraça
Baila no seu olhar extasiado...

Contam as chronicas, porem, que um dia,
Dia de sustos móres e má sorte,
Todo o seu *ar do ceu* se desfazia...

E no claustro silente, entre os mais len tes,
Julio Casto das Flores — deu á morte
As cabeças de sete impenitentes.

Dr. Brotero

charnecas do Alemtejo — cortiça, montados, bolota e guizeiras.

E' uma especie de *roteiro* em verso, muito util aos viajantes que pretendam conhecer a região.

Mas agora a serio: o auctor gastou muito dinheiro na impressão do livro — papel, composição, brochura e editor. Pois bem. não seria mais util ter dado esse dinheiro aos pobres? Não seria isto *alguma coisa*, em relação a um livro que não é nada?

Teria agora uma dezena de bocas a abençoá-l'o, e assim tem uma dezena de espiritos a destruil-o.

Acredite Senhor Conde — para a outra vez dê antes o dinheiro aos pobres,

e conseguirá ser *util* como nunca o foi em toda a sua vida litteraria.

E custa 800 réis a *Musa Alemtejana*!!! Valha-me Deus.

O Borda d'Agua a 10 réis e V. Ex.ª com ingenuidades d'esta ordem!

X.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes pedimos desculpa de qualquer falta cometida pela administração do nosso jornal durante as ferias, como pedimos tambem que nós sejam participadas as mudanças de residencia.

A questão religiosa

Noticiaram os jornais a visita do governo ao nuncio logo apoz a volta do Paço. Tem razão a *Palavra* para estar satisfeita. O representante da curia romana não tem de nós apenas a falta de simpatia, que merece um poder que não reconhecemos e que afronta a nossa dignidade de homens, condenando a liberdade e os mais seguros princípios até hoje descobertos e demonstrados pela sciencia.

Não. Pessoalmente se tem envolvido nas nossas contendas, sendo o maior sustentáculo da reacção agora vitoriosa. Com os jesuitas, executores fieis das suas ordens, tem ele estado á frente da campanha d'odios, movida contra uma parte dos portugueses por quem do estrangeiro parece receber indicações, e por educação e por tradições nada tem com que se recomende ao afeto dos que acima de qualquer convicção politica sempre colocam e sempre prezam a sua qualidade de liberaes.

Nenhuma simpatia temos, pois, pelo visitado, mas nada teriamos que dizer das atenções com que o distinguiram, se um costume antigo, um precedente, um um só, existisse, com que perante nós mesmos podessemos desvanecer um tal preito de vassalagem, relegando-o para a categoria daquelas praxes sem cor e sem sentido com que nesta terra de velharis somos assediados.

Mas o precedente nunca se deu. Abriu-o o novo ministro á má-cara, sem subterfugios e sem motivo. Tiveram talvez medo os novos ministros de que por detraz do ouropel da farda e de dentro da pasta dos Estrangeiros não conseguissemos reconhecer a pessoa e sentir o cheiro de santidade dum beato do Porto, grande frequentador da residencia dos jesuitas.

Temer o sr. Alarcão que fossemos tomar o livro de missa, com as suas orações devotas, por um dos muitos codigos que julgariamos dever possuir o ministro da Justiça!

Demasiado sam conhecidos e apezar de não serem s. ex.ª nenhuns *fura-paredes* sabiam bem que a ninguém logriam enganar. A provocação foi, assim, clara e premeditada, e a saída do Paço e a entrada na Nunciatura, apenas separadas por uma corrida, talvez sejam indicador bastanta do anjo bom a quem a devemos devolveler.

Isto não é um embate de principios da nossa época, que como taes devem merecer-nos aquella liberdade e aquela tolerancia, que não deprimindo os nossos, ao contrario os robustecem e os firmam. Acatar, reverenciar dogmas e discutir escrupulos de consciencia bom seria para os beatificos serões dos peralvilhos e das sécias do tempo da Sr.ª D. Maria I. Fazer do predomínio, que sobre imbecis ou ignorantes facil se alcança, a muralha resistente em que se enclausura um povo, bom era no tempo da Santa Inquisição e do senhor rei D. João III.

Transportar essas preciosidades o essas santas intenções, seculos em fóra, e querer hoje resuscitar um corpo, que empalideceu ás gargalhadas de Voltaire e se desleixou e se volatizou ante a energia e o calor de novos ideias — pode ser que algum se tenha imposto essa tarefa, mas deve contar com a guerra, sem discussão e sem transigencias, uma e outra injustificaveis ante um espectro que num mundo áparte vive, e do tipo normal da nossa especie tam distanciado está, que mal nele podemos reconhecer um nosso antepassado. Foi intenção do ministerio definir a sua posição, lançando-se abertamente nos braços dos inimigos da Liberdade.

Não podia ter sido mais feliz a escolha do sinal, com que se apresentar a publico. A argucia feminil, que parece ter afeiçoado o cerebro dos novos ministros, predominando como qualidade principal e diretriz, nada melhor poderia ter produzido que num momento a todos inteirasse da situação.

Com ela nos defrontamos desde hoje, seguros de que nem a Onipotencia do alto, nem as artimanhas de velhos politicos conseguirão já agora evitar o embate que com arrojo, mas talvez levianamente, a estupidez d'alguns homens provocou.

P. J.

Mario Machado

Chamamos a attenção dos nossos assignantes para o annuncio que este nosso amigo faz hoje inserir na respectiva secção.

MIUDEZAS...

Era chegado o momento. O sabio, (cujo douto nome susurravam com respeito e devoção as mais famosas Academias Scientificas do mundo) ia finalmente passar á sala de recepção. Um ultimo laçao, escanhado e lèso, em breve repuxaria o heraldico reposteiro carmezim, e logo por detrás, risonho e affavel, lhe ia apparecer aquelle moço gentil cuja illustração extranha em idade tam curta, saíra já das ante-camaras e andava de boca em boca, como um milagre.

Fôra um convite directo, pessoal, para a apresentação em palacio; e embora pouco lhe lisongeasse a vaidade sciencia não se poderia jamais ter recusado.

Tinha de enfileirar com os outros: com os politicos — os politicos das eternas curvaturas, — com os «snobs» que no Chiado exhibem geneologias ramificadas e duvidosas, com as «snobnettes» que apparecem, em revoadas, por toda a parte, afogueadas, dando palmas, cantando vivas...

Fôra um convite tam formal! «Quería conhecer todos os sabios e todos os artistas.» O proprio cortezão confidenciaira que se tinha feito uma lista, muito completa, e que o seu nome — «com justiça!» — logo encabeçára o rol.

E ali vinha elle, curvado, saturado de trigonometria, com os seus oculos, os seus collares e as suas rosetas...

Porque, afinal — tinha de ser! Aquelle afilhado, a despachar, na secretaria da Fazenda, impunha-lhe este sacrificio. Se não accitasse o convite do cortezão, de nada lhe serviriam as rosetas, os collares, a trigonometria, que os almanaks citavam com orgulho e os jornaes bendiziam patrioticamente.

E a um signal do laçao, agalado e rigidio. — entrou

... Então, então, porque se não sentava? Quería-o ali bem perto delle, conversando. Na verdade, «a patria contava nelle um dos seus filhos mais dilectos», vivia da sua gloria. Quanto prazer, quanto prazer em conhecê-lo! Era ainda muito novo, já nos quebrados improperios, ouvia falar delle, do Grande Mathematico, ao seu professor. Depois, a algebra, a trigonometria, a astronomia, tinham-no sempre interessado muito. Tanto! Bem sabia, lá fóra diziam que «elle» era um artista, desdenhava a sciencia preferindo a phantasia. Assim lera, já, em revistas. Mas se muito gostava duma sonata de Beethoven ou duma tela de Watheau, gostava mais, incomparavelmente mais das mathematicas. Tanto assim que lera já, («confessava: só nos ultimos annos») as volumosas obras do Sabio e aquellas memorias que os Congressos e as Academias tinham escutado, com assombro e em silencio...

... Lentamente foi-as enumerando todas, uma por uma, citando datas, prefacios, particularidades, o exito das edições vulgarizadoras, que a fama ia espalhando pelo Mundo. «Ah! a ultima! A ultima fóra, com effeito, um triumpho!» Que tremendo desastre para o Schwart, o doutissimo allemão, que vira assim num minuto repudiada a sua engenhosa exposição acerca dos triangulos esphericos! Na verdade, fóra extraordinario!

E durante meia hora, enleado como um leccionista modesto, o sabio escutou sorrindo aquella voz moça, timbrada e lenta, que desfiava victorias superiores.

Uma ultima reverencia, um aperto-de-mão vigoroso, bem expressivo. «Que viésse! Que voltasse, sempre que quizesse!»

Ah! Positivamente, a sua descon-

fiança fóra vencida pelo prestigio daquelle mocidade sabedora. Ali dentro, illuminado pela luz macia da tarde, estava algum com um pequeno cerebro já bem mobilado.

Quem poderia duvidar!
Mas um cortezão, de sobrecaçaca, abeira-se do sabio, toma-lhe o passo incerto; e abrindo na face gordalhufa uma ruga rosada, adoçando a voz:
— Que tal? que tal?
— Immenso sympathy, pois não?... Immenso, esplendido conversador?...

O sabio concerta os oculos, procura uma «phraze» na espessura da alcatifa. Mas o outro detem-no com um gesto.

E chegando-se mais, quasi ao ouvido, como se ardesse de admiração:

— E o que elle trabalha? Imagine: hontem, levou todo o dia a lêr catalogos de livraria, a «Biographia dos Homens Notaveis», os jornaes que apreciam a sua obra... sei lá! Tudo para se preparar para a sua visita! E' muito estudioso, hein?

G. Lussac.

Factos e Commentarios

Dr. Antonio José d'Almeida

Esteve entre nós este nosso muito illustre correligionario embora a sua vinda a esta cidade não fosse do agrado dos seus amigos, pois a isso foi lorgado por hum acidente de automovel que ia pondo em perigo a sua vida.

Felizmente, o sr. Dr. Antonio José d'Almeida ficou apenas ferido num braço nada soffrendo os seus companheiros de viagem.

A conferencia que ia realizar em Gouveia a pedido do nosso correligionario Pedro Botto Machado, ficou adiada para quando o illustre deputado republicano se encontrar curado.

Muito desejamos que seja breve.

O Indispensavel

Em todos os ministerios tentados depois da saída do sr. Amaral do poder, Espregueira foi sempre indispensavel na pasta da fazenda.

Está claro que tambem ficou neste misterio W. C.

— Monarquia sem Espregueira, é monarquia limpa de adiantamentos, poderia alguém pensar. E' ella não quer passar por morrer lavada.

A pórcia!

Palavra de rei...

O sr. D. Manuel jurou, por varias vezes, jamais prescindir do parlamento para a solução de crises nacionaes e politicas.

Inconstitucional, nunca!

Deu ha oito dias um golpe-d'estado ajudado pelo sr. Julio de Vilhena.

— Ditadura, Deus te livre!

Vai adiar o parlamento por seis mezes e o intermezo será regido pela tolerancia e principios liberaes do sr. Campos Henriques... Prá frente é que é o caminho!

Palavra de rei... não volta atrás.

Diz a «Palavra»

«Por um decreto da sagrada congregação do Concilio, datado de 14 de dezembro corrente, Sua Santidade dispensa aos fieis do mundo inteiro do preceito da obstinencia no proximo dia do anno novo que como se sabe cae numa sexta-feira.

Quanto á abstinencia, fica pois, o proximo dia primeiro de janeiro inteiramente livre, sendo permittido tambem o uso de carne e peixe á mesma refeição.

Ainda bem, S. Santidade foi previdente. E' então aquella deliciosa mistura de carne e peixe deve ter agradado immenso ao senhor Ferreira do Amaral que agora pretende desforrar-se do muito que perdeu, emquanto fazia discursos e brindes nos regios jantares.

Uma abstinencia de entrada era forte, tendo demais a mais guardada para esse dia uma esplendida perúa.

Um equivoço

Dizem *As Novidades* a proposito da ida do senhor Vilhena ao paço que o rei se recusou a exonerar aquelle senhor do cargo de Conselheiro de Estado

que ha muito desempenha e que estava agora disposto a abandonar, em virtude de ver uma desconsideração pessoal no facto de o Rei o não ter chamado para formar gabinete. Mais diz o jornal do senhor Teixeira de Sousa que tudo ficou bem, pois que se tratava dum equivoço.

Um equivoço achamos forte, se bem que quando foi da greve academica um quintanista de medicina houve que declarou ter entrado nas aulas — e portanto atraído a sua palavra e os seus companheiros — por equivoço!

Este equivoço Julio de Vilhena!

A debandada

Noticiam os jornaes que os regeneradores do Porto reunidos em assembleia geral aprovaram por unanimidade uma moção de respeito, admiração e confiança aos senhores Campos Henriques e Wenceslau de Lima.

E' natural. O mesmo vá succeder com outros regeneradores da provincia que não estão dispostos a largar a pasta, só para serem companheiros de desgraça do senhor Vilhena, embora as suas simpatias não sejam muitas pelos actuaes ministros.

E o senhor Vilhena que vá dizendo que é o chefe do partido regenerador. Já que não tem o proveito que tenha as honras. Sempre é ter alguma coisa.

Ainda da beatifica «Palavra»

«Coração de Jesus

Valle de Ladrões, 29 — E' esperada no dia 15 de janeiro proximo a imagem do SS. Coração de Jesus.

Esta associação começou no dia 8 de dezembro de 1907 e tem brevemente a imagem que é suspirada por esta freguezia.

O presidente que é o rev. parochista desta freguezia, Padre Abel Maria de Souza, tem-se empenhado pela devoção ao SS. Coração.

Os Zeladores e Zeladoras tem desempenhado o papel que lhes foi confiado.

No meio desta salgahada em que o SS. Coração de Jesus nos aparece transformado em associação cuja imagem é suspirada e por causa da qual o padre da freguezia se tem empenhado (pobre homem) não obstante as zeladoras terem desempenhado o seu papel (não se sabe bem em que comedia) concluimos apenas que o SS. Coração de Jesus é esperado por estes dias em Valle de Ladrões.

Pobre senhor! agora é que elle fica sem tunica, se é que ainda a tem.

Julgamento

Realizou-se em Lisboa na passada 3.ª feira o julgamento do tenente da guarda Municipal Teixeira Lopes acusado de contra a lei e as ordens dos chefes ter ordenado os fuzilamentos de 5 de abril na igreja de S. Domingos.

Não obstante os depoimentos serem esmagadores para o acusado, este foi absolvido.

Pudera. Elle não fez mais do que lhe tinham mandado.

E agora vão ve-los, aos senhores officiaes da municipal. Ao mais insignificante tumulto fogo ao centro do alto para não gastar muitas munições ao Estado.

Ai! esta nova monarchia!

Almanach d'O Mundo

Recebemos este magnifico Almanach, esplendidamente collaborado e que constitue uma bella resenha dos acontecimentos do agitado anno politico passado. Alem da sua variada collaboração litteraria traz tambem nitidas fotografuras d'alguns dos homens mais eminentes do partido republicano. Agradecemos o exemplar oferecido.

O Xuão

Recebemos o ultimo ultimo deste semanario de caricaturas que como os anteriores vem cheios de muito espirito. Agradecemos.

Coisas da Universidade

A compra dos livros

Passando em revista as coisas extravagantes da Universidade logo nos acode esta de que hoje vamos tratar e que é uma das mais curiosas.

Referimo-nos ao facto, que não se dá em qualquer outra escola, de os estudantes serem obrigados a comprar certos livros, sem o que não lhes é permittida a matricula.

E' este um dos privilegios desta escola. O estudante que quer matricular-se é obrigado a apresentar um documento comprovativo de ter pago na imprensa da Universidade, os livros respectivos, isto em obediencia a um edital de 1807 e a outros diplomas de 1824 e de 1863.

Esses livros são pagos por preços elevados porque a Universidade como editor que tem a certeza de vender as suas edições, carrega nas cifras. E' assim que ella nos impinge por 850 réis o codigo civil e por 1\$200 réis o codigo de processo civil (estes preços são os actuaes porque nós ainda pagamos esses livros respectivamente por 1\$000 e 2\$000 réis) quando é certo que ha outras edições cá fóra muito mais baratas, até mesmo a 240 rs.

E nos outros livros mantém-se, pouco mais ou menos, esta exorbitancia de preços.

De maneira que o estudante que podia obter os livros necessarios por preços razoaveis, ou comprando edições baratas ou exemplares em segunda mão, é obrigado pelos regulamentos universitarios a pagar os livros de que realmente precisa e alguns de que nunca chega a precisar, pelos preços que muito bem lhe quizerem exigir.

E assim a casa editora *Universidade de Comp.*, obrigando os alumnos a fornecerem-se de livros na sua loja, arranca a cada um dos que se tornam em Direito a bonita somma de 24\$710 (segundo a *Relação dos livros* do anno lectivo corrente).

Nas outras faculdades dá-se o mesmo que na de Direito, embora a quantia extorquida seja menor.

Isto como se não bastassem as propinas, certidões, assignaturas de termo e não sabemos que mais maneiras de atacar a bolsa, por vezes bem magra, dos que tem a desdita de frequentar a Universidade.

Ora nenhuma outra escola do paiz faz este negocio. Em todas ellas o alumno compra os seus livros onde muito bem lhe parece, ou, se não quer compra-los, pede-os emprestados.

Ninguém lhe impinge livros. Qual a razão por que a Universidade o faz?

Altos mysterios que não nos é dado desvendar.

E' assim ha muito tempo e por isso ha-de continuar a ser.

Na Universidade o estudante só tem obrigações e quando quer ter direitos acontece-lhe o que ainda ha pouco lhe aconteceu.

Ou trahê os seus camaradas ou é trahido por elles.

E como só tem obrigações não tem remedio senão pagar e... não bubar.

Paguemos, pois, porque de contrario não nos deixam matricular.

Mas, como a lagrima é livre ainda nesta pobre terra, choremos o nosso querido dinheiro que tanto nos custa a conseguir para a formatura, a nós que honestamente procuramos ganhar a vida.

Paguemos, pois.

E vá, que estamos com sorte em não nos obrigarem tambem a comprar os livros do sr. Gayer.

Antes os fasciculos do Dr. Laranjo, embora incompletos...

AVISO

Prevenimos os nossos assignantes da provincia de que por todo o mez corrente faremos pelo correio a cobrança do primeiro trimestre.

TRIBUNA DOCTRINARIA

Tomando posições

Na luta ingente que tenho travado com o velho Padre Eterno, ou o Preconceito, como também se lhe vai chamando, eu não tenho encontrado militando nas fileiras inimigas espiritos tacanhos. Não. Por infelicidade da Humanidade, eu tenho-me visto a braços com uma hoste temerosa de homens perspicazes que, numa serie ininterrupta de batalhadores audaciosos e incansáveis, tem em todos os campos oppositos resistencia tenaz ao embate da minha luz, entrincheirados por detraz da espessa muralha da ignorancia das multidões e abroquelados pela tyrania dos detentores do poder civil.

Esses batalhadores a cada pedra do seu edificio nefasto que eu desmorono com o ariete da razão libertada, tem substituído uma couraça formidavel de subterfugios sagazes com que vem ludibriando a confiança facil dos homens nescios.

Mas não é de balde que a experiencia humana orientada e disciplinada se transmite hereditariamente nas suas conclusões a través de seculos innumeráveis, gerando essa faculdade excolta que distingue o homem dos seus convivas sobre a terra.

A sublimada deusa das gerações futuras, — a Razão, ha de, apesar dos esforços dos legionários do Dogma, derivar até ao pó do aniquilamento o já vacillante castro onde, pelas brechas consideráveis que nelle abriu a catapultada da sciencia, penetra a luz purificadora cujo terrôr compellirá o Preconceito a recuar para as regiões do mytho donde proveiu.

Eu poderia assestar as minhas baterias contra todos os systemas religiosos que nenhum delles arrostaria com o seu temeroso embate, impávido e irresistivel.

Não careço de tanto esforço. É bastante implantar o estandarte da Verdade na orgulhosa torre do Vaticano. Conquistando esse reducto de desanove seculos, vencido ficará para sempre o Erro.

Nenhuma das outras religiões tem o arcaiboiço tão bem travado como a Egreja Romana. E' ella propria que o demonstra e, confessemol-o, demonstra-o bem.

Desde o alicerce que tenta firmar-se a — Historia — até á vulpina accommodação que faz de algumas conquistas da experiencia humana, a Egreja Catholica tem ao seu dispor um labyrintho de conceitos tão aparentemente congruentes com a Verdade que, não é dado a todos os homens, senão a uma minoria sómente, encontrar o fio de Ariadne que nos possa reconduzir para fóra desse labyrintho quando, nelle tentarmos penetrar em busca do minotauro do erro.

As columnas que lhe firmam o edificio podem synthetizar-se em tres principios: — a philosophia racional, a tradição biblica e patristica e a dogmatica fundamental.

Nos jogos malabares de palavras com que avulnam a sua philosophia, aglutinada com uma metaphisica tenebrosamente enredadora, está o meio com que affeioam as intelligencias á receptividade dos absurdos que depois lhes hão de inculcar.

No tradição aparentemente historica buscam, com bastante exito, a cinza com que entenebrecem os olhos dos mais rebeldes á metaphisica.

Com a dogmatica, partindo da philosophia, como subsidio informador, e escudados na pseudo-historia, elaboram o fecho ao edificio que pachorenta e acruadamente vieram preparando num envenenamento gradual e systematico das intelligencias que podêram colher nas malhas apertadas da sua rede nefanda.

Apanhados alguns homens argutos e disciplinados, todas as difficuldades estão minorados: A massa, a multidão, essa, será arrastada pelo argumento com que se demovem os ignorantes e os preguiçosos: — a auctoridade dos grandes homens!

E aquellas tres esteios da Egreja Catholica estão tão bem enfiçados, tão solidarios, que constituem um corpo de doutrina na apparencia harmonico e toleravel.

Desde a philosophia tentando demonstrar a possibilidade e existencia do Nada (!) até á Dogmatica demonstrando que a Egreja Romana é a depositaria duma religião verdadeira, necessaria, indefectivel, universal, divina, tendo passado pela tradição biblica e patristica cujas ingenuidades é grosseria pas-

sam, num circo vicioso, por sobre toda a critica, cavalgando a Fé accomodaticia e bisonha, eu encontrarei bellos trechos de estúpida desfacetés com que desopilar a curiosidade d'aquelles que não tem ocios bastantes para reflectir sobre estes assuntos.

Lucifer

POLITICA

Eu odeio toda a especie de banditismo; desde a *naifada* fadista vibrada ao voltar duma esquina até á intriga canalha dos paços reaes. Se ámanhã alguém matar o meu mais terrivel inimigo, ainda que em virtude de essa morte, venha a herdar uma grande riqueza, eu, que nada possuo, odiarei o assassino. E' por isso que emquanto a minha alma de democrata rejubila com a degradação em que escabuja a politica do regime, sinceramente lamento o rei, que é uma creança, sympathica ou antipathica, mas uma creança indiscutivelmente. Como tal elle me merece toda a deferencia, como homem, como meu semelhante; como rei é pessimo porque todos os reis o sam.

Mas que creaturas o cercam, que estendal de vergonhas o rodeia!

Nesta hora tremenda em que o paiz e as instituições atravessam a mais dura phase de que na nossa historia ha memoria, quicá na de todos os povos, esgotam-se as inergias e o tempo numa luta mesquinha de interesses e ambições; sensuravel em qualquer outra ocasião, abominavelmente criminosa no momento actual.

Que confiança podem inspirar ao paiz essas creaturas educadas na mais baixa politica de regedoria, ignorantes e corruptas? Que confiança podem inspirar ao rei essas creaturas que abandonaram seu pai naquella tragica noite de 1 de fevereiro, e que depois de lho levarem á morte o querem precepitar mais depressa dum throno mal seguro que uma politica honesta aguentaria alguns annos? Que podem esperar as nossas colonias, miseravelmente abandonadas, em ruinas quasi, dum ministro da marinha que tem como unica qualidade notavel uns bigodes compridos e que de mar só conhece a bahia de Cascaes? Que ministerio é esse que se inventou para aí, sete zeros, conhecidos uns pela sua estupidéz, outros pela sua acção preponderante nas mais vergonhosas transaccions do reinado transacto, e todos pela sua ignorancia? Que escarço é este cuspidio do alto do throno sobre a face livida da nação indifferente?

Sempre assim foi a *vida nova*. Hoje já, instruido pela experiencia, quando o paiz ouve gritar, aos homens do governo — vida nova! vida nova! sente calafrios pelo receio do que irá passar-se, que elle sabe se machina alguma nova infamia ou que os homens da governança querem mais oiro.

Eu nunca guardo a minhas algibeiras com mais cuidado do que quando um ladrão me diz que quer tornár-se um homem honrado.

A féra é mais perigosa quando recua; parece que vai afastar-se mas o seu fim é unicamente que o ataque seja mais rude. Velha manha safada já, essa de adormecer o povo com promessas mentirosas, o que é pessimo, feitas em mau portuguez, o que é horrivel. O povo já não é aquella creança docil que rezava pelo senhor D. Miguel, que se sentia feliz com os desperdicios dos reis; elle já se não deixa embalar, beatificamente, pelo canto das sereias ministeriais — quer ser livre, quer ser feliz.

O povo quer! Eis aqui o que deve terrorisar muito boa alminha do seculo XII, que as ha em barda por esse Portugal fóra. Pois quer, em que lhes peze, e o que elle quer ha de fazer-se.

F. C.

A RALÉ

Raros são os que dentro do partido monarchico, mórmente no meio academico, não appellidam de — *ralé* — e portanto como refugio da sociedade, todos os que não militam no seu partido e se permittem defender a causa republicana ou outro ideal mais avançado, onde a palavra — liberdade — encontre significação mais ampla e mais consentanea com a razão humana.

Para aquelles, só dentro do arraial monarchico, se observa a nata da sociedade, isto é, os que primam pela sensatez, os que revelam coherencia com os seus principios, os que fulguram pelo talento, os que brilham pelo raciocinio, os que pensam com a verdade, constituindo todos os outros, a arraia miuda, a turba miseravel, a multidão ignara sempre inconsciente, irreflectida, irreverente, systematicamente hostil, acintosamente advese, indigna da mais ligeira consideração e merecedora apenas do mais rigoroso castigo, e do cruel desprezo, sendo pois licito, em tal caso, recorrer ás mais vis calumnias, ás mais servis infamias, ás mais degradantes dilamações, contanto que taes meios realisem o objectivo desejado, isto é, que inutilisem moralmente o individuo que teve a suprema audacia de se tornar adversario da idéa que elles patrocinam por convicção ou por interesses meramente pessoais, na maioria dos casos.

Resumindo: a intolerancia é o seu principio irreductivel, a intriga o seu meio de combate, o absurdo, o fim ou objectivo que defendem.

Entretanto uma ligeira e desapaixoadá analyse é mais do que sufficiente para levar ao espirito de toda a gente a convicção inabalavel de que o partido republicano em Portugal, é precisamente constituído, na sua quasi totalidade, por elementos que se impõem aos homens sensatos, criteriosos e honestos, pelas scintillações do seu intellecto, pelos esplendores do seu espirito, pela nobreza do seu character, pela justiça da sua causa, e pela sinceridade da sua convicção.

Haverá por acaso alguém que, honestamente e com consciencia das suas afirmações, negue a existencia de taes predicações na pessoa de Theophilo Braga, o grande pensador, esse vulto sublime que enche a historia litteraria d'um paiz, que domina o espirito d'uma epoca, que atráe e se impõe á admiração do mundo illustrado?

E o que dizer de Guerra Junqueiro, que pela sua cerebração privilegiada, magnifica, estupendamente phenoménal, não pertence hoje ao nosso paiz, mas a toda a humanidade?

Estes dois nomes, quando mais não fosse, bastavam, por si só, para affirmarem a existencia d'um partido, cujo ideal devia ser respeitado.

Alem d'estes porém, quem ha também que, conscienciosamente, ponha em duvida o valor, merito e honradez de Manuel d'Arriaga, Bernardino Machado, Antonio José d'Almeida, Brito Camacho, João de Menezes, Alfonso Costa e tantissimos outros, que seria agora ocioso enumerar e que igualmente enfileiram no partido republicano portuguez?

E os outros, os anonymos? perguntarão decerto os nossos adversarios.

Responderemos que esses, os desprezados, em geral, da fortuna, os falhos de instrução, os que lentamente se extinguem no fundo das officinas, os que mourejam na crudelissima luta pela vida, os que mal ganham para a acquisição do negro pão que comem, os que, em face da crise de trabalho, não encontram applicação para as suas aptidões e vagueiam por isso esfomeados, quasi nus, todos esses, representantes de todas as classes, e que constituem o forte do partido republicano, são os que, no seu conjunto, pensando, sentindo e querendo, verdadeiramente synthetizam a vida, a alma e a riqueza incalculavel da nação, por que tudo produzem, porque são as alavancas e as energias do progresso, porque são n'uma palavra, os que formam aquella grande parte da opinião publica que traduz verdadeiramente o estado do paiz e as suas aspirações.

Com todos estes elementos, admiravelmente disciplinados, dispostos a todos os sacrificios, orientados e dirigidos por

incontestaveis mentalidades, paladinos d'uma causa justa e racional, assim vemos organizado um partido que revêla o seu valor pelos efeitos da propaganda, que accentua o seu character pelas provas do seu civismo, que traduz o seu vigor pelo numero dos seus adeptos, que assegura a sua robustez pelo receio crescente dos seus adversarios, que, finalmente, afirma a sua força conquistando pelo seu voto cadeiras no parlamento, açambarcando a magistratura municipal tendo nas suas mãos quasi todas as juntas parochias da capital do paiz e invadindo legalmente a esphera de taes poderes n'outros pontos do territorio nacional, de sorte a poder, dentro em breve, por mais que lhe cerceiem todos os seus direitos, a vencer as culminancias do poder, derrubando instituições anarchonicas e absurdas, e implantando um regimen de liberdade e de democracia.

E' contudo este conjunto harmonico que os monarchicos insensatos, na sua ancia de maldizerem, no seu habito de calumniarem, na sua intolerancia de fanaticismos, no seu rancor de obeccados e na sua raiva de quasi-vencidos, chamam desdenhosamente — *a ralé!*

O que se deverá então chamar a um partido que, salvo rarissimas excepções, é constituído por individuos, acorrentados uns, á mesa do orçamento e pouco dispostos a largar as poucas migalhas que ainda lá existem, presos outros, a falsos preconceitos, e orientados por aquelles que, ha longos annos, veem assaltando o poder, defraudando o thesouro publico, roubando o nosso credito, descurando os interesses do paiz, levando-o ao estado miseravel em que se encontra, e ainda não satisfeitos de todas as mesquinhas ambições, procuram suffocar com uma violencia feroz e estúpida, o clamor do povo, justamente revoltado contra tanta indignidade e sandice?

Varias são as denominações que cabem a tal partido. Ao sabôr porem de cada um, deixo o encargo de o definir como entender, na certeza de que, por maior que seja o numero de termos applicados, a idéa fundamental que elles exprimam, ha de sempre ser a mesma. Está na consciencia de toda a gente honesta!

A. S.

Monumento a Joaquim Antonio d'Aguiar

Table listing names and amounts for a monument fund, including Bento João Favas, Lino José Duarte, Antonio Joaquim Ferro, Manuel Victoriano Lopo, Antonio M. Victoriano, Domingos Abraços, J. V. M. (Algós), José Estevam, Gremio Lusitano, C. N. de Carvalho Silva, J. A. Carvalho, Antonio A. Novo, Luiz Botelho, A. Vidal, Beatriz & Virginia, Mata Frades, Miguel A. Magalhães, João Tudella, M. Gomes dos Santos, Bernardino de Carvalho, João da S. Alcobia, J. B. R. S. Afra, A. C. Fábão, Manuel J. Ferreira, Antonio Nogueira, Corrêa, J. J. Moraes, Annibal Guerreiro, J. M. Oliveira, P. V., J. Silva, Francisco Capelo, Miguel, Luiz G. da Cruz.

Transporta . . . 3:024\$370
O thesoureiro,
M. A. Rodrigues da Silva

A REVOLTA ASSIGNATURAS

Table listing subscription rates: Continente, ilhas e ultramar, trimestre . . . 300; Estrangeiro . . . 600.

Pagamento adiantado

Numero avulso, 20 réis
ANNUNCIOS — cada linha . . . 30 réis
Repetições . . . 20

A «REVOLTA»
Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO», Rocio.
Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

ANNUNCIOS

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Consultorio Dentario

DE

MÁRIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com prática da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Table of dental prices: Consulta . . . 500; Extracção de cada dente ou raiz . . . 500; Extracção com anesthesia . . . 1\$000; Obturação . . . 1\$500; Aurificação . . . 4\$000; Limpeza de dentes . . . 1\$500; Dentes artificiaes . . . 2\$500 e 4\$500; Dentes de pivôt. . . 8\$000; Corças de ouro . . . 12\$000; Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão . . . 1\$000

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANACIZES: succo gastrico, lézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com prática nos hospitais de Paris

Consultas, todos os dias uteis,

das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a

ROZARIA DA MODA

Rua Ferreira Borges, 61, 63, 65, 67

COIMBRA

Telephone n.º 210

Neste bem montado estabelecimento encontram-se as mais recentes novidades em chapéus confeccionados para senhora e creanças, veludos de seda e algodão, luvas, cintos d'elastico, espartilhos, bordados, rendas e todos os artigos de retrozeiro;

Preços excepcionalmente baratos

Dão-se ac senhas do «Bonus Coimbricense»

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.

Fabricam se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Aochar. Paté de Liever e Foie.

Sauisses Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo systema de Margaride.

Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto a Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	50
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2\$500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4\$00

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commerelo, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovys para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sós e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

N'este estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleção de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; telogios proprios para mesa, parede e morés. Ha espetadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro. Concertam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

ARMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pelo laria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Forneca impressos a quem os pedir, effectuando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

PRO ITALIA

Ante a desgraça que acaba de assolar a Italia, mal nos iria se não suspendessemos toda a refrega.

Ante os cadaveres de milhares de victimas, em face da desolação e do infortunio d'outros tantos infelizes, a ninguém fica tal sustar um pouco o embate de principios, por mais santos e por mais justos que elles sejam, e, sem quebra de dignidade, sem aviltamentos que a todos deshonrariam, olhar apenas ao mal que todos devemos remediar. Bem sabemos que a sisão que hoje lavra na sociedade portugueza, tomou já aquella fase de acinte, aggressiva e feroz, em que os homens começam de topar-se corpo a corpo.

Está proximo o grande e inadiavel duélio.

Mas se ainda neste momento existe uma parcela de generosidade, se a nossa mocidade de todo se não perdeu com os seus encantos e os seus grandes impulsos, porque não havemos nós de pôr de parte altiva e resolutamente todos os agravos, que sam muitos, e todas as distancias, que sam imensas, para, como homens, minorarmos o sofrimento d'outros homens?

Qualquer especulação politica, qualquer mesquinha intriga, que acaso podesse vir entrar este movimento de solidariedade humana deveriam imediatamente ser condemnadas por todos quanto do coração sentiram o enorme desastre sofrido pela Italia.

Assim postas de parte antipatias pessoas e porventura velhos rancores, que tanto nos trazem desunidos, deve a mocidade portugueza, olhos apenas na alheia desgraça, estender carinhosamente a mão ao infortunio que longe chora, levando-lhe a palavra amiga, que consola, e todos os nossos obulos que em face da catastrophe pequenos seram decerto, mas que juntos aos que de toda a parte ali afluem poderam conseguir minorar um pouco de tanto sofrimento.

Cheios de agradecimento nos encontraram todos, que de boa vontade e sinceramente queiram colaborar na humanitaria obra.

Este nosso parecer interpretará decerto os sentimentos dos nossos amigos que não pudemos consultar.

A quem, como os estudantes revolucionarios, numa luta sem treguas, contra tanta deshumanidade vem lutando, será sem duvida grato ajoelhar compassivamente ante o luto da Italia irredenta.

A todos gratissimo é dar um pouco de amor e um nada de conforto e bem estar para mais altivamente voltarmos aos combates em que andamos empenhados, tranquilos com o bem praticado, satisfeitos com o dever cumprido.

Oxalá não seja vão o nosso apelo e brevemente sintamos que apesar de tudo... ainda somos hcmens.

R. J.

Subscrição

Abrimos nas columnas deste jornal uma subscrição cujo producto será enviado ao sr. Embaixador da Italia. Para a generosidade de todos apelamos. Gostosamente interviremos em quaesquer atos que porventura possam vir a realisar-se no intuito nobre de aliviar tamanho infortunio.

Comnosco, com o esforço minimo de que possamos dispor contem todas as almas generosas.

A redacção d'A Revolta... 5\$000

MIUDEZAS...

Era em frente da matriz, mesmo ao pé do sacristão que elle tinha a tabernicla...

Ali nascera, ia para oitenta annos, ali lhe tinham corrido os dias da mocidade, todas as alegrias do lar, o casamento, os filhos e d'ali não ardeira pé senão lá de longe em longe. Chamavam-lhe o «Borrachão» por alcunha que herdara do pae, juntamente com uma divida de tres moedas e uma quartola de arcos arreventados.

Mas a divida pagou-se e a quartola foi um auxiliar valioso da sua vida, quando começou naquella faina de vender vinho a copo, para juntar algum vintem.

Levantava-se cedissimo para aproveitar a freguezia dos jornaleros, que iam para o trabalho e até a noite não descansava, sempre na labuta ingrata, escrupulosamente, honestamente, verdadeiro typo de honradez-humilde.

Vieram depois os filhos, mas, nellos de alcoolico, a anemia atacava-os e quando a morte vinha achava-os tuberculosos. Assim lhe iam morrendo todos lentamente...

E a sua vida era mais triste, como a de um pinheiro esguio a quem fossem seccando todos os ramos.

Mas um nasceu, o ultimo, que por um capricho da sorte veio mais robusto e esse vingou. Era o seu enlevo, amava-o, tratava-o carinhosamente, como um fidalgo e quando chegou aos oito annos mandou-o á escola.

O pequeno cresceu, não era péco, agarrava-se aos livros e aproveitava. Fez o primeiro exame; depois o coadjutor que viera havia pouco do seminario offereceu-se para o ensinar e lá fez os preparatorios. Mas elle tinha uma pena em não continuar; podia vir a ser abbade, ou cirurgião, ou doutor de leis.

O coadjutor acariciou-lhe a esperança.

Era pena realmente, perder uma posição por tão pouco.

Mas o pae podia lá com aquella despesa: a vida ia cada vez mais cara e o vinho andava pela hora da morte. Enfim, dando explicações, trabalhando muito, lá conseguiu formar-se. E foi ao fim do quinto anno, depois de ter passado incólume pelas mãos dos ultimos tres lentes, tres carrascos, que elle uma manhã muito cedo entrou pela porta dentro, espalhando pela casa toda uma alegria enorme, como a dum noivado.

Mas aquillo não era vida, tinha de trabalhar, precisava impôr-se e elle que vinha acostumado áquella agitação pretenciosa da velha Coimbra, começou a lançar uns olhos cheios de

curbiça para a capital, que nunca vira e que lhe povoava os sonhos de adolescente, envolta sempre na névoa penumbrosa das coisas ignoradas, que tanto mais se amam quanto menos se conhecem.

Nesse mesmo anno precisamente o padre que o ensinava e que andava na politica sahira deputado. E elle que o recommendara aos lentes e o protegera sempre, chamou-o a Lisboa e lá lhe arranjou um nicho.

Era um logarito menos mau: um conto de reis por anno sem nenhum trabalho.

Emfim, era para começo, depois lhe arranjaría coisa melhor. E arranjou. Quatro annos depois frequentava elle o soalheiro da Arcada, cheio de consideração, de dinheiro e de commendas... em perspectiva.

Foi então que um acontecimento inesperado veio alterar a sua vida. Foi em casa do director geral que elle a conheceu. Ella era uma senhora muito sympathica que tocava no piano uma coisa de Schumann.

Era á turdinha antes do jantar. Pela porta entreaberta ouvia-se o chilrear dum canario muito amarello, que salpicava de notas agudas as conversas graves duns conselheiros edosos. Atras do piano, elles, muito despropriadamente, iam segredando umas coisas sentimentaes, que ella com a sua mão direita de dedos muito brancos sobre o teclado, ia entrecortando com uns harpejos desconexos, enquanto a esquerda segurava o loque num ar adoravel de ingenuidade casta.

Aquillo continuou depois por algum tempo, mas veio a acabar por onde todas as comédias acabam e por onde muitos dramas começam: casaram.

Ella era alta, magra, fóra educada num collegio de freiras, tinha um galgo de estimação e gostava muito duns bolos secos especialidade da Padaria Inglesa. Pertencia a uma familia distincta, tinha tres irmãs e era orphã de pae, o general Silveira, que morrera havia um anno, de um ataque de diabetes. E afóra isso apenas lhe restaria alem de uns pergaminhos incertos o suficiente para morrer de fome.

Mas tinha um culto, ma decadição immensa pelas suas tradições de familia, gloriosas e empergaminhadas que lhe davam direito áquelle «tu cá, tu lá» com todas as mulheres da alta.

E tudo em casa respirava um ar chic, um ar «haute gomme...»

Havia, é claro, aquelle ponto negro do ascendente do marido, mas a necessidade não lhe permitia escolher e ella cautelosamente fingia ignorar, esquecer...

E o velho lá ia continuando no obscuro recanto da sua Beira, a pesada vida de trabalhador ignorado que não quizera abandonar, vivendo tambem daquella alegria immensa de ver o filho grande.

Quando aquelle filho nasceu, o seu Alvaro, ella não pensava senão em vê-lo creado. Havia de ser militar. E fazia-o já um lindo rapaz, endoidecendo com o scintillar dos botões amarellos, as cabeças ideaes de condessitas loiras que a atmospherá galante de S. Carlos tornava ébrias de harmonia. Oh!... o seu Alvaro...

CELEBRES... DE BORLA



O novo Adamastor

Maior do que o colosso, que em Rhodes Assombrou todo o mundo antigamente, Mais terrivel do que a mão do rei Herodes, E' o seu indicador omnipotente!

Rei dos pellos no reino dos bigodes, O seu bigode esqualido e fremente Diz ao mundo: «Commigo tu não podes, «Oh misero e mesquinho, alumno ou lente!

«Que eu sou p'ra esta escola de Direito
«O que o Edisson foi p'ra luz electrica,
«O professor maior e de mais geito!

«Que eu sou a propria torre, cujo mastro
«E' o meu indicador de sombra tetrica,
«E o relógio... os dois dentes de alabastro!»

Dr. Loria.

Mas elle tivera sempre uma negação pronunciada para tudo o que exigisse algum esforço de intelligencia.

E por isso feitos os preparatorios a muito custo, resignou-se a ir para direito como o unico curso para que, como preparação, bastava a sua estupidéz nativa.

E fóra devido a toda esta serie de fatalidades que elle batera com os ossos em Coimbra e que nessa noite de dezembro, escura e fria, elle grave na

sobria elegancia da sua casaca emprestada, entrou em casa do Lamas com o bando da «jeunesse fashionable» que, como elle, sacrificava este exitio de cinco annos de extravagancia dum curso.

O Lamas dava nesse dia o seu primeiro baile.

Era numa festa rija; iam lá os lentes e ser convidado pelo Lamas era um pouco como receber a alternativa elegante, no meio alambicado do snobismo indigena.

Houve uma suspensão quando entraram, em grupo, cumprimentando toda a gente à direita e à esquerda. Depois foram elles que deram todo o calor á festa, fazendo vibrar aquelles corpos de mulheres decoladas, immoveis como esphynxes, lançando-as na embriaguez suprema dum revoltar sem fim. Quando já tarde tudo voltou a socegar e começaram correndo os primeiros serviços da ceia, elles vieram para as salas de jogo, serenamente, provar os vinhos.

Estava-se ali bem... Conversava-se... Um delles, o José de Lemos queixava-se de falta de dinheiro.

— E o diabo é que temos as ferias á porta e não sei como ir para casa.

— Vae a pé! Respondeu um.

— Não, mas se me não chaggar o dinheiro para ir em 1.ª vou em 2.ª ou 3.ª.

Um grande ah! de pasmo saiu de todas as boccas.

— Em terceira?...

— Sim, em terceira, porque não?

— O filho, mas isso é uma porcaria... em 3.ª exclamou o Alvaro Silveira, unctuosamente.

— Uma porcaria? E's idiota...

E bem idiota era na verdade pois até o nome do pai despezava. Usava o da mãe por ser mais distincto.

Elle tornou que não, que não era ser idiota era ser verdadeiro. Elle até já tinha tido nauseas ao passar por uma carruagem de 3.ª. Uma poelga! E a gentalha que lá ia!

— A gentalha? Olha tu, antes me quero com essa gentalha que tu dizes, que com certos fidalgos que...

E suspendeu-se muito afogueado o José Lemos, que não tinha pápas na lingua e era um homem.

E o outro estupidamente, sem perceber, respondeu-lhe num grande ar de lastima.

— Olhem o democrata!

Começavam a tocar na sala proxima e elles correram apressados.

Rompia a manhã.

O Silveira fôra dos ultimos a sair e aos zig-zags pelas ruas cobertas de neve, bebado de champagne entrou em casa com o cerebro povoado de grandezas e de mulheres muito brancas deixando adivinhar as curvas do corpo através dos fatos Imperio.

E á mesma hora o velho, o avô sob o peso dos seus 80 annos, no obscuro recanto da sua aldeia remota,

FOLHETIM

Eça de Queiroz

As catastrophes e as leis da emoção

Desde que não conversamos, meus amigos, este nosso Velho Mundo e os outros mais velhos que se estendem para o Oriente têm sido visitados por males innumeráveis, uns trazidos pelas violencias da Natureza, outros pela violencia dos homens, porque o consciente e o inconsciente (se é que este realmente existe) rivalisaram, como sempre, na produção da dor.

No Japão foi um d'esses pavorosos «macareus», que tanto assustavam os nossos navegadores do seculo XVI, invadindo em desmedido vagalhão leguas de costa e lambendo aldeias, cidades, centenas de milhares de creaturas, como se fossem apenas conchas e arcia leve. Na China a costumada transbordação de rios, afogando nessa noite quinhentos mil chineses, um milhão de chinezes, todo um imenso e escuro formigueiro chinês, com a simplicidade com que entre nós um riacho, depois das chuvas, alaga um feijão em uma horta ribeirinha. Na India a peste junta com a fome, á velha maneira oriental, com esse horrendo feitiço das expiações bíblicas em que os esfaimados findam por comer os cadáveres e os pestíferos, aos centos, agonisam á beira dos caminhos, em breve todos brancos de ossadas. Na Armenia uma prodigi-

abria a tabernita dum porta só, aos jornalheiros que iam para o trabalho. Do avô ao neto ia uma differença enorme: o primeiro era do povo...

L. G.

Coisas da Universidade

O limite das cadeiras

Ha coisa de tres annos appareceu nos Geraes da Universidade um aviso dizendo que de futuro não seria permitida a matricula em mais de quatro cadeiras em cada anno.

Até então cada um frequentava as cadeiras que queria, chegando a haver estudantes na faculdade de Direito que frequentaram seis.

Mas naquella anno foi marcado o limite de quatro.

Esta disposição foi depois modificada permitindo-se a matricula em cinco, em determinadas circunstancias. Assim os estudantes que ficassem reprovados numa cadeira poderiam frequentar essa e as quatro do anno seguinte. Tambem poderiam frequentar cinco cadeiras aquelles a quem só essas cinco faltassem para concluir o curso. E' este o regimen que está em vigor.

Ora este regimen é de enorme prejuizo para muitos estudantes, dando logar a verdadeiros absurdos como no exemplo que vamos apresentar e que varias vezes se tem dado.

Vamos ao exemplo. O estudante A matricula-se na faculdade de Direito e durante o seu curso fica reprovado em cada anno numa cadeira, até ao 4.º. Como está ao abrigo d'aquella disposição vae frequentando 5 cadeiras a partir do 2.º anno. D'esta maneira conclue o seu curso em cinco annos que é o tempo normal da formatura. O estudante B fica reprovado em duas cadeiras em qual-

quer dos annos. Já não pode frequentar cinco porque lhe faltam duas do mesmo anno. E por isso já não pode formar-se em cinco annos, mas em seis, ficando no ultimo apenas com duas cadeiras. Assim o estudante A que durante o seu curso teve 4 reprovações nada perde; o estudante B que teve apenas 2 reprovações perde um anno.

giosa matança de trezentos mil christãos, methodicamente dirigida pelas autoridades musulmanas, com muita ordem, muito vagar, horas regulamentares para assasinar e para descansar e uma escrupulosa escripturação. Na Turquia e na Grecia uma guerra, que não resucitou a lucta classica do orientalismo e do hellenismo (porque já não ha orientaes e ainda menos hellenos), mas renovou uma briga entre a Cruz e o Crescente, briga toda concebida no espirito do seculo XIX, racionalista e positiva, em que os principes christãos (até o papa) se collocaram n'um utilitario enthusiasmo do lado do Crescente, de sorte que a Cruz teve de fugir com um dos braços partidos por esses caminhos thessalicos por onde outr'ora o Grego costumava acossar o Persa numerozo. Na ilha de Creta, tão querida a Jupiter, horrores inenarraveis, sob a vigilancia pensativa e paternal de seis esquadras da Europa. Em Hespanha bombas e supplicios. E emfim n'este Pariz o dia doloroso em que a Sciencia, sob a forma de um cinematographo, queimou por seu turno, n'um vasto auto-de-fé, a Religião, representada por piedosas senhoras que celebravam uma festa de devoção e caridade catholica...

Mes eu não sei, meus amigos, se estas desgraças realmente vos interessam, vos commovem — porque a distancia actúa sobre a emoção exactamente como actúa sobre o som. A mesma dura lei physica rege desgraçadamente a acustica e a sensibilidade. E' sempre em ambas o identico e tão racional principio das ondulações, que vão decrescendo á ma-

E' isto justo? Não nos parece. E o caso tem-se dado mais de uma vez.

Por outro lado ha estudantes que frequentam duas faculdades, chegando a ter em cada anno sete e oito cadeiras.

Se a esses é permitida essa frequencia, qual o motivo por que os que frequentam a faculdade de Direito não podem ir alem de quatro cadeiras?

Não podemos comprehender as razões que determinaram tal medida.

Parecia-nos mais simples o systema que se seguiu até ao quarto anno em que vigorou a reforma da Universidade. Por esse systema o estudante matricula-se no numero de cadeiras que lhe convinha desde que, é claro, se respeitassem as dependencias e não houvesse incompatibilidade de horario.

Se se matriculasse em numero superior ás suas forças, lá estava o acto no fim da anno para o julgar. Mas admitindo mesmo que houvesse razões de peso para tal medida, parecia-nos então mais justo que ella fosse tomada para os alumnos que depois da sua data viessem frequentar a Universidade.

Não se fez assim, pois a disposição abrangeu os que tinham entrada no tempo em que não havia limite e que contavam continuar nesse regimen.

Por mais de uma vez tem sido pedida a modificação d'esse systema, elevando, pelo menos, o limite a cinco cadeiras, como de resto já ha para os que estão nos casos especiaes a que nos referimos.

Nada se tem conseguido e já agora nada se conseguirá, cremos bem.

E assim continua em vigor essa disposição que dá logar a absurdos e injustiças como no exemplo que apresentámos.

Absurdos e injustiças. Mas para que pedir logica e justiça neste paiz e em especial na Universidade?

C.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes pedimos desculpa de qualquer falta cometida pela administração do nosso jornal durante as ferias, como pedimos tambem que nos sejam participadas as mudanças de residencia.

neira que se afastam do seu centro, até que docemente se immobilizam e morrem: se ellas traziam um som que vinha vibrando — o som cala quando ellas param: se traziam um terror que vinha tremendo — o terror finda quando ellas findam.

Bruscas, grossas, frementes, rapidas em torno ao choque que as produz, essas ondulações não são mais, nos horizontes remotos, do que um vago, quasi liso arfar, que mal se differença da inercia. Senão vêde! Em Pekin, subitamente, uma tarde, ribomba um pavoroso trovão; — e ao mesmo tempo pega fogo na vistosa cabia d'um mandarim muito illustre, que morre queimado. Por todo Pekin a impressão é tremenda. Até o imperador, filho do Sol, nos seus grandes jardins, estremeceu, aterrado com aquelle imprevisão troar de um céu puro: e nas villas mais sordidas os coolies mais piohlentos interromperam um momento o seu negro trabalho para lamentar com exclamações o mandarim muito illustre. Mas, ah! está! a vinte ou trinta leguas de Pekin o terrifico trovão foi apenas um rumor que se confundiu com o rolar das carroças nas lages: — e, quando se contou nas lojas loquazes dos barbeiros o desastre do mandarim em chamas, só algum medio funcionario, com sabão na bochecha, murmurou officialmente algum ah! desinteressado e molle...

E' que o som do trovão e a emoção do desastre vieram trazidos por ondulações, que, a trinta leguas de Pekin, seu centro vivo, já se alisavam, immobilisavam, morriam. E quando aqui na Euro-

Factos e Commentarios

Ezarada a premio

Um nobre e sabio cavalheiro (quem ha de ser?), espectorando ha dias determinada teoria, entendeu, apoz os sons inarticulados do costume, dever chamar *classes baixas, classes inferiores* aos operarios e pequenos proprietarios em opposição aos brazileiros de torna viagem etc.

Nesta redacção se dá um puxão de orelhas bem puxado a quem fôr capaz de advinhar a que classe zoologica pertence o illustre preopinante.

De luto

A' ultima hora consta-nos que a politica, sempre a politica, com as suas diabruras revoltantes, afastou ou fez alastar do nosso meio, o tão querido Scherlock, de saudosa memoria.

Partiu já, e levou-nos tambem a nós, de alma, e de coração.

Cobrimo nos de luto, num adeusinho ultimo. Adeus. Adeus!

Jamais apitará o 22! As bombas criam bolor! Adeus! Tudo perdido! Malditos treze vintens! Adeus!

Eça de Queiroz

Publicamos hoje como folhetim a inestimavel carta do primoroso artista e grande psicologo, que tantas paginas imordeoras deixou na nossa literatura.

Ela é bem a expressão dum amarga verdade! Atualizada pela enorme catástrofe da Italia a sua publicação reveste o duplo significado de fervoroso preito ao grande morto e porventura de triste lição a alguns vivos...

Mas companhias

Vácondeus, sacerdote da capital, queixa-se de que foi desacatado no meio da rua.

Mas para que anda S. Rev. com más companhias?

Experimente andar com o Diabo que talvez lhe acuda nos momentos criticos. Que elle não é tão feio como o pintam...

Um alvitre

Diz-se que o novo ministro da marinha e ultramar anda um bocado atrapalhado por não saber bem ao certo onde ficam as colonias.

Ousamos lembrar um alvitre que alquem da familia pode pôr em pratica, porque não ha como os remedios caseiros. E' mandarem-lhe para lá o Dr. Ulrich com a sua vistosa colleção de mapas movidos por cordelinhos e com as suas mil e tal paginas.

A semente fica um bocadinho cara mas tambem o ministro fica sabendo administração colonial *coma burro*. Até fica sabendo quantos pares de

ceroulas levava Vasco da Gama quando foi para a India.

Quanto ás que trazia á volta pode informá-lo o sr. Gayo que sobre a volta da India já fez, se não estamos em erro, um drama historico.

São dois elementos valiosos que o mano do mano lhe pode mandar com manifesta vantagem para S. Ex.ª e sem grande prejuizo cá para o estabelecimento.

IMPRESSÕES

Desconhecemos se acaso é só da nossa raça, ou principalmente d'ella, a preocupação constante do depreciamto de outrem, a proposito de tudo, em geral sem motivo admissivel, numa attitude grosseca de critico imbecil. Talvez não.

Sem duvida alguma o que sabemos e vemos claramente, é que essa preocupação entre nós, e sobretudo no meio tacanho de Coimbra, e ainda aqui no academico, é mercadoria de largo consumo, que anda no bolso como se traz um lenço, prompta a cada momento, e á cada passo manejada por paladares azedos, que variam muito com a imponencia dos collarinhos altos, bem brunidos.

Temos notado que sem ella não se é ninguém, e jámais estudante, não ha importancia, falha o talento, o espirito, desaparece a critica requintadamente fina. Tem fôros de costume velho, é um prazer, aliás vulgar, em que se não repara já.

A verdade porém é que, numa observação mais cuidada, chegámos tambem a concluir, que tal preocupação de amesquinhamto, como norma, está sempre ou quasi sempre na ordem directa da inferioridade, em geral irreverente, da pessoa que se preocupa. E' um symptoma de fraqueza, de degradação moral até; e a mocidade coimbrã prima por ella.

Um caso bem recente nos veio confirmar mais uma vez estas convicções bem antigas.

Varios academicos de Coimbra, com o seu alto criterio, pensaram formar, e crearam um pequenino grupo, no intuito louvavel de levantar por uma forma e por si a geração actual, que roça os bancos Universitarios. A academia achava-se morta, e desprezada. Urgia transformar em louros, devidamente conquistados, os incommodos insultos com que de ha tempo a vinham recebendo, em qualquer parte, em acolhimento, que diziam muito condescendente ainda. Vida nova, edificante.

Isso bastou para que esta massa estudiosa e intellectual indicasse logo, soberanamente uma hostilidade irritante, de troça e ridiculo, que antes deveria ser de reconhecimento e admiração.

Foi sempre assim. E' notorio, mas é certo!

Queremo-nos referir á fundação do grupo dos *akademikos aetherikos*.

São doze, se não lavramos em erro, e que assim se appellidaram. Todos litteratos, de valor incontestavel, difficilmente supprivel, e de nome consumado.

quillação d'esses vastos milhares de patogonios.

E esta estreiteza da emoção deriva de leis tão fataes que não se dá somente nas almas de caridade estreita, — mas ainda nas mais ternas e nas mais largas, naquellas que parecem abrigar na sua amplidão toda a amplidão do padecer humano... O bom senhor S. Vicente de Paulo, a quem o encontro de uma creancinha tremendo de frio ao canto de uma rua arrancava prantos desolados, que corriam enquanto elle corria com a creancinha soffregamente apertada nos seus santos braços, só teria um pallido e resignado suspiro quando ouvisse que tambem na Tartaria, em outras villas regeladas, outras creancinhas tiritavam e choravam — se é que a homem tão occupado com as miserias de França restava tempo para suspirar com as miserias da Trataria. E até talvez o muito divino S. Francisco, o adoravel pobresinho d'Assis, irmão de todos os seres e para quem os proprios passarinhos das veigas d'Italia eram irmãos muito queridos, não sentisse a sua costumada ternura, tão alvorçada e activa, pelos pobres da Noruega, e não se reconhecesse inteiramente irmão dos pariaesinhos da Filandia!

A superior sapiencia das nações já formulou esta lei n'aquelle seu fino adagio — «O coração não sente o que os olhos não vêem». Para chorar é necessario vêr. A mais pequenina dor que diante de nós se produza e diante de nós gema, põe na nossa alma uma commiseracão e na nossa carne um arrepio, que lhe dariam as mai-

Felizmente e apesar de tudo esse grupo está de pé, e sem exageros dizemos que lhe advinhámos já um futuro grandioso.

Basta de mediocridades. E' tempo. A Universidade está velha, mas conserva ainda discipulos de talento deslumbrante! Cria-os e educa-os na sua velhice, cheia de experiencia e boa conselheira. Avante pois!

Temos ainda poucos dados sobre as bases desse grupo redemptor.

Sabemos no entanto que formará uma escola que resoará no mundo inteiro. Ficará sendo a escola classica dos akademikos exotherikos!

Versos seus, só seus, sem plagiats, com sublimidades de ideia, orientação, e cadencia. Os versos da escola classica exotherika!

Uma linguagem propria, especial, muito difficil mesmo, cheia de palavras antigas, gregas, e pre-historicas, orthographia rara, e prosa arredondada. A prosa classica dos exotherikos!

Reuniões em attitude grave, com nomes guerreiros notabilissimos, varias vezes, muitas vezes, para troca de impressões de obras valiosas, suas, num cantinho que ficará celebre, historico. O cantinho dos exotherikos!

Aggregarão com a sua auctoridade, um conde para dirigir, um moço fidalgo para intervir, um secretario galante para dizer, escrever tambem, obras notaveis, a sua melhor obra, que ha-de apparecer. A melhor obra do secretario!

Terão um calendario muito original, com Cyclos, meias luas, luas inteiras, novas e cheias, e luas vazias. Serão as luas da escola classica dos exotherikos!

Escreverão umas actas desconhecidas, e ao fim de cada lua, cremos bem, virá á luz, para o grande burro, os seus immorredouros Palimpsestos, uns Palimpsestos fálzmente muito immorredouros...!

Farão, farão, meu Deus, cousas imponentes... muitas cousas... varias cousas, todas, todas ellas realment muito imponentes...!

E tanta ingratitude!

Logar aos exotherikos, pois! Curvamo-nos respeitosos, submissos, beijemo-lhes as mãos, e adoremos a exotherika.

Se é chegado o momento, salve! avante!

N.

TRIBUNA DOCTRINARIA

Os primeiros golpes

Descoberto o inimigo, dispostos os materiais, é tempo de tomar o camarote e encetar a demolição da masmorra onde a Verdade estiola agrihoada durante seculos.

Poderia começar pela parte mais reconditá, derruindo os pilares que sustentam todo o edificio da mentira; agrada-me muito mais, pelo respeito que merece a philosophia, não fazer obra por

pavorosas catastrophes passadas longe, n'outro tempo ou sobre outros céos. Um homem cahido a um poço na minha rua mais anciadamente me sobressalta que cem mineiros sepultados n'uma mina de Siberia: — e um carro esmagado a pata de um cão, em frente á nossa janella, é um caso infinitamente mais afflicto do que a heroica e adorável Joanna d'Arc queimada na praça de Rouen!

A distancia e o tempo fazem das mais grossas tragedias ligeiras noticias — onde nenhum espirito são, bem equilibrado, encontra motivo d'angustia ou pranto. Hoje certamente ninguém, a não ser algum velho e alto dignitario da Igreja ou do Estado, assistira, com os olhos secos e o coração quieto, ao supplicio de Joanna d'Arc: — mas nenhum physiologista garantirá a sanidade intellectual d'um sujeito que a sanidade da sua alcova, com as janellas cerradas, se desfizesse em lagrimas por os inglezes terem outr'ora suppliciado Joanna d'Arc.

No entanto, vós observareis, amigos, que já repetidamente chorastes (porque sois bons) com d'ores humanas, não somente succedidas longe do vosso bairro, mas lóra do vosso seculo; e algum mesmo me mostrará, como emblema irrecusavel da confraternidade humana, o lenço seal tidamente humedecido na vespera ao escutar os aduses de Luiz XVI aos filhos na prisão do Templo, ou mesmo a antiga Ignez de Castro balbuciando as suas supplicas aos pés do antigo Affonso IV!

De certo! e mesmo já muitas vezes teres suffocado generosos soluços com miserias e tormentos de creaturas que

onde se deprehenda que condemno esta in limine, mas tirar a cupula para depois patenteiar nitidamente toda a subtil argucia que faz considerar como fundamentos inabalaveis aquillo que o não é senão pelo atordoamento que o complicado dos processos da sua textura produz sobre a razão aleijada por uma educação adrede incultada.

Assim, em vez de resultar do meu esforço uma desconfiança exagerada, sómente suscitarei no animo dos incautos a preocupação mais razoavel que deve agitar o espirito antes de aceitar os principios philosophicos.

A philosophia, como exercicio de razão que é, tem toda a legitimidade. O que importa indiscutivelmente é sondar cuidadosamente o terreno onde ella prepara os cavoucos para os proprios alcerces.

A Igreja Romana, num trabalho disciplinado de seculos, pelo cerebro de seus doutores, que os tem tido sabedores e argutissimos, estabeleceu a doutrina, tão logicamente deduzida, que, uma vez accetos alguns principios manhosamente estabelecidos na prévia philosophia onde ella orienta a seu modo os espiritos sedentos de saber, logo se tem irresistivelmente de perflhar, quando não todos, pelo menos os mais importantes dos seus embustes.

Que os homens lhe deixem passar em julgado a sua decantada afirmação da contingencia do mundo que nos cerca, ella por sua vez se incumbirá de os levar a concluir a existencia duma causa que deu a origem a tudo o que existe: — ella demonstrará sem cancelas apreciaveis a existencia de Deus.

Apanhada a razão humana nesta rede, ficará perdida para sempre se um raio de luz não penetrar no cerebro para o compellar a elaborar os seus conceitos, refundindo tudo o que parece, pela força do habito, ser justamente verificavel.

Então facilissimo lhe é demonstrar os dotes ou predicados de Deus. Deus parecerá aos homens uma noção intuitiva, se os homens não tiverem ensujo de voltar ao principio, analizando-o no seu absolutismo, no catheterico do seu enunciado.

Deus será desde então a origem unica de tudo, a fonte inexaurivel de todas as leis.

E tudo isto deduzido em boa logica. Para outra vez isto será espelizado até á pulverização das suas conclusões.

A dogmatica é um corpo de doutrina sufficientemente harmonico: é um complexo de afirmações, bem aglutinadas, e tão bem que se nós podemos destruir-lhe uma que fosse, abalada até ao âmago ficaria a Igreja.

Se existe a tal causa, Deus, e, como facilmente se demonstra, omnipotente e omnisciente o que constitue o escópo da philosophia; e se certos homens testemunharam que desse Deus tiveram mandato especial para doutrinar o que elle, como infalível, quiz e corroboraram com factas miraculosas a sua missão entre os

só viveram no mundo aereo da Imaginação e do Sonho. Mas quando, onde foi que assim vos commoveste, tão humanamente? Quando? Onde? — No theatro, ou nas paginas d'um romance, ou mesmo através dos sinceros versos d'um poema, quando a arte, encarnando os seres dolorosos que concebeu, ou resuscitando com flagrante e magnifica realidade as figuras mortas da historia, torna durante um momento essas creaturas, não somente vossas contemporaneas, mas vossas vizinhas, moradoras no bairro em que moraes, respiradoras do ar que respiraes, e pertencentes portanto áquella porção de humanidade proxima e tangivel, cujas d'ores se partilham porque confinam com as nossas... E depois, tal sujeito que choramigou, no fundo do seu camarote, assistindo á morte da Dama das Camélias, morta pela millesima vez, na sua alcova de lona e papelão — recolherá á casa e lerá no jornal, com absoluta indifferença, mastigando a torrada, que duzentas mulheres, com os filhinhos nos braços, morreram afogadas n'um naufragio, longe, nos mares da Indo Chinal — Sim, amigos, essas duzentas mães afogadas nas vagas indo-chinezas certamente vos serão estranhas, e como não-existentes! Se ellas tivessem naufragado nos mares dos Açores, já sem duvida tão pathetica nova vos arrancaria algum vago murmúrio de sympathy. Mas se ellas houvessem perido, ellas e os pobres filhinhos, na bahia do Rio de Janeiro, que incomparavel catastrophe — e como vós correríeis pelas ruas pallidos e cheios de espanto!

Que digo eu? Para vos commover

demais homens, do que facilmente nos convence a tradição elaborando sobre a nossa mente ateiçada por aquella philosophia, não repugna que entre as muitas cousas reveladas haja muitas incongruentes com o ambito finito de nossa intelligencia, finita, cousa que constitue o escópo da dogmatica.

Depois esta ultima, e encostando-se pari-passu áquella philosophia e tradição, dispõe os seus materiaes, concatenando-os sistematicamente até que, de conclusão em conclusão, chega a demonstrar que Christo é na verdade Deus, que a sua religião é divina e que a Religião e Igreja Catholica é a unica verdadeiramente christã e por isso a unica verdadeiramente divina. — «Religio et Ecclesia catholica est unicavere christiana, atque ipso, unica vere divina».

Eis a razão porque eu disse que para atacar o preconceito é bastante derribar o Vaticano.

Eu, firmado nos principios da philosophia pela Igreja catholica, e até expellido pelos seus santos, vou tomar ao acaso qualquer dos seus dogmas mais importantes e, sem entrar no âmago do mysterio, que é o nexo existente entre os termos, que é o modo como se realiza a parte do dogma, eu vou pulverizar sem difficuldade, nem alardes, qualquer dogma sobre que faça incidir a minha critica.

Se eu conseguir demonstrar por este processo, assás legitimo, a inconsistencia de qualquer dos seus dogmas, tal é a conexão destes, e tal a sua imprescindibilidade desde que foram definidos pelo magisterio authentico e infalível da Igreja, que todo o arcaboço da Fé vacila e se esboroará irremediavelmente.

Consideremos por exemplo, a Eucharistia.

A Igreja definiu do seguinte modo: — «o sacramento de corpo e sangue de Christo sob as especies do pão e do vinho, para releição espiritual das almas».

Não se julgue que a Igreja o suppõe como um simbolo tão sómente. Não.

Para ella no Sacramento da Eucharistia está realmente presente Christo em corpo, alma e divindade.

Lá se lê no canon I da sess. XIII do Conc. Trid. — «Si quis negaverit...»

«Se alguém negar que no Sacramento da Eucharistia se contém verdadeira, real e substancialmente corpo, sangue, alma e divindade de N. S. Jesus Christo, e por isso Christo todo, mas disser estar lá como signal, ou figura ou virtualmente — a maldicoado seja».

De forma que numa Hostia, sob as apparencias de pão, está na verdade a substancia de Christo completa em ambas as suas naturezas. Feita a consagração, transubstancia-se o pão em Christo! (Trid. sess. XIII-can. 2).

Ora em doutrina perflhada pela mesma Igreja, substancia é o ente que existe em si, sem carecer dum sujeito a que adhirá. E o sustentaculo dos occidentes, das propriedades, é o principio de toda mudança, é o elemento dominante e predominantemente, ponte de toda a actividade.

nem seriam necessarias duzentas desgraçadas — bastaria que naufragassem duas, se vós as conhecesteis de nome e de rosto! Porque, segundo a cruel lei physica que regula os phenomenos da emoção, um empregado da alfandega que cahiu dum barco, e desapareceu na bahia do Rio de Janeiro, vale, para o habitante do Rio, mil pescadores despedaçados sobre os rochedos nas costas da Islandia!

Ah, esta abominavel influencia da distancia sobre o nosso imperfecto coração!

Bem recordo uma noite em que, numa villa de Portugal, uma senhora lia, á luz do candieiro, que dourava mais radiantemente os seus cabelos já dourados, um jornal da tarde. Em torno da mesa outras senhoras costumavam.

Espalhados pelas cadeiras e no divan, tres ou quatro homens fumavam, na doce indolencia do tepido serão de maio. E peias janellas abartas sobre o jardim entrava, com o susurro das fontes, o aroma das roseiras. No jornal que o criado trouxera e ella nós lia, abundavam as calamidades. Era uma dessas semanas tambem em que pela violencia da natureza e pela colera dos homens se desencadeia o mal sobre a terra.

Ella lia as catastrophes lentamente, com a serenidade que tão bem convinha ao seu sereno e puro perfil latino. «Na ilha de Java um terremoto destruiu vinte aldeias, matára duas mil pessoas...» As agulhas attentas picavam os estofos ligeiros; o fumo dos cigarros rolava docemente na aragem mansa; — e ninguém commentou, sequer se interessou pela

As apparencias (species) são as manifestações da mesma substancia.

Eu poderia desde já discutir como seria que transubstanciando-se o pão no Christo permanciam as apparencias do pão: á nova substancia viriam corresponder novas manifestações, tanto mais que toda a difficuldade pode haver para Deus, seria operar a transubstanciação; mas as qualidades concomitantes da substancia!?

Mas premetti não me intrometer na essencia do dogma, e mantenho o que disse.

E' a natureza, fonte de toda verdade, incançavel em amestrar os homens, que se encarrega de desmascarar os farçantes.

Quando as Hostias são retidas tempo sufficiente toda a sua substancia entra em verdadeiras fermentações, cobrindo-se de bolores, e acabando por apodrecer!...

Então a substancia de Christo fermenta?!...

E este phenomeno não é invenção, minha, pois que o proprio Ritual Romano o prevê quando diz: — «Ne species consecratae corrumpantur, cibarium renovandum est frequenter», «para que as especies consagradas se não corrompam deve-se renovar frequentemente a paxida».

Logo, onde fica a verdade da transubstanciação?!...

Mas para onde se precipita a infalibilidade da Igreja se ella nos apresenta uma cousa como verdadeira, se, na verdade, o não é?!...

E se a Igreja não é infalível como se pode ella inculcar como depositaria da verdade eterna?!...

Então não é ella a depositaria!

Quem é? Logo Christo não era Deus porque carecendo de um magisterio authentico para ministrar a sua religião não conseguiu deixar uma Igreja que, sendo a verdadeira, tenha signaes sufficientes para a reconhecermos!...

Logo... a debacle temerosa d'aquella aggregação que se jacta de que as portas do Inferno não prevalecerão contra ella!...

Lucifer

Consultorio Dentario

MARIO MAGNADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com practica da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Table with 2 columns: Service and Price. Includes Consultation (500), Tooth extraction (500), Anesthesia (15000), etc.

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medieação electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 264

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã as 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALIZES: succo gastrico, lézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitaes de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

Transporta 3:050\$470

O thesoureiro,

M. A. Rodrigues da Silveira

E ella, no seu espanto e terror, balbuciando:

— Foi a Luiza Carneiro, da Bella-Vista... Esta manhã! Desmanchou um pé!

Então a sala inteira se alvorotou n'um tumulto de surpresa e desgosto.

As senhoras arremessaram á costura; os homens esqueceram charutos e poltronas; e todos se debruçavam, reliam a noticia no jornal amargo, se repastavam da dor que ella exhalava!... A Luizinha Carneiro! Desmanchou um pé! Já um criado correa, furiosamente, para a Bella-Vista, buscar noticias, porque anciavamos. Sobre a mesa, aberto, batido da larga luz, o jornal parecia todo negro, com aquella noticia que o enchia todo, o ennegrecia.

Dous mil javanezes sepultados no terremoto, a Hungria inundada, soldados matando creanças, um comboio esmigalhado numa ponte, fomes, pestes e guerras, tudo desaparecera — era sombra ligeira e remota. Mas o pé desmanchado da Luiza Carneiro esmagava os nossos corações... Pudera! Todos nós conheciamos a Luizinha — e ella morava adiante, no começo da Bella-Vista, n'aquella casa onde a grande mimosa se debruçava do muro dando á rua sombra e perfume.

(Das Cartas Familiares e Bilhetes de Paris).

Todos nos erguemos num sobresalto.



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a

RÉTROZARIA DA MODA

Rua Ferreira Borges, 61, 63, 65, 67

COIMBRA

Telephone n.º 210

Neste bem montado estabelecimento encontram-se as mais recentes novidades em chapéus confeccionados para senhora e creanças, veludos de seda e algodão, luvas, cintos d'elastico, espartilhos, bordados, rendas e todos os artigos de retrozeiro;

Preços excepcionalmente baratos

Dão-se as senhas do «Bonus Coimbricense»

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalisados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de folhado.
Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Lievier e Foie.
Saneisses Pad'ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
Pão de ló, pelo systema de Margaride.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empresa Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — COIMBRA

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro.	120
Côrtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	50
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armaes d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor a 500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$500 réis, a	550

É um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — RUA FERREIRA BORGES — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabeleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

N'este estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleção de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e morés. Ha espartadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro. Concertam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

ARMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — RUA FERREIRA BORGES — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMOTOS

Telephone n.º 114

Processo novo . . .

Os acontecimentos de Alijó tem uma alta significação. Elles constituem um profundo ensinamento para o povo e, para todos aquelles que, por ingenuidade ou commo-dismo, preconizam, como meio de transformar a sociedade portugueza, a lenta e longa acção educativa e doutrinar, exercida a dentro do regimen, em ordem a conseguir, após uma lentissima evolução, o apparecimento necessario, sem perturbações, nem crises, do regimen democratico.

Senão vejamos.
Uma região inteira, vastissima, outrora uma das mais ricas do paiz, vem atravessando, de ha annos, uma pavorosa crise economica — derivada da falta de collocação dos seus vinhos generosos, a quasi exclusiva producção dos seus terrenos. E' a miseria, a fome, com todo o seu cortejo d'horrores. Tão tremenda é a crise, que o Estado sempre ganancioso e rapace, não exige, porque não pode, contribuições d' especie alguma a esses povos, ha já para mais de quatro annos. Mas nem por isso a situação se soluciona. Mal antigo, derivado de mil causas, não são remedios d' occasião que o attenuam, sem que perigues gravemente a justiça e o senso-commum com pretensas soluções adrede forçadas para remediar o mal duma região á custa dos direitos, não menos respeitaveis das outras. Porque, se hoje o mal é apremiante no Norte e lá mais se faz sentir, por virtude da natureza especialissima dos seus terrenos, amanhã, — não tenham duvida! — a miseria do fazendeiro, do trabalhador, do pequeno rendeiro e do pequeno proprietario do Sul, já hoje accentuando-se medonhamente, levará esses povos, por igual, a crises de desespero não menos temerosas e de modo algum, menos justificadas.

A obra sabia, maduramente pensada, honestamente levada a effeito, na previsão destas e doutras calamidades, a legislação agricola geral, baseada no profundo estudo e no profundo interesse que, aos governos dum paiz como o nosso, a agricultura deveria ter merecido, não tem sido — e já agora não será! — apanagio e honra dos successivos governos da monarchia. Qual o governo, por exemplo, que seria capaz, de reformar o cadastro da propriedade territorial e a correlativa legislação tributaria, sobre as bases, da natureza agronomica da productividade e da cultura dos terrenos, transformando o regimen latifundiario do Alemtejo e da Extremadura, augmentando em milhares de contos a riqueza publica, apresentando a economia nacional pelo parcelamento da propriedade e o desenvolvimento da cultura intensiva, dando origem ao apparecimento de novos ramos, fertilissimos e inexplorados, da industria agricola?

Nenhum governo, nenhum governo do regimen, que todos elles

vivem á sombra dos interesses inconfessaveis que protegem, e com os quaes não poderão romper com perigo de lhes faltar mais uma escóra das Instituições periclitantes! A Companhia das Lezírias, o snr. José Maria dos Santos e tantos outros potentados, impedem toda a obra que lhes bula nos seus interesses e têm, por isso, estes e outros, um medo temeroso, um formidavel medo da Republica!

E é isto, esta miseria, — a estupidéz suina, o egoismo infamissimo e sordido duma minoria, — o que sustenta e ampara o regimen!

Mas não era esta a ideia inicial d'estas considerações e por isso vamos arripiar caminho e voltar aos acontecimentos d'Alijó.

E' o caso que, os povos da região duriense, anciavam desde mezes, pelo regulamento do decreto dos vinhos, sem a publicação do qual os beneficios resultantes de tal decreto absolutamente nulos se tornavam. Reclamaram, pediram, instaram, supplicaram e . . . o regulamento não apparecia. Ao ministro X que, supponhamos, tinha *baga de sabugueiro* para tratar o seu vinho, convinha primeiro fazer essa operação, meter na algibera uns contos de reis e só então publicar o regulamento.

O conselheiro V, protector desvelado da região, ia feito no jogo, ou tinha quaesquer outros motivos para se não mexer e o regulamento não apparecia. Ora a fome apertava . . .

Muito serenamente, uma noite, as repartições do concelho ardiam, em Alijó! . . . Era um aviso, e que aviso!

Depois iriam outras, era certo . . . As pontes dos caminhos de ferro pelos ares, as comunicações cortadas, a guerra de guerrilha, entre penhascos, a dynamite e a bala . . .

Tropas, era perigoso tira-l'as das cidades e, uma vez o rastilho acceso, em pouco tempo, estamos nós e estam elles certos d'isso, o paiz era fogueira . . . Diabo! O conselheiro, protector da região, ameaçou solemnemente os seus servos de lhes retirar o paternal amparo . . . Qual! Bem se importavam elles com o conselheiro que lhe censurava «os actos de vandalismo!» . . .

O decreto já foi publicado, tres dias depois. Não entra em vigor, por enquanto, mas se os povos *apertarem* mais, um pouco, o X não perderá a sua *baga* e . . . põem-n'o em vigor mais cedo.

Que me dizem ao novo processo de esperar os ouvidos aos poderes publicos?
Ou vamos antes á obra democratica dentro do regimen, ó salsa?

EXPEDIENTE

Avisamos os nossos assignantes da provincia de que vamos enviar para o correio os recibos do primeiro trimestre.

PRO ITALIA

Subscrição

A redacção d'A Revolta	5\$000
Anonimo	1\$500
N	500
Z. G.	500
T.	600

Dr. José Falcão

Passou no dia 14 o anniversario de José Falcão.

Republicano intransigente, alma pura, caracter de tão rija tempera que soube resistir ao peso das insignias doutoraes, a sua figura ha-de sempre ser lembrada com saudade por todos os que trabalharam pelo resurgimento da patria que elle tanto amou.

Curvemo-nos perante a sua grandeza e procuremos seguir-lhe os grandes exemplos, prestando assim a melhor homenagem á sua memoria.

COISAS & COISOS

Exoterikos

Vem esta palavra do grego, e significa: exote — associação, rikos — de zeros.

Vemos portanto que Exoterikos significa etymologicamente associação de zeros.

Achei extravagante o titulo, e por isso dei-me ao trabalho de reflectir na significação social d'uma agremiação tão suggestivamente intitulada. Sim, porque uma associação de zeros, á luz do seculo XX era um phenomeno de retrocesso tão intenso que obrigava a um novo encontro com o pae Adão. Comecei então as minhas reflexões. Os *exoterikos* são homens (dize-se) — sendo homens temem o valor social de zero — qual será o valor social d'um *homem zero*? Aqui, confesso, tive de suar as estopinas porque se avolumou a gravidade do caso. Era indispensavel, fazer primeiro a sua classificação zoologica. A zoologia, porem, não dava fé de semelhante coisa. Existia uma especie de vertebrado — o *gorilla* — com uma anatomia proxima do homem e uma rudimentar intelligencia. A rudimentar intelligencia era o bastante para expulsar d'aquella especie o *homem zero*.

Primeira conclusão: zoologicamente era desconhecido o *homem-zero*. Recorri á observação e fui-me ao seu encontro. Encontrei-o á porta do França Amado!! Oh panico dos panicos! — o *homem-zero* vestia capa e batina! era estudante da Universidade! fazia versos!

Já o não larguei. Vi-o subir a alta e entrar n'uma casa apalçada.

Era alli a *associação* por força, ora, porque d'ahi a pouco entravam outros *zeros* que eu já conhecia como taes.

Attrevi-me a subir.

Ninguem se oppoz á minha entrada, e consegni assistir a uma *sessão exoterika* escondido detraz d'um reposteiro de damasco. Era interessante, *agulllo*. Sempre que chegava um *zero*, todos á uma, de pé, curvavam-se na espinha. Havia-os de capa e á futrica, de batina e sobrecasaca, moços e velhos. De repente, um *zero* pequenino e *sybillante*, assomou á porta annunciando o presidente. Era o *zero-mór*. Tudo se levantou, e no mais tetrico silencio, surgiu á porta principal, amavel e cortex, o *grand'homme* do *gémio*. Era um esplendido *zero*, o presidente!

Um *zero* gordo, bem tratado, com manieras distinctas e ares de abundancia, que até parecia o *zero* d'um numero da *sorte grande*. Ao vel-o, o *secretario* lançou-se de joelhos a beijar-lhe a mão coalhada de brilhantes, sendo imitado pelos outros *zeros* n'esta *tocante* cerimonia. Mestre! — exclamaram todos, de mãos postas e olhos no estuque — Mestre! e o presidente com o polegar entre os labios rosados dizia n'uma meiguice encantadora — filhos!

CELEBRES . . . DE BORLA



SOLAU

Até que emfim vou *ser gente*,
Vou ver mundos, viajar! . . .
Já me sinto mais crescido!
Aqui não passo dum lente!
Agora vou namorar,
Ser um *pandego* e voltar
Com um casaco comprido! . . .

Ai! *grisettes* e *cocottes*,
Como eu irei reclinar
A minha frente cansada
Nas rendas desses *decotes*!
Isto é que vai ser gosar!
Hei-de rir, hei-de dansar,
E apanhar uma *taxada*.

Não fui ministro, nem par,
Nem sequer fui deputado!
Estou zangado, resentido!
Estou farto de os aturar,
Hei-de, de vez, acabar
De ser *thalassa* encravado,
E ser *pinoca* encardido.

Isto por cá não dá nada.
Estou cansado! Nada quero
Nem das Gomes, nem das Soizas!
Já levo a minha figada
De perguntar á Otero,
Quando ella danse o *bolero*:
«Olhe lá, diga-me coizas!»

Dr. Watson.

Sentaram-se. Eu ardia de curiosidade detraz do reposteiro.

Um *zero*, ergue-se para fallar. Tinha uma cara de caixairo de pastellaria a offerecer barriquinhas de ovos moles, e umas manieras de quem já tinha feito *crochet*.

Começou assim o seu discurso — ás 7 pontuadas da lua mórbida dava o *peitor* de Neptuno oito horas e picos.

Neste meridiano, vinte *exoterikos* cla-

mo para a expositura do meu texto. Ar-rancae.

Quería ser como a sardinha,
Viver no fundo do mar.
Ai! que grande pena a minha!
Hei-de aprender a nadar.

— Sentou-se. O Presidente inquiriu: — qual o *exoteriko* que se audacia ao retortimento? — *Eu-teriko*, balbuciou o secretario.

Levantou-se e disse — remembro ao exoteriko terminada, que os versikulos verta nas publicas kamadas. Franca Amado paga.

Consultados os zeros todos bramaram á uma — kim aklamamos. — O presidente delirava com o successo do grupo, e ia a retomar a palavra, quando a zero pequenino e sybillante, levantando um braço e apontando para o tecto gritou com força — Zenhôr Inzoteriko dá licença que eu vá lá dentgo? — A assemblêa consultada respondeu unisona — kim, aklamamos — e o zerosito debandou. Eu não podia mais com tudo aquillo. Já tinha achado a significação social dos Exoterikos. Deixei-os.

Entre na cocheira do Ventura para alugar um carro, e enquanto engatavam, pensava n'esses interessantes homens-zeros, e notava, com tristeza, duas piléas mágras desengonçadas que tendo trabalhado todo o dia não tinham sequer duas favas na magedoura.

Indignei-me. O contraste era brutal. E quando ao fechar a portinhola da caruagem o cocheiro perguntava — para onde vamos? — eu respondia afflictivamente — para bem longe dos Exoterikos!!!

x.

Um noviço...

«Entrou para a Companhia de Jesus o seu gundanista de Direito Manuel Peres»...

Para quem o conheceu, o facto estava previsto.

O Peres deixára-se, por tal modo influenciar pelas tetricas descrições do Inferno nos exercicios espirituales de Campolide, que só o estado perfeito de pobreza, de obediencia e castidade poderia dar consolo ao seu espirito e refrigerio ás queimaduras, com que as sulfurosas chamas poderiam um dia mimosea-lo.

O Peres devia ser jesuita!

Pessoalmente não o lamento, satisfez um instinto: fugiu ao brazeiro. Creança, quantas vezes o não vi disposto a desembestar tiradas metafisicas de Boiava para me provar a existencia... de Deus.

Foi mesmo durante um tempo a sua preocupação constante: convertêr-me. E éle que ao principio fugia de me encontrar, receioso de me apertar a mão que devia ter nervosismos d'ateu, começou então a topar-me nos Geraes, pelas ruas, num intervalo de catequese (o Peres catequisava!), tendo sempre uma palavra d'unção, seguida duma jaculatoria em surdina, pedindo, rogando, implorando a salvação da minha alma.

Era bem d'ele o reino dos ceus! Nunca o deplerei. Devia sêr um bemaventurado.

O Peres...

Ultimamente disciplinava-se, dizem-me. Dormia com cardos entre os lençoes. Nunca tocou de leve uma mulher — o demonio da carne — resava o terço, distribuia bentinhos pelas creanças, que doutrina-va... e dormia o sono dos justos! Foi para o Barro, o Peres!

O pai tem alguma fortuna e a Companhia, a Ordem, tem o voto de pobreza.

Realizou o jesuita um principio de metafisica: do nada tudo tirá, com o nada tudo tem...

A esta hora, no Barro, o Peres esforça-se por comprar-me um lugar, batendo ao guichel de S. Pedro.

Tem escrupulos, arrepende-se do pouco que comigo conviveu, ideias contraditorias o agitam e o seu director espiritual aproveita e atormenta todas as ideias e todos os escrupulos para ir, pouco a pouco, lançando o grande alicerce sobre que ha de assentar a rocha firme da Obediencia Céga.

E o Peres, que está no Barro, é já barro macio, facilmente moldavel.

Se éle me lesse, teria medo, resaria muito. Eu seria o demonio do mundo, entrando na sua céla, não com a lanterna-magica de todas as vaidades terrenas, para seduzi-lo, mas com o falso dô duma amizade perigosa, triste e perturbadora.

E o Peres á noite, tiritando entre as palhas da enxerga, teria pezadêlos.

Mas eu descanso, tranquilo, não me lerá o Peres e irá pedindo a S. Pedro um bilhete de claque para eu ir ao espectáculo das Onze mil Virgens, com que ele sonha, e em que desempenhará um papel modesto, de comparsa.

O que ha de vir a ser o Peres?!

O seu futuro? D'ele não cuida, que as avezinhas do ceu nunca enceleiraram e os seus irmãos, avestistas da terra, por éle irám cuidando com solicitude e com carinho.

Do nada tudo se tira, com o nada tudo se tem!

O Peres...

Depois um anjo virá estender as azas brancas, num aconchegar d'arminhos, e em cheiro de santidade se finirá o Peres

Com as suas azas brancas, Azas que um anjo the deu...

Depois... Bemaventurados os Peres por que dêles é o reino dos ceus!...

Pestana Junior

Factos e Commentarios

Ainda cá está...

Ora quem ha-de ser? E' claro que se trata do nosso Sherlock.

Está e opéra. Desta vez o seu olho terrivel tobri-gou um cão brincando com um garoto e zás...

Toca a operar e a multar o dono do bicho.

Como a operação era de pequena cirurgia não chegou a ser preciso o apito do 22.

Alegremo-nos, pois, e façamos votos para que Sherlock fique.

Que ha-de ser de nós sem estes pratinhos?

Decididamente morreremos de tedio.

Zumulos

O Rev. Padre José Lourenço sobre a Igreja:

«Consideram-a um cadaver semi-apodrecido, no meio da indiferença universal, e cada dia ella evidencia mais e melhor os prodigios da sua universalidade, alastrando a sua influencia prestigiosa até aos campos secularmente inimigos.»

Prodigios!? Ah, sim.

Agora mesmo nos lembra d'aquelles bons monges que em Jerusalem, ahí pela Edade Media, expunham um dia á adoração dos fieis, um dedo... do Espirito Santo!

O Espirito Santo, conhecem-no? O maganão que pegou aquella partida ao pobre S. José...

Exoterikismo

Dizem-nos que um dos prophetas, ou coisa que o valha, dos exoterikos é o sr. Eugenio de Castro.

Não acreditamos. A não ser que por uma fatalidade o grande poeta tenha perdido as suas bellas qualidades de talento que muito admiramos.

Ou então anda a desfructa los.

D'outra forma não se comprehende a sua ligação ao grupo.

Fozemos-lhe essa justiça.

Zondecoração

Um alto funcionario d'este districto foi agraciado com qualquer coisa do Dragão annamita.

Não haverá qualquer ordem do Pavão?

Para S. Ex.ª parecia-nos melhor.

P'ás profundas

Diz o P.º José Lourenço:

«Que admira que os endinheirados queiram garantia para o seu dinheiro, se a maldita politica republicana tem lançado o paiz na agitação, não sabendo ninguém o que nos espera amanhã.»

Como elle torce o bico ao prego do maroto!

Isso não se faz, Padre!

Ha lá pela Igreja um Inferno, ou não sei que, para os meninos maus e para os... reverendissimos marotos, pois não ha?

Sabes, Padre, vaees direitinho para o Inferno.

Salva a tua alma sacerdote!

Mais um

Alem do segundanista de Direito Manuel Peres entrou para o noviçado jesuitico do Barro o dr. Mendes Lages.

Com 60 annos aproximados o Dr. Lages viu que a vida profana já não poderia ter para si encantos nem gozos.

Vai á procura das uris da mansão celestial, que as da corte com aquella idade já não o suportariam.

Sessenta!

Ainda se fossem mais alguns...

Elogio fúnebre

O Sr. Padre Senna Freitas psychico... elogiando João Franco:

«A bronzea tenacidade do ex-presidente do conselho em sustentar as redeas do poder, apesar de tanta opposição que se desencadeava contra elle do seio de todos os partidos e da fauce de todos os prélos politicos...»

Bronzea, bronzea...? O bronze, monsenhor, ainda é caro e nós somos um paiz pobre.

Ponha-lhe estanho, estanho.

— A estanhada tenacidade do ex-presidente do conselho...

Vê, agora assim, sim!

A melhor obra

O sr. Gayo vae, diz-se, publicar a sua melhor obra.

Não sabemos a qual dos ramos da sua actividade pertencerá a dita obra.

Será do poeta?

Será do mestre de ceremonias?

Deve ser deste ultimo, talvez a codificação do ceremonial academico a que se refere o artigo 73.º da Reforma da Universidade.

O ceremonial é o seu forte.

Boato

Correu e com insistencia. Commentou-se por vezes com agrado, e boa fé.

O Janeiro o disse. Era elle.

Mas... O Janeiro gracioso!

Elle, republicano, elle, que fôra sempre o fiel marechal, o marechal pequenito do saudoso chefe, que voltará um dia.

A Republica!... Ah, sim, invejou-a em tempos, mas... suppunha ser uma mulher... e as mulheres, para elle...!

Eram o seu forte.

Pelo Instituto

Na ultima reunião do Instituto de Coimbra o seu illustre presidente, lembrou o quanto de prestigio e auctoridade adviria para aquella coetividade em honrar a memoria de Rosalino Candido de Sampaio e Brito nomeando-o socio postumo e seu correspondente no Pais da Luz.

Ainda bem que se faz justiça aos mortos.

A Luz

Iniciou a sua publicação nesta cidade este collega que se propõe defender e pugnar pela educação e desenvolvimento intellectual da mocidade portugueza. Sinceramente o felicitamos pelo seu louvavel empreendimento, desejando-lhe muitas prosperidades e longa vida.

De passagem

— Que lhe parece, conde, então teremos tambem por cá o nosso terremoto?

— Eu sei! Mas a termos, Deus o traga de madrugada. Ao menos acordamos já mortos.

A Escola e o Futuro

De volta do estrangeiro onde foi pelo governo enviado em missão de estudo, acaba João de Barros de publicar um livro de todos os titulos interessante, cheio de ideias renovadas, sãs e fortes, coisa bem rara em livros portuguezes.

Na crise afflictiva de improductividade em que abafamos, de vacuidade e banalidade sórnia, é sempre consolador um livro como o de João de Barros.

Teve a felicidade de ver de perto esse formidavel movimento de renovação porque está passando a escola moderna. Só, porém, um temperamento observador e predisposto como o de João de Barros poderia augmentar o choque tremendo do contraste entre o que por lá lóra viu e o que por cá temos, e vir em seguida transmitir-nos, bem vividas, maravilhosamente observadas, as suas impressões edificantes, tão nitidas e verdadeiras.

Numa delicadeza de artista, junta a uma observação minuciosa de critico, expõe-nos João de Barros o seu assumpto numa prosa viçosa de vivesa e tressura, a cada passo com um commentario leve e gracioso como uma pincelada de arte...

Oxalá João de Barros, que á instrução consagra toda a sua dedicada boa vontade, consiga no indifferentismo desolador que nos cerca, toda a attenção que o seu livro merece, e oxalá o portuguezinho valente, dorminhoco e patusco, nesta molleza em que se subverte, veja neste livro um emprehendimento valioso e o medite, porque reacções salutareas de rejuvenescimento benefico e fecundo pelo problema fundamental da educação, só com livros como este se podem suscitar. E, sem formalismos, um abraço a João de Barros pela sua offerta.

TRIBUNA DOCTRINARIA

Mais uma brecha

Com pesar meu, no ultimo numero, me foi forçoso demonstrar a corruptibilidade da substancia divina quando disfarçada sob as especies eucharisticas, porque, se é verdade eu por esse facto não ter incorrido nos odios do Velho Padre Eterno, porquanto antes de mim os seus sacerdotes o haviam previsto — «ne corruptantur especies consecratae...», todavia eu estimaria, para cheque tremendo na vaidade humana, poder mostrar aos homens algumas toneladas de substancia divina.

Sim; algumas toneladas de substancia divina em perfeito estado de conservação! — Para o conseguir não mais se exigia do que um padre se lembrasse de consagrar o pão fabricado com algumas toneladas de farinha e agua.

Era, na verdade, uma bella invenção. Os fieis commungavam, não uma pequena rodela, mas em porção bastante para prover ás necessidades physiologicas do seu organismo, ao mesmo tempo, claro está, que satisfiziam ás suas necessidades espirituales.

Supponham um mortal alimentado exclusivamente a substancia divina!... No fim de pouco tempo toda a sua substancia mortal estaria, pela assimilação da substancia divina, transubstanciada nesta!...

E' de tal ordem o disparate, tão evidente a ratice dos farçantes ou dos nescios que não merece mais considerações.

Outro dogma, pois, para o laboratorio da analyse. Conta a Biblia, perfilha-o e defende-o a Igreja que Deus, depois de ter creado a terra, os ceus, as plantas e os animais, depois de ter creado e congregado tudo o que era indispensavel para fazer uma vivenda adoravel, creára o homem, parece que para me arrelhar e compensar-se da falta de subditos que a minha rebelião havia produzido.

Lá se diz que Deus creára o homem no estado de innocencia e de graça; que nesse estado o homem não era sujeito ás dores nem á morte: era-lhe reservada tambem uma eternidade, pelo menos enquanto a um dos extremos da duração, se os philosophos me permittem a phrase. Como, porem, dera ao Homem o livre-arbitrio e collocára no Paraizo a arvore da sciencia, aquelle, aconselhado por mim, trocára a fastidiosa vida de facilidades do Eden pelas conquistas que o seu espirito brilhantissimo poderia vir a conseguir num esforço ingente através das edades.

Por essa desobediencia Adão e Eva, e por elles todos os descendentes, ficaram privados do estado de graça e dos

beneficios que pela Carta Constitucional do Velho Padre fluíam desse estado.

Assim, o trabalho, a miseria, a dôr e a morte ficaram sendo o triste apanágio do genero humano.

Não lhes tivesse sido retirado o excelso dom e os homens não padeceriam, não morreriam!...

Pois muito bem; passados 400 annos o Filho de Deus, tão deus como seu pae, amerceia-se dos miseros mortaes e vem, humildemente, disfarçadamente ensinar aos homens a Verdade Eterna e deixa trucidar-se para, por intercessão dos seus meritos infinitos solver a culpa finita dos prevaricadores do Paraizo, deixando um sacramento, o Baptismo, que ministrado aos homens reporia estes, lavando-os da macula original, no pristino estado de graça — «Baptisma est sacramentum regenerationis per aquam in verbo» (Catech. Rom.) — «Baptismo é o sacramento de regeneração por meio da agua e invocação de palavras». Estas palavras são: em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo....

Os efeitos de tal sacramento são evidentes da definição: para que não fique porém duvidas do espirito dos profanos eu cito as palavras da Igreja O Conc. Trid. na sua sess. V., tratando do peccado original, diz que um dos efectos do Baptismo é a remissão do peccado original e dos peccados actualls, se alguns however, pela infusão da graça santificante».

Mas, então, srs. catholicos, desaparecendo a causa, não cessam os efectos?!

Se o baptisado fica isento do peccado original, e se foi a inoculação deste virus que occasionou as dôres, a necessidade do trabalho e a morte, aos homens, porque não ficam actualmente os baptisados, pela infusão de tal graça, também nas condições de felicidade anterior á grave falta dos protoparentes?!

Eu não acho explicação alguma, senão uma destas: ou Christo não era verdadeiramente Deus, ou sendo-o nos liúdiu ou a graça do sacramento do Baptismo se tem desvanecido como os culturas vacinogenicas... Demais seria bastante bastizar os paes para os lavar do peccado original, interceptando assim a cadeia de hereditariedade na culpa.

Pois não lhes parece que lavado num casal o tal peccado, transmissivel como a siphilis, e lavado eficazmente pela tal graça santificante, não mais ha que cuidar na descendencia desse casal sobre tal assunto?!... Ou o Velho Padre é tão pertinaz na maldade, que junto de cada recém-baptisada planta logo a sua nelasta arvore do bem e do mal para o tentar, acabando todos por cair attrahidos pela golozeima dos optimos e saborosos frutos?! Só aos cegos d'espirito não é evidente tão desastrosa doutrina cheia de infantis trapalhices!...

Lucifer

O Brazil moderno

Como o titulo acima indica, é nosso intuito formular uma serie de artigos cujo objectivo seja encantar a florescente Republica Brasileira nas suas diversas manifestações, analysando para isso a sua situação economica, observando o seu movimento commercial, industrial e agricola, estudando o problema da instrução professional, scientifica e civica, de forma a podermos evidenciar tanto quanto seja possivel, sempre dentro dos limites da verdade, o desenvolvimento crescente e o progresso constante d'esse grandioso paiz, depois que foi alli implantada a Republica.

Não falta por ahí quem, não tendo a mais ligeira noção das condições em que o Brazil se encontra, leve a sua audacia a ponto de contestar dum modo cathorico e absoluto a existencia de tal desenvolvimento, procurando alem d'isso ridicularisar os seus costumes e amesquinhar os seus emprehendimentos, dando assim a prova mais concludente duma supina ignorancia, que só o nós portuguezes rebaixa e avilta.

Entretanto como teremos occasião de demonstrar, tarefa que aliás não nos será difficil, o Brazil, devido a successivas administrações sérias, honestas e patrioticas, orientadas por sãos criterios, tem evoluído n'estes ultimos desnoventa annos, por uma forma verdadeiramente assombrosa, transformando radicalmente a sua capital, de sorte a torna-la uma das mais bellas e salubres cidades do mundo, diffundindo e espalhando por toda a parte a instrução, inoculando profundamente no espirito das novas ge-

rações a noção d'um civismo, que torna cada cidade um verdadeiro patriota, applicando as suas receitas em riquissimas fontes de produção, desenvolvendo em fim sob todos os pontos de vista e sob todos os aspectos uma admirável actividade que, n'um futuro proximo levará esse paiz a collocar-se a par das nações que se impõem pelo grau adiantado de civilização.

E' preciso acabar de vez com essa lenda estúpida que ainda por ahí corre na bôca de creaturas ridiculas e cretinias, de que o brasileiro é indolente e futil, de que o seu paiz nada seria se não fóra o elemento portuguez e quejandas asneiras que, alem de traduzirem bem a imbecillidade de quem as profere, representam um insulto grosseiro e uma clamorosa injustiça feita aos filhos d'esse paiz.

Indolentes incontestavelmente a maioria dos portuguezes, que tudo deixa para-amanhã—quer o problema que se lhe autolhe seja o futuro da patria, quer seja o mais comensinho dever.

Entrave sério ao maximo desenvolvimento d'esse paiz é, na maioria dos casos, ainda o elemento portuguez que lá reside.

Salvo honrosas excepções, que se oppõem ao espirito rotineiro, a colonia portugueza é ali constituída por individuos quasi todos analfabetos, reaccionarios dotados dum conservatismo perigoso, aferrados ás tradições, submettidos á vontade dirigente de meia dúzia de commendadores e conselheiros de pechisbeque, chejos de medalhas e saturados de sebo, que nenhum trabalho intellectual produzem, sempre adversos á idea de liberdade e de progresso, tendo como preocupação unica — o negocio — em cujo exercicio os seus proprios sentimentos affectivos se embotam, e em cujo desempenho longe de seguirem os processos nacional, francez, inglez, allemão ou norte americano, continnam o antigo methodo usado ainda nas suas aldeas, em que o preço do genero varia conforme o aspecto do freguez.

Além d'estes defeitos, que os collocam n'uma posição muito secundaria, têm ainda, na generalidade, a pessima qualidade de, lá mesmo ou quando regressam ao berço natal, maldizerem sempre o paiz hospitaleiro onde foram recebidos e tratados como irmãos, e onde, quasi sempre, encontraram generosa recompensa do seu trabalho material, permitindo-lhes um conforto que, em identicas circunstancias, jamais lograriam na sua patria, infelizmente madrastra para elles, na maioria dos casos.

O proprio patriotismo que elles lá apregoam, e com que procuram salientar a sua superioridade, torna-se simplesmente irrisorio quando tem de ser posto á prova. Exemplo frisante e caracteristico d'esta afirmativa, concretisa-se na rées offerta do casco da canhoneira Patria (o armamento foi dado pelo governo portuguez) em virtude duma grande subs-

cripção aberta n'um momento em que Portugal reclamava um impulso generoso de seus filhos, e que apesar d'isso, produziu uma somma relativamente insignificante, embora em todo o Brazil haja dois milhões de portuguezes, e dentre elles muitas creaturas que possuem fortunas respeitaveis.

De resto, o seu patriotismo manifesta-se em obulos para instituições de beneficencia com o fim egoista e parvo de obterem immediatamente uma commenda, ou revela-se em mensagens thalassicas, que á força de produzirem o riso, chegam a causar nauseas.

Collocadas pois assim as coisas nos seus verdadeiros logares, trataremos no proximo numero da situação economico-financeira d'este uberrimo paiz, que está atrahindo a attenção de todo o mundo civilisado e determinando o estudo attento e palavras de admiração e encomio de vultos como Doumer e Ferri.

A. N.

ENSAIOS DE CRITICA

A companhia lyrica Alemã

Corre em Lisboa com muita insistencia o boato de que a companhia allemã que havia de executar naquella cidade a Trilogia com prologo de Richard Wagner — Der Ring des Nibelungen — não virá.

A empresa do theatro de S. Carlos ia conseguir com um arrojio e trabalho admiraveis um verdadeiro triunfo apresentando o melhor espectáculo que seres humanos podem ver.

Melhor pelo poema que equivale as obras primas, melhor pela musica que a todas sobreleva.

A empresa, portanto, merecia todos os applausos por este arrojio; já em tempo o dissemos e de bom grado o repetimos.

Toda a gente d'isto se convenceu; todos applaudiram por reconhecerem o que acima dissemos da Trilogia; o entusiasmo foi grande e tudo falava neste espectáculo, verdadeiramente, um acontecimento musical.

Mas, parece, a companhia allemã não vem por falta de assignaturas o que impossibilita a empresa de occorrer ás grandes despesas que uma representação desta ordem acarretaria.

Aqui está afinal como á publico de S. Carlos correspondeu a iniciativa brilhante da empresa — retrahindo-se. E de duas uma — ou os assignantes acharam os preços muito muito elevados — ou não gostam da musica de Wagner.

Quanto aos preços que parecem na verdade avultados, não o são realmente porque se trata de pôr em scena uma obra como a Trilogia que é duma execução complicada, demandando sommas enormes e trabalhos consideraveis. Mas se os preços são o duplo ou mais do vul-

gar não será tambem verdade que Wagner vale immensamente mais que Puccini ou Mascagni e outros a cujas obras os habitués de S. Carlos concorrem sempre com um afan deamedido?

Mas deve ser esta a razão da abstenção do publico porque não podemos de modo algum convencer-nos de que não apreciemos sobre todas e como mereça a musica inequalvel de Wagner.

A arte de Wagner, resplandecente, sublime, apparece aos olhos da maioria cercada pela bruma de «difficuldades insuperaveis» de «complicações temives». Mas não; a musica do Mestre é clara e é grande; ainda ha pouco tempo nós procurámos desfazer a lenda que em volta della no nosso paiz, quasi de incultos, se formára.

Por que é drama musical a musica tem um entreccho que acompanha (e com que admiravel precisão!) o do poema.

Demais a expressão em musica faz-se por imagens que não é preciso serem completamente perfectas; basta que se sinta uma relação de semelhança entre a lingua em que o autor nos falla e o assumpto que se trata para que a nossa imaginação collaborando com a sua comeece docilmente a trabalhar e reconstrua, inteiro, o pensamento do musico.

Quem melhor que Wagner, em musica de theatro, soube ou sabe fazer imagens mais evidentes?

Mas não queremos insistir sobre a superioridade da obra de Wagner; afigura-se-nos que isso, feito por nós que muito lhe queremos mas não podemos elogia-la condignamente, seria um crime de lesa-arte.

Diremos apenas que esta superioridade deveria ser nitidamente comprehendida pelos frequentadores do S. Carlos que de ha muito se habituaram a ouvir e a sentir.

Se habituaram ou se deviam ter habituados.

Ou então, será verdade (esta abstenção é o que faz suspeitar) que a S. Carlos ninguém vae ouvir musica?

Será pelo simples luxo de se dizer que «tem um camarote ou uma cadeira no nosso theatro lirico? Para mostrar toilettes? Por snobismo ou para «pater?»

A maioria decerto, porque pelo facto de elevação de preços pôe de parte e obsta á representação duma das grandes obras de Wagner.

Esperará o publico que alguma empresa, ou mesmo esta, pense outra vez em dar a Trilogia, pelo menos para esta geração actual?

Que illusão... Que barbaros...

Triplus.

A «REVOLTA» Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO», Rocio. Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

Monumento a Joaquim Antonio d'Aguiar

Table listing names and amounts for the monument to Joaquim Antonio d'Aguiar, including Antonio José Machado, Anonymo, C. S. A., A. C. C., Roque Neves Noronha, Abrahão Warchou, Empreza do «Portuguez», João Tudella, Francisco Manuel Correia da Costa, Ernesto Augusto Garcia Marques, Thomaz Antonio d'Oliveira Malta Dias, A. Forjaz, Joaquim Pereira da Silva, Vianna Rodrigues, Herminio C. Gomes, Jayme J. A. Redondo, Alexandre da C. Rolla, Ernesto G. Borgele, Arthur G. Madeira, Abel Candido Gonçalves, Guedes, medico (Porto), Silva Doria, C. Mourão, Bacharel Germano Martins, José Joaquim Ferreira, José Moraes Coutinho, Alfredo Fernandes Pereira, José F. Maria Cardoso, Miguel da Silva Mattos, Ezequiel M. L. Coelho, Raul Doria, Sant s. Pera, J. M. Vieira Coelho.

Transporta. . . 3:400\$830
O thesoureiro, M. A. Rodrigues da Silva

Consultorio Dentario

DE MARIO MACHADO Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris

Table with title 'Tabella de preços' listing dental services and costs: Consulta (500), Extração de cada dente ou raiz (500), Extração com anesthesia (1\$000), Obturação (1\$500), Aurificação (4\$000), Limpeza de dentes (1\$500), Dentes artificiaes (2\$500 e 4\$500), Dentes de pivôt. (8\$000), Corôas de ouro (12\$000), Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão (1\$000).

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinaes do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALIZES: succo gastrico, lézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS Com pratica nos hospitaaes de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

FOLHETIM

O SANTO DA ERMIDA

CONTÓ

Padre Santorra, sujeito dos seus cincoenta invernos bem puxados, alcoolico e magro, negro como um tição e torto como um arroxó de moleiro, foi, de uma vez, cochiebar sua missa d'alva a capella estranha á freguezia.

Santorra, que, apesar de desengonçado como uma cegonha, possuía, de leve, ao canto da alma, uma pincellada de artista, poz-se, antes de metter pé na ermida, a olhar com certa emoção o vasto panorama nevado que, sob um sol quasi branco ainda, aquella esplendida manhã d'inverno deliciosamente lhe offerecera ao mamar tranquillo do seu cachimbo de pau. E, pescoço abafado num cachem, era com o melhor do seu engenebrado sorriso que via subir para o céu, em brandas e mórnas espiraes, o fumo azulino das suas fumaças reverendas.

Emquanto na concha do cachimbo espesvitava a cinza com a unha em luto do seu grosso dedó minimo, um raio de sol muito ténue esmordicava-lhe com um tanto de curiosidade e caspa espalhada pela corôa arredondada. Padre Santorra estava gosando que eu sei lá!

O rio, em baixo, barrento das ultimas chuvas; a serra, proxima, banhada em neve, era uma perfeita gaze toda brilhante; e, no alto, o sombreado frio do pinhal, — daquelle tam caminhado pinhal por cujos corrego o seu gerico tantas vezes o levava em bellos dias de ra-

paz... — isto, mórmente, entalhava-lhe no espirito uma saudade tam vivida que, ao canto do seu olho garço e cheio de malicia, chegara a rebentar uma lagrima limpa. A ponto que ouviu de um garoto que, caladamente, o estivera disfructando:

— Olhen o maroto do Santorra a «infangir» que chora, olhem! Isso é aguedilha, não péga!

Enxuta entretanto, a palpebra com o tabaqueiro, Padre Santorra dirige-se á capella. Uma pedra de cantaria, empoada, branca, resto de mausoléu, tal-o troressar. Ficou já mal humorado. «O raio do dia», pelo visto, não começava bem.

E a seguir a uma valente praga em alto e bom som, resmungo com os seus botões, fitando de sosiaio «aquelle diabo», já com musgo de uma bnda:

— Ainda um dia hei-de dar uma applicação a este estafermo.

E transpoz o guarda-vento, a rincar como uma bêsta.

Alguns dias andado, fazia uma noite de encantar. Por aquelle descampado arrelvado, onde a capella morava branca, com a sua porta velha e as suas cruces icadas, desprotegida e erma, nada havia que desse signal de vida por alli.

Altas estrellas no azul, os cômoros adormecidos, a noute silenciosa... Ao largo, por sobre a casaria aldeã, de onde um ou outro ponto de luz centelhava em lar de lavrados, badalayam horas adeantadas, cuja triste cadencia arrastara para alli um vulto. Caminhava apressado olhando para trás. Immediatamente uma voz o deteve, crystallina e metalica. O vulto estacou, regelado. Um suor frio inundara-o. Mas á voz, cada vez mais

bella, cada vez mais cariciosa, proseguie num extranho ritmo, enternecido e macio:

— Ah! logo me palpitou que estava com a minha gente, — observa o encapotoado, já reanimado.

E, desembaraçando a longa capa esfarrada, apresenta ao seu interlocutor uma porca bigodada, com sycoses, rija de vassoura.

— Tu não me vês?

— Ora essa? — Magnificamente: és o Quim, o Pica Bólsas, meu caro collega...

— Mentas, meu gatuno. Eu sou San Pacovio e estou a lallar-te cá do meu nicho.

E logo um clarão, semelhando o do relampago, tragicamente esclarece a face avermelhada do santo. Imberbe, cara de gajo, e um sorrisinho magano á flor do labio pintado.

— Peço desculpa a Vossa Santeza... — sabuja o ladrão, tremelicante, varado já de pavor.

— O' covarde! repita-me! olha que sou liberal e gosto de gente que se entende.

— Lá teso sou eu. mas com santos...

— Basta, atalha Pacavio, não põnhas mais na carta.

— Mas... a proposito: Vossa Santeza quer, por ventura um paivante?

— Obrigado, rapaz. Sinto-me encartarrado, e um cigarro, agora, era o diabo. Todavia, marca lá dois tentos.

— Quem me dera a vida de Vossa Santeza!

— Deus, meu capitão, te livre de, por mim, cumprires este fadario! Toda a

existencia maldirei quem a este logar me escondes.

Eu era uma pobre pedra bruta, achada por um corvoado ao portal desta ermida.

Jurou dar-me applicação... e teve a desolada ideia, o infame, de me tornar num santo! Ainda se ao menos fosse de pau carunchoso!...

Quando pedra, nem pensava, nem sentia. Sempre estúpida, inanimada e rija. Podia o inteiro mundo soffrer revolução: eu, eternamente, uma mortalha de defuncto.

Tudo mudou agora, tudo passou de vez. Ouvirei gritos, supplicas, desgraças, prantos, miseria, dôr. Sob este arcação pétreo, coagido a, por causa de abusos, não alterar, um instante, este duro semblante imbecil, — sob este arcação pétreo, vive raladissimo um coração magnanimo. Ainda bem que hoje já estão riscados os milagres! de contrario, filho, era uma espiga, que nem calculas...

— Vossa Santeza dá-me licença de fallar á vontade? — interrompe o gatuno, como que a mède.

— Desembucha, rapaz, desembucha, — tanto mais que ainda não fui benzido.

— Vossa Santeza, quando topa por aí alguma penitente a mais... Vossa Santeza... afinal é o mesmo que nada?

— Tu sabes lá? — suspira o santo, mordendo o beijo, — tu sabes lá o que por cá vai?

Depois, num infinito desconsólo: Ai, meu velho! Quantas vezes tu mesmo a dentro desta capella, estás lançando o lusio, entre o aroma das flores e a ressonancia dos côros, para alguma esbelta môça cheia de graça — e eu, aqui, ao vento, á chuva, sem um queixume gemer, acoitando-me no rosto saravaada

regeladas! No interior, todos os altaes recamados de rosas, de luzes, ennevoadas de incenso, e os meus collegas...

uns perfectos jinjas, furiosamente beijados dos labios das raparigas! Só eu...

E toda a phrase lhe morreu num soluço de véra dôr. Pela primeira vez, de seus olhos vermelhos estoiraram lagrimas commovidas.

Mas o gatuno é que não esteve para philosophia tamanha:

— Vossa Santeza, afinal, está muito chato e eu tenho mais que fazer. Estou com fome e vou ao meu caminho. Tenho, fatalmente, de palmar qualquer cousa.

— Roubar?! Por ventura ignoraes que aquillo que tu roubas possa fazer a outros uma irremediavel falta? Nem só tu és desgraçado: como tu, milhares — milhares, que soffrem e que choram, e nem sequer sonhando-o o mundo, aqui veem, todavia, rosados, gritar pelo seu amparo.

— Tenho a dizer a Vossa Santeza que põnhas ponto na ladainha. Por mim nunca palmei um colega. Meu trabalhinho é limpo. Ricaços; ricaços, sim. Esses que jámais provaram das amarguras da vida, de ninho fófo para repousar, a todo o instante gosando a feliz hora que passa... com esses, meu velho esses é que m'eu quero!

O santo:

— Toca. E's um perfeito cavalheiro.

E apertaram-se affectuosamente os ossos á luz risonha da lua, que, muda como uma Sphynge, fluctuava como uma pérola na desbotada immensidão do céu...

F. C.



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGÓ (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a

RETROZARIA DA MODA

Rua Ferreira Borges, 61, 63, 65, 67

COIMBRA

Telephone n.º 210

Neste bem montado estabelecimento encontram-se as mais recentes novidades em chapéus confeccionados para senhora e crianças, veludos de seda e algodão, luvas, cintos d'elastico, espartilhos, bordados, rendas e todos os artigos de retrozeiro;

Preços excepcionalmente baratos

Dão-se ac senhas do «Bonus Coimbraense»

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Doces de ovos com os mais finos recheios.
- Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
- Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
- Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de folhado.
- Galantinas diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
- Sauissés Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
- Pão de ló, pelo systema de Margaride.
- Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria
Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domlillos, dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.

Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Talhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para criança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.
Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empréstimo sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e morés. Ha espetadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro.

Concertam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

ARMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedades de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o paiz, tem sempre calçado feito da melhor pelo laria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

Uma infamia

As noticias alarmantes que tem apparecido na imprensa estrangeira, acerca d'uma pretendida conspiração revolucionaria que o partido republicano trama, na sombra, contra a vida do rei e contra as instituições, são um expediente ignobilissimo e traiçoeiro de que a monarchia lança mão para justificar uma nova crise de furia repressiva em que pretende lançar-se e que — não tenhamos duvidas — irá, se nós não nos prevenirmos, até a uma nova *S. Barthelemy* de republicanos. Muito se tem fallado em *intentonas* por parte dos reaccionarios contra nós e quasi todá a gente, tem um sorriso de incredulidade para taes boatos, não lhes attribuindo fundamento. Até certo ponto essa tranquillidade era justificada, estando no poder um governo que merecesse a confiança de não o julgarmos capaz de collaborar em emboscadas assassinas e ao contrario, de energeticamente as reprimir. Os reaccionarios, com as suas proprias forças, em qualquer parte do paiz, onde tentassem tal infamia, teriam uma tão formidavel resposta, que, de todo lhes fugiria a vontade de recommear, se ainda ficassem em situação de tentar novo golpe, o que não cremos. Mas agora a situação é outra.

A gente do poder auxiliaria indubitavelmente qualquer tentativa d'esse genero, e ninguem pôde prever, até que ponto de atrocidade se chegaria, sentindo a Reacção as costas quentes. A existencia hoje, em Portugal, de elementos capazes de ter contra a opinião avançada, que é a quasi unanimidade da opinião do paiz, um odio feroz, um anachronico odio de Torquemadas, que sonha com sangue e com fogueiras, é um facto indubitavel. O paiz está hoje scindido em duas partes, uma, restricta no numero, que não pertence ao seculo e recua na historia até aos tempos da meia-idade, — ininteligente, acephala, primitiva, verdadeiro fenomeno teratologico que nos espanta — e é representada por esse padre, hoje celebre, o padre Mattos; a outra é a minoria intellectual da nação que sob a bandeira republicana representa o sentir de quatro milhões de portuguezes que a monarchia tem constantemente roubado e escarnecido. O choque entre estas duas facções é ineluctavel. Uma tem por seu lado a força da Razão e do numero — é a republicana. A outra tem por seu lado estas outras coisas não menos formidaveis — o *facto da sua existencia*, o que nós chamaremos, a *inercia*, propriedade geral tanto dos corpos como das instituições e o impeto feroz de defeza de quem se sente irremediavelmente condemnado e perdido. E' — p'ra nos servirmos d'uma imagem — o Futuro acuando o Passado, obrigando-o aos ultimos arranques de furia selvagem, como um javali ferido que se defende e de quem é p'ra receiar a raiva. Se

a fera apanha o caçador desprevenido, ou o tomba por terra — ai d'elle! E' o caso... Em Portugal pensa-se, a serio, n'uma carnificina republicana; já tivemos a *amostra do panno* em 5 d'Abril, 14 mortos e perto de cem feridos, *facto absolutamente previsto*, pelos Reaccionarios de todos os matizes.

«Os republicanos não esperam pelo que lhes acontecerá nas eleições de Lisboa...» — esta phrase foi escripta em carta, por alguém a um amigo —. Adiante...

Ha quem diga, em conversas intimas, «tres a quatro mil *d'esses typos* liquidados em Lisboa e temos socego...» E são creaturas de pezo, de *colação*, — o que pensam?

Pois bem, — é p'ra preparar um estado de coisas propicio á realisação de taes factos que de Portugal saem, para o estrangeiro os boatos alarmantes, as noticias terroristas sobre conspirações e golpes d'audacia republicanos. Preparam-se para a matança e, ao mesmo tempo com estas infamias, vão semeando o terror na finança, no commercio, em todos os ramos da actividade nacional, com um eguismo tão criminoso e revoltante que se as pedras das calçadas tivessem ouvidos eram capazes de os lapidar!

Claramente, pois, que precisamos prevenirmo-nos para a defeza — dando-lhes a certeza, a elles, que não conseguirão, levar-nos a uma aventura.

A revolução que os espera, que é inevitavel e ha-de ser decisiva, não ha-de ser feita quando á Reacção convier, mas quando a Nação chegar a esse estado d'alma, bem proximo, que determina sempre os grandes movimentos collectivos da consciencia d'um povo.

E então não serão elles que nos trucidarão, n'uma emboscada assassina,

Será a alma nacional em colera, será a Revolução, que, como um temeroso cyclone, os ha-de varrer a todos, os ha-de punir a todos, justiceira, sangrenta e decisiva!

PRO ITALIA

Subscrição

A redacção d'A Revolta.....	5\$000
Anonimo.....	1\$500
N.....	500
Z. G.....	500
T.....	600

José Falcão

Os republicanos de Coimbra commemoraram no passado domingo o anniversario da morte de José Falcão, indo a Santo Antonio dos Olivaeas espalhar flores junto do tumulo d'esse grande vulto do partido republicano.

Fallaram, com sentidas palavras para a memoria de José Falcão, os nossos correligionarios Antonio Carneiro, Raphael Sampaio, José Gomes e Carneiro Franco.

Mais uma vez os republicanos d'esta cidade prestaram a sua simples e sincera homenagem a esse grande cidadão cuja saudade jamais se apagará no espirito de todos os republicanos portuguezes.

Celebres... sem borla



O *Côro de Freischutz* é outro numero precioso do programma.

Na sua execução destacam-se intelligentemente os coloridos, há firmeza n'aquelles traços descriptivos, e uma grande impressão de vida e movimento.

O *Côro de Freischutz* tem uma interpretação completa, e representa um grande esforço de trabalho e persistencia.

Porque aquellas boas gargantas que o Aranha e o Joyce foram arrancar ás ruas humidas da Alta, gastavam-se inutilmente a saborear um fadinho de má morte, muito tradicional talvez, mas sem essa grandeza artistica que educa superiormente uma pessoa e lhe abre caminhos no espirito.

O Orpheon tem no seu programma uma *rapsodia de canções populares*, escolhidas e caracteristicamente portuguezas.

Destaca-se principalmente a *Perola do Mar* — um original de Isidoro Aranha, que lhe imprimiu todo o seu amor ás coisas de arte.

A *Perola do Mar* é essa curiosa canção portugueza, que corre de norte a sul, sempre triste e sempre apaixonada, n'um grande sopro de lyrismo nacional todo cheio de amarguras e trabalhos.

Tem alma e tem orchestração. Pois este original portuguez — *Senhores Inuteis!* — surgiu estimulado pelo Orpheon, nasceu entre o Bach e o Weber, n'aquella saudavel atmosfera artistica que o grupo respirou em dois mezes de ensaios.

E não tem só um fim artistico, o Orpheon. Aquelle grupo de rapazes, *trabalhadores, uteis, intelligentes*, dispõe-se a organizar saraus de *beneficencia e instrucção* minorando assim dois grandes males portuguezes — a miseria e o analfabetismo.

D'aqui se conclue — Senhores Inuteis! — que o orpheon é a unica obra de verdadeiro merecimento, produzida pela geração de agora.

Pela geração de agora, não digo bem — por uma restricta minoria que se não perdeu em *banalidades e chochices* de pouca dura

HURRAH!

Dizem que o divino Orpheu Cantor da mythologia Commovia as feras brutas, As selvas e a penedia.

Pois estes dois fazem mais Do que o tal Orpheu fazia Não cantam, fazem cantar A *briosa* Academia!

Depois de ver tal milagre — Eu não me admiro d'isto — Se elles fizerem cantar O Conde mais o Calixto!

E não passam muitos dias Sem que eu veja, deleitado, — O Villela e o Padre Dias, Cantando e batendo o fado!

Um *bravo* pois aos heroes D'habilidade tamanha — Vivam! Hurrah pelos dois! O Joyce mais o Aranha!

Dr. Watson.

Sabado faz elle a sua representação, no sarau para as victimas da Scicilia.

O publico, há-de glorificar-os, há-de, porque as coisas de valor, impõem-se e attrahem irremediavelmente o nosso applauso. E o Orpheon tem o grande merecimento de surgir n'uma phásé em que a decadencia é accentuada e de nos trazer a esperanza de que será elle o inicio d'uma regeneração espirital.

E agora, *um segredo*, aos Senhores Inuteis do meu conhecimento — não vão para o Sarau morder as unhas e os cabelos, *de invejinha*. Guardem em casa o desalento porque isso compromete-os, denuncia-os.

Eu bem sei que todo aquelle triumpho d'um grupo de rapazes, que produziu uma obra util, ha-de pôr na cara dos Senhores Inuteis, o desalento esmagador de quem sente o espirito vazio e tem a pretensão de triumphar na vida.

Mas os Senhores Inuteis não se raíem. Cheguem cá bem o ouvldo — sei que brevemente vagam duas ou tres *regegorias*. Percebem? Ah, seus maganões, isso é que é sorte!

X.

COISAS & COISOS

Orpheon Academico

Alega-se-me sempre sinceramente o espirito, ao vêr de pé alguma coisa que represente trabalho, utilidade e vida, n'este meio chocho e ronco de Coimbra.

Um orpheon é uma grande manifestação de trabalho e de talento, é alguma coisa que se mantem de pé e que brilha e que produz.

Assim, o Orpheon Academico de Coimbra, pôde considerar-se a unica obra de verdadeiro merecimento que surgiu na geração d'agora.

Conseguiu triumphar através de todas as obsessões e prejuizos, com a sua côr retintamente artistica e a sua politica exclusivamente Wagneriana.

O Orpheon, é alguma coisa que fazia falta no nosso meio, porque acima de tudo, é uma poderosissima escola de educação artistica onde se podem desenvolver aptidões e amaciar temperamentos.

Tem no seu programma envergaduras como Bach, Wagner, Chopin e Weber, e tem como regente um verdadeiro espirito de artista, porque o Antonio Joyce não é o musico banal que se enternece com um trecho facil, é o *virtuoso* habituado ás impressões intensas e geniaes dos classicos da musica.

E o mesmo clarão com que elle illumina as arcadas do seu intelligente violino, serviu-lhe para illuminar um grupo de rapazes trabalhadores e uteis, no coral de Bach.

O coral de Bach tem uma execução perfeita.

Certo, a um tempo, n'aquellas rajadas soberbas de harmonia que a batuta de Antonio Joyce faz nascer, avolumar e morrer, com um gesto nervoso e firme de verdadeiro artista, o coral de Bach enche inteiramente o coração.

Uma Escola de Direito em Lisboa

Ha um mez approximadamente, que se iniciou esta campanha nos jornaes de Lisboa. Só agora nos é possível dizer na *Revolta* algumas palavras sobre o assumpto que interessa particularmente os estudantes de Direito da Universidade de Coimbra.

Todos os leitores da *Revolta* por certo sabem já de que se trata. Pretende-se uma Escola de Direito em Lisboa, assente em bases novas, seguindo processos novos, em harmonia com os progressos da pedagogia moderna.

Ao lado dessa idéa estão quasi todas as nossas primeiras intellectualidades. Assim, além de muitos outros, enviaram-nos já a sua adhesão incondicional homens da envergadura de Theophilo Braga, Guerra Junqueiro, João de Deus Ramos, João de Barros, Manuel d'Arriga, Agostinho Fortes, Campos Lima, etc, bem como a eminente escriptora Anna de Castro Osorio. Estão igualmente a nosso lado grande numero de jornaes diarios da capital e quasi todos os semanarios do sul do paiz. Nas ilhas, tambem directamente interessadas na questão, já alguns jornaes publicaram artigos varios apoiando a idéa com entusiasmo. A opinião geral em Lisboa é de approvação á campanha. As Academias interessam-se pela questão. E a Commissão Executiva do Centro Democratico Academico que se fundou ha pouco n'aquella cidade, vae tambem dar começo á sua propaganda.

Emfim, tem-se feito muito em pouco tempo. E o acolhimento tem sido o mais favoravel.

Fazem excepção a esta regra a imprensa e o commercio de Coimbra. Isso é aliás tudo quanto ha de mais logico. Não era de esperar outra coisa. Porque ao commercio de Coimbra nada importa o aperfeiçoamento do ensino superior, o bem estar intellectual dos estudantes, a sua morigeração e a sua cultura, os beneficios que d'ahi resultam para o paiz. Aos patriotas commerciantes de Coimbra só importa que não diminua a quantidade de mercaderia a explorar, que as suas gavetas não estejam menos recheadas, e que, portanto, a necessidade os não obrigue a trabalhar mais, desenvolvendo maior actividade para equilibrar o orçamento domestico. E' logico, era fatal. E' um vicio da educação, é um defeito de raça. Nada ha portanto que extranhar neste facto.

A imprensa de Coimbra vive é claro, do commercio da terra. E' este que a mantém e a sustenta. Os jornaes querem viver. E os commerciantes retirar-lhes-lham as suas assignaturas se os jornalistas tivessem a *pouca vergonha* de não defender calorosamente os seus interesses. Neste paiz um homem que seja verdadeiramente independente não pode, de forma alguma, manter um jornal. O publico está deseducado. Ninguém faz esforços para o educar. Os jornaes, para viverem, têm que lisonjear as multidões, adular os seus defeitos e os seus vicios, e portanto abandonar completamente todo o espirito de independencia. Os publicistas portuguezes são escravos da opinião publica que os considera como funcionarios a quem paga e que, por isso, considera obrigados a executar fielmente as suas ordens. Para lutar com este publico é preciso ser dotado de raras energias, dum grande coragem civica, dum espirito profundamente rebelde a todas as subserviências. Estas qualidades são muito pouco vulgares em Portugal e nenhum dos directores das *guzetas* locais as possui. Embora seja vergonhoso e lamentavel é pois igualmente logico que os jornaes de Coimbra combatassem com a intelligencia com que Deus os brindou, com o ardor que se pode ter quando se está falando sem sinceridade, a idéa da criação duma escola de direito em Lisboa.

Mas isso não é obstaculo de valia. Ninguém pode hesitar entre prejudicar um pouco Coimbra porque, no fim de contas, as vozes são mais do que as nozes — e sacrificar os interesses dum paiz inteiro contrariando uma idéa que, uma vez executada, contribuirá poderosamente para o rejuvenescimento de Portugal.

Não pode ser. Isso seria um grave erro cujos funestos resultados se sentiriam dentro em pouco. E nós não queremos convencer-nos de que este povo esteja tão embrutecido, de que as camadas dirigentes estejam tão corrompidas ou tão cegas, que não vejam que a Universidade não pode continuar por mais tempo a fazer monopolio do ensino do direito.

Não podemos, não devemos consenti-lo!

Uma Faculdade de Direito onde pontificam assizes e calixtos, incapazes e mediocres; uma Faculdade de Direito onde dicta leis a estupidez, donde são inutilizados tantos cérebros, corrompidos tantos caracteres; uma Faculdade de Direito com rezas, com vénias, com latins; uma Faculdade de Direito onde é quasi impossível manter uma certa altivez e uma certa independencia intellectual; uma Faculdade de Direito, emfim, com habitos e processos da idade média, é incompativel com os progressos da sciencia, é incompativel com o espirito livre do seculo XX.

E nós, estudantes da Universidade de Coimbra, não podemos nem devemos tolerá-la.

Não é facil fazer desaparecer este corpo gangrenado, este focô de infecção que produz a medonha epidemia de *bachareis imbecilizados* que assola o paiz. Pois bem. Crie-se em Lisboa uma nova escola de direito compativel com o nosso tempo. Que se imponha pelo seu espirito livre e avançado, pela sabedoria dos seus mestres, pela excellencia dos seus methodos de ensino. Fundada essa escola, ou a Faculdade de Direito da Universidade trabalha, progride, e se resolve a acompanhar a evolução das idéas e dos costumes, ou essa Faculdade de Direito morre apodrecida, abandonada de todos, e sobre as suas ruinas onde para sempre ficarão tambem sepultados os seus mestres, de vergonhosa memoria, erguer-se-ha um novo estabelecimento scientifico que para as gerações modernas representará o triumpho da liberdade e da sciencia sobre a tyrannia e a estupidez dos seculos passados.

A Academia de Coimbra pôde ter nesta tarefa grandiosa um papel honroso e digno. E nós lembramos aos rapazes intelligentes e dignos que ainda ha nesta Universidade tão aviltada, tão envergonhada por mestres e discipulos, quem não deixe de acompanhar nos na nossa cruzada redemptora.

HOMEM CHRISTO, FILHO

Gostosamente publicámos este artigo que nos foi enviado pelo sr. Homem Christo, o estudante que, audazmente, com uma bella coragem e intrepidez, levantou, a velha e debatida questão, da criação d'uma Escola de Direito em Lisboa.

Elle representa, em absoluto, o modo de pensar dos que escrevem n'este semanario. E' uma questão de rudimentar justiça e de mais rudimentar intelligencia. Ora, é por isso mesmo, e porque em Portugal vivemos, e viveremos, que temos, d'antemão a certeza que essa campanha não produzirá resultado algum desta vez como não produziu das outras. Quem n'ella se meter vê-se abandonado, só com a sua razão, a justiça da sua causa e a breve trecho, com uma enorme vontade de mandar ao diabo os *homens independentes* do seu paiz, a *opinião esclarecida* e a *imprensa* do seu paiz e... muito mais coisas do seu, — do nosso, sr. Homem Christo! — divertidissimo paiz. O ensino do Direito continuará a ser monopolio exclusivo da Universidade. E' idiota — dirá — é criminoso até! Pois por isso mesmo! Que quer o nosso presado collaborador! *as coisas são o que são e não o que deveriam ser*, como nos dizia um professor de latim que tivemos. O sr. lembra-se da questão academica? Pois bem: a criação d'uma Escola de Direito em Lisboa era uma das reclamações... Ardeu Troya!

Tudo se movimentou, tudo pôdiu, supplicou para que tal se não fizesse e tal se não fez. O formidavel imbecil e criminoso que nos governava então, respondeu ás instancias dos que o assediavam, pouco mais ou menos isto: que nunca pensara em tal disparate.

O disparate éra o que nós pediamos: a criação da escola de Direito! E d'essa vez — o como é bella a homogeneidade d'opinões! tudo

concordou, fraternizou, com o grande homem! Politicos de todas as côres, conservadores, revolucionarios, tudo gritou: Muito bem! isto é que é fallar! Já vê... .

E os argumentos? não se lembra dos argumentos?

«A incerteza e a confusão da vida juridica nos grandes centros» — isto, sr. Homem Christo, diz-se, escreve-se, o que é mais! com as duplas responsabilidades de lente, presumivel homem de sciencia, e de presidente d'uma Camara Municipal! Pode entender-se esta phrase assim: o Direito só se estuda bem na provincia, ou concluindo, se um dia se chegar a estudar Direito na Lourinhã ou Paio Pires, então, é que haverá em Portugal, progresso juridico!

Foi, por estas e por outras, que a falencia moral, a morte ignominiosa ás mãos dos bandidos franquistas da geração da greve se realiso, no meio da mais covarde e mais infame indiferença de todos, salvas as excepções de Brito Camacho, e poucas mais.

Ensinaram a este bello povo de Coimbra, estiolado pela Universidade e impossibilitado de progredir pela Universidade, — que essa mesma Universidade que lhe estanca e embota todas as energias serias e honestas, era o seu grande bem, o seu unico bem, sem o qual elle morria e ahi tem o snr. a solidariedade inconsciente d'uma nobilissima cidade em volta d'um disparate cuja conservação prejudica infinitamente o paiz e só a uma restricta minoria aproveita. Ora Coimbra tem votos, faz politica... Já vê?! E isto são todos, todos os partidos, desgraçadamente. E a *Revolta*, se assim falla é porque é um jornal de rapazes que, nada podendo sós, uma unica coisa pôdem e devem — dizer a Verdade sempre!

MIUDEZAS...

Esta teve graça. — Um d'elles era um rapaz alegre, sadio, caçador «frêcheiro» da boa femesinha de Deus, que veio ao mundo p'ra extasi da alma e consolo do corpo.

Que lá com a alma não se importava elle muito! O corpo sim! O corpo é que elle o queria sólido, perfeito, de uma elegancia elastica e forte, como os marmores helenicos. Que a Vida Deus a fez e a quer, harmonica e bella, a garantir-lhe os creditos d'artista e não ha nada mais lindo sob os astros, do que uma linda cara em corpo esvelto.

Alma? — se a carne a tem e pul-sando e seivosa! E que poema vale uns olhos de pupilla accessa, nariz d'asa fremente e fina, bocca d'oiro que ri e canta quando falla, deixando ver as perolas em fteira entre a purpura dos labios, — mais doces e de mais summo que a polpa tenra da cereja bicat! — *Esta teve muitissima graça!*

E teve-a porque o outro era um poeta, um sonhador de virgens impossiveis, um bardo sentimental que amava as donzellas chloroticas, os lagos de baldada, mansos e prateados ao luar entre cedros azues, e sonhava em ser troveiro d'amor na meia-idade e sob a esguia fresta do castello ir cantar o sol-lau da sua magua, á loira castella que em cima o escuta.

Ora foi por isto que esta teve immensa graça...

Encontraram-se os dois a um fim da tarde. Que corado que o primeiro vinha, bolsa de caça a tiracollo, rechecada, espingarda ao hombro, a polaina a cingir-lhe o molete rijo, cheirando bem a matto, a sol, ao halito da terra!...

O outro estava triste, ah! muito triste! Dormira mal, succedera-lhe um

desastre de noite — queda da cama abaixo, nos arroubos do sonho mystico...

— O' coisa, rica caçada, menino! E estou com uma sede...! Queres tu vir d'ahi beber um copo...

Somnolento, abstracto, o outro respondeu:

— Não... obrigado...

— Vem d'ahi... Olha que é bom...

E vae então que ha-de fazer o tal p'ra se livrar do convite que o chama-va á realidade?

Desencostou-se da parede onde preguiçava e, fitando do outro a face jubilos:

— Vou p'ró meu balcão, ver as tonalidades róxas do poente sobre o Choupal...

Que caretta que fez o caçador! Não que aquella era mais dura de engulir que a uma perdiz o chumbo da sua caçadeira!...

— Dize lá isso outra vez?...

O poeta repetiu, como n'um sonho!

— P'ró meu balcão, etc...

O caçador poz-se serio, recuou um passo, mediu-o dos pés á cabeça espantado e, sollou esta:

— Ora vê...

O' manes de Cambronne!

Eu não lhes dizia que esta tinha graça!

D. Fuas.

Um conselheiro e uma região com fome

Todos sabem que, ha dias, quando no Douro, em Alijó, brilhou a primeira lavareda do grande incendio latente na região duriense, o conselheiro Teixeira de Sousa, o *protector do Douro*, como elle pomposamente se intitula, fulminou pena de excomunhão maior aos seus servos, por telegramas, em cartas e do alto das columnas do jornal que em Lisboa, serve a sua politica. «Se taes actos continuassem — amezçava o fazanhado homem — nunca mais os povos d'ali poderiam contar com a sua protecção». Curioso e symptomatico facto este! O que estes homens da monarchia se julgam!... Mas bordemos algumas considerações desenfatiadas sobre o episodio:

— Ora aqui temos nós um conselheiro, um potentado, um influente, que falla em *retivar a protecção* a uma multidão faminta que farta de implorar, de esperar, de reclamar sem ser ouvida, resolve-se a acender em Alijó uma fogueira, especie de farol para chamar a atenção sobre a sua miseria dos governantes e dos seus *protectores*. O conselheiro conhece a agonia torturante, o já longo estertor de morte em que esse povo pavorosamente se debate, tendo como unicas valvulas de segurança para que, de á muito já, a sua dor não tenha feito explosão: a emigração e a morte.

O conselheiro não protegeu antes dos factos consummados para evitar a miseria, o conselheiro na occasião em que essa miseria attinge o ultimo grau de desespero, não *protege* ainda, não junta a sua voz á d'aquelles cuja razão conhece não aconselha, não chora com elles, não torce as mãos de desespero por não lhes poder valer; nada d'isso!

O conselheiro fulmina, o conselheiro ameaça, o conselheiro já não é um *protector* benevolo, mas um facinoroso agente de policia prestes a aconselhar a furia repressiva contra o seu povo, prestes a dizer que lhe calem na bocca clamorosa os uivos lancinantes da fome a balas d'espingarda!

E, no entanto quem fez esse homem? Quem o tem trazido ás costas pela vida bondosamente, passivamente desde o humilde presbyterio d'aldeia onde nasceu, até ás cadeiras de deputado, aos *fautuils* de ministro, ás pompas do parlato, aos deslumbramentos do mando e do poder?

Quem lhe satisfaz o orgulho do humilde que se vê grande, e lhe encheu a bolsa de dinheiro e a farda de condecorações?

Quem lhe deu tudo, tudo? O povo! o povo humilde, o povo miseravel, o pobre povo cheio de fome e de desgraça contra o qual elle agora troveja!

Tem a vaidade satisfeita e a fortuna garantida. A' sombra do seu logar de director geral das alfandegas, da sua

grandeza de par e de ministro honorario, vende o seu vinho mais depressa que os outros — enche o seu cofre primeiro do que ninguém, só, unico, entre milhares de pessoas que não tem a certeza do dia d'amanhã.

Um seu subordinado, um seu *trunpho* enche as suas adegas de vinho do Sul. O povo sabe-o, protesta, quer castigar quem assim afronta a sua fome. As auctoridades para o acalmar, promettem ir no dia seguinte fazer a verificação do facto, o arrolamento legal do vinho que esse *trunpho* do conselheiro possuia, com desrespeito á lei e afronta á desgraça.

E logo o conselheiro e outra collega ordenam ás suas auctoridades por telegrama: não façam isso! perdem-se votos!

Ah povo, povo! Como ás vezes fica-bem na tua bocca trovejante a frase historica de Cambronne aos inglezes!

Factos e Commentarios

Celebres... de Borla

Em homenagem ao Orpheon Academico e aos seus directores interrompe-se esta secção, que recomeçará no proximo numero.

Dr. Caeiro da Matta

Lavra grande indignação contra este lente de Direito e na *imprensa* da cidade já ferve iracunda contra elle uma temerosa campanha por constar que sua ex.^a patrocina, como deputado, a criação d'uma Escola de Direito em Lisboa. Chega-se a aventar o disparate de que o professor Caeiro se propõe mudar a Universidade para Lisboa, o que seria injusto, em vez de se limitar a propor que se crie na capital uma outra escola de Direito, que com as outras que lá existem, poderia levar á criação logica e sem augmento de despeza da Universidade de Lisboa, — o que seria justissimo. No entanto achamos extemporaneas as iras contra o professor Caeiro.

Julgamos, approximadamente conhecer o feição de s. ex.^a

Reputamo-lo um bem intencionado com a intelligencia sufficiente para distinguir o que é justo do que é injusto, mas sabemo-lo igualmente um timido, um hesitante, sem coragem para arrostar com *ondas* de nenhuma especie e por isso mesmo, condemnado a... morrer afogado.

Não se precipitem pois os paladinos da Universidade. Caeiro da Matta é lente, é deputado, tem um capello e um mandato do... Ministerio do Reino e não desmanchará prazeres, estamos convencidos d'isso.

Nem elle nem *nenhum*, note-se.

Quando muito, limitar-se-ha a pedir documentos.

Ainda é uma rica coisa a gente ser estudante, *estar-se nas tintas* p'ras faceis popularidades, p'ra não ser como isto tudo.

Um distico...

... que reputamos digno d'aquelles que se propõem inaugurar um novo estado de coisas no paiz:

— «Entre um interesse particular e um interesse geral, este deve prevalecer áquelle — por mais que isso nos custe».

De contrario, não merece a pena mecher n'isto...

Pelo Exercito

O que, em materia de perseguições, de vexames, de torpezas, se está passando no Exercito, é inacreditavel! Officias que não são republicanos, que não têm nenhuma politica e apenas são creaturas trataveis, sociaveis, amigas de conviver, são vexados nos seus brios de homens e de militares com avisos e reprehensões constantes da parte de alguns paspalhões agaloados, capazes de se borrarem de medo assim que a hora do perigo chegar.

As *pesporrencias* d'estes *heroes*, militares de secretaria, que nunca ouviram tiro senão nos exercicios, produzem um mal estar intoleravel e justificado na maior parte da officialidade que assim se vê reduzida a uma desprimorosa situação de victima de suspeições imbecis e desarrazoadas. E' para que os snr. officias saibam e sintam que, no seu proprio interesse, esta crise geral do paiz tem de acabar e depressa.

Exoterikos

Consta que um dos membros já abandonou o Cenaculo. Perguntámos qual a causa da sahida e disseram-dos que tinha sido uma desintelligencia.

Não seria antes *intelligencia* da parte do membro sahido?

A Escola de Direito em Lisboa

Em lugar proprio publicamos um artigo do sr. Homem Christo sobre este assumpto, seguido d'umas considerações da casa. D'essas considerações fundamentalmente se infere que nós estamos, em absoluto ao lado d'essa campanha que reputamos da mais elementar justiça. Simplesmente, por que este jornal, no actual momento, têm assumptos geraes de mais urgencia a tratar, nos não interviremos directamente no assumpto, senão quando tambem, a elle formos, christamente chamados.

Outros se quizerem, farão com mais auctoridade e com maior voz do que a nossa que é fraquinha e, por tal, não se ouve onde se deveria ouvir.

Pelo resultado da campanha nada damos,—exactamente por que ella é justa. O que já se fez para que «o Seculo» não fallasse no caso, nem consentisse que alguém de fora, sobre tal escrevesse. Miseravel tudo isto e, alem de tudo imbecil! Paciencia!

No entanto as columnas da «Revolta» estão ás ordens de quem com boa vontade, queira tratar a questão.

Uingados!

Metteu-se conosco a Palavra, quando a Revolta sahiu, e disse-nos coisas feias. Com licença o collega:

«Sonho puro»

D. Bernardino, o Grande, *troujevava*: —Sou a Revolução... de barba branca; Armado d'um cacete ou d'uma tranca, Que admira a minha cor de *beterraba?* Não vale encavacar...

Escolas moveis

Padre Mattos ferrava ha dias a sua dentada na Associação de Escolas Moveis. E' claro. A Associação tem por fim a instrução do povo e por isso Padre Mattos se atira a ella.

Mas não ha novidade. As escolas moveis estão defendidas pela sua obra que tem a sympathy de todos os que neste paiz não são... Padres Mattos.

Ferra pois o dente, miseravel, que a couraça é forte.

Hecephalo

Esteve no domingo em exposição num estabelecimento da Baixa um manequin ostentando as insignias doutorais da faculdade de Direitos.

Mas — coisa curiosa — a borla assentava sobre o capello porque o mostrenço... não tinha cabeça!

O sr. gerente do *Chiado*, olhe que não vale atacar com balda certa...

Revisão

Já não nos falta muito para sermos um *journal d'importancia*! — até a desastrosa revisão. Assim no ultimo numero foi um estendal de gralhas e algumas d'ellas davam origem a interpretações equivocas como por exemplo no artigo «Coisas e Coisas» saiu o «pen de Neptuno» por «penulo de Neptuno».

«O pen de Neptuno! Que diabo será?»

E no editorial, quasi no fim da primeira columna, saiu «representando a economia nacional» por «fomentando a economia nacional».

Apesar d'isto tudo nós continuamos a garantir que os «exotherikos» não colaboram cá na gazeta.

Preparemos as malas

do Portugal:

«Padre Lourenço de Mattos»

Seguiu homem de manhã para o Norte, com demora de alguns dias, o nosso presado director, padre José Lourenço de Mattos.

Cá o encontramos. Segundo informação que temos, veio conferenciar com os da seita, para nomearem uma comissão que no mais curto espaço de tempo, sache o X do problema que o actual prior da Ajuda poz em equação: — destruir os republicanos e a maçonaria, o unico meio de salvar a Patria e as batatas. Sem fazeremos parte da comissão e sem queremos fazer jogo ás indulgencias que nos podem advir, gostosamente apresentamos uma solução que deve ser infallivel. Solicitar do Padre Eterno que opere o milagre, e se já não tem credito junto d'elle, podem aproveitar como intermediario, o Papa, que sem duvida são attendidos, pois como acaba de ser demonstrado em Messina está nas melhores relações com o dito Padre Eterno.

O Santo da Ermida

O auctor do conto que publicamos no numero anterior não é nenhum dos nossos correligionarios Fernandes Costa ou Francisco da Cruz.

Ridendo...

—Então, conde, uma chavena de café...

—Oh! muito obrigado. O café é um terrivel excitante, um veneno...

—Não é tanto assim, conde. Meu pae toma immenso café e apesar d'isso já tem setenta annos.

—Perfeitamente. Mas se não o tomasses decerto teria muitos mais.

IMPRESSOES

Foi na segunda-feira passada, que nos chegou aos ouvidos, que o tão fallado padre Mattos se encontrava em Coimbra.

—Vi-o agora mesmo, dizia alguém. —Era elle, não resta duxida, acrescentava este.

—Mas o quê, o quê, quem? perguntavam outros. E o grupo engrossava, apinhava-se, curioso.

—E' boa! O Padre Mattos em Coimbra?!

—Sim, o Padre Mattos.

—O Padre Mattos!

—Hum...

E, taço admiração, tanta supreza, tanto commentario á volta do pobre padre que, sejamos francos, maldissimos o dia em que renegámos de tal carreira.

Mas, o caso era certo, ou parecia pelo menos. Toda a gente o asseverava...!

O caso mesmo parecia ser celebre! Tanto espirito preocupado!

—O padre Mattos em Coimbra?!

Nós mal o conheciamos, só de vista n'um retrato, e em tempos.

Não era de todo um homem feio, pelo contrario, era até um bonito homem, boa figura, desempenado, e deu-nos a impressão de ser bondoso, extremamente sympathico, transbordando pureza, santidade.

—O padre Mattos d'O Portugal?!

—O que o traria por cá?

—Estranha preocupação!

O grupo inquietava-se, o grupo entretelhava-se, mexia-se muito, e dava-nos a entender coisa seria, caso grave, grande mysterio!

—Hum... ouviamos de novo em tom desconfiado.

Porque, a vinda do reverendo cá á terra, era já ponto assente, trazia agua no bico.

Na verdade falava-se muito na revolução, na guerra civil, no estado periclitante da coroa e da monarchia, um amigo, thalassa por signal, tinha-nos até affirmado que *ella*, era sua convicção, seria a dentro de um mez, para um dia muito proximo, que elle gostava de conhecer, porque, em summa... talvez podesse fugir... por dever de officio, por coherencia...

O norte estava pouco tranquillizador, alguém que o viu nos ultimos acontecimentos vinha espantado, chamava-lhe *imponente*...

Por toda a parte se bradava — não não pôde continuar — não pôde ser — isto é uma desgraça — vamos a *ella*, e salve-se quem poder...

O governo tomava medidas energicas, de decisão, de terror...

O governo e a monarchia armavam-se até aos dentes, accrescimentos de tropa, de policia e munições; a reacção importava armas; os republicanos davam as ultimas demãos...

E, e era n'esta altura que o padre Mattos o reverendo d'O Portugal, entrava em Coimbra, inesperadamente, arrogantemente!

Anda coisa no ar.

O que é certo é que o pobre padre foi perseguido, e foi fallado a cada passo. Não se mostrou muito, sem duvida mas...

E agora as hypotheses, porque viria porque não...?

O padre Mattos em Coimbra... n'esta altura...!

—Anda a tramal-a, anda a tramal-a.

—O maroto tambem conspira.

E era preciso cautella, contar com tudo, não falhasse a cartada.

—Ná! imterrompeu um mais optimista, aquillo é obra de congresso, inauguração de centros, ou cousa que o valha.

A verdade, porem, é que a presença do reverendo tornava-se incomoda. Houve, sim, quem dissesse tambem que elle tinha vindo felicitar os exotherikos, n'um abraço intelligente, mas...

Outro tambem, esse maldoso, que elle viera ver as *caras novas* da terra.

Talvez. Quem sabe lá?

Tivemos no entanto o bom senso de desconfiar de todos. Em boa hora o tivemos.

A informação veio depois, não pouco nos custou, mas era autentica. Um bom amigo...

Fôra o caso, que o nobre director resolvera, sabbado passado, dar no conhecido gremio, o Club dos nossos mestres, um grande baile, ruidoso *cotillon*.

Havia pares, animação, e desta vez servi;o abundante, mas... uma falta grande, a novidade, a novidade da moda.

Ora, Vá d'uma carta amavel ao bom padre, um convite, e tudo resolvido.

Elle viria e recitaria em voz maviosa, alta noite já, no meio da sala e das damas, uma quadra, um verso mimoso em... *castelhano*, embora tropeço.

Verso hespanhol! O chic!

Ah, mas o acaso é endiabrado. O coreio indolente, a carta demorada, e o nosso reverendo fóra d'horas.

Que arrelia!

E, acima de tudo, tanta intriga, tanta maldição!

Veio, mas já tarde, e porque veio, e o viram, eil-o tramando, eil-o conspirando, eil-o revolucionario!

Pobres de espirito?

Bom padre, perdoae-lhes!

N.

SARAU

Em beneficio das victimas dos terramotos, da Italia promove a commissão academica dos estudantes da Universidade um brilhante sarau, hoje, no *Principe Real*.

Pelos elementos artisticos, que nele tomam parte é d'esperar que uma esplendida noite nos seja proporcionada, cortando assim este roncoisismo do burgo.

Apresenta-se pela primeira vez em publico o Orpheon, sob a primorosa direcção dos nossos amigos Antonio Joyce e Ildiro Aranhas.

Será este sem duvida um dos numeros mais interessantes da simpatica festa.

Os bilhetes acham-se á venda nas livrarias Moura Marques e França Amado e mais logares do costume.

O Brazil moderno

II

D'accordo com o plano traçado no nosso primeiro artigo, subordinado á epigrapha acima, e publicado no ultimo numero, vamos hoje tratar ligeiramente da situação economica do Brazil actual, visto o espaço de que dispomos não nos permitir que nos demoremos em considerações e desenrolarmos o assumpto como merecia.

Procuraremos portanto pôr apenas em evidencia alguns dados estatisticos e em destaque alguns numeros, com os quacs possamos mostrar que aquelle paiz apezar da sua pequena população proxima a 20.000.000 de habitantes relativamente á sua enormissima extensão territorial — 8.550.000 k² — o que revela uma desproporção flagrante, e tambem apezar de haver apenas desenevo annos que ali se implantou um regimen democratico, o qual tem poderosamente concorrido, principalmente de 94 para cá, para o seu grande desenvolvimento, apresenta uma situação de veras favoravel, que mais se accentuará, não só por causa da riqueza natural que possui, como ainda pela continua corrente imigracão, representativa de seiva tão necessaria ao seu vigor.

Segundo o orçamento de 1908, foi o seguinte o movimento financeiro.

DESPEZAS	
Total em ouro	68625000
Idem em papel	329470000
RECEITAS	
Total em ouro	91493060
Idem em papel	274217000
DIVIDA PUBLICA	
Divida exterior em 31 de Dezembro de 1907.	Lbs. 72133457
Divida interior em 31 de Março de 1907	rs. 52476592
Divida fluctuante em 31 de Março de 1907	rs. 277037604
Papel moeda em 31 de Dezembro de 1907	rs. 643531727

Por este synthetico mappa, genuina expressão da verdade, vê-se claramente que não deixa de ser lisonjeira a condição financeira d'esse paiz, que n'estes ultimos cinco annos se viu na necessidade de reconstruir a sua Capital, em cujo empreendimento foram gastos milhares de contos, e augmentar consideravelmente a rêde dos seus caminhos de ferro, alem doutros melhoramentos importantes, cujo resultado benefico não se fará esperar.

E' assim que nós vemos, seguindo ainda o mencionado orçamento, que só a verba destinada á industria, communi-

cações e obras publicas, se eleva, em milhares de mil reis, a 88223000!

Ninguem ha que ignore, que um dos pontos de reparo para a apreciação de progresso d'esse paiz e incontestavelmente o predomínio da exportação sobre a importação. Ora o seguinte quadro resumido é por sua vez significativo.

IMPORTAÇÃO

Mercadorias em 1906 rs. 499281000000
Mercadorias em 1907 rs. 644938000000

EXPORTAÇÃO

Mercadorias em 1906 rs. 799670000000
Mercadorias em 1907 rs. 860891000000

A sua expansão commercial, como se vê, é invejavel, o que denota uma crescente actividade na sua produção e na correspondente collocação dos seus productos, em condições favoraveis, resultantes de tratados do commercio vantajosos, em diferentes mercados mundiaes, cuja gradação successiva, na ordem decrescente, relativamente ao Brazil, incide nos Estados Unidos, Alemanha, França, Holanda e Austria.

Como já se disse, a imigracão que igualmente representa um riquissimo elemento de desenvolvimento e prosperidade, ou melhor um dos elementos fundamentais, vae tambem successivamente augmentando devido á facilidade com que ali se encontra a applicação do trabalho e á remuneração compensadora. N'um pequeno numero de annos, até 1904 a imigracão foi de 2096486 individuos.

Pois bem a produção, até hoje, tem crescido e continuará a subir consideravelmente attendendo ás esplendidas condições salubres em que actualmente se encontram os primeiros pontos do paiz que ha annos atraz, devido á desidia dos governos monarchicos, representaram o cemiterio dos europeus, victimadas aos milhares pela então endemica febre amarella que hoje, a não ser nas regiões pantanosas do norte, passava á cathedra de lenda.

Alem da salubridade outros factores poderosos para ali atraem agora o europeu, como sejam: a rara fertilidade do sólo, a incomparavel hospitalidade dos nacionaes, o desenvolvimento economico do paiz, alem de outras de valiosissima cooperacão, como tratados, etc.

Agora mesmo vae iniciar-se a corrente emigratoria asiatica (Japão) que ao Brazil deve milhares de braços tão uteis á agricultura, engrossando assim a corrente europea que valioso subsidio já tem prestado, mórmente a Italia que representa a primeira em tal movimento, seguindo-se lhe depois Portugal.

Se lançarmos as vistas para uma das verbas orçamentarias — *seguranca publica* — comprehendendo o exercito e a armada, veremos que ella attinge uma cifra respeitavel, o que não podia deixar de ser mormente em relação á armada, visto a vastissima extensão da costa cuja defeza não pode nem deve ser descurada.

Não fallando da marinha mercante, que já offerece uma tonelagem digna de consideração, a marinha de guerra conta já umas cincoenta unidades de combate.

Entretanto pela lei de 14 de dezembro de 1904, foi o governo auctorisado a mandar construir 3 couraçados de primeira classe, 3 cruzadores, 6 contra-torpeditores, 6 canhoneiras, 3 submarinos, 1 transporte, e 1 navio-escola.

Todas estas unidades estão já em construcção em diversos estaleiros europeus, assim como encomendado o respectivo armamento.

Dentro de muito pouco portanto, ficará o Brazil aparelhado com uma esquadra magnifica, prompta a fazer valer a sua soberania e a impôr o respeito que lhe é devida. Quanto ao exercito, conta uns 60.000 homens, esse tempo de paz, effectivo esse mais do que sufficiente para tempos normaes.

O armamento de que dispõe é de primeira ordem — *Manser* — modelo brasileira. Ao seu serviço, contractados pelo governo, estão como instructores officiaes alemães, que representam uma garantia seguranca para a boa disciplina, ordem e exercicio.

Eis resumidamente uma demonstração cabal do assumpto que no presente artigo nos propusemos fazer, devendo no proximo, encerrar um outro não menos valioso e interessante — a *instrucção*.

A. S.

A «REVOLTA»
Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO», Rio.
Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

O Xuão

O ultimo numero deste semanario de Lisboa é mais uma affirmacão da intelligencia e do xiste com que é feito.

O sumario consta do seguinte:

Primeira pagina — *A pavorosa* (a côres).

Pagina central — *Uma preço sincera* (a côres).

Ultima pagina — *Quem sustenta o...* (a côres).

Alem d'estas paginas de caricaturas insere tambem diversos artigos, versos etc. dos melhores escriptores humoristicos.

«A REVOLTA»

ASSIGNATURAS

Continente, ilhas e ultramar, trimestre... 300

Estrangeiro... 600

Pagamento adiantado

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS — cada linha... 30 réis

Repetições... 20

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinários do homem e da mulher e c
— José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

— Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicacão electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA
Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde
Doenças da bocca e dentes
Rua Ferreira Borges, 174
COIMBRA

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta
CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.
ANALIZES: succo gastrico, lézes e urinas
MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS
Com pratica nos hospitais de Paris
Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde
Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

Consultorio Dentario

MARIO MACHADO
Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris
Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Consulta	500
Extracção de cada dente ou raiz	500
Extracção com anaesthesia	15000
Obturação	16500
Aurificação	48000
Limpeza de dentes	15500
Dentes artificiaes	28500 e 48500
Dentes de pivôt.	85000
Coroás de ouro	125000
Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão	15000



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a



Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a idade de 1 até 3 mezes, esta excelente raça de cães de guarda.

Todas as encomendas ou informações devem ser feitas a

Joaquim de Vasconcellos



Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Doces de ovos com os mais finos recheios.
- Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
- Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
- Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de folhado.
- Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
- Sauisses Pud ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
- Pão de ló, pelo systema de Margaride.
- Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, cor lisa, muito largas, metro	120
Córtés de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Meias para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confeções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empréstimo sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabeleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleção de relógios de todos os sistemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e morés. Ha espartadores desde os preços mais baixos aos mais elevados. Vendem-se correntes de prata e ouro. Concertam-se relógios de todos os sistemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de cor e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelolaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODO

Telephone 114n.º

EMENDANDO A MÃO...

Os boatos terroristas espalhados no estrangeiro pela gente da finança com a cumplicidade tacita do governo e o apoio dos elementos enfeudados ao monarchismo clerical que ora domina, tiveram, da parte do partido republicano a mais patriótica e digna das respostas.

Emquanto a Monarchia, mais uma vez, se apostava em nos difamar lá fora com a unica mira de servir os interesses do regimen em liquidação forçada e meia duzia de banqueiros e argentários gananciosos, o partido republicano reunia, a convite do seu Directorio, em Lisboa e, pela bocca dos seus representantes, contrapunha a essa infamissima propaganda de descredito a promessa, já em começo de realisação, de defender no estrangeiro o bom-nome e o credito nacional.

O que foi essa sessão do dia 22 são os proprios adversarios da Republica, sempre promptos a mentir e a caluniar que se vêm forçados a dizelo.

Imponente, como demonstração de força, de serenidade, de alto e levantado patriotismo ella provou, mais uma vez, que o partido republicano é o unico partido em que a nação pode confiar, em todas as suas crises — formidavel partido de ordem e de governo, norteado por principios e contando com o incomparavel valor moral e intellectual dos seus homens.

Na crise politica, incerta e tormentosa, que atravessamos, esse partido, que as condições actuaes da nossa vida social orientada pela monarchia em ininterruptos annos de fallencias de toda a ordem successivas e continuas, leva a ser, logica e ineluctavelmente, um partido revolucionario, tem ainda forças e energias proprias para se oppor á accção dissolvente e pernicioso do regimen e fazer o trabalho que incumbe aos partidos conservadores e dirigentes.

Parece que ha aqui um não-senso, uma troca de papeis e, não ha duvida que ha. Em Portugal, com a monarchia e emquanto ella existir está tudo trocado, tudo ao contrario. A revolução — na acepção commum de desordem, de transformação violenta — não está na praça publica, nem a representa o partido revolucionario, o partido republicano, mas está nas cadeiras do Poder.

Não existe uma sociedade monarchica em Portugal, — uma sociedade tradicionalmente monarchica, com uma mentalidade inspirada pela monarchia e aspirações de futuro identificadas com os interesses do regimen, e, á qual o partido republicano queira dar batalha e transformar violentamente, fazendo a revolução.

O que existe é uma sociedade republicana, um sentimento nacio-

nal republicano, um superior interesse colectivo identificado com o futuro da causa republicana e, ao qual, a minoria acephala e criminosa que nos governa pretende transformar *revolucionariamente* com a força unica que lhe provem de *estar de cima, de governar* e no intuito unico de, á custa da desgraça de todos, continuar a manter os privilegios da casta.

Emquanto, por isso mesmo, se não fizer a Revolução republicana, não existirá em Portugal a Ordem — factor essencial do progresso dos povos, porque o poder, esse, é que representa a Desordem, a Anarchia em todas as suas modalidades mais perigosas, mais mortaes, para o futuro e para a vida da Nação.

No mesmo momento em que o partido republicano, serenamente, ordeiramente, véla pelos superiores interesses do paiz, dois homens que em Portugal se classificam a si proprios, por um euphemismo de mau gosto, *d'estadistas*, dois homens que já governaram, governam hoje e pensam governar amanhã, — Julio de Vilhena e o actual presidente de conselho, Campos Henriques, — dão á plateia o espectáculo, vulgar nos arraiaes monarchicos, de se atirarem reciprocamente os ultimos insultos, reconhecendo-se um ao outro — elles, os amigos d'ontem! — como os mais incompetentes, os mais incapazes, quer moral quer intellectualmente, de gerir os destinos publicos!

Mão na cinta, bocca escumante, punho ameaçador, essas duas regateiras politicas esparrinham sobre os respectivos caracteres e as respectivas mentalidades toda a lama do charco em que vivem as suas alminhas tacanhas e os seus cerebros de politequestes de vista-baixa.

O paiz já está habituado a estas scenas e apenas os encara como novos fantoches que representam a velha tragi-comedia, de ha muito conhecida. E' a velha historia « — o paiz está sendo roubado por uma verdadeira quadrilha de ladrões », dizem uns; e outros respondem « não pode ser roubado um paiz que já foi posto a saque ». — Edificante!...

E é, por que mais resalta neste estendal de torpezas, a attitudo nobilissima do partido republicano, que os homens do governo, apavorados, rosnam coisas sombrias, aconselham moderação, inventam perigos — receiosos que nós os ponhamos em camisa perante a Europa, sujeitos á justa execração e risota do mundo culto e vão emendando a mão, no pavor de que a campanha de descredito que contra o paiz encetaram ou, criminosamente consentiram recaia inteira sobre elles.

Ah! como por vezes, com gente d'esta, se chega a comprehender a crueldade, — como satisfação ao sentimento moral offendido e por amor á justiça!

PRO ITALIA

Subscrição

A redacção d'A Revolta.....	5\$000
Anonimo	1\$500
N.....	500
Z. G.....	500
T.....	600
J.....	300
Somma	8\$400

COISAS & COISOS

Escandaloso!

Podemos garantir que, apesar do que se diz em contrario, ainda continuam abertas algumas cadeiras na faculdade de Direito. E' phantastico este escandalo! Isto assim não pode continuar!

Ou fecha tudo, ou ha-de haver aqui moralidade!

Companhia Real dos Caminhos de ferro

Serviço especial para lentes de Direito
(Lições d'Ida e Volta)

Esta companhia, á semelhança do que se faz em Gerolstein, tem montado um optimo serviço de lições d'Ida e Volta, a preços reduzidos. As tarifas a aplicar são diversas conforme o numero dos ex.^{tes}. Lentes que deste serviço se aproveitem. Indo todos juntos num compartimento sae o bilhete a 35 cada um. Serviço progressivo, rapido, moderno e aceado.

Ao fim de um anno de assignatura, a Companhia, em bonus, colloca os assignantes na commissão parlamentar de pescaria mandando-os substituir na regencia das suas cadeiras, por guarda-freios expressamente habilitados.

O Director do movimento.... Irra.

MIUDEZAS...

Faz agora um anno. Epocha tragica, incerta, em que não se podia contar com o dia d'amanhã. A oppressão moral era tão grande que, positivamente, se respirava mal, doia o peito, sentia-se o coração, por vezes, bater tão lento, tão a custo, que receiavamos que elle fosse parar definitivamente. Um horror!... Prisões cheias, deportações, ameaças...

Um horror!... A noticia estoirava como uma bomba. E ainda estamos a ver o José Mendes, sem folego da corrida desde casa até ao café onde estavamos, mal recebera o telegramma p'ra nos dar a grande nova... Um raio não nos teria fulminado mais!... Era certo, não admitia duvidas! Na treva caliginosa rasgára-se, a subitas, uma larga clareira e a esperança... A esperança! — florinha humilde entre as neves de seculos que é eterna e divina!

Era certo! Viva a Patria! E passado o sobresalto de todo o nosso ser ante a noticia — veiu uma reacção igual e allí nos quedámos, serenos na apparencia, á mesa do boteliquim, saboreando um café e conjecturando, pensando, devaneando...

Foi assim que elle, o representante da ordem, a auctoridade nos foi encontrar... Cá fóra a noticia circulava entre a multidão que se apinhára n'um instante e — coisa que ha muito não

CELEBRES... DE BORLA



O TERROR...

Não nasceu, foi promulgado,
Em fria noite d'inverno,
E fizeram-lhe umas fraldas
Com um « Diario do Governo »

Quando estava rabugento
Não dava gritos nem ais,
Dizia só para a ama:
« Diga! diga! diga mais... »

E a ama por não saber
Não respondia, coitada...
E elle gritava, damnado:
« A burra! não sabe nada!... »

Ha-de rugir quando lér
Estas quadras innocentes!
« Cá estão desconsiderações
Mânifestas e patentes ».

Dr. Watson

succedia — fallava alto, commentando, n'um pasmo e n'uma anciedade...

— Será verdade? — perguntei eu ao ponderado homem, suffocando uma gargalhada que me torcia todo ante a sua physionomia que uma grande decepção e um grande susto mal disfarçado ensombrevam.

Oh! como soffregamente, anciosamente, elle puxou uma cadeira, se sentou do outro lado da mesa, em frente a mim!...

— V. Ex.^a é uma creatura intelligente... — começou elle...

E eu, modesto...

— Muito obrigado...

— Mas não! não me agradeça!

Todos o dizem e eu não me canso...

— Muito obrigado...

— Mas excepcionalmente intelligente...

— Por quem é!...

— Cheio de bom senso...

— Então...

— Bem vê que a noticia é mentira...

— Sério, hein?

— Absolutamente mentira... Que

V. Ex.^a, intelligente como é, viu logo...

— Sim, eu...

— Pois está claro... Eu dou a

V. Ex.^a a minha palavra d'honra...

E imperligando-se, levantando a voz:

— A minha palavra d'honra, mais

sagrada... O comboio só chegou de

pois do rapido partir... Bem vê que

é uma « batela »... V. Ex.^a intelligen-

te como é, viu logo... E eu garanto a V. Ex.ª, dou-lhe a minha palavra d'honra... Recebemos um telegramma que dizia: o comboi teve um atraso de meia hora perto da Casa Branca...

D. Fuas.

Pela faculdade de Direito

Providenciou finalmente o governo sobre a vergonhosissima situação em que se encontra a faculdade de Direito que no actual anno lectivo tem tido fechadas algumas das suas cadeiras mais importantes por falta de professores.

Acordou tarde o governo, mas mais valia ter continuado a dormir do que sancionar o tremendo disparate que para ahi aparece com o nome de decreto, e como sendo o remedio necessario para acudir ás necessidades do ensino juridico.

E' claro que o governo procedeu assim porque a faculdade de Direito se lhe dirigiu nesse sentido pela boca do Reitor da Universidade.

O governo só por si era incapaz de ter iniciativa, boa ou má, em coisas de instrucção porque nenhum dos seus membros jamais se preocupou com essas bagatelas e porque todos se mostram profundamente gratos para com a ignorancia dos outros e sem a qual nunca poderiam ter alcançado as posições elevadas que occupam.

Demais as necessidades de regedoria e as premeditações de pavorosas sam neste momento o unico objectivo dos nossos governantes.

E o documento, finalmente, não engana ninguém. Sente-se nelle a alma pequenina da faculdade de Direito, e em cada uma das suas disposições vê-se o espirito de casta dos seus auctores. Senão veja-se.

A faculdade de Direito tinha neste momento occasião de mostrar ao paiz quanto é grande o seu desejo de progredir e acompanhar o movimento scientifico dos nossos dias, e quanto nós estudantes somos injustos quando a acusamos de reaccionaria e cathedratica.

do ser lentes, pedem aos mestres para lhes darem o grau de Doutor, tendo-se previamente comprometido a nunca ir a concurso.

Vem a seguir os licenciados. A respeito destes nada ha a dizer senão que estão em melhores condições de saber ensinar do que os lentes porque não tem de desaprender, como dizia um notavel advogado falecido, o que poderiam ter estudado para defender teses e fazer concurso!

Vem finalmente em ultimo logar o recurso aos homens de sciencia que a faculdade julgue capazes de saber ensinar.

Quer dizer que nunca será preciso recorrer a tal, e a faculdade de Direito fica absolutamente satisfeita com isso — porque ha por esse paiz muito pateta de borta, mortinho por se sentar na cathedra.

Nada tollos estes mestres de Direito! E estão com certeza convencidos de que toda a gente louvou o seu belo e atrevido gesto de pensarem em convidar para a sua olimpica companhia os...

homens de sciencia deste paiz!

Homens de sciencia na Universidade! Ora os atrevidos...

Francino Corare

Factos e Commentarios

Festas academicas

Falla-se entre a briosos em fazer as festas do centenario da cabra.

Deve haver, segundo a praxe, cortejo com carros allegoricos.

Que não esqueça o carro funebre da greve que, coitadinha, ha dois annos que está insepulta, cheirando cada vez peor.

Homens illustres

Foi publicado um decreto auctorisando o estabelecimento a chamar, se tanto for necessario, homens illustres para a regencia das cadeiras vagas na faculdade de Direito.

Como em primeiro logar devem estar os da casa, desde já recommendamos o sr. Gayo.

Exoherikos

Diz-se que os exoherikos reunidos em assembleia geral resolveram pedir aos poderes competentes a prohibição do conhecido pregão das peixeiras de Coimbra — sardinha co'a arca.

Julgam que é piada ao poeta do mar alto...

Um diplomata

Numa porta d'escada em Lisboa foi encontrado fora d'horas um addido de legação que ficou algo atrapalhado com o caso.

O que elle fazia não sabemos. Também não sabemos de que legação é o diplomata mas deve ser da allemã.

Que diabo estaria o homem a fazer?

Um equivoco

Já vamos tarde, é certo, mas antes tarde do que nunca, lá diz o rifão antigo!

Pois é verdade. O ministerio Ferreir do Amaral não resistiu ao beaterio.

Lá foi abaixo, com elle, por causa d'elle.

São as proprias irmãsinhas que o dizem.

O orgulho da força!

E não ha duvida. El-rei fallou.

O Conselho de Estado reuniu, mas para ouvir da bocca regia, que... — o ministerio estava demissionario.

O conselho de Estado ouviu... e nada mais.

O caso estava resolvido já de antemão.

As irmãsinhas! Os irmãosinhos!

Foram elles que o resolveram, e com todo o direito, porque não?

Demais, dizia-se á bocca cheia, que o Makavenko era pécco.

Nada de brincadeiras.

E foi para a rua. O unico caminho. Victoria!

Liberal?! Uff!

E a intontona, os republicanos? A intontona, a intontona?

Era realmente comprometter tudo, por completo. Nada...

As beatinhas tem razão. E ellas o dizem.

Foram ellas e é que foram.

As saias, as saias!

... di femina!

Celebres... de boriá

Já era nosso intento.

Mas ultimamente, amaveis assignantes, pediram tambem — os celebres colleccionados. Um albumzinho.

Assim é que, no numero de hoje, tentámos um formato adequado, e processo de gravura diferente.

Os nossos leitores dirão. Agradará assim.

O celebre de hoje presta-se pouco a innovações, mas... e até vermos.

E' troça

Disse-nos um amigo no café que era verdade. Mas qual historia!

O movimento era desusado, sim, era; muita policia, caras novas na terra, algumas de gravata vermelha, puxando á democracia, mas... as botas tão altas, o bengalão!

E d'ahi, talvez fosse.

E' boa, mas chegaria até cá?

— Você verá. E é para breve.

— Então, Coimbra ameaça, Coimbra arrazada?

Alguma cousa lucraremos, concluímos nós em surdina.

Aulas fechadas!

Uns feriãditos! E não eram maus.

O anno já vai tão grande e promete...

tantas complicações...

Ah! Boa greve!

Obrigado, amigo, assim seja.

De Coimbra para «O Seculo»

«Conta já 200 assignaturas a mensagem de congratulação que vae ser enviada ao snr. Conselheiro Vasconcellos Porto pela sua eleição para chefe do partido regenerador-liberal.»

A grande maioria d'estas assignaturas é dos meninos cá da briosos que a troço da promessa d'um empregosinho luraram a greve.

E ha inda quem tenha esperanças, que, com estes francoseiros isto se endireite.

De passagem

No baile do Gremio:

— Sim, snr. Conde, é realmente um pintor notavel.

— Veja você. Tenho em casa, feita por elle, uma ampliação a oleo d'um retrato meu. E' uma perfeição. Está parecidissimo, dizem-n'o todos, até as proprias pessoas que me não conhecem.

Carta a um comerciante

Hoje, ao assentar-me aqui á mesa de trabalho, deparei com o numero de A Revolta, que o meu amigo devolveu.

Perdoe este modo familiar. Mas o traço que cortava o artigo incriminado, origem da devolução, faz-me crêr que o senhor é uma daquelas creaturas de que os seus pacatos collegas ham de fugir, tam nervoso e tam febril, que mal o posso imaginar a tazer lançamentos nos livros da sua, por certo, complicada escripturação. Porque eles fogem é que eu a si me dirijo. Ao meu amigo deve faltar a conversa. Um pouco de cavaco, pois.

O artigo do Homem Christo teve o condão de excitar-lhe os nervos: julgou ver all um melindre, uma offensa pessoal ou á sua classe, o que o meu amigo não suporta e com razão, o que ele não quiz fazer e com delicadeza.

Mas discutamos com serenidade.

Homem de negocios, com imensos e inculcaveis pequeninos nadas a ter sempre em vista e em conta, a especialisação das suas faculdades — não pense que nisto vae melindre — fã-lo arreido do pr-biemo que se debate, e não foi decerto na intenção de imitar o gesto e ter a fortuna do velho gizeu que o meu amigo atirou a sua caneta sobre a columna e meia do pobre artigo. Não foi para que do nosso lado pezasse mais, confesse.

Não quiz entrar na discussão a ella trazendo um pouco da sua filosofia, um solido e subtil argumento que desfizesse o pezado daquelas affirmações. Não quiz. Não se preoccupou. Não pode. A especialisação das suas faculdades!

— Sim é verdade! Eu sinto que me diz que foi apenas sua intenção desforrar-se. O sr. tem os seus brios.

Nesta altura noto-lhe já que o brio não é nenhuma faculdade critica. E assim não entrou da unica maneira porque deveria entrar.

O que prova a sua devolução contra a má organisação do ensino?

Ah! sim, ela prova, e demais, a nosso favor! Mas não foi sua intenção dar-nos o argumento. Já confessou. O

sr. desforrou-se, fez uma balda — o jogo continia incoberto...

— Mas quer continuar? — Oiga ao menos. Nós nem de leve supozemos ganhar a partida. Tivéssemos... impressões!

Lembra-se do João Franco? Foi no tempo dele que começámos a jogar. A Camara e o Commercio de Coimbra, de combinação, fizeram-se em oiros alegando logo que isto de nós querermos ser feitos para nos pormos a seguir a andar, não podia sêr; que era uma deslealdade para com eles, nossos antigos parceiros; que ganhavamos todos em conservar esta mezinha, uns com o silencio que se não encontra «na confusão dos grandes centros», outros tirando d'aquilo honestamente, está claro, o bastante para ir vivendo.

Fizemos então algumas baldas!

Os senhores cortavam com oiros e enchiam as vazas com paus e espadas...

Perdemos. Mas rapazes... — Ai estão outros que querem jogar.

E já os srs. começam a falar dos interesses — diabo! — dos oiros, da sua influencia, ameaçam — enchem com paus e espadas — e não ha maneira de sair d'aqui.

E o sr. lez aquilo p'ra desforrar-se!

Ora!

Ninguém o quiz melindrar, nem a si, nem aos colegas.

Entre parceiros, pelo menos, cortezia.

Um conselho, meu amigo: façam o mesmo jogo, carreguem nos naipes pretos, apertem nos trunfos, o fraco assusta-se e desorienta, e os rapazinhas que querem fazer de fortes estão estendidos.

E os srs. ... ganham, pois não haviam de ganhar.

Mas trunfem sempre em oiros, é naipes rico, dá mais interesse!

E agora não pense que nos zangamos. O sr. lez o que pode.

E a quem faz o que póde, Deus lhe acode. Assim seja.

P. S. — Não esqueça o trunfo, hein!

E deixe folgar quem folga...

Coimbra, 28-I-09

TRIBUNA DOCTRINARIA

Jesus Christo

At ubi venit plenitudo temporis misit Deus Filium suum, factum ex muliere, factum sub lege, ut eos qui sub lege erant redimeret, ut adoptionem filiorum reciperemus.

(ad Gal. IV-4 e 5.)

Eu não venho, certamente, falar de Jesus Christo para o apreciar sob a sua feição physio-psichologica, como Sanglé, nem estudal-o á luz da Historia, como Strauss ou da fantasia, como Renan.

Nada disso está, por agora, no ambito da empresa que me propuz. Decidi discutir a Igreja, apontando os absurdos das suas affirmações, antes de apreciar as theses e os factos sob que ella assenta o enredo de suas bizarras mentiras: descobrirei o tecto ao casarado para que a purificadora luz lá possa depois difundir-se, arredadas as teias d'aranha da sua arguta dialectica.

Embora Christo tenha sido um degenerado, elle nem por isso pode desmerecer aos nossos olhos, á parte, claro está, os excessos a que a multidão circumdantes o levou, obrigando-o, talvez, a suppor-se um enviado de Deus, senão mesmo o proprio Deus, em nome de quem, como seu filho, os agiographos o fazem falar — Omnia quaecumque habet Pater mea sunt — (XVI-15 s. J.) Tudo o que o Pai tem, meu é.

Não são porventura os degenerados os que avançam na conquista do Ideal? O que é o homem aperfeiçoando-se, senão o homem degenerando?

Não quer dizer que a degenerescencia seja sempre vantajoza, mas o que é evidente é que o homem quanto mais normal, se isto alguma causa significa, tanto menos se conta como valor para o progresso da Humanidade.

Que Christo, portanto, fosse um degenerado nada me incommoda para, no ambito humano da sua obra, o estimar sobremaneira na elevação dos seus conceitos, na delicada sensibilidade da sua alma sempre internectida para com os infelizes, apezar de muitas lacunas a que a sua educação e origem semita o propeliam.

Não é do Christo historico que eu hoje escrevo: é do Christo mystico que a Igreja nos apresenta e do modo como ella o considera, e das conclusões que ella tira que me apraz falar.

A Igreja apresenta-nos o Christo como a victima imolada nas cumiadas do Golgotha para salvar a divida secular a Deus da Humanidade delinquentemente desobediente.

Vejamose de vagar o monumental imbroglho que ella faz para conseguir o seu desideratum.

O homem, dizela, delinuiu pela sua desobediencia ao Paraizo e o agravo que fez ao Todo Poderoso foi de um certo modo infinito, não pela capacidade do agente mas pela excelencia da pessoa infinita a quem era feita a offensa. Bem podia a Humanidade innumeravel nos seus individuos como o ceu nos seus soes imolar-se em holocausto de penitencia com o desagravo ao seu Deus, que já mais conseguiria liquidar tão tremenda falta!...

Deus, porém, na incommensurabilidade do seu amor aos homens não trepidou um momento: mandou incarnar o seu filho dilecto para que elle assumindo a natureza humana, podesse ser imolado para expiação dos crimes da especie. «E para que?» perguntará toda a gente. E' a Igreja que nol-o diz.

E que a Natureza Humana absorvida pela Natureza divina ficava capaz de praticar actos de uma imputabilidade infinita!...

Agó sim, já entre os homens o Filho do Homem podia lavar com o seu sangue innocente (!) a nodoa, o crime nefando dos primeiros paes!...

Em tudo isto ha, porem, demasiados planos inclinados por onde a Fé resvalaria até ao scepticismo, se a Fé se guiasse por motivos de credibilidade!...

Para encurtar razões eu valho-me dum grande Santo da Igreja Catholica, resumindo-o todavia, e mostrando assim a lealdade do meu discutir.

Santo Thomas, tratando de essencia natureza e pessoa colloca-me em ottimo campo para liquidar este assunto sem carecer fazer philosophia por conta propria o que não é das causas mais facéis.

Pessoa, conclue o Santo, é a substancia completa, racional e subsistente em si; essencia é o que constitue o ente numa certa e determinada especie, distinguindo-o de todos os outros; natureza é a propria essencia emquanto é o principio primeiro das operações.

Isto é, em resumo, a doutrina de Santo Thomaz sobre o assunto. Em Christo havia duas naturezas: a Divina e a Humana.

Mas estas duas naturezas constituem uma unica pessol Deixemos o misterio e vamos aos corolarios.

A natureza humana em Christo foi assumida pela divina.

Muito bem; mas então quem é que padeceu e morreu? quem é que se victimou para solver a divida da Humanidade?!

Foi Christo, isto é, a pessoa de Christo. Mas a pessoa de Christo era divina, era o proprio Filho de Deus, era Deus tambem: era o verbo, a propria actividade creadora. Et verbum caro factum est, — e o verbo encarnou.

Ora como se pode admitir que a pessoa divina soffresse e morresse? Não é Deus impassivel?...

E', de certo. Logo o drama do Calvario não foi drama, foi comedia. A victima fingia que soffria quando na verdade era impassivel. Mas Christo era Deus e este é a suma verdade que não se engana nem engana; como harmonizar estas coisas?!

Ah! Talvez venham dizer que quem soffreu e morreu foi a natureza humana. Admittindo que fosse possível que tal se desse num todo em que esta natureza estava desqualificada pela absorção, que della fizera a pessoa divina, para onde ia, então, o merito infinito da paixão de Christo?!

A Igreja assenta toda a sua auctoridade no facto de receber o mandato de Christo, verdadeiro Deus.

Se Christo, porém, pelas contradicções que se notam na doutrina que lhe é impontada e na sua paixão com as affirmações que de si fez e que a Igreja repete, não pode de forma alguma ser Deus, drruida fica a Igreja desde os seus fundamentos.

Como eram bons os tempos da Santa Inquisição em que se carbonisavam os que tinham olhos para ver estes enormes e indigestos pastelões!...

Lucifer

A «REVOLTA» Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO», Rocio.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

O Brazil moderno

III

O assumpto de que hoje nos vamos occupar — a *instrução* — é um d'aquelles que, pela sua capital importancia, não pode, com proveito, ser apenas tratado n'um rapido artigo, por mais summaria e resumida que seja a nossa exposição.

Dividil-o-emos portanto em duas partes, tratando na primeira, da *instrução primaria e secundaria*, que hoje traçaremos, e na segunda, da — *instrução superior* — que constituirá o objecto do nosso proximo artigo.

Um dos problemas que mais demorada attenção e mais accurado estudo têm merecido dos governos da Republica, tem sido incóntestavelmente o da — *instrução primaria* — procurando diffundil-a o mais possivel, e orientil-a de sorte que, o seu resultado seja na verdade, benéfico e util.

E os seus esforços estão sendo co-rodados de bom exito.

Não falando já do Districto Federal, onde ha superabundancia de escolas officiaes de ensino primario, consideravelmente frequentadas e dispondo todas de optimas accomodações e magnifico material moderno, observa-se em todos os Estados, mórmente no de S. Paulo, o mesmo afan, levando a toda a parte, mesmo aos logarejos mais insignificantes, a corrente salutar do ensino, não pouparo para isso verbas extraordinarias.

E' assim que a percentagem do analphabetismo tem baixado extraordinariamente nestes ultimos annos e de um modo bem symptomatico.

Mas, alem do professor ser bem pago e a tempo, o que o incita a cumprir fielmente a riscil e com verdadeira devoção a sua missão patriótica; do material ser, como já se disse, correspondente a todas as exigencias do ensino; da existencia de premios, que mais despertam o estimulo da creança; um outro factor existe — e este o mais importante — que determina o resultado que os dirigentes do paiz tiveram em vista — o civismo, isto é, a primorosa educação do sentimento patriótico da creança, de forma a tornil-o um verdadeiro cidadão, amante da sua patria incomparavel, admirador das instituições que a dirigem, e consciente do verdadeiro culto a prestar aos principaes vultos da sua historia.

Queremos fazer referencia ao — *methodo intuitivo, logico e racional* — posto em pratica e que, em nada, se parece com o processo antiquado e estupidol ainda hoje seguido na maioria das nossas aldeas, em que a creança, logo de lhe formarem o coração e satisfizerem o seu espirito, embota a intelligencia e tortura cruelmente a memoria, decorando *estopadas* inuteis, para depois as vomitar inconscientemente na presença do estropeado e chlorotico mestre escola, que, tambem na maioria dos casos, se faz impôr aos seus pequenos discipulos, não pelo carinho ou affago, mas pela dura e alentada palmatoria ou flexivel e resistente mar-meleiro.

Aquelle methodo consiste muito simplesmente no seguinte:

1.º Despertar as faculdades intellectivas do discipulo por meio de exposições claras, exemplos frizantes e comparações felizes, que elle facilmente assimilará, servindo-se da memoria como simples subsidio.

2.º Sempre que seja possivel, dar preferencia ao ensino pratico, de sorte que o aproveitamento seja mais proficuo.

3.º Promover constantemente entre os alumnos, discussões ordenadas e disciplinadas acerca de themas previamente estabelecidos pelo preceptor, que a essas mesmas discussões assiste, e do que resultam optimos resultados.

4.º Animar o incentivo da creança por meio de premios e outras recompensas, dirigindo-a com carinho, de modo que a escola em vez de lhe inculcitr terror, lhe desperte antes sympathia.

5.º Educar e desenvolver tanto quanto possivel o sentimento patriótico. Para este fim, basta citar como exemplos o ensino da historia patria por meio das biographias de seus heroes (Methodo Sylvio Romero) e a adopção de livros de leitura como o de Hilario Ribeiro, intitulado — *Patria e dever* — que contem preciosos elementos de educação civica e moral.

Convem tambem lembrar a obrigação de, pelo menos, uma vez por semana, todos se ensaiarem nos canticos e hymnos patrióticos, o que desenvolve enorme enthusiasmo, não esquecendo igualmente as preleções simples e accessiveis sobre o culto a prestar á ban-

deira, aos mortos, á democracia, e a todos os monumentos que traduzam uma idéa nobre ou um factol glorioso.

6.º Finalmente, observar rigorosamente o § 6.º do art. 72 da Constituição da Republica, que diz: *será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos publicos.*

Com taes processos, não é difficil pois ajuizar, quaes tenham sido os resultados obtidos.

Relativamente á — *instrução secundaria* — está ella hoje modelada pelo systema adoptado na Allemanha.

Alem do curso geral, existem os bacharelatos em sciencias e lettras, estes ultimos com um curso de sete annos cada um, no fim dos quaes, e prestadol o exame chamado de — *madureza* — o alumno obtém um diploma, que lhe dá ingresso no curso superior a que se destinou.

Os estabelecimentos officiaes para esses cursos, notaveis pelas suas installações e direcção, chamados — *Gymnasios* — (denominação correspondente aos nossos Lyceus) dividem-se em: — *internatos e externatos* — funcionando aquelles, em predios separados destes.

Nos primeiros, os alumnos, mediante annuidades commodas e modicas, encontram, alem do ensino, uma alimentação abundante e sádua, hygienicos dormitorios, magnificas installações balneares e todos os requisitos emfim que taes estabelecimentos de instrução devem conter, como: cercas, jardins, salas d'armas e de gymnastica, theatro e jogos athleticos, necessarios e vantajosos para os que ali têm de permanecer durante um praso de tempo não pequeno, pois que só em occasião de ferias lhes é facultado estar junto das respectivas familias.

Nos segundos, o regimen de frequencia corresponde ao adoptadol nos nossos Lyceus.

Escusadol será dizer que no ensino secundario, o methodo adoptadol não é mais do que o desenvolvimto do que anteriormente apontámos e ligeiramente descrevemos, e cujos resultados julgamos ociosos, de novo encarecer.

Na proxima vez, esboçaremos a — *instrução superior* — apreciando cada um dos seus ramos e detalhando a respeito d'alguns os seus programmas, afim de evidenciarmos a sua proficiente orientação.

NOTA — No artigo anterior, devido á pressa com que a revisão foi feita, passaram muitas *gualhas*, como — desentrolarmos em vez de — desenvolvemos — e muitas outras que a intelligencia do leitor decerto rectificou e a sua benevolencia relevará. Os algarismos é que, por acaso, sahiram certos, excepto a data de 1906 em vez de 1907, referente á exportação da segunda verba de mercadorias.

ENSAIOS DE CRITICA

A arte moderna

I

Em politica «anarchia» significa ausencia de soberano; em materia de arte quer dizer: ausencia absoluta de leis impostas ao compositor sob qualquer forma.

J. Combarieu

E' antiga e profundamente verdadeira a ideia de que a Arte é una e indivisivel mas que se apresenta por formas diversas.

Qualquer que seja o conceito que se orme da arte esta unidade toma-se pelo simples exame das suas manifestações, absolutamente clara: o fim de todas é provocar no espirito humano emoções physiologicas de um caracter especial. Os proprios meios de que para este fim se servem os artistas embora differentes, tem pontos de contracto, pois ninguém desconhece as analogias de rythmo, compasso, altura, intervallos e expressão communs á poesia e á musica; o parallelismo dos fenomenos de optica e de acustica foi estabelecido pelos trabalhos de Thomaz Young e Fresnel e a analogia entre as vibrações sonoras e as vibrações luminosas produz a semelhança resultante das sensações dos sons e das cores; graças, finalmente, á relação de numeros que constitue as notas e que se chegam a determinar exactamente, a musica pode ser considerada como uma architectura de sons, da mesma forma que a architectura é a musica da extensão.

Na sua evolução, esta unidade é então evidente e um rapido exame bastará a demonstra-la. Durante o longo periodo da idade-media em que o espirito humano preocupadol com a ultra-vida não tinha olhos senão para Deus, e ante em todas as suas manifestações tinha um caracter requintadamente religioso. Na architectura fizeram-se as grandes cathedraes em que a partir do seculo XII o estilo românico foi substituido pelo ogival cujos monumentos dão a impressão «duma obra fragil e contra a natureza, dum esforço insensato para se elevar até ao ceu»; na poesia, ao lado dos romances, *canções de gesta* e *serenatas* dos trovadores troveiros havia as representações cantadas nas igrejas e dos *mysterios* como os de Jean Michel; as manifestações de pintura, alem dos primitivos, visto que a pintura a oleo só foi conhecida na Italia no sec. XV, limitavam-se ao desenho de illuminuras dos livros de canções e sobretudo nos missaes; na musica, emfim, durante esta epoca domina o cantochão forma religiosa.

Fallamos da idade-media mas em todas as epocas e periodos esta mesma evolução se dá.

Na evolução da musica, como na evolução da Arte, como na evolução geral, tudo se encadeia; e assim até á musica de hoje tivemos o cantochão da idade-media que foi o confluento das artes, pouco conhecidas, latina, grega e hebraica; a musica da idade-media desenvolveu-se na renascença cujas manifestações se concretizaram e atingiram o seu mais alto grau em Buch e Haendel; de pois Haydn que por sua vez deu Mozart, em quem a musica attinge a sua maior perfeição plastica.

Quando parecia que nada se poderia fazer de superior surge Beethoven que na perfeição plastica de Mozart introduziu a philosophia. Teria mesmo feito a revolução que estava reservada a Wagner se fosse um poeta como este; mas ainda assim foi Elle quem deu o primeiro grito compondol a maravilhosa symphonia com coros (IX).

Esta symphonia decidiu da vida de Wagner: desenvolver a forma nella esboçada, levantar a musica alemã, então decadente e dar um golpe mortal na opera que até ali era apenas pretexto para exhibição de *virtuosos*, (como ainda hoje em quasi todos os paises) taes foram os fins que Wagner se propoz e que todos alcançou.

Ao mesmo tempo Ibsen no theatro e Flaubert no romance, desprezando as regras e moldes tradicionaes creavam a forma livre: Bakunine estendia a forma livre até á constituição da sociedade.

E desde então a liberdade na arte ficou consagrada.

Saran academico

Foi um saran litterario-musical. Da parte litteraria nada ha, infelizmente, a dizer. Falaremos, pois, da parte musical. A orchestra alguma coisa fez, dada a falta de executantes e o diminuto numero

d'ensaios. Mas a escolher aquelle numero da partitura da *Aida* melhor seria não ter executadol os bailados onde a insuficiencia de timbres, se já era sensivel, não o era tanto como nelles.

Das amadoras de canto, revelou senos artista a Ex.^{ma} Sr.^a D. Margarida Vaz que, a par de uma voz quente e bem timbrada, mostrou saber aproveitar-se della com sobriedade e arte, sem exaggero de *vocalises* nem trucs de que geralmente os *virtuosos* se servem. Sôbe, nos dois trechos do indole tão differente que nos fez ouvir, adoptil-se perfeitamente a cada um, cantando o primeiro com a suavidade mystica que lhe é propria e dando ao segundo, a graça leve duma *tourterelle*. Das boas qualidades da distincta amadora destacam-se ainda a grande pureza de dicção, entre nós tão rara, e o dominio que já tem sobre a voz e que desenvolvido pelo estudo a tornará mais tarde uma cantora consummada.

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Palmyra Sequeira mostrou o sua boa escola nos trechos que cantou, especialmente na aria de Elsa do 2.º acto de *Lohengrin*. A distincta professora é de sôbejo conhecida neste meio para que seja preciso encarecer os seus meritos na arte do canto.

Agora o Orpheon. A primeira impressão que tivemos foi de surpresa. Os orpheonistas mostravam-se reacios, diziam-se pouco ensaiados, e nós esperavamos ouvir não uma coisa má, mas uma coisa pequena.

Atacam o *Choral da Paixão* e ouvimos Bach! Firmes, unidos, obedientes á batuta, ora nos davam a impressão grandiosa duma orchestra, ora produziam em accordes as sonoridades solemnes dum orgão.

No côro de *Freischütz* houveram-se igualmente bem, assim como na *Perola do Mar*, composição de Isidro Aranha, um apaixonadol da arte, e no orpheon, um precioso auxiliar, verdadeiro braço direito do Joyce.

Não queremos dizer que o orpheon seja absolutamente perfeito; se o seu naipe de baixos é completo, possuindo mesmo algumas vozes estaveis, outro tanto não acontece com os tenores que são asperos (o que não é de admirar em pessoas que pouco conhecem de canto); não tem ainda a homogeneidade necessaria, e não a terão enquanto alguns, talvez pelo prurido de exhibir a sua voz que de certo julgam boa, se não convencerem de que não são solistas e de que tem, para conservar a harmonia, de sujeitar-se ás exigencias do conjuncto.

Tambem acharíamos melhor que os trechos fossem cantados na lingua original — o *Choral* em allemão ou latim, o *Côro dos Caçadores* em allemão.

Emendados estes defeitos, o orpheon, o primeiro da peninsula, poderá sem receio apresentar-se em toda a parte por que será ouvido com agrado.

O que faz passar é que numa academia decadente e desunida como a nossa, e numa cidade tão falha d'arte como esta, haja alguém que se abalance á difficil empreza de organizar um orpheon, e, o que é mais, de o conseguir levando á relativa perfeição que este já tem.

Para conseguir isto, só quem alliasse a um temperamento de consumadol artista as qualidades de ensaiadol paciente e habilissimo; só quem tivesse grandes conhecimentos tecnicos e fosse ao mesmo tempo um regente de golpe seguro e persuasivo; só quem tivesse uma vontade de ferro e, conjuntamente uma superioridade moral capaz de se impôr a esta academia.

Decididamente Antonio Joye era indispensavel em Coimbra.

Triplex.

Movimento Republicano

Inauguração do Centro dr. Luis Rosette

Inaugurou-se no domingo passado este novo centro Republicano. A sala achava-se vistosamente ornamentada com flores, verdura e retratos dos nossos correligionarios mais em evidencia.

Muito antes da hora marcada já a sala se encontrava apinhada de povo que desejava ouvir os oradores.

A certa altura adeanta-se o academico Guilherme d'Albuquerque que, depois de fazer algumas considerações, propoz para presidir á sessão o sr. dr. Luis Rosette, que escolheu para secretarios os srs. Jayme Lobo e Pereira de Vasconcellos.

O presidente depois de agradecer a honra que lhe dispensaram deu successivamente a palavra aos nossos correligionarios: Ramada Curto, Ramos Guepes, dr. Fernandes Costa, Antonio Car-

neiro, Alves Sequeira, José Cardoso e Antonio de Souza, sendo todos muito aclamados.

Por proposta do senhe'r Guilherme d'Albuquerque foi enviado um telegrama de felicitações ao directorio do partido republicano.

Historia do Partido Republicano Portuguez

Editada pela empresa de publicações *A Democrata*, e elaborada pelo nosso prestimoso correligionario Augusto José Vieira, deve ser posta á venda em fasciculos, no dia 31 de Janeiro, 18.º anniversario da Revolução do Porto, esta enorme obra de ha muito reclamada, vae, sem duvida, ter um exito certo.

A Historia do Partido Republicano Portuguez será acompanhada de excellentes gravuras de Alberto Sousa, representando os vults mais em destaque, e os factos mais notaveis da vida partidaria.

A publicação será feita em fasciculos semanaes de 16 paginas ao preço de 40 reis e tomol: mensaes de 80 paginas a 200 reis.

Todos os pedidos de assignatura devem ser dirigidos a *Zacharias Rodrigues*, Praça de D. Pedro, 157 — PORTO.

Acceitam-se agentes em todas as localidades onde os não haja.

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALIZES: succo gastrico, lézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitais de Paris
Consultas, todos os dias uteis,
das 10 horas da manhã ás 4 da tarde
Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

Consultorio Dentario

DE

MARIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Consulta	500
Extracção de cada dente ou raiz	500
Extracção com anesthesia	15000
Obturação	15500
Aurificação	45000
Limpeza de dentes	15500
Dentes artificiaes	25500 e 45500
Dentes de pivôl.	85000
Coróas de ouro	125000
Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão	15000

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos orgãos genito urinarios do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a



Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a idade de 1 até 3 mezes, esta excelente raça de cães de guarda.

Todas as encomendas ou informações devem ser feitas a

Joaquim de Vasconcellos



Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas Tête d'Achar Paté de Liever e Foie.
Saneisses Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
Pão de ló, pelo systema de Margaride.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, ohás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria
Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domlillos dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.

Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apezar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, cor lisa, muito largas, metro	120
Córtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito boas, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	59
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanheiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.
Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

[Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

TABACARIA CENTRAL

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — Coimbra

Telephone n.º 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157 COIMBRA

[Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabelo e feto.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sós e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleção de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e morés. Ha espartadores desde os preços mais baixos aos mais elevados. Vendem-se correntes de prata e ouro. Concertam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de cor e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone 114a.



Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Director e proprietario
Ramada Curto
Redação e administração
PATEO DA INQUISIÇÃO 6
Officinas de composição e impressão
Largo da feira, 29, a 37.

Semanario Republicano Academico

N.º 10

COIMBRA — Sabbado, 6 de Fevereiro de 1909

ANNO 1.º

A fiscalização republicana

Alguns monarchicos, por vezes, quando se lhes falla em representação republicana no parlamento concedem com um grande ar «que a representação parlamentar republicana é vantajosa como fiscal da obra administrativa dos governos».

Chegam, quando apertados, a afirmar «que sempre foram d'opinião de que se devia dar entrada na camara aos republicanos...»

Da sinceridade d'essas afirmações, na maior parte, não merece a pena fallar. Actualmente o facto do partido republicano ter uma representação sua, ganha por direito de conquista, não soffre discussões e facil se torna a esses *espiritos liberais* fingirem que concedem generosamente o que só a custo, acceitam e com que difficilmente se conformam.

Mas a fiscalização republicana é hoje um facto.

Com uma lei eleitoral ignominiosa, com as burlas e as fraudes de toda a ordem, com a falsificação dos recenseamentos, o roubo do suffragio, o caciquismo e todas as artimanhas em que os *fura-urnas* ao serviço da Monarchia são peritos, com isso tudo e contra isso tudo, o partido republicano tem hoje no parlamento sete deputados, e se o numero é reduzido, ninguem ha que possa negar a esses sete homens qualidades sobejamente compensadoras da sua inferioridade numerica. N'outro qualquer regimen que não fosse o nosso, onde houvesse vislumbres de decoro nos processos governativos e uns laivos de intelligencia e de character nos homens do governo, uma opposição como a opposição republicana era já uma coisa de temer e bastante poderosa para obrigar uma maioria a considerar e a recuar, antes de se resolver a dar o seu apoio a actos menos dignos praticados pelo poder. Em Portugal, com isso que p'rá ahi está a desfazer-se, com essa montureira de escandalos quasi inverosímeis que tem sido, é, e continuará a ser, a obra de todos os grupos monarchicos, o trabalho d'uma representação como a republicana podia limitar-se á constatação e á proclamação d'esses escandalos, sem que mais nada fosse necessario para tornar insustentavel esse entremez, esse arremedo tórpe de parlamentarismo com que o Regimen tem pretendido ludibriar o paiz, logo passados os primeiros tempos da historia constitucional, desapparecidos que foram os homens que dentro das novas instituições que tinham creado, alguma coisa valiam pela intelligencia e pelo character. Mas, certo, que a obra do partido republicano não se pode limitar a essa constatação sem protesto, a essa proclamação sem revolta.

A missão hoje indefectivel, do partido republicano é crear á monarchia uma situação insustentavel, apressar-lhe a agonia, levar a justicavelmente, aos ultimos arranques

da morte. O moribundo tem de acabar e de se enterrar depressa.

Se o deixarmos apodrecer ao ar livre, lentamente, envenenará a atmosfera nacional e tornará impossivel a vida da collectividade — que, se depois lhe quizermos acudir, já tambem não se poderá salvar da morte por contagio. A par d'isso, os republicanos, continuão, como brilhantemente o fizeram na sessão legislativa passada, a mostrar ao povo portuguez, a todas as classes da sociedade portugueza, qual a sua orientação e quaes os seus processos de governo, concretisando-os em projectos de lei — tão diferentes pelo elevado «espírito social» que os informa, da legislação transbordante, contradictoria, inutil e absurda, que os *estadistas* portuguezes costumam apresentar á sanção parlamentar.

Mas como é impossivel construir ou tentar edificar qualquer coisa sobre lama, a obra que urge, a obra que o paiz instantemente exige, é a remoção da montureira monarchica e essa obra, nunca como na sessão parlamentar que se annuncia para o mez que vem, terá razão de ser tão decisiva e tão violenta. Só então, acabará de convencer-se o paiz que a vida parlamentar com tal regimen é absolutamente impossivel e o governo levado aos ultimos extremos entrará no caminho da violencia desenfreada e louca que a nós nos dará o triumpho definitivo.

Para prato de resistencia ahi temos a *questão dos adeantamentos* á familia real e a particulares — e basta essa gravissima e estupenda questão moral, insolúvel com o regimen, para dar thema sufficiente ao ultimo acto da farçada tragica com que a Monarchia de Bragança ha tanto tempo já vem explorando e matando uma Patria digna de melhor sorte.

E não censurem os *commodistas* aos republicanos a violencia do combate, nem nos acusem de *inventarmos* as questões p'ra servirmos os nossos ideaes.

Não fomos nós que fizemos os adeantamentos, ao que parece... Ou fomos?

COISAS & COISOS

Oxigenio e Azote

Tem pilhas de graça a organização dum ministerio em Portugal.

Citra-se tudo, n'uma questão de *apoio* ou *não apoio*.

Apoio de quem? Do Paiz?

Não. Apoio de dois homens apenas.

O ministerio sabe-lhes do bolso como o lenço a que se assoam. Com um gesto derrubam um governo e levantam outro.

E quem são elles? Ninguem o sabe. Vivem na atmosfera nacional, como o azote e o oxigenio do paiz.

Se um d'estes elementos falha n'um ministerio, a *asphyxia* é inevitavel.

O sr. Azote é chefe d'um partido.

O sr. Oxigenio é chefe d'outro.

O governo Ferreira do Amaral enquanto viveu com os dois elementos, andou.

Mais tarde viveu só de balões d'oxigenio e falleceu.

CELEBRES... DE BORLA



PEQUENO...

Não negue, confesse,
Que tem certa pena
Da sua estatura
Ser assim pequena?

Pois eu não gostava
— Fôra brincadeira! —
De o ver do tamanho
Do doutor Moreira

«Os frascos d'essencia
Quando pequeninos,

Servem aos perfumes
Mais subtis e finos...»

Pequeno foi Stein
Pequeno, é Orlando
— E mais vale um, *poney*,
Que um «anglo-normando»

E olhe que foram
Pequenos e bem
Os homens mais *finos*
Que a Sciencia tem,

E o proprio Posada
Não sei, mas seria
Pequeno tambem!

E agora, doutor,
Repare bem nisto
Que p'ra grande basta
O doutor Calixto,
Por isso sorria
Com sorriso ameno,
Quando os outros lentes
Lhe chamem «Pequeno»

Dr. Watson

MIUDEZAS...

Brr! Pum!

... E Bombar den esvaziou d'um trago a garrafa do «cognac», afiou a *machete* durindana, saltou d'um pulo para o arção da sella e lá foi, ferindo lume, despedindo chamas das pupillas accesas, qual paladino ou raio de guerra!

O general Pacaten estava, quando elle entrou, em pantufas, amezendado na sua grande cadeira de crina á «Voltaire», limpando cuidadosamente as unhas.

— Eh! Bombar den, que me assustou com a estrupida que fez! Que o traz por cá?

— General, prepare as hostes que o homem vem ahi! — e Bombar den, tremia, de furor bellico.

— Qual homem! perguntou Pacaten, sem entender.

O governo João Franco succumbiu no Terreiro do Paço quando já só havia no paiz anhydrido carbonico consequencia d'uma intensa combustão que o varava de ponta a ponta.

O governo Campos Henriques já está sacramentado.

O sr. Oxigenio reuniu e resolveu punil-o com a *asphyxia*.

Amanhã tem de cahir por força.

E como é isto? Representam elles a vontade nacional? Não. Representam apenas um corpo de policia e duas guardas municipaes. Vivem apenas d'essa força exigua que um paiz pode engulir sem grande esforço numa hora de fome angustiosa.

E essa hora de fome chegará?

Talvez. De Traz-os-Montes vem um grito formidavel, uma ameaça intransigente e rubra que nos falla de fome e de miseria.

Máu é começar. Póde esse grito d'uma região, trazer á superficie, toda a desgraça d'um paiz. Póde a lóme duma região, trazer consigo o hora da fome nacional.

E depois? As guardas municipaes e a policia liquidam, e com ellas liquidam

tambem o sr. Oxigenio e o sr. Azote.

Vê-se portanto, como o sr. Oxigenio e o sr. Azote tem a força por um fio.

Amanhã se o povo se levantar a pedir pão, os senhores não podem dar-lh'o, porque o cofre nacional é como o cofre da Madame Humbert, tendo apenas um botão de camisa e um gancho de cabelo.

Nem pela torça, nem pela administração os senhores se aguentam. Mas há para os fazer cahir de vez, uma razão historica e indiscutivel.

Não se aguenta um paiz, quando o Rei tem medo, os governos não tem senso, e o povo tem fome.

Essa razão existe em Portugal e é por isso talvez que o sr. Oxigenio e o sr. Azote tem sempre as malas feitas e uma cabine reservada a bordo d'um Yatch.

Quando será a partida?
Não sei. Apenas me parece preventivo e prudente fazer-lhes desde já as minhas despedidas.

Pode faltar o tempo e eu não quero faltar a esse dever.

Muita saude e boa viagem. Adeus.

— O Antonio...
— Qual Antonio?
— O José! — sifou Bombarden...
— Menos entendo!
— O Almeida! — trovejou o te-
mível homem.

E proseguiu, inflamado e trágico:
— Elle vinha, e a vinda d'elle
trazia agua no bico! A «hydra» tinha
sete cabeças e as «hostes» precisavam
estar preparadas p'ra lá as cortar ven-
tes, todas sete! Era um exemplo dado
à Europa, ao mundo inteiro e havia de
se fallar d'elle Bombarden e da sua
heroicidade, na corte de Berlim, entre
os «feld-marchaes» de Guilherme II,
o «Kaiser» dos bigodes em bico!

Era preciso matar, chacinar, an-
niquirar, definitivamente «a canalha»
— e sobre a sua frente de Bombarden
fulguria, para respeito dos vindouros,
uma coroa de gloria imperecível!

E, desmesurado, «adamastorio»,
enorme, elle terminou o arrazoado, de-
sembainhando a durindana fatal e acor-
dando os ecos do quartel, n'um
brado apocalypico:

— A's armas! ás armas!
Pacaten ouviu, sorriu, deixou fal-
lar e depois perguntou serenamente:
— O' Bombarden, você acabou
agora mesmo de jantar?

Voltou a casa, «d'orelha murcha»
e só, na sala de jantar, rugia despei-
tado:

— Mil raios! Anda uma pessoa
morta por ser heroe e cheia de dedica-
ção, e é isto! Ora «boletas!»...

Como dizia Napoleão!
E, p'ra se consolar esvoaçou outra
garrafa de cognac.

D. Fuas.

A crise do Douro e a piedade nacional

Quando ha um mez rebentou em
Alfjé o incendio da repartição de fazenda
todas as vistas incidiram por momentos
sobre o pequeno logarejo transmontano.
Olharam todos com simpatia para a po-
bre região vinicola, excepção feita do muito
poderoso e inclito *protetor*, o sr. Teixeira
de Sousa.

As labaredas do incendio, chegaram
a ter para alguns olhos os laivos ver-
melhos duma perigosa revolução de mon-
tanhezes. O governo parou um pouco
de comprar caciques e atabalhoadamente
tomou... algumas medidas transitorias.

Passaram algumas semanas e um jornal
de larga informação atrahiu com um
seu enviado para o local do sinistro, na ancía
de ver e ouvir das misérias e tristezas
dos pobres agricultores. Pouco e pouco
vam-se reconstruindo trechos da tragedia
que se desenrola num scenario de palho-
tas e curraes, com roupagens esfarrapa-
das e pilholosas.

Já não ha anciedade nos especta-
dores. A felicidade é assustadica! Ouve-
se com tristeza. Medita-se forçadamente.
Na orchestra-se de senham-se motivos de
piedade e de pena.
O *Seculo*, O *Primeiro de Janeiro* e
O *Dia* abriam subscrições!

Ficou satisfeito o sr. Silva Pinto e
os povos do Marão vam ter na escudela
do magro caldo-verde um pouco de toin-
cinho e de broa, com certeza o insuffi-
ciente para amanhã morrerem fartos.

Quando, ha um mez tambem, desa-
baram algumas cidades da Calabria houve
um movimento de dó e de compaixão
pelas victimas em todo o mundo civili-
sado.

Portugal sofreu o impulso um pouco
tarde. A sua sensibilidade *pe-de-boi*
arrancou afinal alguns magros vintens
que lá foram, senão avolumar, pelo me-
nos misturar-se nas torrentes d'oiro em
que iam rolando os carinhos de toda a
humanidade.

Pois houve logo quem patrioticamente
apontasse o Douro empobrecido como
merecedor, credor por ventura da munici-
palidade nacional.

«Olhavam os estranhos, quando
em casa tinhamos peor; imitavamos o
beau geste mundial, porque emfim sem-
pre era imitar».

O sr. Silva Pinto chalaceou, fez um
caustico e houve quem o apoliasse: «que
muito bem, que estava certo».

Abrem-se agora subscrições, o paiz
vai emendar a mão. Ganhrou o sr. Silva
Pinto, o que não sucede muitas vezes.
O rei, dizem-nos, já entrou com quin-
hentos mil reis; talvez de alguma coisa
á avó com que esta possa subscrever; a
coisa tomará um aspecto *chic*; os anjos
de caridade cairão sobre o Douro, como
uma revoada de pombas brancas, men-
sageiras da paz e da felicidade.

Os curraes altearão os tétos, dando
espaço á cubagem d'ar necessaria; a
farrapagem desaparecerá; como em ter-
ras de Canaan o leite e o mel correrão
nos arroios.

Leves considerações apenas.

Os males do Douro, como todos os
que affligem a sociedade portugueza des-
pertam em nós o interesse bastante,
para que nos não associassemos ao mo-
vimento em favor da Italia, se pensas-
semos como o sr. Silva Pinto e como
parece agora querer pensar uma parte
da imprensa nacional.

Não é porque o misero camponio
não mereça tudo quanto por elle se fizer.
Pelo contrario. Nenhum dos da lumi-
nosa ideia está convencido da profiqui-
dade da tal subscrição nacional.

Ela dará pouco e quando muito desse,
não daria para o muitissimo que é neces-
sario fazer-se. E, no melhor dos casos,
o mal seria momentaneamente atenuado
para voltar com todos os horrores dum
bem estar perdido, o mesmo sem-rem-
edio e o mesmo deixar-se morrer.

Tem ainda uma tal solução a desvan-
tagem de manter no povo o principio
anti-democratico e por isso anti-social e
anti-progressive de que os outros é que
o ham de salvar, quando o que urge
provar-lhe é que só comigo, com a sua
força e energia deve contar.

Que se abrisse uma campanha, se
agitasse a opinião de modo a forçar os
governos a olharem quanto devem pelas
coisas publicas, em vez de fazerem a
estreita politiquice do seu partidatismo,
muito bem.

Solidarisava-se o paiz com uma pro-
vincia arruinada, estava-se no campo dos
bons principios sociaes.

Agóra uma subscrição?!...
Acode-se a um accidente, a um desas-
tre causado por forças imprevisas ou
indomáveis, deve então aparecer a *solan-
tropia*, como manifestação da solidari-
dade da especie contra o exterior.

Quando o erro, a incuria ou o des-
leixo atrahem com uma parte da sociedade
para a morte, pode haver alguma coisa
a dar.

Não sam paleativos: ou se faz por-
que se restitua a vida e a felicidade, se
ainda é possível, ou então...

Mas Alfjé é um exemplo.
O povo viu melhor que o sr. Silva
Pinto!

P. J.

Factos e Commentarios

Collaboração

Cá o nosso director que, como bom
democrata odeia a dictadura e não gosta
de que o julguem um *tyrante journalistico*
resolve entregar á sancção do Corpo
redactorial da «Revolta» a approvação ou
recusa dos origin'es para cá enviados.

Nestes termos e nos de direito fica
feito o aviso — e o Ramada livre de
massadas.

Uma pergunta

O' Sherlock, você que é um rapaz tão
sympathico, tão *bon vivant*, tão moder-
no, como demonio tem você a crueldade
de desejar que á porta dum centro repu-
blicano, cheio de centenas de pessoas, es-
toirasse uma bomba de pataco, das gran-
des, para provocar um panico de desgra-
çadas cosequencias?
Que diabo Sherlock, se fosse só para
o seu espirito d'artista ter uma impres-
são de panico tinha você muito melhor
— I de fevereiro! Que lhe parece?
Aquillo que foi *cagaço* hein?

Criste

No Portugal lemos um artigo de
Fialho d'Almeida a respeito do fallecido
rei, no anniversario da sua morte.

Acabada a leitura fomos, para de-
senjoar, lér algumas paginas dos *Gatos*,
em que se trata do mesmo rei.

Que differença!
É que tristeza que nós sentimos!
Porque é sempre triste a morte mor-
tal, bem mais do que a physica.

O snr. Vilhena e os seus parti-
darios

O poeta convocou os seus partidarios
para «em synodo total tratarem das
questões que interessam Portugal». Vae
até em verso para ficar mais a caracter.
D'essa assembleia saiu a reprodução
de todas as promessas messianicas do di-
ctador e de quejandos.

O paiz riu — se por acaso, o que du-
vidamos, se interessou pelas *poesias* do
snr. Vilhena e chegou a ter, d'ellas, co-
nhecimento. Miseravel toda aquella far-
çada! Se d'entre a assembleia se levantas-
se uma voz a perguntar ao snr. Vi-
lhena, qual a razão porque elle, ha dias,
assignou *vencido*, contra a mais elementar
justiça, o accordo do Supremo Tribunal
Administrativo, que restabelecia no gozo
legitimo dos seus direitos, os vereadores
republicanos.

Talvez lhe estivesse no programma,
o farçante!...

«Lágrimas sobre o tumulo»

Um snr Cerejeira lacrimava ha dias
na «Palavra» a proposito do anniversario
do regicidio, e a certa altura da sua prosa
estoiro com esta o homensinho:

«D. Carlos e seu filho lá repousam
no magestoso Pantheon dos mortos!»

No Pantheon dos mortos...
Quem te... mandasse para o Pan-
theon dos vivos!

Anarchista radical

O barbeiro já estava atrapalhado,
mas em summa Scherlock fallou-lhe da
impouencia da reunião regeneradora, e
vã de lhe chamar um correfligionario
d'elles... O barbeiro vingava-se.

— Perdão, não tenho politica. Meu
caro, apenas monarchico por principio e
conservador por necessidade.

Oh! Mas um dia, se um dia politico
fosse, só socialista, ou anarchista radical.

Pobre barbeiro! Entupiu.

Radical, tão radical... Bem diziamos
nós que teriamos em breve um novo
chefe dos... bombeiros. Entretanto al-
guem o vai vendo acompanhando armado
os chefes... da democracia.

Pobre barbeiro, e bello tirocinio.

Liga monarchica

Alfredo Gallis, auctor de livros por-
nographicos para leitura de collegias
avidos de conhecer os segredos do amor,
apparece-nos agora como um dos cory-
pheus da Liga Monarchica.

Como se trata de *liga* é natural que
o homem escreva sobre o assumpto al-
gum livro... só para homens.

Que nojo que tudo isto faz!

Conddecorações

Parece que vão ser distribuidas com-
mendas e coisas parecidas ás pessoas que
durante a passeata regia se tornaram di-
gnas de taes honras.

Agora é que é certo, sr. Gayo.

Como deve ficar-lhe bem o crachá a
luzir sobre as negras vestes de mestre de
ceremonias!

Germanismos

Affirma na «Palavra» um atiradico e
descarado sr. C:

«Temos um Rei bom e intelligente e o
que é mais: *fascinador*».

A' fe de quem somos que este snr.
C ou veste saias ou é então algum disci-
pulo do esburacado e combalido principe
de Hohenlohe.

Pela certa!
Fascinador...
Ora o guloso!

«Ensaio de Critica»

Devido ao artigo deata secção ter
chegado á redacção demasiadamente tar-
de não pôle ser convenientemente re-
visto; foi esta a razão porque saiu com
varios erros de impressão alguns d'elles
bastante graves e que alteravam o sen-
tido.

Hoje, em vista da falta de espaço,
não se pode publicar o segundo artigo
que nesta secção se intitula — «A arte
moderna», do que pedimos desculpa ao
nosso *Triplus* collaborador.

De passagem

No atelier photographico.
— Assim, agora, por favor, sr. Conde,
um instantinho, está muito bem.

— Sim? Então espere, eu vou ver,
vou ver á machina.

TRIBUNA DOCTRINARIA

Recapitulando

A Eucharistia é, pois, um dogma in-
consistente. A sua falsidade é manifesta
desde que vimos as especies eucharisti-
cas deixarem corromper-se. Desde esse
momento ficou provado que ellas não
são de forma alguma uma transubstan-
ciação da substancia de pão na substancia
divina. O pão mantém-se com todas
as propriedades, o que se vê pelas fer-
mentações a que fica sujeito, podendo
ainda algum mais meticoloso certificar-se
melhor tomando uma hostia e sujei-
tando-a a uma analyse chimica.

E' uma experiéncia tão facil que, es-
tou bem certo, ninguém, de boa fé e
consciencioso, deixará de a fazer na
primeira occasião que opportunamente se
lhe depare.

Mostrei tambem com simplicidade,
mas com clareza e irrelutavelmente, que
o Baptismo não produz os efeitos que a
Egreja lhe attribue. Segundo a Egreja,
por elle o baptisado ficaria lavado do
peccado original e portanto, desde esse
momento, acolher-se-lia ao regime para-
disiaco, não mais sujeito á dôr, não
mais supportando as agruras do trabalho,
isento, até, da propria morte, a não ser
que de novo a *serpente* o tentasse a co-
mer o fructo de qualquer arvore prohi-
bida!

Segundo esta mirifica doutrina, bap-
tizando um individuo e tentando assassi-
nal-o acto continuo antes d'elle ter en-
contrado a *arvore funesta*, debalde o
sicário tentaria a sua obra homicida: o
baptizado não morreria *ainda que o ma-
tassem!*...

Divertidos charlatões do divino! o
misero baptisado, depois de se ter su-
bjeitado a uma qualquer enfermidade
pelo banho torçado sofrido numa pequena
banheira que no fim de certo tempo
d'uso deve estar, quando não saturada
de peccados mortaes que lá ficaram em
dissolução, pelo menos contaminada por
todas as doenças que epidermes mal la-
vadas de baptisados moribundos lá deixa-
ram, fica ludibriado na consecução das
vantagens que procurava!

Mas para que hei de estar a impor-
tunar o leitor com estes dogmas que são
corolarios, se o proprio Christo, como
nol-o apresenta a Egreja, não resiste á
critica, como evidenciei no ultimo numero
d'A *Revolta?*

Sim; ficou bem demonstrado que
Christo, como emanação divina, foi um
absurdo ou uma inutilidade. O Pae man-
dou-o encarnar, para que, diz a Egreja,
a natureza humana, o Filho do Homem (?)
assumida pela natureza divina ampliasse
até ao infinito a propria capacidade
onde coubesse o merito bastante para
que com o proprio sacrificio solvesse a
culpa da Humanidade. Ora eu deixei a
Egreja entre as pontas do esmagador
dilema donde lhe não é possível sair in-
cólume; ou a pessoa divina assumiu a
pessoa humana, e nesse caso não houve
a tal paixão, mas uma torpe comedia,
impropria do conceito de Deus, ficando
além disso o problema no mesmo pé
porque o sacrificio não attingira a pessoa
humana o filho do homem; ou a pessoa
humana ficou com personalidade propria
e então o seu sacrificio não alcançou o
merito bastante para solver tão grande
divida.

Perante a logica deste dilema Deus
teria trabalhado ás cegas, ao acaso, im-
proficacmente, depois de ter vindo per-
turbar a paz dum lar, conspurcando a
honestidade de uma esposa, introduzindo,
sem vantagens algumas, um filho adul-
terino no seio duma familia honrada sob
a égide de José, o simples e modesto
carpinteiro de Nazareth.

Mas tudo isto é tão evidente, ficou
tão manifesto nos artigos antecedentes
que não merece mais considerações.

A Egreja nem sequer pode impun-
emente alijar estes dogmas torpes por-
que elles, sancionados pela infalibilidade
que ella propria, tão immodestamente
aliás, se decretou, são com o dogma da
creação os pontos cardaes em torno de
que ella voliteja e ao mesmo tempo,
o manancial donde flue toda a sua força
secular.

Desde que assim fica pulverisada a
sua infalibilidade e arrastada até á luz
da critica a deslavada falta de sinceri-
dade e de probidade, toda a sua archi-
tectura derrue sem grande fragór na ver-
dade, mas enchendo todavia a atmos-
phera social do pó secular peculiar ás
cousas velhas e bolorentas.

Os seus dogmas ousados, as suas
proposições atrevidas e refalsadas viéram
através do tempo engrossando, como

bolas de neve que eram por sôbre o
solo da ignorancia e da cega estupidez;
nada mais é preciso do que sôbre uns e
outros incida o calor da sciencia e da
logica para voltarem a confundir-se com
o gelado chão da ignorancia á custa do
que se formaram e engrandeceram.

Não me admira se um ou outro dos
que me lerem menos capazes de consi-
derar as questões á luz do proprio cri-
tério, ficarem perplexos em vista do
facto de alguns homens, de valôr e de
conhecimentos, terem acreditado, ou fin-
gido acreditar, em todos os embustes
da Egreja catholica. Já ahi fica escripto:
o bastante é deixar passar as primeiras
proposições; o resto vem sequentemente
com uma força de corolário indestructi-
vel.

Muitos golpes dirigidos á Egreja já
tem falhado, exactamente porque aos
denodados pelejadôres tem faltado tal-
vês o conhecimento do arco-boço do
monstro de forma que lhe dêferem gol-
pes que á primeira vista parecem formi-
daveis, mas que depressa vem a desillusão
mostrar que elles incidiram sobre uma parte
invulneravel do hediondo *megatherio*,
ou só lhes feriram algum órgão de so-
menos importancia.

Depois de ter escarpelado os seus
melhores dogmas pateando-lhes os
latentes absurdos, começarei no proximo
numero derramando luz sôbre o seu
dogma fundamental cuja acceptação im-
plica a obediencia cega a todas as con-
clusões que á Egreja queira vulpinamente
impingir-nos: — o dogma da criação e,
como base deste, o da contingéncia da
materia que tão manhosamente os phi-
losophos dualistas catholicos insinuam na
mocidade, das escolas deixando-a por isso
mesmo inhabil para libertar-se de toda a
teia d'aranha da Fé.

Luifer

IMPRESSÕES

Não podemos, nem queremos deixar
passar sem um reparo maior o que, so-
bretudo nos ultimos tempos, se está
dando n'uma aula universitaria.

Repugna-nos em extremo ter de tocar
em tal assumpto, mas elle é apezar de
tudo tão grave, de resultados tão recelo-
sos, que é urgente que para elle se olhe
com olhos de ver, e se pondere com de-
cisão acertada.

Rege a cadeira de Direito Commer-
cial, no 4.º anno juridico, o seu proprie-
tario, o decano da faculdade Dr. Fernan-
des Vaz.

E' um lente antiquissimo, rastejando
pelos oitenta, e que, segundo reza a lenda,
desde que os annos lhe começaram a
roubar a côr preta ás suas barbas, nunca
mais poudo merecer respeito e acolhi-
mento serio dos seus discipulos, adentro
da aula.

Falla baixo, tão baixo que ninguém
consegue auferir uma preleção sua.

Impossivel de todo.
Tambem, dizem, é surdo, ou quasi
surdo, muita difficuldade em ver razoa-
velmente.

Na aula não tem livro seu, nunca teve
mesmo, parece. Demais, conta-se que o
que ali se exige é pouco, é velho, é sa-
bido, e não se sabendo pôde-se aprender
em meio dia, se tanto. Comtudo esse
estudo tem o emplorado nome — de di-
reito commercial portuguez — e a cadeira
que se rege assim, já de ha muito, cha-
mam-lhe — de Direito Commercial, — e
existe, tambem já de ha muito, na Uni-
versidade de Coimbra!

Alguem se abalança até a affirmar
que não ha interesse, não ha amor, falta
o criterio da parte do lente n'este en-
sino.

Achamos tudo isto espantoso, mas,
e na verdade, o que presenciarmos dia a
dia, e cada vez mais accentuados, são es-
tes commentarios de todas as boccas.

Sem duvida devido a elles, e não ex-
tranhamos que a muitos outros, é que se
formou essa esphera de desrespeito á
volta do velho lente, que o impede por
completo de manter a disciplina na aula,
embora por vezes com incremento e so-
cando a cathedra prometta d'ella abaixo,
ás cegas, vingança da insoléncia.

Não nos custa muito, infelizmente,
acreditar na veracidade d'esses commen-
tarios, mas tambem por mais tempo não
podemos acreditar na continuacão d'este
espectaculo lastimavel, vergonhoso.

Pedimos remedio, aconselhamos re-
medio, sensato, e a horas.

Fazemol-o com sinceridade e na es-
perança tambem de não o voltarmos a
ver só n'um reitor, que de gatas, acoro-
rado, vigia os estudantes d'uma tribuna,

agora sem reposteiro, depois já com elle e espreitando por detraz d'elle.

E tudo isto se passa na Universidade de Coimbra!

Torna-se perfeitamente indispensavel que se dê uma satisfação immediata tanto ao lente Dr. Vaz, como aos discipulos de Direito Commercial, e mais ainda, ao paiz inteiro, uma garantia segura de maior cuidado pela educação dos seus bachareis.

Temos o direito de não continuar a olhar com indifferentismo a promptidão com que encham as secretarias fornadas de homens, que ninguem orienta para a serio encherem antes o thesouro publico.

Que confiança se pôde ter n'uma Escola, que a cada passo offerece ensino para transformação das suas aulas em verdadeiras touradas, onde predomina a cabulice, a chacota, a ignorancia, a desobediencia, e sempre um barulho ensurdecedor?

Que seriedade é esta?

E' realmente acertado que aqui—finge-se que se ensina, e finge-se que se aprende!

Triste situação!

O lente Dr. Vaz, diz-se que tem de seu quanto lhe possa dar uns dias ultimos despreocupados. E' rico proprietario. Mostra-o até certo ponto o facto de, n'uma altura devida do anno, pedir uma licença para — ir para a azilona.

Certamente o seu empenho em continuar no posto deve ser diminuto. Está velho, cansado, e pesam-lhe já os livros dentro do seu gorro...

E' tempo de voltar ao lar paterno. E' tempo, e é justo.

Choram-no já com saudade as herminhas dos seus campos, os matos bravos dos seus montes, os antigos pinheiros, o isolado casebre, os mochos, os passarinhos... que não mudaram tanto como a sciencia... e o Direito Commercial!

Voltará o amor, a gratidão, a adoração pelas suas barbas brancas... brancas, que lhe fizeram...

Bem vê, sr. Reitor, é tempo, e é justo.

Paz e descanso aos... velhos!

O Brazil moderno

IV

Instrução superior

Abrange esta, os seguintes cursos: medicina geral e alguns ramos especies, pharmacia, direito, engenharia civil, engenharia de minas, superior de commercio, bellas-artistas (pintura, architectura e escultura) aggregada a esta academia, o Conservatorio (declamação, canto e musica). Ha tambem as escolas superiores do exercito e naval.

Nenhuma Universidade existe, porque, da ultima vez, quando se tratou d'essa questão no Congresso Federal, isto ha já talvez uns seis annos, ficou demonstrado exuberantemente que a organisação universitaria não convinha por enquanto ao país.

Aquelles cursos porem, na sua quasi totalidade, existem representados n'um numero sufficiente de escolas, espalhadas pelo vasto territorio, de modo a poderem satisfazer e corresponder ás necessidades das diversas regiões.

Isso em parte, têm sido determinado pela fundação de diferentes Faculdades Livres, cuja organisação, em boa hora, o governo permittiu, mediante, é claro, certas condições que previamente têm de ser satisfeitos.

As Faculdades Livres differem das Federaes em que, as primeiras não são mantidas pelo governo, mas apenas reconhecidas como legais, havendo, para esse fim, um delegado do governo junto de cada uma d'ellas, com a missão de fiscalisar todos os actos praticados nos ditos estabelecimentos de ensino.

Que nos lembre existem já, em todo o paiz, as seguintes escolas superiores, incluindo livres e federaes, nas quaes a orientação dos respectivos cursos é a mesma: tres Faculdades de medicina, sendo uma no Rio de Janeiro (federal) uma na Bahia (federal) e outra em Porto-Alegre (livre); seis Faculdades de direito; a saber: duas no Rio de Janeiro (livres), uma em S. Paulo (federal), uma no Recife (federal) uma em Belo Horizonte (livre), uma em Goyaz (livre). Falla-se na proxima fundação de mais duas (livres) n'uns Estados do norte; duas Escolas polytechnicas, para o curso de engenharia civil, uma no Rio de Janeiro (federal) e outra em S. Paulo (estadaoal); uma Escola de engenharia de medidas (federal) em Ouro Preto, e todos os outros cursos em escolas federaes, na Capital da Republica.

A titulo de curiosidade e mesmo para que mais facilmente se possa fazer uma apreciação, embora não muito precisa, do criterio scientifico que presidiu á methodisação dos diversos cursos, faremos d'alguns, uma rapida analyse.

Damorar-nos-emos todavia um pouco, a proposito do curso geral de medicina por onde, no Rio de Janeiro, durante algum tempo, passou o auctor d'estas linhas, e de cuja epocha, que não vae distante, não pôde deixar de se recordar com a extraordinaria e viva saudade, que sempre nos desperta a lembrança dos dias alegres e felizes, passados no convívio de uma mocidade leal, sincera e honesta, adversa á calunnia, hostil á intriga e refractaria a todos os sentimentos mesquinhos, tão peculiares das creaturas cuja vileza de caracter, está na razão directa da estreiteza de intelligencia.

Faculdade de Medicina

Curso livre. Habilitações e documentos necessarios para a matricula no 1.º anno do curso geral: certidão de approvação no curso gymnasia de sciencias, attestado de vaccina, certidão de idade, requerimento e respectivo recibo do thesouro, mostrando haver pago ali, a importancia de 50:000 réis. Igual quantia deverá pagar no fim do anno lectivo, na occasião do encerramento da matricula, prefazendo assim ao todo, seja em que anno do curso for, a somma de 100:000 réis fracos, actualmente pouco mais de 30:000 réis da nossa moeda, isto é, quantia inferior á que aqui se dispense para o mesmo fim. Este curso é leito em seis annos e abrange as seguintes materias:

1.º anno — Historia natural medica (comprehendendo a zoologia e botanica); Chimica medica (abrangendo a chimica inorganica, organica e biologica), Phisica medica; e a Anatomia descriptiva, 1.ª parte (Osteologia, arthrologia e myologia).

2.º anno — Anatomia descriptiva 2.ª parte (Angeologia, nevrologia, esplanchnologia e orgãos dos sentidos); Histologia normal; e Physiologia 1.ª parte (até ao systema nervoso em geral, excludivê).

3.º anno — Physiologia 2.ª parte; Bacteriologia; materia medica, pharmacologia e arte de formular; Clinica dermatologica e syphiligraphica.

4.º anno — Anatomia e physiologia pathologicas; Pathologia medica; Pathologia cirurgica; Clinica cirurgica; Clinica ophthalmologica.

5.º anno — Operações e apparatus; Anatomia medico-cirurgica; Therapeutica; Clinica cirurgica; Clinica medica; Clinica pediatria.

6.º anno — Obstetricia; Hygiene; medicina legal e toxicologica; Clinica medica; Clinica obstetrica e gynecologica; Clinica psiquiatrica e molestias nervosas (esta cadeira é estudada no Hospicio Nacional de Alienados).

Feito o ultimo anno, todo o alumno tem que defender theses, e só depois de approvado n'esse acto, que é feito no mesmo anno em que termina o curso, é que recebe o seu diploma de — doutor em medicina — com o qual e só com esse, poderá exercer a sua profissão, em qualquer ponto do territorio nacional.

Como se vê por esta simples exposição, que demonstra a existencia d'um criterio verdadeiramente racional presidindo á orientação d'esse curso, o estudante que se dedica a tal carreira, terminando o seu curso no Gymnasio, não tem a inutil e dispendiosa máxada de grammar (como entre nós acontece) dois ou tres annos de preparatorios medicos na Escola ou Academia Polytechnica ou Faculdade de Philosophia, onde, entre outras cadeiras necessarias, mas em que não ha especialisação, estuda outras, cujo proveito é absolutamente nenhum.

Essas cadeiras essenciaes, como: chimica, phisica e historia natural, estuda-as elle lá, na propria Faculdade de Medicina, no primeiro anno, tendo como lentes — medicos — que, de taes materias, estudam sómente a parte aproveitavel e precisa á medicina.

Relativamente a installações, pelo menos na Escola do Rio de Janeiro, que muito bem conhecemos, escusado será dizer, que são muito boas. Todos os laboratorios estão escrupulosamente montados, mórtmente o de Histologia com o qual, muito poucos poderão rivalisar.

Anexo á Faculdade, está o Hospital da Santa Casa de Misericórdia onde ha um movimento diario de mais de mil doentes A proposito d'esse mesmo estabelecimento, ouvimos do medico da nossa armada, então a bordo da canhoneira «Patria», quando da sua viagem aos

portos brazileiros, a seguinte apreciação, laconica porem altamente significativa: «Este hospital, sob todos os pontos de vista, pôde-se comparar aos melhores que tenho visto na Europa» convem nolar que este illustre medico, já então havia visitado alguns dos principaes centros europeus.

Como pouco mais espaço nos reste, algumas palavras diremos apenas sobre o ensino na:

Faculdade de Direito

Curso de cinco annos, abrangendo as seguintes desenove cadeiras: — Historia do direito, especialmente do direito nacional — Direito romano — Direito publico e constitucional — Philosophia do direito — Direito civil (3 annos) — Direito internacional; Diplomacia — Direito commercial (2 annos) — Direito criminal (2 annos) — Sciencia da administração e Direito administrativo; Economia politica e Contabilidade do Estado (2 annos) — Medicina legal — Legislação comparada — Theoria do processo civil, criminal, commercial e pratica forense (2 annos).

E' esta a enumeração, segundo um dos ultimos programmas da Faculdade de Direito de S. Paulo.

Todos os outros cursos superiores, excepto os da Escola do Exercito e da Escola Naval, que são de tres, são feitos em cinco annos.

Muitissimo mais haveria a dizer sobre este importante assumpto, mas... o jornal, por emquanto, é de pequeno formato, e por isso pômos ponto. Fica apenas esboçada uma pallida idéa, mas já sufficiente para se fazer um regular juizo acerca do ensino n'aquelle paiz, que alguns supõem mais atrasado do que o nosso...

No proximo numero, faremos algumas considerações sobre os principaes vultos, (nossos contemporaneos), quer na politica e nas sciencias, quer nas letras e nas artes, e que, sobremaneiram, honram a patria brazileira.

A. S.

Movimento Republicano

Centro Mocidade republicana Dr. Malva do Valle

Realizou-se no ultimo domingo a inauguração deste centro republicano, composto de rapazes ainda bastante creanças. E' consolador ver que os novos não querem ser os continuadores da serie ininterrupta de crimes e de desmoralisação que tem sido o apanagio deste regimen, e que a mocidade não é toda monarchica e catholica como para ahi apregoam os reacionarios.

Escolheram os socios deste centro para seu patrono o Dr. Malva do Valle, e a escolha não podia ser mais acertada. Malva do Valle, alma ardente de revolucionario, coração aberto a todos os grandes ideaes de Amor e de Justiça, não podia ser esquecido pela mocidade republicana. Elle não é um homem vulgar; dotado de uma grande intelligencia, poderia ser dentro da monarchia o que quizesse; mas, não! elle é um modesto, um bom, a sua vida tem sido toda de abnegação e desinteresse e só á Republica é dado abrigar no seu seio, homens desta envergadura.

Por doença de pessoa de familia não pode Malva do Valle estar com os seus amigos no domingo ultimo. Embora, mas o seu espirito estava junto delles, compartilhava do seu entusiasmo, da sua ardente crença no proximo resurgimento do nosso paiz.

Foi uma festa brilhante, sympatica e commovente esta, a que tivemos o prazer de assistir.

O centro José Falcão, onde se realizou a sessão solemne, achava-se ornamentado com verdura e colgaduras. Depressa a vasta sala se encheu p.r completo.

A's 2 horas e meia da tarde o presidente do centro, Armando Fonseca sóbe ao estrado e propõe para presidir á sessão o sr. Floro Henriques, proposta que foi recebida com uma calorosa salva de palmas. O sr. Floro Henriques depois de agradecer a honra que lhe acabavam de conferir, escolheu para secretarios o nosso camarada de redacção Mario Malheiros e o sr. Francisco Fonseca.

Falaram em seguida os nossos correligionarios: Antonio de Souza, Pestana Junior, Carneiro Franco, Gonçalves Preto, Danton de Carvalho, Antonio Carneiro, Armando Castanheira, Isidro Moreira Pinto e por ultimo Ramada Curto. To-

dos se referiram a Malva do Valle com palavras de elogio ao seu talento e honestidade.

No fim de cada discurso ouviu-se a Marselhesa tocada por sexteto.

Centro Eleitoral republicano de Santa Cruz Dr. Fernandes Costa

A ideia republicana vae alastrando-se extraordinariamente em Coimbra. Hoje temos a registrar a fundação de mais outro centro republicano, cuja inauguração solemne se realizou na terça-feira ultima. E' elle composto na sua maior parte por operarios e, com enorme satisfação o diremos, não se calcula o ardor e o entusiasmo com que elles tem trabalhado, não se poupando a sacrificios de natureza alguma.

São dignos dos maiores elogios os fundadores deste centro pela sua louvavel iniciativa e pela escolha do homem a quem o dedicaram, porque Fernandes Costa é um dos republicanos mais illustres do nosso partido, um dos que mais tem contribuido para o seu desenvolvimento e progresso. Dotado de uma intelligencia e de uma tenacidade admiraveis, elle tem sido um trabalhador incansavel, procurando sempre occultar-se na sua excessiva modestia.

O povo republicano de Coimbra praticou, pois, um dever que, de ha muito já, se impunha pelos revelantes serviços que Fernandes Costa tem prestado a esta cidade e em especial ao partido que tão nobremente representa.

O vasto salão achava-se completamente ornado com palmeiras e escudos com os nomes de alguns dos nossos correligionarios mais em evidencia.

Dirigiu a confecção das decorações que apresentavam um bello aspecto pela sua simplicidade e elegancia o nosso illustre correligionario Sr. Dr. Teixeira de Carvalho que mais uma vez se mostrou um consumado artista, cheio de originalidade e bom gosto.

Muito antes da hora marcada para o começo da sessão já a sala se achava completamente cheia de povo que ansiosamente esperava a chegada dos oradores; nos corredores e numa sala proxima, apinhava-se grande quantidade de gente que não cabia no salão.

Não se podia respirar, suffocava-se, tal era a enorme multidão que alli se encontrava. A cada orador que chegava eram feitas carinhosas manifestações; quando pelas 9 horas e meia apparece á porta o Dr. Antonio José d'Almeida as palmas e os vivas esturgem a um tempo, e durante longo espaço estremece e palpita uma formidavel e febril saudade. O nome de Antonio José d'Almeida é gritado por centenas de pulmões num delirio louco, acompanhado pelas notas entusiastas da Marselhesa.

Serenadas que foram estas manifestações, deu-se começo á sessão solemne. E' proposto para presidente o Sr. Dr. Luiz Rosette que foi secretariado pelos srs. Madeira Junior e Mario Malheiros. Falaram em seguida os nossos correligionarios: Dr. Jullo Fonseca, Carneiro Franco, João Garraio, Alves Sequeira, Ramada Curto, Pestana Junior, Francisco Ramos, produzindo eloquentes discursos que foram freneticamente applaudidos pela multidão.

Por ultimo fallou Antonio José d'Almeida. Dizer o que foi a sua magistral oração é impossivel, como impossivel se torna o descrever a extraordinaria manifestação de que foi alvo.

Terminada a sessão solemne, a direcção deste centro offereceu aos oradores um delicado copo d'agua trocando-se affectuosos brindes.

COMMUNICADO

Chegando ao meu conhecimento que por ai foram affixados cartases annunciando uma publicação qualquer, de titulo No Circo, por O. M. e como estas iniciaes levaram muitas pessoas á conclusão de que poderia ser eu o seu autor, venho simplesmente declarar que jamais me encobri com a tibieza de duas letras que a maior parte das vezes só servem para enganar o espirito publico e que tudo o que me pertencer, bom ou mau, embora, sempre se apresentará subscrito com o meu nome, por extenso, assumindo por completo a responsabilidade.

Coimbra-vi-ii-909

Orlando Marçal

A REVOLTA

ASSIGNATURAS

Continente, ilhas e ultramar, trimestre... 300
Estrangeiro... 600

Pagamento adiantado

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS — cada linha... 30 réis
Repetições... 20

A REVOLTA

Encontra-se á venda em Lisboa na TABACARIA MONACO, Rocio.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

ANNUNCIOS

Consultorio Medico-Cirurgico

Doencas dos ovidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALIZES: succo gastrico, lézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitais de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

Consultorio Dentario

DE

MARIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Consulta... 500
Extracção de cada dente ou raiz... 500
Extracção com anesthesia... 15000
Obturação... 1500
Aurificação... 45000
Limpeza de dentes... 1500
Dentes artificiaes... 25500 e 45500
Dentes de pivôt... 85000
Corôas de ouro... 125000
Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão... 15000

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos orgãos genito urinaes do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^a



Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a idade de 1 até 3 mezes, esta excelente raça de cães de guarda.

Todas as encomendas ou informações devem ser feitas a

Joaquim de Vasconcellos



Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Liever e Foie.
Saneisses Pad ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
Pão de ló, pelo systema de Margaride.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Christostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria
Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.

Somos os unicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de vestido com 7 metros, de para lã e lã e seda, a 1510, 26320, 25800, 45100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para criança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 15200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a	15200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 15000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.

Brindes! — Todos os dias nas compras de 55000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157

COIMBRA

[Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 58

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sós e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleção de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e morés. Ha esptadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro. Conceriam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pelolaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornec impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114



**Pela Patria
e
pela Republica**

A REVOLTA

Director e proprietario
Ramada Curto
Redação e administração
PATEO DA INQUISIÇÃO 6
Officinas de composição e impressão
Largo da feira, 29, a 31.

Semanario Republicano Academico

N.º 11

COIMBRA — Sabbado, 13 de Fevereiro de 1909

ANNO 1.º

NEGOCIOS DE FAMILIA ? ...

O rei de Portugal vai em breve encontrar-se em Villa Viçosa com Afonso XIII. Como é, segundo cremos, da praxe protocolar, acompanham os dois monarchas, os respectivos ministros dos estrangeiros — e, em volta d'esta entrevista, diz-se muita coisa, fazem-se variados commentarios, alguns delles devéras inquietantes.

As condições em que essa entrevista se realisa são, de molde, a avolumar suspeitas. Esteve ha pouco em Portugal, encarregado duma missão secreta junto do rei, o conde de La Union. Que missão seria essa? Que assumptos *particulares* — como dizem as notas officiosas, — poderá haver a tratar entre dois reis que nem parentes são? Porque motivo é que o sr. D. Manuel se sujeita a voltar a Villa Viçosa, a esse palacio, d'onde ha um anno saíram o pae e o irmão, para á sua vista, cairem no Terreiro do Paço, varados pelas balas de Buiça e de Alfredo Costa? E porque razão, os dois reis, mantem desde tempo uma assidua correspondencia particular, a instancias da rainha Amelia — a Orleans, a inspiradora de todo o movimento de reacção clerical e politica que se tem accentuado no nosso paiz, desde que um mau vento a trouxe a Portugal?

Não seremos nós quem directamente responda ás perguntas que ahí ficam. Não é preciso. Basta notar que D. Manuel é um Bragança, um bisneto de D. Maria II — a que não duvidou chamar os soldados estrangeiros para esmagar o povo que o seu *valido* tyranisava e ella atraioçára...

D. Manuel, nos seus ascendentes, reis de Portugal só encontra um, — o lendario, nebuloso e fugaz D. Pedro V — que ficou como uma sombra incerta na historia, tendo a honra de ser na familia o *unico* que não trahiou ou não prejudicou por qualquer forma a sua patria.

D. Carlos, a quando do *ultimatum*, admitia a possibilidade — apenas? — de que uma esquadra ingleza lhe bombardeasse a sua capital... Mas adiante... Remetemos o leitor á historia, se ainda a não conhece. Mas dirão: o rei — coitadinho! — é uma creança!... Já sabemos e, por isso mesmo, peor, porque n'essa casa o rei é Amelia Orleans.

Uma Orleans, hein? Se o leitor precisar vá outra vez á historia fazer favor...

— Um parenthesis: — Ha aqui na Universidade, um professor muito pequeno e muito vivo que, quando um rapaz acaba de esgotar a sebenta e elle se dá por satisfeito diz invariavelmente lá de cima da cathedra, quer tenha ouvido um *estenderete*, quer uma lição d'urso, esta phrase sacramental, n'uma voz muito fraquinha.

— Está bem... — e fica-se. — Pois nós fazemos como elle. Avivadas ao de leve, as recorda-

ções e as possiveis induções historicas que dellas o leitor possa tirar, nos dizemos como o professor pequenino:

— Está bem... mas não nos ficamos.

E é apenas para acrescentar que a traição historica póde repetir-se, mas o que seria inédita na historia era a justa, a clamorosa, a formidavel punição dos traidores. Explosão tão tremenda de colera e de desforra seria essa que estamos convencidos que os estrangeiros, vendo o castigo infligido aos judas, não lhes aproveitariam a traição e deixar-nos-hiam em paz. Como no texto biblico: *não ficaria pedra sobre pedra* e os « trinta dinheiros » da nova veniaga não aproveitariam a quem, gananciosamente, infameamente, por elles tivesse trocado a sua patria.

Antes que um soldado estrangeiro pozesse um pé na fronteira, era o dever inadiavel de todo o portuguez, incarnar por um momento, um pouco da justiça immanente e fulminar sem dó todos os que tivessem uma pequenina parcella de responsabilidade no monstruoso crime, diante do qual a palavra *crudeldade* perderia o sentido e a dureza das pedras se deveria envergonhar ante a dureza dos corações.

Não se apaga uma nação como Portugal do mappa com a facilidade que alguns parecem suppôr, mas, mesmo que contra tudo que é licito suppôr, a traição fosse a bom termo, — a agonia do velho Portugal dar-se-hia no meio das labaredas dum tão colossal incendio, que eternamente o seu clarão sangrento, illuminasse as paginas da Historia a ensinar ás gerações futuras que os povos como este não se deixam assassinar sem protesto.

COISAS & COISOS

Justiça!

Appareceu á venda, n'uma edição de luto, um livro palaciano, com *arminhos de paz* e cingido por uma corda de Conde a respirar ostentação e luxo.

Transcrevem-se n'elle os appellos oratorios, gastos a clamar justiça para as victimas de 1 de Fevereiro.

E' uma especie do grande e horrivel crime, que os vendedores de jornaes apregoam a dez reis, sempre que corre sangue n'algum ponto do paiz. Para ser rigorosamente identico, falta-lhe apenas ser escripto em verso e trazer o retrato das victimas na morgue.

No fundo, é mais uma tentativa litteraria de quem morreu enforcado nos bastidores d'um *Suave Milagre* e pretende agora resuscitar em tres discursos.

Mas o auctor que sempre recorreu á *parceria* nas suas obras, apparece d'esta feita, só e isolado na factura d'um livro.

Fez mal. A *Justiça*, com versos de Alberto d'Oliveira era toleravel — sequinha e exclusiva, é uma massada que ninguém compra. E depois, justiça para quem? As victimas são cinco e o auctor apenas falla em duas!

Podia salvar-se ao menos pela idéa, por um grande sentimento de justiça bem equilibrado e normal. Mas não.

O auctor não quer justiça. Quer apenas descarregar a *bilis* que o incommoda, desengordar o figado, vingar a sua politica franquista. Mas para isso tinha feito melhor, se tomasse o caminho do Gerez e lhe bebesse as aguas. Em quinze dias de tratamento, gastava talvez menos do que o preço da edição do livro e ficava bastante melhorado. O livro não o cura, póde ter a certeza d'isso. E que desastre para a litteratura nacional, se as suas colicas hepaticas se materialisarem sempre n'uma nova edição da *Justiça* revista e augmentada!

Nessa altura o paiz terá de responder ao appello do seu livro, com um *oh da guarda* colossal, d'estes que immortalisam uma creatura.

Há duas passagens na *Justiça* que compromettem o *espírito artistico* do auctor, e nos dão bem a medida da sua arte. Refere-se á *Palavra* e chama-lhe o *considerado* jornal do Porto.

Falla da peregrinação que o povo de Lisboa fez piedosamente a um cemiterio — a vontade d'um povo que é sempre alguma coisa simples e sincera — e chama-lhe *vergonhosa*!! Valha-o Deus.

Pois não vê que é precisamente o contrario?! Um artista não pode ter a consideração por um jornal, que representa apenas o espirito retrogrado d'um homem embacido pela Inquisição. Nesse jornal há apenas *insultos*, desbragados e vivos, como os d'um cocheiro.

Podia ao menos ser intelligente, mas nem isso. Será o *folhetim* que o impressiona?

Gosta d'aquellas *aventuras de Telemaco*?

Mas sendo assim, faça como o regedor da minha terra que adquiriu esse livrinho há vinte annos e ainda hoje o lê com enternecimento. Não. Há simplesmente n'isto tudo, uma grande *coherencia de espirito* e nada mais.

O *Suave Milagre*, a *Justiça*, e a *consideração pela Palavra* são tres qualidades distinctas n'uma só verdadeira.

A verdadeira é o *franquismo*.

E a proposito — porque não edita a sua *consideração pelo Portugal*? E' o que lhe falta, para completar a sua obra.

Ponha a em verso, em alexandrinos altos, e a immortalidade virá a cobril-o com um manto opaco e fechado *com'a burro*.

Força. Atire-se!

MIUDEZAS...

Tinha uma educação esmerada — dizia-se. E era verdade. Alem d'isso formosa, — rosto toado d'uma graça de Virgem, carnção eburnea e as linhas fortes do busto, tão harmonicas e perfeitas, pareciam vir directamente da Hellade clara e luminosa onde os marmores brancos entre os bosques de myrtos e loureiros, dizem, sob o ceu eternamente azul e sereno, a serenidade eterna da belleza immortal.

E a educação austera, antiga, claustral, posera dentro d'aquelle involucre de peccado, divinamente pagão, a alma translucida, etherea e ingenua d'uma Thezeza de Jesus, na meninice.

Nunca diante d'ella, já mulher, se dissera uma palavra que, de leve, podesse taldar a limpidez d'aquelle crystal que era a sua alma e, aos dezoito annos ella ignorava as coisas profundas da vida... — As estrellas, accendia-as Deus, todas as noites, no vasto azul do firmamento, vinham da França, os «bambinos» loiros em condeças forradas de setim, e o mel — obra das abethas e das flores — era feito nas fabricas. Jornaes?! — nem conhecia, que

CELEBRES... DE BORLA



MADRIGAL

Se falla, a sua voz é uma harmonia,
E' murmurio que nasce e logo morre,
E' agua, é fino mel, que leve escorre
N'um languido estertor, n'uma agonia.

Cada palavra simples que desfia
O seu labio subtil, que amor implora,
E' como a vaga que nas praias chora,
Ou como a aragem branda que cicia.

E até se falla em guerras e em potencias,
Na maldade dos homens e do mundo,
Mostra o ar das augustas complacencias!

E a sua voz dilue-se n'um sorriso,
Fulgura e brilha o seu olhar profundo,
E a guerra é paz — e a terra um paraíso!

Dr. Loria

a familia cuidadosamente, reservava o purissimo azul dos seus olhos de posar n'essas folhas impressas que traziam, em cada um d'esses pequenos diabinhos que são as retras, toda a ancia e todo o peccado do mundo...

E fôra assim, n'esta doce ignorancia, que ella vivera d'esde pequenita.

Ora um dia, — o demonio tec-as! — soára-lhe aos ouvidos uma palavra extranha, inédita, mysteriosa: — «hermaphrodita». «Hermaphrodita»? — que queria aquillo dizer? E vae, coitadinha, perguntou ao pae.

O pobre gaguejou, a principio, varado, mas por fim, lá a contentou:

Olhe menina... «Hermaphrodita» quer dizer... quer dizer... «nem uma coisa nem outra» «assim, assim»... um «meio termo», percebe?

— Sim, papá... Obrigada... Passaram tempos — e um dia arranjaram-lhe um noivo, um bello rapaz, tenente de cavallaria, garboso e apaixonado por aquelles encantos que Deus tão prodigamente dispensára á linda creatura.

Estava proxima a «boda», era coisa de dias e, n'um baile, o noivo,

O circulo veloso

«In principio creavit Deus Caelum et terram» (Biblia)

A Igreja Catholica na esterilizante immutabilidade dos seus conceitos não poderia firmar-se na consciencia das multidões ignaras, se não buscasse um ponto de apoio bem longe, e bem confuso, onde fosse consolidar toda a intrincada medida de suas cavilosas mentiras.

Para primeiro ponto d'apoio e fundamental alicerce apoderou-se da bizarra tradição biblica, corroborando a propria doutrina na afirmação improba e arrojada da criação do mundo por um agente extranho. Difficil não é compenetrarmos de quanto interesse ella tem ligado a este dogma, observando a paixão que a impelle a fazer tressuar os seus philosophos e hermeneutas na ingrata tarefa de torcer a razão humana e adulterar o sentido e valor de documentos antigos. E' que a criação do mundo pelo tal Deus foi na verdade um consumado extratagem em cuja defesa ella esgota toda a propria argucia, que é muita, rebuscando os mais ineditos disparates para não deixar ir agua abaixo essa gazua com que força as intelligencias desprevenidas e candidas a acceptarem-lhe os mais abusivos conceitos.

Vejamõs como a igreja se comporta para firmar a sua auctoridade.

Já nesta tribuna eu affirmei que a Igreja se encostava a duas muletas para se conduzir até ás mais arrojadadas conclusões, queas são: a sua catholicidade, divindade e, portanto, infalibilidade.

Aqueilas muletas são a tradição, especialmente a biblica, e a philosophia dualista.

Não falarei por hoje na philosophica e só revelarei a sua conducta no modo de concluir pela biblia.

A Igreja não aceita tudo o que está escripto na Biblia, ou conjunto de livros religiosos didacticos, politicos e historicos dos Hebreus. Fez uma escolha daquillo que lhe pareceu mais conducente ao seu fim. Estou bem certo que se o não tivesse feito, hoje escolheria muitos menos livros, isto é, mutilaria muito mais, porque na biblia canonica ha ainda muito com que ella se vê já hoje seriamente embaraçada. Escolheu, disse eu, e decretou immediatamente aos livros, que catalogou no seu canon, uma auctoridade divina! Segundo ella pretende, esses livros foram escriptos sob a inspiração do Espirito Santo.

Não sei se sabem o que elle quer dizer, quando afirma que os livros são divinamente inspirados.

Para o leitor menos versado nestes assuntos é urgente conhecer a propriedade dos termos empregados para não cair nos alcapões que os farçantes abrem a cada passo sob nossos pés.

Marchini, um dos mais conceituados e tambem dos mais seguidos hermeneutas catholicos, define — *Inspiração* do seguinte modo: — «o singular impulso, direcção e presença do Espirito Santo que move o hagiographo a escrever, dirigindo-lhe a intelligencia e a vontade, não o deixando errar e fazendo com que elle escreva somente o que Deus quer» (!)

Portanto quando a Igreja diz que os seus livros são divinamente inspirados, significa com isso que elles foram escriptos nas condições indicadas na definição acima.

Mas quem é que nos diz que esses livros estão em taes casos? Perguntará o primeiro que ouvir tal proposição. Responder-nos-ha a Igreja: que ella.

Com que auctoridade? — Com a auctoridade da propria infalibilidade.

E como é que ella nos demonstra a propria infalibilidade? — Por passagens de aquelles mesmos livros cuja divindade ella propria decreta !!...

O circulo vicioso é manifesto. Mas ha mais. A Igreja antes de proclamar a inspiração dos seus livros começa por pretender demonstrar a sua auctoridade historica. Mas para que um testemunho historico tenha auctoridade, uma das condições é a probidade do historiador. Os escriptores porém d'aquelles livros não foram probos porque entreterceram as suas narrações com factos estupendos, contrarios a toda experiencia, a toda a razão, contradictorios em absoluto com as leis da Natureza: encham os seus relatos de milagres.

Ah! não importa. Esses milagres não são contrarios á Natureza, — são simplesmente feitos fora das suas leis!... dizem as sanctas creaturas. Como?

«São praticados por quem é senhôr

aproveitava o pretexto d'uma «walsa», para lhe dizer as coisas delirantes, vulcanicas que lhe subiam do fundo d'alma, á flor da bocca sequiosa.

— O meu amor — como hoje estás linda... dizia-lhe elle.

E ella, modesta: — Não digas isso...

— Mas tu nunca te viste ao espelho, nunca viste que não ha santa mais linda do que tu?...

— Ah! que peccado... reprehendia ella.

— Peccado, meu amor, é não dizer a verdade... Tu sabes que és bonita, que és adoravel... insistia elle.

Peccado era não dizer a verdade? Ah! lá isso não! Ella tinha, ás vezes, sem vaidade, e certo, — visto a sua imagem n'um espelho e, francamente, achava que Deus misericordioso não a fizera muito feia... Mas tambem, não tinha a vaidade de se julgar formosa...

Nunca pensara em tal... Não era feia nem bonita — «nem uma coisa nem outra», «um meio termo»...

E como elle insistia: — Mas disse, disse... Tu sabes que és linda, sabes...

... ella então respondeu, muito sincera, com um ar d'uma profunda convicção, as divinas pupillas azues cheias de luz d'uma franqueza ingenua!...

— Não filho... Eu o que sou é «hermaphrodita» sabes?

— Hein?! — berrou elle, livido.

— Hermaphrodita...

O tenente fugiu e — coitadinha d'ella — que ainda hoje não sabe porque ficou sem noivo!...

D. Fuas.

Centro Democratico Academico de Lisboa

Conferencia Inaugural

Realizou-se no domingo ultimo em Lisboa, com uma conferencia do estudante do Curso Superior de Lettras, sr. Fidelino de Figueiredo subordinada ao thema *Considerações sobre Portugal*, a inauguração de Centro Democratico Academico.

Em nome da commissão executiva expoz á assistencia o programma e fins do Centro o sr. Lucio dos Santos, alumno da Escola Polytechnica, que explicou as razões da não filiação da nova agremiação no partido republicano, attento o criterio de honestidade politica que se propõe defender e que a coloca acima das luctas e, sobre tudo, das conveniencias partidarias, não podendo aceitar como dogma o programa de qualquer partido, pois o novo centro entende reservar-se o direito de livre apreciação e critica, ainda que imperiosas necessidades venham um dia a collocar contra todos os partidos, a favor da patria portugueza.

Assim, o centro, entregando a acção politica ao partido republicano julga entregar-lo em boas mãos, visto como elle é, hoje, em seu entender, o representante legitimo das necessidades da patria, e reservou o seu esforço para um trabalho de educação indispensavel á sociedade portugueza e que garanta a viabilidade do novo regimen.

Assim contribuirá directa e immediatamente para a obra republicana, e na questão politica acompanhará a acção do partido emquanto com ella concordar.

Conhecendo o estado de atraso do ensino portuguez e comprehendendo a necessidade inadiavel da sua remodelação, o centro interessar-se-ha e procurará interessar a sociedade portugueza, especialmente a sua elite intellectual, por todos os problemas pedagogicos de indispensavel solução entre nós, como sejam a refundição do ensino polytechnico e medico, a criação duma faculdade de lettras e de uma escola normal de ensino superior, a instituição em Lisboa de uma escola de Direito, baseada na orientação moderna dos estudos sociaes e juridicos e absolutamente independente da escola de Coimbra, etc...

A proposito da nova escola de direito que se pretende seja criada em Lisboa, entende o centro que a sua organização deve ser diversa da de Coimbra, da

qual ella não pode nem deve vir a ser uma succursal, dando assim occasião a que os governos, ao sabor das suas conveniencias partidarias ou das suas preferencias pessoais, da universidade destaquem para a nova escola os lentes que em Coimbra sintam a nostalgia da R. do Ouro ou os que em S. Bento possam ajudar a votar os orçamentos...

Que o recrutamento dos professores deve ser por concursos absolutamente livres, para todos os diplomados independentemente do seu grau, pondo de parte a ridicula e quasi sempre inutil cerimonia do capêlo, pretexto mais para a exhibição das insignias doutoraes do que para demonstração de cultura mental ou da competencia pedagogica do doutorando.

Assim, os concursos devem ser por cadeiras ou grupos de cadeiras que entre si mantenham uma maior afinidade acabando com essa demonstração exhibicionista e pedante de um ridiculo saber quasi enciclopedico que habilita um lente a reger indistinctamente uma de dezoito cadeiras.

Indicado o programma do centro, que se propõe fazer conferencias semanaes, o sr. Lucio dos Santos falando sempre com apreciavel clareza, apresentou o conferente sr. Fidelino de Figueiredo, com palavras elogiosas para as suas qualidades de intelligencia e de trabalho, que disse serem tão somente palavras de justiça.

Segue-se depois no uso da palavra o sr. Fidelino de Figueiredo:

Considerações sobre Portugal

EXTRATO

Minhas senhoras e meus senhores

E' uma verdade definitivamente estabelecida e geralmente aceite, que nenhuma questão, seja no campo experimental, seja no campo formal, pôde ser comprehendida, se não abstrairmos do empirismo plastico das apparencias moventes para remontarmos ao critério historico ou dinamico, considerando-a em toda a sua complexidade, no seu determinismo e no seu condicionamento.

Urge portanto localizar o problema da vida portugueza no quadro da civilização occidental ou europeia e deste traçar esboçadamente o actual momento.

Que é propria e necessaria a designação de civilização occidente todos reconhecem, visto como é para reconhecer a diversificação do espirito humano nestes dois principaes aspectos: occidental e oriental, abstractando das civilizações rudimentares que são só culturas incipientes. O antagonismo entre os dois aspectos manteve-se através da historia, tendo-se encontrado sómente na genese do cristianismo, que foi um sincretismo ecletico da filosofia grega, tornada pelas circumstancias sociaes predominantemente moral, com a influencia teurgica do oriente. Mais tarde nos seculos XI, XII e XIII novamente se defrontaram para se degladnar, no grande movimento religioso das cruzadas. Embora indirecto, a influencia oriental foi grande porque a orgia bellica deu rasão ao banditismo cavalheiresco e favoreceu a emancipação comunal.

Presentemente a civilização europeia caracteriza-se pelo humanismo, mas numa significação vária da quinhentista. Então descobriu-se a continuidade historica para além da Biblia, numa titilante cultura livre e ao sol, o que deslumbrou os ascetos medievos que intescetavam a luz pelos vitraes dos templos penumbrosos. Descobriu-se então uma humanidade fóra do cristianismo, que sacrificava ao ar livre, no templo da natureza. Mas no seculo 19.^o descobriu-se o homem livre de todos os liames teologicos, o homem individual, cuja historia morfologica se reconstituiu. E todas as sciencias se agruparam em torno d'elle, estudando oem todos os aspectos, como para o compensar da perda do seu pedestal de rei da criação. As sciencias da natureza e do espirito entreteceram-se, chegando esse embrechado á propria tecnologia como no termo, Fisiopsicologia. Estudaram-se todos os productos humanos, as religiões, o folklore, trabalho coletivo das multidões anõnimas, estudaram-se as suas anomalias, como na Teratologia e na Criminologia, estudaram-se as suas linguas, como na filologia.

Em Arte tambem o momento actual é profundamente caracteristico, porque apresenta a fase decisiva o mais encarnicada da luta do sentimento e do pensamento, semelhante ao ultimo ataque de dois adversarios que presentem que um ficará no campo. Meus senhores, a luta é velha, tem tido recorrenças e revivencias. Nas velhas idades caminharam a par, concliamante, e assim na sciencia antiga ha Civismo emocional, como na arte ha verdade objetiva depois compro-

vada. Na antiguidade não se conheceram os trios compendios doutrinaros, como os nossos. Os primeiros philosophos escreveram em verso, adequando a lingua com o seu ritmo ao culto da Verdade e depois, quando profloraram, conservaram o mesmo Civismo sob a forma dialogal, como em Platão, sob a forma de imperativos em outros. Em este ha o reflexo constante da natureza, com o seu mundo de interrogações e de duvidas na mente do poeta. O cristianismo sufocou o pensamento e hipertrofiou, sob a forma de crença, o sentimento que reinou até ao renascimento, quando indirectamente se conheceu a cultura helenica, que conseguia uma conciliação. Mas a Sciencia consolidou-se e deu-nos a fria Arte do seculo 15.^o em que um só homem saiu á liça pelo sentimento: Rousseau. Porém no seculo 19.^o desfez-se a illusão de que a sciencia promettera a felicidade e reconheceu-se que só daria a verdade, sem a preocupação de ser moral ou amoral. Foi a bancarrota do pensamento, e os espiritos lançaram-se voluptuosamente na vida do sentimento, produzindo-se essa psicose europeia, que foi o Romantismo. De então para cá a Arte condesceu, intelectualizou-se, o que é já uma fraqueza e deunos o realismo.

Eu creio que o sofrer é a condição da gestação artistica e quanto mais caminhamos para um relativo bem-estar, mais difficil a idealização será. Nós separamos da Natureza e querendo uma arte moderna é necessario fundar uma nova estetica sobre bases psicologicas, que já não são as de ha 2000 anos. Uma estatua grega representaria o Homem belo e forte, com a tranquillidade feliz do não pensar e não sentir nos olhos apagados; hoje a estatua representaria o Homem alquebrado ás lutas do pensamento ou á labuta do pão, o peito curvar-se-á, os olhos miopes pestanjarão por detrás desses oculos inesteticos.

As religiões morreram e o problema de Deus abandonou-se á fé. Discuti-lo é não o sentir, senti-lo é não admitir a discussão.

Philosophicamente reconheceu-se a impossibilidade duma síntese, quando as analyses fundamentaes ainda estão por fazer

Socialmente, a estrutura da vida coletiva permanece imutavel, como se o nosso pensar se não alargasse consideravelmente. Dahi a imperiosidade das reivindicações sociaes, que falsas antropologias pretendem destruir e que sistemas como o socialismo, com suas multiplicas variantes, e o anarquismo pretendem resolver. Tão complexo problema não rotará do genio dum homem, nem da consciencia coletiva dum seita; só o resolverá um sincretismo ecletico que ninguém sabe provar. Tão complexo problema não o resolve, negativamente, as falsas antropologias porque ellas esbarram contra uma Verdade Eterna, iniludivel, que assume as proporções dum dogma infalivel: todos que existem têm direito a comer.

Daqui um scepticismo em moral e em negativismo radical sobre a noção de progresso. Ora querendo nós estabelecer valores, temos naturalmente de tornarmos taboa de aferição, porque a idéa de bom ou de mau implica sempre uma comparação com um modelo ideal, e essa taboa será o critério egoistico da felicidade humana, uma vez que o Homem só deve pensar em encher a vida, esse claro intermitente de consciencia que vai do nascimento á morte. Não tem origens que o obriguem á gratidão, nem destinos que devam dominar-lhe a intelligencia.

Rapidamente e seguindo o principio previamente estabelecido, vejamos a evolução historica de alguns sentimentos, os mais dominantes na natureza humana: o Amor, o culto da natureza e a moral social.

Socrates dizia que o Amor é um meio de dar filhos ao estado, definição brutal que se não afasta muito da animalidade, e nas sociedades gregas a mulher encerrada no gineceo, permanecia numa ignorancia obstinada e sob a tutela despõica do marido. A sua comunhão no trato social era uma prostituição.

Na idade media, foi divinizada, mórmente a virgem, ao que por certo não foi estranha a dignificação da mãe de Cristo. Os cavaleiros romanescoamente porfiavam no *benquerer*, porfia que tomou as formas mais pueris no galanteio e na idealização poetica, e as formas mais desvairadas nas corridas aventuras mundo fóra. Quanto mais debil, mais tímida, mais branca, mais desconhecedora da vida e do mundo, mais bêta.

No Renascimento éla tomou parte na cultura e esse interesse animou as novelas cavalleirescas e pastorales, em que eram culturalmente adoradas.

No Romantismo foi significada como a forma suprema do sentimento, em tudo que se pôde atribuir de mais subtil e transcendente. Poetas, como Meusset, choravam por o amor ter como condição a sexualidade.

Mas agora, sem transcendencias, acima da brutalidade primitiva e abaixo da glorificação medieva e romantica, éla é mil vezes mais amada, porque está numa situação que é a Verdade, é companheira do Homem, mãe, esposa e irmã, pensando, lutando, sofrendo e amando igualmente.

Para os antigos a natureza era só plasticamente vista, sem a interpretar e quando a misturavam á sua Arte, consideravam n'ela só a sua feição utilitaria: que era fertil, que era rica de oliveiras, propicia para alojar o pão ou fazer luzir ao sol os cachos, eram os atributos unicos que lhe concediam.

O ascetismo catholico fez abandoná-la, mas no seculo 19.^o foi rehabilitada por um sentimento intellectual que faz considerar em qualquer paisagem a epopeia da vida Universal. O homem moderno ranche as suas relações de dependencia da terra e até aonde é licito reagir-lhe.

A moral social que hoje exproba e nos faz chorar de dôr perante uma grêve, em que a fome dizima familias, era naquella tempo um convencionalismo egoistico de um pequeno escol preponderante. A escravidão e a servidão foram formas atenuadas do desdem pelos vencidos, a principio mortos, como bócas inúteis. Hoje o Cooperativismo é uma lei geral, até no sentimento. As cartas e as corporações sociaes apagaram-se, e os vestigios são só revivencias, fatalismos da continuidade historica.

Houve pois progresso. Daqui uma noção da moral atividade, porque trabalho é progredir e não trabalhar seria uma imoralidade. Desgraçadamente, como disse Goethe, o equilibrio da natureza está feito, e a este progresso, corresponde lentamente um regresso. Mas isso é a inexorabilidade do soffrer humano, eterno, fatal.

Continua

Factos e Commentarios

Centro Democratico Academico de Lisboa

No dia 7 do corrente, iniciaram os seus trabalhos, os nossos presados collegas de Lisboa, com uma conferencia do sr. Fidelino de Figueiredo de que hoje publicamos, uma parte e de que daremos o que falta no proximo numero.

Ao Centro Academico de Lisboa, agremiação de todos aquellos rapazes que na academia da capital valem pelo talento e pelo character envia *A Revolta* os seus calorosos parabens.

Brrr...

Consta que, por um tratado secreto, o nosso paiz se obriga a auxiliar com cem mil homens a Inglaterra no caso de guerra com a Alemanha. Deve ser verdade.

E o commandante da legião deve ser o nosso Bombarden que anda mortinho por dar que fazer á durindana.

Brrr...

Cognac no cantil e vá de engulir allemães, que isto por cá não dá nada.

Contas

J. Pires, de Portalegre, diz nos seus *Aguilhões* que a monarchia conta com os moços que acclamaram o rei na Sala dos Capellos, como elles contam com ella.

Não ha duvidas, pelo menos na segunda parte.

O peor é que as contas ás vezes sabem furadas.

As contas e as greves...

O regicida

Campos Lima que ha pouco tempo ainda, nos deliciou com as finas paginas do seu pamphlet em verso — O Rei — acaba de fazer sair — O Regicida — que em nada desmerece o conceito em que temos as suas qualidades de poeta e de revolcionista.

Apareceu no dia 1.^o de fevereiro, o anniversario da morte do Rei Carlos e dos seus executores.

Vende-se nas livrarias ao modico preço dum tostão.

Ao seu auctor os nossos agradecimentos pelo numero enviado e um grande abraço.

Ridendo...

— Dizem que ha no gremio um *bal de têtes*. O sr. conde sabe o que é isso?

— Eu lhe digo... é... isto é... deve ser um baile de cabeças...

— E o sr. conde vai lá?

— Não, minha senhora. Não tenho a dita...

absoluto do mundo e seu absoluto legislador que, assim como fez o mesmo mundo porle tambem destruido e derrogar ou suspender as suas leis...

Outro circulo vicioso. Em resumo: a Igreja firma a sua auctoridade na Biblia e reconhece a auctoridade da Biblia pela sua infalibilidade.

Sustenta a possibilidade dos milagres pela admissao dum Deus creador e absolutamente onnipotente; e prova a existencia do mesmo Deus pelos documentos que deixaram aquelles mesmos que praticaram ou narraram fapanhas milagrosas.

Apenas, porem, estas contradicoes se tornaram evidentes a Igreja poz em campo a sua milicia de rapozas e ei-los a farejar por toda a parte argumentos em que demonstrem a existencia do seu Deus e o acto da creacao do Mundo pelo mesmo num momento antes do qual cousa alguma existia, senao o proprio Deus.

Em os numeros seguintes escarpelizarei os processos de que se valem para o seu intento.

Lucifer

CARTEIRA D'UM REBELDE

Quem encarar friamente o estado actual da politica portuguesa, nao precisara certamente d'um grande esforco mental para chegar a iniludivel conclusao de que em Portugal ja nao existe uma consciencia monarchica que se imponha pela forza, indestructivel das convicoes arreigadas.

Batido successivamente o principio monarchico no parlamento, nos comicios, nas conferencias e ate nas simples palestras individuais, a monarchia, sentindo se divorciada do sentir e da consciencia nacional, procurou, para nao morrer, o ultimo dos meios de que se costumam valer os principios condemnados: — a monarchia portuguesa sur ve se da violencia.

Sem forza propria que a mantenha, ella cerca-se dos sabres da municipal, augmenta e arma de carabinas a policia, e foge espavorida a acocitar-se nas dobras da batina do Padre Mattos.

Por isso a existencia ainda da monarchia em Portugal e um paradoxo, facilmente destructivel como sao todos os paradoxos. Vive ainda, mas a sua vida e artificial: vive como vivem moribundos a custa de baloes de oxygenio.

Pode hoje afirmar se, sem receio de errar, que em dois campos apenas se divide a actual sociedade portuguesa: E' dum lado uma nação inteira que acorda para a vida a que as suas inexgotaveis qualidades e tradições gloriosas lhe dão direito; e a infundavel cohorte dos oprimidos e dos vexados que se lança impertubal pela entrada luminosa do Futuro á conquista audaciosa do Ideal.

E do outro uma pequena minoria, que, em nome de mesquinhos interesses pessoases, e pela voz das espingardas brada — «cala-te» — a quem pede pão, e «sofre!» — a quem pede justiça.

E' d'um lado a luz, o progresso, a civilização, o futuro — e chama-se Republica.

E' do outro a treva, o marasmo, a barbaria, o passado com revivencias de forcas, de fogueiras, de iniquidades — e chama-se reacção, quer ella vista batina e sobrepelez e encarne no padre Mattos, quer vista sobrecaçaca e ponha flor ao peito e se chame José Luciano ou Julio de Vilhena.

Mas a existencia d'esta reacção odienta que esvurma odios dos seus processos e calumnias das suas palavras, só vem provar quanto a monarchia está periclitante.

Uma reacção só é grande, quando grande é tambem a acção contraria que a impulciona. Incapaz de transigrir com as exigencias do espirito moderno, porque as não comprehende, ella, que é o passado e a estagnação, defende-se ainda. Mas a sua defeza não é já a consagração d'um principio que encontre forte apoio em espiritos robustos e illibados caracteres. E' um arranco, uma contração de estomagos insatisfeitos.

Experimente algum tirar da frente de meia duzia de cães de guarda a garmella em que elles roam, descuidados, algum osso e elles offerterão o mesmo aspecto, que hoje offerce a monarchia portuguesa.

Por isso se pode dizer que já hoje não existe em Portugal uma consciencia monarchica. A monarchia portuguesa vive ainda, mas a sua vida é artificial: vive como vivem moribundos, á custa de baloes de oxygenio.

Sherlock-Holmes

O Brazil moderno

V

Fallando dos vultos, nossos contemporaneos, que mais se têm notabilizado nas diversas manifestações de actividade intellectual, era no começo, nosso intuito fazer uma pequena monographia acerca de cada uma d'essas individualidades salientando o seu justo valor e prestando assim uma homenagem merecida.

Isso porem, embora fosse bastante elucidativo e de alguma sorte um tanto curioso para quem, olhando com bons olhos o paiz amigo, acompanhe com algum interesse os nossos despretenciosos bosquejos, constituiria um trabalho bastante longo, mesmo que nos propuzesemos a dizer poucas palavras sobre todos os que merecem tal attenção. Basta apontar nomes bem conhecidos, como os do dr. Ruy Barbosa, Barão do Rio Branco, Coelho Netto, Olavo Bilac, doutor Sylvio Romero, Machado de Assis, dr. Eduardo Chapot Prévost, Arthur de Azevedo, dr. Osvaldo Cruz, Osvaldo de Faria, Santos Dumont, dr. Lauro Müller, dr. Francisco Pereira Passos, Carlos Gomes, dr. Joaquim Nabuco, dr. Viveiros de Castro, dr. Joaquim Murinho, e tantos outros, cujos nomes neste momento não nos recorda, para se poder momentaneamente avaliar quanto a tarefa seria espinhosa.

Para resumir por consequencia, tanto quanto possível o nosso trabalho, tomaremos apenas como assumpto ou thema da nossa exposição, cinco individualidades respectivamente notaveis em: medicina, direito, letras, artes e politica, a saber: Eduardo Chapot Prévost, Clovis Bevilacqua, Olavo Bilac, Carlos Gomes e Ruy Barbosa.

Occupar-nos-emos hoje do

Dr. Eduardo Chapot Prévost

Este illustre brasileiro, (fallecido ha pouco), descendente de familia franceza, foi incontestavelmente uma das maiores glorias da classe medica. Lente cathedraico da cadeira de — Histologia normal — da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, honrou, como poucos, o lugar que, durante não poucos annos, desempenhou.

Amigo dedicado de todos os seus discipulos, entre os quaes figurámos, encontrava tambem, por sua vez, em cada um d'elles, não só um amigo affectuoso, mas um admirador sincero do seu caracter justiceiro e recto, e bem assim dos seus raros dotes de máscula intelligencia. Trabalhador incansavel, pesquisador devotado de todos os segredos da sciencia em que se especialisára e cujo progresso diario não deixava de acompanhar, procurava sempre, com o maximo interesse, despertar o incentivo e o estimulo dos seus alumnos, animando-os com o calor da sua palavra fluente e affectiva, dando-lhes o exemplo de uma abnegada applicação, e proporcionando-lhes no laboratorio, montado sob a sua sábia direcção, preciosos conhecimentos practicos, verdadeiramente uteis e attractivos.

Mas o campo scientifico da escola, se bem que muito vasto, era ainda assim demasiado pequeno para desenvolver toda a sua maravilhosa actividade.

Operador proficientissimo e inextinguivel, era na clinica hospitalar e particular que a sua acção se deveria accentuar, porque em nenhum lugar, melhor do que ali, poderia revelar a sua extraordinaria e incontestavel competencia.

E foi isso precisamente o que aconteceu.

Depois de uma longa série de trabalhos profissionaes, coroados quasi sempre de um optimo exito, o seu nome, na grande cidade fluminense, ganhou uma gloriosa e justa fama. Foi n'essa epoca que, na mesma cidade do Rio de Janeiro, appareceu o pouco vulgar caso teratologico das duas meninas xiphopagas, para o qual convergiu a attenção de todos os cultores da sciencia medica.

Entretanto essas duas creanças, que, no seu conjuncto, formavam uma verdadeira monstruosidade, foram entregues aos cuidados dum outro illustre operador brasileiro, que se propoz operal-as, com o exclusivo interesse scientifico, e nem outro poderia ter, visto as clientes pertencerem a uma familia pauperrima do Estado do Espirito Santo.

Durante alguns mezes, fazendo uso da radiographia e applicando o melhor do seu tempo ao estudo do phenomeno, traçou, delineou, orientou emfim a operação que se propuzera fazer, embora o desfecho fatal que, em Paris tivera que fôra feita aos irmãos siamezes, por um dos mestres da sciencia, não lhe porpicionasse nem incutisse risonha esperanza.

Markado definitivamente o dia, deu

inicio, sob todas as precisas cautellas, no trabalho operatorio, mas em breve teve de parar, perante o receio natural das consequencias que poderiam advir e a hemostasia do figado que lhe pareceu muito problematica.

Preferiu recuar a ficar mal com a sua consciencia. Ningnem o censurou por isso.

Abandonado o caso, e quasi que reconhecida a impossibilidade de o resolver favoravelmente, apparece o dr. Chapot Prévost e, com admiração geral, mórmente depois da primeira tentativa infeliz, offerre-se para levar a cabo a operação, correndo por sna conta todas as despezas a fazer com a montagem duma sala propria, material necessario, e permanencia das creanças numa casa de saude.

Acceito o offercimento, inicia o illustre operador os seus trabalhos de observação attenta e profundo estudo, que lhe consumiram varios mezes, durante os quaes, em holocausto á sciencia e á humanidade, sacrificou os seus proprios interesses, abandonando quasi a sua clinica particular. Quando o desanimo começava a apossar-se de todos os que, mais ou menos de perto, seguiam a marcha d'esse acontecimento, foi annunciado finalmente o dia em que, de uma vez para sempre, a sorte d'essas creanças ia ser decidida.

Apoderou-se então de toda a gente, illustrada e não illustrada, a natural ansiedade de conhecer o resultado da tentativa audaciosa, em que um homem punha em jogo todo o seu credito scientifico.

Acercado dos drs. Dias de Barros, provector professor da cadeira de Physiologia, Ernani Pinto, preparador da cadeira de Histologia, e que foi um dos seus discipulos mais dilectos, Figueiredo Rodrigues, que n'esse anno se havia formado, premiado em todas as cudeiras do curso, e, se não nos enganamos de mais dois autorisados clinicos, cujos nomes, n'esta occasião, não nos occorre, o doutor Chapot Prévost, chloroformizadas as pedecentes, com uma calma admiravel, apesar da tremenda responsabilidade que sobre elle pesava, pega no escalpello e com mão segura e firme, dá começo aos seus trabalhos.

Todos os incidentes estavam previstos; nada portanto o detinha.

No fim de, pouco mais de uma hora, a operação estava feita, a hemostasia da importante viscera — o figado — havia-se feito por um processo seu, e as duas creanças, que, pouco antes, constituíam um perfeito aborto da natureza, estavam desligadas, com vida autonoma, e em perfectas condições de existencia.

Ni-guem, então, lhe regateou verdadeiros applausos, perante esse caso virgem, unico, nos annaes da sciencia medico-cirurgica.

Na Escola, no dia seguinte ao da grande conquista scientifica foi aclamado com delirio, por todos os estudantes e sudado enthusiasmicamente por todos os seus collegas.

A imprensa vulgarisou o seu triumpho completo, e teceu-lhe os merecidos elogios.

O Congresso Federal, por unanimidade de votos, concedeu-lhe um premio de 40 contos.

A população inteira consagrou-o á sua infinda admiração.

Em Paris, onde foi ocompanhado de uma das creanças, por convite da Academia de Medicina Franceza, foi recebido com a distincção e apreço com que ali, são tratados semelhantes vultos.

Pois nada d'isso o envaideceu. A partir d'aquelle grande dia, toda a sua attenção, todo o seu amor, por assim dizer se concentrou n'aquellas duas creaturas que tomou como filhas.

Mais tarde, uma dellas, succumbiu victima d'uma infecção, o que violentamente o commoveu.

Não podendo jámais separar-se da sobrevivente, acompanhou-a ao sertão a casa dos paes e d'elles obteve a acquiescencia ao pedido que lhes formulou de a ter sempre junto de si.

Pena foi que a morte tão prematuramente arrancasse á vida, esse grande espirito, cujo perfil rapidamente fica ahi traçado, e que tão profundamente se impoz pela nobresa do seu coração, e pela pujança do seu intellecto.

A. S.

A «REVOLTA»

Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO». Roelo. Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

Cooperativa de Pão "A Conimbricense,"

O sr. Presidente da Assembleia geral desta Cooperativa convida os socios a reunirem-se pelas 10 horas da manhã de domingo, 14 do corrente, na sede de cooperativa, junto a St.ª Anna.

Ordem do dia — apresentação de contas pela Direcção.

Senão se poder realizar a sessão por falta de socios, fica convocada para o dia 28, á mesma hora, e no mesmo local.

Coimbra, 6 de fevereiro de 1909

O Secretario Floro Henriques

Os portadares d'obrigação desta cooperativa poderão receber os seus juros em casa do Thesoureiro da mesma, o sr. José da Costa Gaito, com estabelecimento de mercearia na R, do Cego. F. H.

Corrida de touros na Mealhada

A commissão organisadora desta corrida pede-nos a publicação do seguinte que inserimos gostosamente:

Conta da receita e despeza da corrida da Mealhada RECEITA 17 camarotes a 6\$100... 203\$700 256 bilhetes de sombra a 520 133\$120 599 " " sol a 220 ... 131\$780 Somma a receita... 368\$780

DESPEZA Pago ao lavrador... 90\$000 de contribuição e avenca de sello... 35\$060 a Punterete (toureiro) .. 30\$000 a Izidoro (embolador). . 13\$000 a Mario Leal (arranjo de praça e foguetes)... 10\$180 a Santarino (hotel) ... 7\$700 a M. Soares (carro).... 4\$000 a policia de Aveiro ... 3\$640 a " de Coimbra... 1\$000 a Polaco & Camões... 31\$000 ao Club Taurinamico... 19\$000 a Garcia e Bergamin hospedagem dos ex.ªmª amadores... 26\$000 a Correia Cardoso (prospetos) 6\$000 a Imprensa Academica (bilhetes e cartazes).... 5\$300 pelo affixamento de cartazes..... 500 a Luciano Moreira, passagens dos ex.ªmª amadores de Lisboa, passagens para a Mealhada etc... 57\$790 Somma a despeza... 341\$290

RESUMO Receita 368\$600 Despeza..... 341\$290 Saldo a favor... 27\$310

Os recibos e contas podem ver-se na casa Gaito e Cannas. O saldo foi entregue ao sr. Governador Civil.

Não queremos deixar de testemunhar o nosso mais reconhecido agradecimento ao sr. conselheiro Luiz Gonzaga dos Reis Torgal, que tão amavelmente se promptificou a conseguir-nos um comboio especial; ao sr. dr. Francisco Lebre que, com uma gentileza extrema, não só se dignou dirigir a corrida, mas tambem se poz á disposição da commissão, para o que fosse necessario; aos srs. Gaitto & Cannas e Mario Leal, que nos ajudaram, com uma rara dedicação, a vencer todas as difficuldades que nos appareceram; a todos os valentes amadores que entraram na corrida, levados por um generoso e captivante impulso a collaborar connosco nesta festa de caridade; e finalmente, á musica da Mealhada que bizarramente se nos offerceu para tocar durante o spectaculo.

Coimbra, 5 de Fevereiro de 1909.

A Gommissão: Henrique Rocha Ferreira Marçal Pacheco D. Raul da Camara Lene D. Ruy da Camara (Ribeira).

Associação Commercial

Esta prestimosa collectividade realisonou a eleição dos seus corpos gerentes para 1909 no dia 10 do corrente, tendo sido aprovada a seguinte lista:

Assembleia Geral

Presidente — Manuel José Telles; secretarios — Paulo Antunes Ramos e Roque d'Almeida Marianno.

Direcção

Presidente — João Rodrigues de Moura Marques; vice-presidente — José Monteiro dos Santos; thesourero — J. M. Mendes d'Abreu; secretarios — Ernesto Mercier de Miranda e José Sebastião d'Almeida; vogaes — José Antonio Gomes dos Santos e Manuel Pereira Junior.

Os nomes que desta lista fazem parte são segura garantia das prosperidades da Associação Commercial e de que ella saberá representar dignamente os interesses que lhe estão confiados. A nova sede, no primeiro andar do optimo edificio da Casa Minerva, na Estrada da Beira foi já um grande passo. Arrançou-se a Associação daquelle becco da Rua Velha, o que era, francamente, vergonhoso. Hontem a direcção foi cumprimentar o governador civil, tencionando na proxima quinta feira cumprimentar a Camara Municipal. A nova direcção desejamos todas as facilidades no exercicio do seu espinhoso cargo.

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, tossas nasaes e garganta CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos. ANNETZES: succo gastrico, lézes e urinas MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS Com pratica nos hospitaaes de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde Rua Ferreira Borges, 5 — COIMBRA

Consultorio Dentario

DE MARIO MACHADO Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris

Praca 8 de Maio, 8 — COIMBRA Tabella de preços Consulta 500 Extração de cada dente ou raiz . . 500 Extração com anesthesia . . . 16000 Obturação 16500 Aurificação 45000 Limpeza de dentes 15500 Dentes artificiaes . . . 28500 e 48500 Dentes de pivôt. 85000 Corões de ouro 125000 Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão . . 15000

CLINICA CIRURGICA

o Tratamento das doenças dos orgãos genito urinaarios do homem e da mulher e a José Lebre

Cratamento das doenças dos olhos Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA



AGUA DAS LOMBADAS

AGUA DAS PEDRAS SALGADAS

AGUA DE VIDAGO (Fonte Campilho)

AGUA DE VERRIN (Fonte Espido)

DEPOSITO EM COIMBRA

Rodrigues da Silva & C.^ª



Cachorros da Serra da Estrela

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a idade de 1 até 3 mezes, esta excelente raça de cães de guarda.

Todas as encomendas ou informações devem ser feitas a

Joaquim de Vasconcellos



Pastelaria e confeitaria Telles

150—RUA FERREIRA BORGES—156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Doces de ovos com os mais finos recheios.
- Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
- Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
- Variada pastellaria em todos os generos, especialisando os de folhado.
- Galantines diversas. Tête d'Achar Paté de Liever e Foie.
- Sauçissés Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
- Pão de ló, pelo systema de Margaride.
- Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.

Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Córtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZEES DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrepenhem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4600

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157 COIMBRA

[Bazillo Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sós e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANLEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleção de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e mórçes. Ha esportadores desde os preços mais baixos aos mais elevados. Vendem-se correntes de prata e ouro. Concertam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelo laria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especialisando o de borracha.

Fornecce impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMOTOS

Telephone n.º 114



A serio

Apesar da epocha que atravessamos não nos podemos dispensar de abrir um parenthesis na galhofa que hoje enche o jornal, para bordarmos umas ligeiras considerações ácerca do momentoso problema nacional que é o projectado casamento regio.

E dizemos problema nacional porque, effectivamente, quando casa um rei, não é elle só que casa: — é a nação inteira. Casamos nós que escrevemos e casam os señores que nos lêem. Em qualquer potencia — é assim que se chama em «direito internacional» ás nações — o rei representa-a — a ella potencia, — em todos os actos da sua vida, publica e particular. Não sabemos se os señores entendem, mas nós explicamos, citando — como se faz cá na Universidade. A paginas 69 do seu soberbo livro *La puissance publique*, diz *Toutmonte* o seguinte:...

«le roi, assurant par cet acte, la succession à la couronne et, conséquemment, le bonheur de moment et de futur de ses sujets, ne peut se comprendre que, comme un délégué de la puissance publique...»
E, mais adiante, o erudito escriptor, — um acerrimo partidario da realza — preconiza o principio que elle chama, a «união espirital dos subditos ao príncipe» aconselhando varios meios attinentes á completa realisação d'esse salutar principio, — como seja o de «todo o subdito trautear o hymno nacional sempre que o soberano exerce alguma das suas attribuições!» Nós discordámos em absoluto das ideias do reaccionario escriptor... Nem, por sombras, admittimos a possibilidade de, no dia do casamento regio, nos pormos todos a tocar... o Hymno da Carta.

Mas, apenas a citamos, para com uma opinião insuspeita, fundamentar a nossa de que os actos, mais privados da vida dos reis tem uma decisiva influencia sobre os povos — o que representa um grave perigo que não se dá nas democracias onde a suprema magistratura é temporaria e electiva. Mas, como, por enquanto, nada está definitivamente assente ácerca do caso, passamos a encarar outros aspectos da questão.

Nós já temos duas rainhas e estamos ameaçados de ter tres.

Uma realza com uma rainha ainda se supporta, agora no estado desgraçado do paiz, uma realza de tres rainhas, é um insulto á miseria publica. O orçamento das classes inactivas está sobrecarregadissimo e os cofres publicos não podem pagar ordenados fabulosos a duas rainhas que já para nada servem. Esta é que é a verdade! Além d'isso, não temos nós á porta, em Hespanha, um exemplo bastante de temer, no augmento, ameaçador de príncipes que nascem e dois dias depois já são sargentos mas como sargentos ganham mais que generaes?

Quem nos diz a nós que outro tanto não nos succederá? Não nos fallem na «proliferação desbordante do proletariado» e reparem antes os tratadistas de Direito Publico e os legisladores, na proliferação não menor, da realza que representa um gravame para os povos. Querem alguns escriptores, prevendo esse inconveniente, crear junto de cada throno, com caracter institucional, o que elles chamam, «as comissões reguladoras dos nascimentos regios» mas isso nada remedeia. Representa uma tyrania que não podemos aceitar e offende profundamente o espirito juridico moderno.

A epocha, não é de modo a alongarmos-nos em considerações sobre problema de tal magnitude, mas estas por enquanto, bastam e prometemos, d'esde já voltar ao assumpto.

MIUDEZAS...

O sacrificio dos sabios! Admiravel coisa! Ora ouçam vocês, a historia que succedeu ao celebre professor *Eselis*, da Universidade de Bonn, no ultimo verão, em Carlsbad. *Eselis*, é, — como toda a Alemanha erudita sabe, — um grave e ponderado homem, auctor da perduravel «*Historia do Solecismo através as Eidades*». Ninguém como elle, com tão bella facundia e aprimorado engenho, dissertou sobre a «*dinamica da lolice*» e, á sua penna erudita se devem as mais bellas paginas de hoje escriptas sobre a complicada e nebulosa questão do «*disparate estatico*», nas suas relações com a *philosophia Hegeliana*.

As suas novas theorias tinham revolucionado o mundo scientifico e provocado controversias terriveis em livros e revistas. Especialmente a mais arrojada de todos que elle intitullava «*theoria da salutar reacção natural dos organismos vivos contra as inconveniencias phisicas*» tinha provocado, da parte de toda a Germania universitaria e philosophica, uma troça tremenda, uma incredulidade desdenhosa que muito affligia *Eselis*. *Richen*, o seu discipulo mais promettedor, que até então acompanhára o mestre e promettia continuar-l'o, até esse o abandonara com escandalo, proclamando num opusculo «*a impunidade da Asneira*».

Foi então que o sabio, com este ultimo golpe, se decidiu a sacrificar-se pela sciencia.

Ah! *Richen* affirmava a «*impunidade da Asneira*» refutava a sua theoria da «*reacção salutar*!» Elle, *Eselis*, lhe provaria e aos collegas que se enganavam redondamente.

E o sabio, decidiu-se, para fazer verificar a sua theoria, a fazer um gordo disparate, uma tremenda inconveniencia!

Que nobre espirito de sacrificio! Arriscava a sua reputação d'homem serio e ninguém veria no seu acto a grandza d'alma, o sublime sentimento que o ditava! Foi no salão de baile do «*Kursaal*» de Carlsbad, repleto de senhoras, e homens em trajes de festa, resplandecente de luzes, no meio do que em toda a Alemanha ha de mais distincto e altamente collocado,

que o novo martyr da sciencia se decidiu a tentar a prova decisiva. Escolhi-do o seu «*sujet*» — um delizioso «*organismo vivo*», representado n'uma gentilissima e esculptural rapariga. — o sabio, tremulo pela suprema gravidade scientifica do momento, mas com a firmeza e o estoicismo d'um *Mucio Scevola*, aproximou-se d'ella, encetou uma ligeira conversação e inopinadamente, sem que nada o pudesse fazer prever, dá um tremendissimo apalpaço, — exactamente n'esse sitio — da pobre senhora!

... A mais tremenda e mais sonora bofetada que até hoje avermelhou uma bochecha erudita, ecoou por todo o vasto salão do «*Kursaal*», ultrahindido todos olhares, suspendendo todas as conversas!

O escandalo foi inaudito!
Eselis foi corrido, apupado, asso-biado, sovado...

Teve de fugir da cidade senão davam cabo d'elle!

Mas, hoje refulge com o brilho d'um sol para toda a Germania philosophica, a evidencia incontestada da theoria do Mestre «*sobre a salutar reacção natural dos organismos vivos contra as inconveniencias phisicas*!»

D. Faus.

Do nosso estimavel colladorador *Lucifer* recebemos a seguinte

GARTA

que com prazer publicamos:

Hoje, Fauces Tenarias, Laconia
(Em transitio para o meu Imperio)

Meu caro director

Optima quaque dies miseris mortalibus aevi
Prima fugit; subeunt morbis triati-que senectus
Et labor et durae rapit inclementia mortis.

Desculpe você esta tirada de Virgilio. Não pode ella vir mais a proposito do que nestes dias. Além disso, sendo você, como é, a mais bella encarnação da alma latina, eu supponho honral-o dando lugar de primazia ás manifestações do espirito mais brilhante, que jámais existiu, entre os espiritos brilhantes, entre os que souberam aliar o positivismo d'uma concepção juridica completa á alacridade juvenil e pitoresca de almas sedentas de goso e de verdade.

E' com inefavel jubilo, meu caro director, que eu registro a existencia do carnaval como revivencia do culto que os seus antepassados mediterraneos prestaram aos deuses mais uteis e alacres que a fantasia humana soube crear.

Não sei, meu caro director, se conhece bem a philogenia do carnaval. Parece-me não errar filiando-o nas bachanas e saturnaes que os povos pelagicos celebravam em honra de Bacho e de Saturno.

Quem ha ahí que não reverencie o adoravel Bacho, hilarante amphitrião da jovialidade, dispenseiro do verdadeiro lethos, do authentic lethos, que, como nenhum outro, nos faz esquecer as agruras da triste vida?!...

E quem ha ahí tambem que tenha esquecido o sabio e bondoso Saturno?!...

Que adoravel deus não foi esse que, rompendo com todas as praxes de Olimpo, não se rebaixou em vir ensinar aos mortaes a arte da lavoura, o cultivo da virtude, a pratica da solidariedade na excelsa terra d'Italia, alma mater da vossa civilização?!...

Não se lembra, você, profusamente erudito sobre todos os monumentos bellos da sua fulgurante raça, daquelles sono-

A' BROXA...



ros e verdadeiros versos do grande poeta de Mantua, quando nas didacticas Georgicas, elle canta cheio de nostalgia pela Edade d'ouro, no seu espirito requintadamente delicado, aquelles quatro versos tão harmoniosos!?

Recorda-se com certeza. Permitta-me, todavia, que eu dê livre expansão ao meu entusiasmo e os rememore

Ante Jovem nulli subigebant arva coloni;
Ne signari quidem aut partiri limite campum
Fas erat in medium querebant, ipsa tella,
Omnia liberius, nullo poscento, ferebat.

«Antes de Jupiter a ninguém pertenciam as terras; nem tão pouco era licito assinalal-as ou dividil-as por meio de marcos: só buscavam o interesse commum, e o proprio sollo tudo produzia, mais liberrimente do que nunca, sem que ninguém a isso provocasse»

Refere-se, como vê, ao tempo em que Saturno tinha o governo do mundo e a direcção dos mortaes. Era o communismo, ou, talvez, o anarchismo: era a Edade d'ouro.

O velho Saturno é acusado duma crueldade, eu bem sei, a de comer os proprios filhos. Mas, meu caro director, não ignora você decerto a rehabilitação que a Historia está neste momento fazendo aos agentes do passado.

Rehabilitemos nós, tambem, o divino Saturno. Se elle devorava os proprios

filhos, não o condemnemos por isso: — fazia-o para nos libertar do bando de deuses que após elle povoaram o Olimpo, descendentes do tonante Jupiter que subrepticamente escapara á divina voracidade do grande Saturno.

Por tudo isto, meu caro director, não se esqueça de recomendar á pleiade de rapazes que o tem como guia que não omittam nenhum dos sacrificios cultuaes que são devidos ao divino Saturno. E' assim um modo de protestar contra a tyrania insolente do coruscante Jupiter, que tão empenhado tem andado sempre em vos ilaquear.

Retemperem o espirito juvenil no fogo sagrado, que apesar de tudo, ainda irradia da sublime Helada e da sisuda Ausonia com a qual «nem o bello Ganges, nem Hermos turbo d'ouro podem competir em louvores» como escreveu o Poeta.

Não esqueçam tambem o Sublime orago da alegria: — o Jovial Bacho.

Recorde aos seus rapazes que o proprio Orpheu, o adorador ardente e exclusivo de Helio Apollo, tendo-se recusado a adorar Dyonisio, foi por isso, justamente, despedaçado pelas Bachantes da Thracia.

Entretanto vae para as profundezas dos proprios dominios descançar das luctas com o nosso commum inimigo, — o Velho Padre Eterno, o todo vosso.

Lucifer.

Celebres... de borla

COISAS DO COISO

Kodak financeiro

(Voz metálica, semelhante á d'um trombone).

Meus senhores: Na sexta pagina da setima dezena do livro d'aula, onde está escripto «Pernas Untadas» deve ser antes «Pernas Hurtadas».

É em baixo, ao fundo, na ultima correnteza de caracteres typographicos, precisamente na linha final, isto é, na ultima inclusivê, ou por outra, onde termina o trabalho typographico d'essa pagina, encontram os senhores outra correção a fazer, que eu reputo indispensavel para a boa intuição do texto. Onde se lê «imposto de mão fechada dizendo adeus» deve ler-se «imposto de mão morta, dizia eu». São umas pequenas gralhas, ou vacuos typographicos, aliás remíveis, para os estudiosos.

Como ha trinta annos me não canço de dizer n'esta cadeira, tenciono rever esse trabalho dentro de alguns dias. Devem estudar com cuidado essas datas, principalmente a do imposto «d'alcavala» que é de mil setecentos e... passou-me. Esta data é importantissimo fixar a bem. Também é de alta importancia fixar a data das primeiras côrtes portuguezas que foram reunidas em mil... não me occorre agora.

A maior parte das datas que veem nos seus apontamentos, estão erradas, mas nem por isso devem deixar de as fixar, porque eu depois cá estou para as corrigir. Para a proxima lição devem estudar as paginas 33 a 40, isto é, a 41 não vem, ou ainda de 33 a 40 inclusivê, ou por outra, de 33 inclusivê a 40 inclusivê.

Nítidamente se conclue, creio eu, que as paginas 32 e 41 ficam já fóra do nosso trabalho.

E' chamado um alumno a dar lição. Está bem cunhado. Lê. O professor finge que não vê, e folheia distrahidamente a caderneta.

Interrompe-o para lhe dizer — está bem. Temos então, que o imposto em Roma começou por não existir, e que mais tarde tomou o nome de mão morta, por analogia com a mão do cadaver que onde agarra nunca mais larga. Vejo que conhece a materia e eu estou muito satisfeito. Assentámos em que a divida contrahida no estrangeiro, toma o nome de divida externa, e a contrahida em Portugal, divida interna. Ora muito bem. Vou agora fazer-lhe uma pergunta que não vem propriamente nos seus apontamentos e portanto não é obrigado a ella.

Mas veja se com o raciocinio consegue descobrir. Pense lá. Ora se a divida externa é a contrahida no estrangeiro, veja se é capaz de me dizer que nome tem uma divida contrahida na... Alemanha, por ex.? Pense bem...

O senhor não é obrigado a saber isto... Vá. Então?

— Na Alemanha? pergunta o alumno para compenetrar-se bem da dificuldade. Na Alemanha, é divida... externa.

O professor ergue-se radiante, applaude-o, felicita o e termina com um estou muito satisfeito, porque isso não vinha propriamente nas suas lições, e marca-lhe quinze valores que lhe rendem uma distincção no fim do anno.

E' chamado outro alumno.

Não está cunhado.

— Ora diga-me — interroga o mestre com filaucias — porque se chama imposto de mão morta?

— Porque essa especie de imposto é analoga á mão do cadaver que onde agarra nunca mais larga.

— Sim, está bem, podemos definir assim, mas talvez?... está bem... em todo o caso... é isso... mas, mão morta... enfim, deixemos isso. Ora diga-me: como começou em Roma o imposto?

— Por não existir.

— Sim... está bem... em todo o caso, podia talvez... está bem... bem?... sim, bem, talvez... mas... deixemos isso.

Diga-me: conhece o nome d'algum zelador municipal do tempo de D. Sancho II?

— ?!!

— Vejo que não sabe. Ora diga-me: qual era a côr... dos recibos... da fazenda nacional... no tempo de D. Affonso V, o africano?

— Pretos.

— Pretos? Não. Não. Vejo que não sabe, mas... eu já fiz o meu juizo, pôde sentar-se. Este desgraçado tem 9 valores que representam um chumbo no fim do anno.

A' sahida da aula, impertiga-se, perfila-se, como um perú. E d'olhos no chão, inteirado e grave, deslisa triumphalmente, com toda a imponencia dum... capello e bórta. E' authenticamente um velho casarão historico, ainda hoje illuminado a azeite.

Coitado!



ECCE HOMO!

... E agora podes já abandonar o mundo,
Que jámais morrerá o teu nome na Historia!
O' Creação genial! O' Symbolo jucundo!
Sempre os homens de ti conservarão memoria!

— Não foste assim? — Qu'importa! — O teu genio fecundo
E' maior ou menor do que é a tua gloria?
— Mesmo assim irreal, symbolico, profundo
Perduras! Vaes alem da vida transitoria.

Queremos-te assim, tal qual nós todos te fizemos!
Tudo o que ha de melhor em nós, a ti o demos!
Tu és o nosso grande orgulho! o nosso amor...

Havemos de mostrar-te um dia aos nossos filhos...
— Sulca, pois, lá do ceu os luminosos trilhos.
Repousa emfim, no seio de Deus Nosso Senhor!

Dr. Watson.

A ULTIMA?

— Está «elle» a dize-la agora.

GENIO EM PILULAS

No ultimo bal de léses do Gremio, n'um grupo, fallava-se do numero de pessoas de familia que cada um dos assistentes tinha.

Elle, sentencioso:

— Eu sou quadrumano.

Espanto geral!

— Como? — exclama uma dama.

— Quadrumano, sim, minha senhora... eu explico: — tenho quatro manos.

Elle, chegado ha pouco de Paris:

— Não imaginam como é grande o mostrador do relógio de Notre Dame. E' tão grande que com certeza o ponteiro não gasta menos de um quarto de hora para percorrer um minuto...

— Como o Mestre vae para o club pode fazer-me o favor de dizer aos parceiros que me esperem para o bridge?

— Oh! pois não... (aparte, com indignação). E esta?! Quem quer creados de graça paga-lhes!

No club, em noite de baile.

— Então o Guimaráes não vem?

Elle:

— Decerto não vem porque quando lhe mandei o convite o portador encontrou-o ausente.

Naquelle anno o Mestre tinha resolvido emendar os erros que havia nas velhas lições.

Assim, todos os dias, gastava o melhor de vinte minutos emendando gralhas typographicas e pouco mais.

Certo dia appareceu na lição a palavra reconhecer

E logo o Mestre, imponente:

— Ah! onde está reconhecer, leiam reconhecer, isto é, cortem o suffixo re,

Um riso abafado ouviu-se nas bancadas.

E elle repetiu:

— Sim, cortem o suffixo re...

FADO DO MESTRE

Vae alta a lua e a vella
Está do quarto no centro:
Se a apago soprando n'ella
P'ra a accender sopro p'ra dentro.

As calças foram á rua
Da janella desprendidas...
— Ai, prima, estava viuva
Se eu as tivesse vestidas.

Agora que sou fidalgo
Tenho modos realengos,
Quando vou comprar bilhete
De Coimbra a Regüengos.

Todas as noites, ó mestre,
Vou sentar-me á tua porta,
E ainda me não disseste
O que são bens de mão morta.

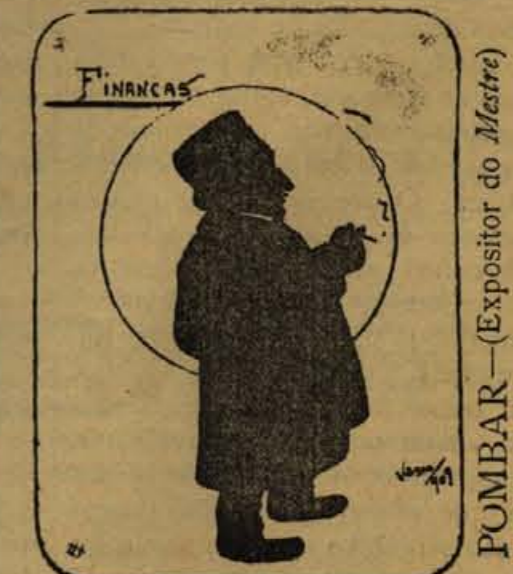
— E' como vós esta chavena
Parce que est pleine de bon-thé.
— E como vós esta minha
Parce que est pleine de café.

Como os soldados romanos
Que de Deus partem a tunica,
Eu dividi o meu livro
Apenas n'uma parte unica.

Quando as aulas se fecharam
O consumo menor foi.
Já dois bois se não mataram,
Só se matou meio boi.

Raparigas tomam tento,
Rapazes não vos fieis...
Asneiras leva-as o vento
E as sebentas são papeis.

Dr. Loria



A REVOLTA

Do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Acacio recebemos a seguinte

CARTA

que gostosamente publicamos:

Sr. Redactor: — Ao meu terceiro andar, como trazida na aza de zephiro brando, chegou a nova da homenagem que o seu jornal vae prestar ao nosso Leroy-Beaulieu, a esse radioso espirito, que é como um Espirito Santo sem azas pairando sobre a Universidade.

Perante esta justiceira homenagem eu sou todo adhesivo, isto é, estou a seu lado, sr. Redactor, em tudo quanto fór bichinha-gata feita a esse que é a

Alma gêmea da minha ingenua e pura...

consoante o disse lapidariamente o nosso mavioso lyric.

Com effeito entre a minha conselheiral pessoa e a sua condal personalidade ha uma afinidade tão estreita, que eu nem sei como me contendo para não lhe abrir os braços e gritar-lhe carinhosamente: «O doce e meigo irmão Melgueiras, aqui tens um seio fraternal onde podes confiadamente descançar a fronte esbrazeada e esquentada de conceber as theorias orçamentaes!» Não sei como me contendo, sr. Redactor, porque adoro o Divino Mestre com aquelle enraizado affecto com que se amam as almas irmãs.

Quizera, em vez d'esta carta, poder enviar um largo e profundo artigo, mas a natural commoção emperra-me esta penna que encheu as paginas gloriosas de Relação de todos os ministros desde o grande Marquez de Pombal até aos nossos dias, esta penna que me conquistou a commenda do merito litterario, scientifico e artistico. Ainda cheguei a pensar num necrologio, que é a minha especialidade, mas lembrei-me que tanta honra poderia ferir a modestia do nobre espirito, que tem amamentado tantas gerações na teta inexgotavel de minerva.

Sr. Redactor, tem-me incondicionalmente a seu lado para tudo o que seja homenagem a prestar ao nobre valet: monumento ou discurso, artigo de jornal ou soneto. Para honrar o Mestre inigualavel ponho á sua disposição o meu cursivo burocratico, o talento que sinto avoçar sob a calva, a vernaculidade do meu estylo e até, se tanto fór preciso, a carta de conselho, que é, depois da minha reboluda Adelaide, a grande afeição da minha vida. Para um homem que tanto nobilita o paiz que nos foi berço (que linda phrase esta, sr. Redactor, lembra Castilho!) não recuo deante de



nenhum sacrificio! Aqui lhe offereço esta penna, — modesta sim, mas sincera — para tudo quanto della necessitar em honra do Divino Mestre. Uma ordem sua, sr. Redactor, e eis-me prompto a mostrar ao estrangeiro escarnecedor que tambem temos um grande homem. E assim perguntarei á orgulhosa França:

— Tiveste um Necker? Nós temo-lo a Elle!

— Elle deu-te um livro, a Prestação de Contas, que te revolucionou? Pois tambem o nosso nos deu um livro, a Legislação Fiscal, que não revolucionou nada, mas custa um dinheirão!

Sr. Redactor, avante, avante com a sua justiceira homenagem! Logre justiça quem justiça merece! Eu por mim não descanço enquanto não vir em bronze e marmore matrilizada a admiração que nutro por esse a quem toda uma mocidade chama, d'olhos em alvo o Divino Mestre!

Por aqui fico, sr. Redactor, porque ainda tenho de cumprir hoje um piedoso dever: tenho de ir com o «nosso Jorge», d'opór um ramo de perpetuas na sepultura d'aquella doce Luiza, que fez uma partida tão feia ao pobre engenheiro.

De V. etc.

Conselheiro Acacio

UMBILHETE

que o Mestre escreveu quando era menino e moço e acabava de fazer o seu exame de francez:

Ma visage cousine

Je et mon voulu ami Vasavectimbres dans un trottoir que nous faisons á Aveclaisse pour voir la procession de Monsieur des Pas, nous avons le goût de parler á Madame la Corbeille de Petit Lit, qui m'y a chargé de vous ordonner ses longueurs.

Votre cousin avec-frère et trop ami. Antoine.

N. R. — Contre ça pommes de terre!

Minha cara prima

Eu e o meu amigo Vasconcellos num passeio que fizemos a Condeixa para ver a procissão do Senhor dos Passos, tive-mos o prazer de fallar com a senhora condessa de Caminha que nos encarregou de vos mandar os seus cumprimentos.

Vosso primo co-irmão e muito amigo.

Antonio

Uma nota inédita

Vae fazer dois annos em agosto.

Quando eu, o Mendes e o Ribeirinho chegamos a Penafiel, mortos de sede e de calor, lembramos ao cocheiro que nos levasse para qualquer logar aprazivel, onde poderemos descançar das fadigas d'aquelle dia e lavar a fronte abrazada com um pouco de ar fresco.

Elle conduziu-nos então para junto duma ermida que se erguia, clara e elegante, numa elevação que ficava num dos arrabaldes da cidade. Toda de granito, picado ainda de fresco tinha um ar lavado que nos encheu de bem estar, e a beleza simples das suas linhas mais geraes tornou mais leves e bons os nossos pensamentos.

Um homem appareceu — o sacristão da ermida — um velho calvo e magro, a barba rapada, e que amavelmente se nos ofereceu para nos mostrar a igreja e fazer subir á torre.

Lá em cima corria uma aragem fresca e branda que nos afagou a pelle endurecida por consecutivas horas de sol, e a immensidade do horizonte parecia convidar os nossos pulmões esmagados a dilatarem-se amplamente, livremente.

A' nossa volta, reflectindo a clara luz d'aquella tarde de verão, a casaria branca das aldeias longinquis destacava alegremente no meio do verde triste dos pinheiros e dos carvalhos.

Aqui e alem, ao de cima dos casaes, fitas tenues de fumo muito branco manchavam e perturbavam a serena limpidez do ceu muito azul.

Ao longe, muito ao longe, avistavam-se as serras entre cujos flancos vam correndo cariciosamente as aguas do Douro e do Tamega.

E o sacristão da ermida, numa voz lenta e monotona, ia-nos dizendo distrahidamente, á força d'habito, os nomes das povoações que mais chamavam a nossa atenção.

— Que terra é aquella, alem? perguntou o Ribeirinho, apontando com o dedo para as bandas do norte.

— Aquella, alem? E' Melgueiras.

— Melgueiras! atalhei eu, conheço de nome. E' a terra d'Elle, do Mestre.

E os meus labios deixaram cair um a um os seus apellidos plebeus que um diploma real transformou, mais tarde, magicamente em apellidos fidalgos.

— Disse V. S.^a que Elle é de Melgueiras?

Do Ex.^{mo} S. Conselheiro José Joaquim Alves Pacheco recebemos a seguinte

CARTA

que gostosamente publicamos:

... Sr. Director da «Revolta»

Faltaria a um dos mais sagrados deveres, se, n'esta hora em que V. Ex.^a no seu jornal trata de prestar merecido preito e tocante homenagem ao mestre, luzeiro offuscante cujo esplendor brilha ha tanto tempo na universitaria e financeira cathedra, eu, aguilhoado por nobre sentimento de justiça, não levantasse a cerviz do meu mausoleu, (encimado por uma esculpida «figura de Portugal chorando o Genio» derradeiro testemunho da immerecida sympathia do meu paiz) onde ha alguns annos durmo o somno tranquillo da morte — com o fim de, com esta, despretençiosas linhas, juntar aos d'outrem os meus protestos de admiração sincera pelo sabio e austero professor que com um tão pujante talento rasgou novos horizontes á sciencia que, a meu ver, deve seguir sempre sem hesitar pela senda gloriosa do Progresso.

Eu conheci bem (tive essa suprema ventura) o titular que hoje homenageamos.

Conversei bastas vezes com elle em vida — essa cadeia prolongada de decepções cruéis, cujos elos ás vezes se interrompem para dar espaço a fugitivas alegrias...

Tive occasião de apreciar o fino quilate do seu espirito, a excepcional envergadura da sua intelligencia sempre aberta aos altos problemas sociais, e a vontade firme e denodada do seu integro caracter.

N'este momento em que Portugal atravessa uma angustiosa crise; n'esta hora tragica em que o harpeo da Duvida, quicá o do Indifferentismo, o da Descrença, quicá parece ter tolhido toda a gente, que embotada d'alma, vê sem lagrimas nos olhos a tormenta gigantea em volta da sua querida Patria prestes a ir de encontro ao rochedo da Desdita; n'esta hora difficil, atormentada pelo clamor desordenado do republicanismo, empestada pelos vapores maus de tanta doutrina desvaizada; n'esta hora tragica em que nem sequer já ha a fortificar as consciencias o lábaro das esperanças na bondade infinita de Deus; n'esta hora d'angustias em que mistér se faz sanear o ar impuro no qual a hedionda geração respira, suspendendo o fanal do exemplo e da abnegação dos altos e pincaros para que todos o fitem e aprendam, visto como não existe escola moral mais efficaz, que a do Exemplo; n'esta hora em que a nossa querida Patria,



Bocadinhos d'ouro

Similhante empreza é comtudo impossivel enquanto o bom senso dos nossos estadistas não encravar a roda vertiginosa da actividade regulamentar das secretarias.

A utilidade d'esta obra, por suspeitos, não a julgamos nós; mas affirma-a o consumo de trez edições esgotadas (sempre explicito o mestre!) Quem folhear a actual reconhecerá que ella representa algum melhoramento sobre as anteriores.

Nas forças productivas d'um paiz reside a condição basilar da sua prosperidade.

E como eu fizesse um gesto affirmativo, o magro sacristão sorriu desdenhosamente:

— Pois está enganado, meu caro senhor. E' um grande erro o seu. Tem-se fallado muito por cá a esser respeito. Ninguem em Penafiel ignora que Elle nasceu aqui, assim como todos os irmãos. Não foi cá baptizado, é verdade, mas isso não quer dizer que a sua terra natal não seja esta.

Foi-se entusiasmando o velho á medida que ia expondo as razões que o levavam a afirmar e a jurar mesmo, se preciso fosse, sobre o sagrado altar da santa a que se erguera aquelle templo, que Elle, o Divino Mestre era o autentico filho d'aquella humilde cidade.

— Que era a inveja dos de Melgueiras, dizia, erguendo solemnemente ao ceu os seus compridos braços.

E no alto d'aquella torre, transfigurado pela creença que o fazia fallar, a calva espelhenta reflectindo o sol, o sacristão lembrava um profeta antigo, pregando aos infieis.

— Como Elle foi baptizado lá em Melgueiras querem dizer que lhes pertence e pretendem roubar-nos, a nós que o vimos nascer e lhe limpamos os primeiros cui-

ros, a gloria de o termos por patrio. E para isso servem-se de tudo. A mentira espalhada por toda a parte, até pelas gazetas. Mas não. Em breve se verá quem tem razão. O Carlos Silva da camara, de vem ter ouvido fallar, já escreveu para Coimbra e anda deitando abaixo uns allarrabios que lhe ficaram do pae para provar a toda a gente que os de Melgueiras mentem sem vergonha.

E serenamente consoladamente, como quem cumpriu o seu dever acrescentou: — Ainda lhe hei-de ver erguida uma estatua, ali no adro. Deus me não mate antes de ter essa felicidade.

Nós tinhamos ficado calados a ouvir, sem ousarmos interrompe-lo no seu arrazoado, perplexos ao mesmo tempo pelo que chegava até aos nossos ouvidos.

Pois que, Elle, O Mestre, o Divino Mestre era assim disputado pelas populações daquellas duas terras? E á nossa memoria acudiu a lembrança de que tambem H' mero, Camões e Eça de Queiroz tinham tido igual sorte, que povos amigos tinham creado odios mortaes entre si para não cederem uns em proveito dos outros a gloria de considera-los como seus filhos. E foi temendo uma futura guerra civil entre Penafiel e Melgueiras

que eu pacificamente e conselheiralmente esclamei:

— Elle chega para as duas terras. A sua gloria é tanta que não caberá mesmo dentro d'ellas. Ha-de encher o paiz e extravasar talvez até alem-fronteiras!

E eu vi correr a alegria nos claros olhos do sacristão e foi com entusiasmo que elle apertou a minha mão ao despedir-se. E ainda de longe lhe gritei:

— A historia ha de fazer justiça, esteja descansado!

Na volta, ao atravessar a cidade, eu pensava ainda na nota absolutamente inédita para a vida do Mestre, que me fora revelada no alto d'aquella ermida, elegante e clara.

E em cada um dos laboriosos filhos d'aquella linda terra, fabricantes de tamancos e albardas — as principaes industrias da cidade — eu via um defensor incansavel da gloria immortal do Mestre, capazes de tudo sacrificarem para que Elle lhes não fosse roubado e legitimamente os continuasse a representar perante o mundo, orgulho da terra que lhe deu o ser e sendo ao mesmo tempo um reclamo vivo dos seus acreditados productos.

Um admirador



Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta
CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.
ANETIZES: succo gastrico, lézes e urinas

MANUEL DIAS
MEDICOS ESPECIALISTAS
Com pratica nos hospitaes de Paris
Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde
Rua Ferreira Borges, 5 - COIMBRA

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos orgãos genito urinarios do homem e da mulher e a
José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos
Abilio Justica

Electrotherapia
Medicacão electroionica
R. Visconde da Luz, 8 - COIMBRA
Telephone n.º 254

Consultorio Dentario

DE **MARIO MACHADO**
Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris
Praça S de Maio, 8 - COIMBRA

Tabella de preços

Consulta	500
Extracção de cada dente ou raiz	500
Extracção com anesthesia	1000
Obturação	10500
Aurificação	45000
Limpeza de dentes	15500
Dentes artificiaes	25500 e 40500
Dentes de pivôt	85000
Corôas de ouro	125000
Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão	15000

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra
CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes
Rua Ferreira Borges, 174
COIMBRA

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — **Coimbra**

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguém pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 15150, 25320, 25800, 45100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Meias pretas, com costura, para senhora, a	30
Meias para homem, a	700
Meltons para casaco, muito bons, desde	15
Meias para criança, desde	320
Ferros a vapor, para engommar, a	540
Colchas brancas	50
Flanellas lisas, lavradas, a	40
Chitas, grande novidade	80
Lenços d'algodão para a cabeça, a	70
Lenços de percal, a	500
Chales grandes, que eram de 15200, a	100
Armures d'algodão, que eram de 200, a	15200
Chales grandes, seu valor 2.500, a	550
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 15000 réis, a	

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapaus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confeccões, perfumaria, brinquedos, etc., etc.
Brindes! — Todos os dias nas compras de 55000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.
Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.
So annunciámos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.
Não confundir os GRANDES ARMAZEES DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35, 37, 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrepenhem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

CACHORROS DA SERRA DA ESTRELLA
A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a **JOAQUIM DE VASCONCELLOS**

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156
COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:
Doços de ovos com os mais finos recheios.
Doços de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalisados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de jolhado.
Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
Saneisses Pud'ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
Pão de ló, pelo systema de Margarida.
Especialidade em vinhos generosos e Hoores finos das principaes marcas.
Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — **COIMBRA**

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria
Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL
PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos doze millos de afro dos limites da idade

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA
LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobília usada

Encarrega-se de leilões e liquidacões

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portugueza, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

Barbearia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157
COIMBRA

[Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabeleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

Especialidade em navalhas de barba.

Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.

Pós e pasta dentrificas.

Fscovas para dentes, cabelo e feto.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, piugas, guarda-sões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleccão de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e morés. Ha espetadores desde os preços mais baixos até mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e ouro. Concertam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — **Coimbra**

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochas, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Bua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14
Coimbra

Esta casa conhecida em todo o paiz, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornea impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

UM CONGRESSO ACADEMICO

Lemos ha dias num jornal que o Centro Democratico Academico de Lisboa pensava na realização dum congresso de estudantes de todas as escolas do paiz, afim de se assentar n'aquillo que se torna urgente fazer para bem da instrucção nacional.

Ha muito que esta ideia anda vivendo dentro em nós e por mais duma vez temos já manifestado o desejo de a pôr em pratica.

Ella seria mesmo hoje um facto se a questão academica não temido o desgraçado fim que todos conhecemos, pois que, uma vez satisfeitas as reclamações, exigidas de momento pelos estudantes em greve, ter-se-hia sentido a necessidade de fazer o congresso para das suas serenas resoluções sairem as reformas necessarias e indispensaveis para o progresso do nosso ensino, e que vagamente haviam sido enunciadas nas representações feitas ao governo e ao parlamento.

Todos nós sentiamos então a necessidade de nos reunirmos numa grande assembleia academica, que a solidariedade de então tornava facilmente realisavel, e que fosse ao mesmo tempo a melhor resposta a todas as insinuações torpes e jesuiticas que eram dirigidas aos que mais se interessavam pelo bom resultado da lucta.

Mas o desfecho desonroso da questão deixou-nos a todos desiludidos, esfriou todos os nossos entusiasmos e apagou todas as esperanças que haviamos posto na mocidade portugueza, altivamente rebelada contra as tiranias do mestre.

E ter-nos-hiamos conservado calados eternamente na nossa qualidade de estudantes se não nos tivessemos convencido que afinal todas as energias creadoras e revolucionarias, que haviam tornado a academia portugueza momentaneamente grandiosa, continuavam no seu posto de combate, agora mais solidariadas ainda pelos sacrificios feitos. De resto, os que morreram na lama e na desgraça, os que cobardemente abandonaram o combate no momento de perigo, esses nunca haviam sido nada, e se num dado momento deram a impressão de terem duas ideias na cabeça e um pouco de bondade no coração foi porque ingenuamente se quiz ver altruismo e dignidade onde apenas havia a esperança de arranjar alguns feriados. E se nalgum momento elles toram sinceros nos seus protestos é porque a minoria revolucionaria e honesta os conduziu para esse caminho, pois as suas vontades enfraquecidas eram incapazes de gerar tão salutar reacção.

Foi, atendendo a isto, que nós achámos magnifica a ideia de se realisar o congresso academico. E' claro que a elle concorrerão apenas, disso estamos convencidos, os estudantes que atraves de tudo teem continuado a sua obra de critica irreverente aos actuaes processos

de ensino e que, por pensamentos e por actos, teem dado provas do seu desinteresse e do muito desejo de serem uteis ao paiz em que vivem. Os outros não fazem lá falta, nem sam lá precisos.

Muito se poderá fazer. Actualmente toda a gente em Portugal reconhece a desgraçada situação que atravessamos e a que fomos levados pela ineptia e corrupção dos que nos tem governado, e muitos atribuem uma grande parte desses males á deficiência e pessima orientação do no-so ensino, tanto primario, como secundario, especial ou superior.

Era aos mestres que competia principalmente a resolução deste problema, mas os professores em Portugal não cuidam des-as ninharias, tam atarefados andam em busca de chinezices scientificas com que espantem os aleijados cerebros cuja orientação e educação lhes foi entregue. E já que os professores se não dam ao trabalho de contribuir na medida das suas forças, para o debelamento da desgraça que pesa sobre este povo, preparemo-nos nós estudantes para o fazer, na certeza de que fazemos uma grande obra e cujos fructos ainda haveremos de colher talvez num futuro bem proximo.

Reformar o ensino, ou pelo menos apresentar as bases da reforma a fazer, é o primeiro passo para a regeneração de Portugal.

Sem boas escolas não pode haver bons cidadãos e sem bons cidadãos não ha uma patria livre.

Que a gloria do inicio de tam bela empresa como é a do resurgimento da nossa nacionalidade, caiba aos estudantes revolucionarios, e nós daremos por compensadas todas as angustias sofridas e todas as horas amargas da nossa vida de estudante!

Francisco Coraie

«CANÇÃO» PERDIDA

No ultimo baile do *Gremio* encontramos perdida na sala, decerto por algum cathedratico dado a *hellenismos*, esta interessante traducção de uma canção d'amor á maneira de Sapho, poetisa insigne da antiguidade.

Porque a achamos muito curiosa damo-la hoje, como mimo literario, aos nossos leitores:

— O Tavaridika, os teus dois seios são duas pombas conchegadas no ninho e eu queria separa-las com meus beijos porque sou ciumenta do seu amor.

— As perolas da tua gargantilha, ó marmore vivo, são menos certas e de menos oriente, que a fleira brilhante dos teus dentes, na tua bocca perfumada e fresca

— Eu vim de longe, d'Alexandria, onde no bosque sagrado, adorei Mylita conforme os ritos, e os meus labios são vermelhos e humidos como a polpa d'um medronho maduro, e os meus olhos são negros como as noites que fazem medo ao viajante.

— E quando eu beijei as duas pombas que dormiam no ninho, o teu pescoço branco estremeceu e a tua gargantilha partiu-se. E tu soltaste um grito como uma creancinha que accordam de repente.

CELEBRES... DE BORLA



TRISTE

— Porque choras tu Zézinho?
Não tenho fome nem frio,
Andei sempre abrigadinho,
Mas a chorar, num rio.
Sou um *Desconsoladinho!*
— Teu prazer já não existe?
— Nunca o tive em minha vida,
De binomios nesta lida
Andei sempre, sempre triste.
E's mais feliz do que eu,
Cuja alegria morreu.

Bispa

ALEGRE

Agora o Zé está mudado,
Já canta, já bate o fado
— Viva a bella rapioca —
E bebe da maçanilha.
— Ora acerta rica filha,
Emquanto o Zézinho toca. —
Pois se esta vida é um dia
Vem d'ahi Luiz Maria
Bater o fado tambem,
Cair nos braços de niñas,
Não temas as *fuadinhas*
Foje á Virgem, tua mãe.

Toca

— O Tavaridika, que me importava a mim que os homens se rissem de nós duas, invejosos, e que as mulheres não nos podessem entender!

— E a noite toda não me apartei de ti e queimei-te com o fogo dos meus olhos enquanto elles e ellas dansavam, misturados, a rirem-se de nós.

— O' perfeita, como eu sou perfeita, quando a tua bocca se seccou, trouxe-te um esravo agua n'uma amphora de crystal — e eu não te deixei beber a agua toda, e bebi eu metade da que a amphora continha, porque ella me trazia o perfume da tua bocca.

— E em roda, as dansas proseguiram — e nós estavamos ambas tão longe do mundo que nem viamos os mais rir-se do nosso amor, — ó Tavaridika, a mais amada entre todas as mulheres da Argoida!

MIUDEZAS...

Tinha aquelle fraco...
Era um homem de talento, um dos primeiros poetas, talvez o primeiro, da sua geração.

Mas, apesar d'isso, tinha aquelle fraco.

Não havia casa nobre no paiz, de que elle não conhecesse, de côr e saltados, todos os antepassados.

Rebuscava em quantos alfarrabios havia sobre genealogias, deitava abai-

xo as bibliothecas para folhear todos os poeirentos in-folios que tratassem do assumpto

D'este modo, chegára á afinação de, de prompto, como qualquer alumno de instrucção primaria enumerando pela sua ordem os reis das quatro dynastias, ao perguntarem-lhe d'onde vinham os Cogominhos, por exemplo, dizer, sem se enganar, com a sua voz grossa e pausada, todos os ascendentes da illustre familia, com todas as Meias, Urracas e mais damas e cavalleiros de nomes exquisitos.

Era um verdadeiro « Tratado » vivo.

Uma vez, no seu gabinete que a sua alma d'artista enchia de preciosidades, sentado aquella mesa onde escrevia os seus primorosos versos, elle compulsava velhos livros de solidas encadernações em coiro e paginas amareladas pela idade.

A certa altura deu um salto na cadeira e o rosto mostrou a grande alegria que sentira.

Tinha finalmente achado aquillo que procurava, havia muito — o laço de parentesco que o unia ao visconde, um fidalgo mariatova que tratava muito de carros e cavallos e nada de genealogias.

E sentiu maior satisfação do que

se tivesse acabado de fazer mais um dos seus bellos sonetos.

Pois se elle tinha aquelle fraco!

Horas depois entrava em casa do visconde.

Feitos os cumprimentos, elle, que já não se podia conter, dizia cheio de alegria:

— Sabe, visconde? Descobri que somos parentes. Tu já o suspeitavas e agora tive a plena confirmação. D. Briolanja, minha vigesima avó, era prima de D. Brites que entre as illustres avós do meu caro visconde, occupa o vigesimo primeiro lugar...

E calou-se esperando que o outro lhe cahisse nos braços como bom primo...

Mas o visconde, numa gargalhada, respondeu:

— Ah! sim... parece-me que já ouvi fallar... D. Briolanja... isso era uma heroína... ha até um caso d'um bispo...

Neste momento entrava um amigo que com os seus amaveis cumprimentos, sem querer, salvou a situação.

D'ahi a pouco o poeta despedia-se e voltava para o seu gabinete, a continuar os seus estudos predilectos.

Então?! Tinha aquelle fraco...

Ego.

Um anniversario

Fez hontem dois annos, que rebentou em Coimbra, por occasião do acto de conclusões magnas do licenciado José Eugenio Ferreira, o movimento conhecido pelo nome de «questão academica». A historia dessa questão que pela sua excepcional importancia bem merecia te-la, ainda até hoje não está feita e, já agora, não esperamos que ella se faça.

Esse movimento de que todos sabem a desastrosa finalidade, foi quanto a nós, uma das mais graves e complexas questões que têm surgido no seio da sociedade portugueza e não como quasi toda a gente suppoz ou fingiu suppoz, uma bagarre d'estudantes, sem significação nem valôr, creada por determinantes de occasião.

Ao correr da pena, sem paixões nem odios, agora que já lá vão dois annos e o tempo deve ter apagado todos os resentimentos — vamos recordar o que foi essa questão, que tão intensamente vivemos, que tanta alegria e tanta esperança nos deu para, no fim, nos encher a alma de desalento e de mágoa.

Historiemos um pouco.

A 27 e a 28 de fevereiro de 1907, realisava-se na sala dos Capellos o acto de doutorando de José Eugenio Ferreira. Quem era este homem, apenas vagamente o sabiamos. Diziam-n'o, aquelles que o conheciam, intelligente, insumisso, rodeado da sympathia dos estudantes seus contemporaneos e mal visto pelo corpo docente da Faculdade de Direito. Dado o irrisorio processo de selecção do professorado universitario, que só permite em regra, o accesso á cathedra, ás mediocridades altamente classificadas, durante o curso, a sua informação final de 16 valôres e a nota de 15 valôres que obtivera no acto de licenciado, mostravam como uma temeridade audaciosa a sua resolução de defender theses e conquistar as insignias doutoraes. Nós, a esse tempo, mal conheciamos os professores da Universidade, senão atravez da anedocta e da *blague* academicas — e não é, certamente, por esta forma, que acerca do seu valor mental e moral, podiamos ter formado opinião. Passáramos, pittorescamente, pelas mãos do doutor Avelino Calixto, que dumavez nos marcou na pauta um fatidico 8 — nota, segundo o mestre, indicadora d'estupidez e *mandria* — e depois nos elevára ás consideraveis alturas do 16, sem que — palavra d'honra! — nós possamos explicar, ainda hoje, a razão d'um e d'outro facto. Lembra-n'os mais o tremendo susto que nos causára no acto de Direito Civil, a ira apocaliptica do dr. Alves Moreira — nossa estreia em actos universitarios — e, gratamente recordamos as pyrotechnicas, vertiginosas e *sapientissimas* contraversias romanticas que mantiveram a com o dr. Pedro Martins. Ao tempo, toda a nossa tormentosa preocupação era fixar os nomes, as doutrinas e as datas, d'esses valiosos «Dicionarios historico-bibliographicos», que constituem as lições annuaes d'Economia Política, que o professor da cadeira faz sair diariamente em *pitulas* de 16 paginas — em regra a 20 nomes por pagina, o que dá no fim do anno o seu milhão de nomes, pela rasa...

E a proposito vem isto para dizer que, ao entrarmos na sala dos Capellos, cheia até á porta d'uma multidão agitada, rumorosa e colerica d'estudantes, absolutamente nenhuma prevenção tinhamos contra os lentes e não esperavamos certamente topar o extranho espectáculo que se nos deparou. Já por duas vezes, em circumstancias semelhantes, alli tinhamos entrado por occasião dos actos dos actuaes lentes os dres. Ulrich e Caeiro da Matta. Parecera-n'os aquella cerimonia um torneio amavel entre pessoas que já muito se conheciam e mutuamente se apreciavam. De cima dizia-se, por exemplo, «o fulgurante talento de V. Ex.» e de baixo, respondia-se modestamente, beatificamente «se alguma coisa valho, aos deslumbrantissimos talentos de V. Ex.» todos juntos, o devo; sou apenas um apagado reflexo. — Não nos espantava que, depois d'isto, o reitor offerecesse, conforme a praxe, chá e bolos, á Faculdade e ao candidato, e até a propria *walsa* tocada pela charamella, depois de cada argumento, dava á scena o ar pateticamente amavel de *soirée* em familia. Lembra-n'os mesmo, que no acto do dr. Ulrich, o lente Pedro Martins, parecera tomar o caso a peito, atacava o candidato com energia e o presidente do alto da sua cathedra, chamara-o á ordem com o ar reprehensivo de quem lhe di-

zia: «então que é isso, ó collega! você acomode-se, homem! E o lente, embezzerrára e acomodára-se. Por isso nos espantou o espectáculo a que assistimos. Aquillo não era uma cerimonia scientifica — era um homem só a apanhar uma tremenda descompostura dum data d'elles, que ameaçavam passar a vias de facto. En baixo, a voz do homem — uma voz fraca, de mau timbre — tentava articular um som, dizer duas coisas... Qual! O presidente, quasi que lhe atirava com a borla doutoral á cabeça e ainda estamos a ouvi-lo, apopletico: cale-se, homem! você perde por falar de mais!... Na sala passavam fremitos de colera!... Aqui e alli onvia-se «ôra isto é indecente!» A um argumento do dr. Alvaro Villela, uma gargalhada formidavel atroou a sala, deixando-o da cor do seu capello, quasi sem poder fallar. O presidente, de vez em quando, ameaçava interromper o acto, furioso. Quando, ás vezes, o candidato conseguia fallar, admirava-se-lhe uma grande facilidade d'expressão, uma correccção elegantissima de linguagem e parecia sereno, seguro de si, no meio de toda aquella tempestade. Quando chegou a vez do dr. Caeiro da Matta de argumentar, na sala não se respirava, uma impressão indizível esmagava toda a assistencia. Ohavamos nos, interditos, n'um mixto de formidavel indignação e de espanto!

O que era aquillo! Que ira tremenda animava aquelle juiz contra o candidato — seu collega de pouco tempo antes?! Aquella impressão é inapagavel no nosso espirito! Que nos importava a nós o valor scientifico do doutorando! Não o podiamos apreciar nem era preciso para formar-se o nosso juizo. O que se estava a passar n'aquella sala era uma coisa medita, má, revoltante, que commovia e indignava!

A pretexto d'um acto scientifico, chegava a insultar-se um homem!

Lembra-nos que nos encontramos á porta ferrea, depois do acto, com um rapaz do 5.º anno, que chorava, desafogando a opressão que o esmagára lá dentro!

Depois... Mas está na memoria de todos... A manifestação que acompanhou o candidato reprovado até casa, n'um trajecto enorme, foi uma coisa imponente, delirante, cheia de entusiasmo, de generosidade, de revolta! Aquella massa enorme d'estudantes chamava em altos gritos, pelos nomes d'aquelles d'entre todos, que estava acostumada a ouvir discursar nas suas assembleias geraes para que exprimissem em palavras a indignação que lhe saia em gritos das gargantas enrouquecidas!

Fôra aquillo a gota d'agua que fizera trasbordar o balde! Era a indignação, latente e comprimida, contra muita coisa injusta que ha muito se sofria.

Eram resentimentos, amarguras, pequeninas injustiças accumuladas, que faziam explosão, torridamente. Não havia *mensura*, não podia haver. Houve representantes, interpretes, delegados de toda a Academia, que a uns certos impoz, ineluctavelmente, o dever de por ella fallar, por ella agir. Por vezes este facto assumiu as proporções d'um mandato imperativo que só se podia recusar lutando. Houve excessos? Houve, se o juizo! Mas tinham começado de cima — e trememos!

A scena passada nos *geraes* na manhã de 1 de Março, deixou espantados os proprios que nella tomaram parte. Ninguém a esperava. A convicção geral era de que «não se fazia nada». Quem escreve estas linhas ficou tão interdito, tão assombrado, com aquelle trovão que ecoou subitamente no velho edificio universitario, com aquella explosão de gritos e de imprecações que ribombou pelos claustros academicos, que dez minutos depois da scena terminada, não conseguia articular palavra, varado d'assombro, todo tremulo. Depois, até esses excessos inevitaveis se corrigiram, foram esperadamente verberados nas assembleias d'Academia — imponentes reuniões d'um aspecto commovedor e inolvidavel, pela elevação do que lá se disse e das resoluções que de lá saíram. Aquelles que, obedecendo ao mandato dos seus collegas, appareciam no estrado do Gymnasio a fallar, trataram de coordenar o movimento, tira-lhe todo o caracter aggressivo e tumultuario de principio e fazer-lhe uma coisa elevada, digna do respeito de todos, como foi tudo o que se seguiu depois, até á greve, de 8 d'April em to-

das as escolas do paiz. A Universidade expulsára sete estudantes, por um delicto que ella melhor do que ninguém sabia ser *commun*, ser de todos. A grandeza do extranho movimento de solidariedade de todos os escolares portuguezes, a sua enternecedora significação moral, a poderosa influencia social que esse movimento formosissimo, teria mais tarde, na vida da Nação, só a estupidez suina dum Joao Franco, só a maldade villissima dum sicario, poderia desprezar e combater. De todos os crimes d'esse homem, nenhum tão grande como este! Nenhum de tão desastrosas consequencias já provadas, em factos do dominio de todos e que desgraçadamente continuára a provar-se de futuro. Tudo que em Portugal ha de baixo, de reles, de vil, de miseravel, de tudo, esse homem lançou mão, para assassinar e esmagar uma geração inteira que mais do que nenhuma se annunciava radiante de esperanças e promessas!

Forçar consciencias á gazuza com um gatuno, enlamear caracteres, fazer entrar na vida rapazes generosos e honestos, pela porta do prejuizo e da tração, fazer córar camararias e amigos d'vespera uns d'ante dos outros, como reus e juizes, dividir, inimisar, semear odios, tudo isso esse bandido fez, tudo isso foi obra da sua estupidez e da sua maldade!

Foi um crime de emboscada, uma cilada traçoira e covardissima! Houve entre os estudantes alguns que o ajudaram?

Houve, desgraçadamente houve. Ha creaturas que nascem já velhas, decrepitas, galadas de todos os vicios e aptas a todos os crimes. E' possível que a Universidade ou a politica lhes dêem o premio do seu trabalho. Mas, se este paiz não está perdido, não lhe anguramos um futuro radioso. A sociedade a quelles pertencem está virtualmente morta e — ai d'elles! — quando ella morrer de facto! Animas de vista baixa só vivem no chiqueiro e morrem numa atmosphera... As corujas não podem ver o sol... Adiante.

A historia da questão ha-de talvez, ser feita. Por agora «paz aos mortos» e afastemos de nós todos o remorso das más acções que possamos ter praticado — que não ha nada mais dissolvente que o remorso!

Factos e Commentarios

Abertura das Lôrtes

Abre hoje, com o cerimonial costumeado, o parlamento portuguez. A sessão parlamentar que vai iniciar-se deve ser decisiva para a vida politica do paiz.

Se por um *tour de force* em que não acreditamos o governo se conseguiu aguentar, sem recorrer ao expediente velho do *golpe d'estado* pedindo ao rei a dissolução, a Monarchia, os seus homens e os seus processos sairão da pleja a escorrer sangue, m is uma vez amarrados a um peiouri ho de vergonha e de ineptia, perante a consciencia do paiz. D'ahi, mais nitida e mais clara, surgirá aos olhos de toda a gente a necessidade inadiavel de acabar com isto, definitivamente, por um acto decisivo. Mas o governo, logo ás primeiras e facéis escaramuças, reconhece a impossibilidade de governar com a camara e pede a dissolução ao rei que lh'a conceda? O resultado será o mesmo — a convocação em que toda a nação ficará, da impossibilidade de vida parlamentar com o regimen, dentro da apreguada *monarchia nova* como na *monarchia velha* de D. Carlos que onze vezes durante o seu reinado d'adeantamentos deu com a porta na cara aos representantes do povo.

O resultado será exactamente o mesmo tambem, no caso de o governo cair e as camaras ficarem. Aonde ha hoje possibilidade de organizar um governo que conte com o apoio parlamentar, mesmo quando esse governo, como este, saia d'um accordo, d'um conchavo entre qualquer dos partidos politicos do regimen? E' evitente essa impossibilidade.

E de ta lo isto o que logicamente se leduz é o fim da monarchia que já não pode aspirar a ter uma vida politica normal, — e a correlativa necessidade de fazer a Republica.

E senão ver-se ha.

o premio

«Dizer que um syttema é odioso, o mesmo é que dizer que é inapplicavel.» De quem será a phrase? Adivinhem...

Adelino Veiga

Realisa-se no proximo domingo, 7 do corrente, a inauguração das lapides com nome de Adelino Veiga, que, a pedido da commissão de homenagem áquelle poeta operario, a Camara Municipal deu á rua das Sollas.

Realisar-se-ha tambem um cortejo ao cemiterio onde será collocada uma placa de bronze no tumulo do intrepido luctador.

A' noite haverá uma sessão solemne na sala da Associação dos Artistas para inauguração do retrato de Adelino Veiga. Este retrato é obra do distincto artista Luiz Serra e as lapides são do primor-so escultor João Machado.

Santos

E nós a julgarmos que o capello era incompativel com a santidade!

Pois não é.

Lá vimos, em cima d'um anfor, na procissão de Cinzas, um authentico encapellado, de tamanho natural. Só lhe faltava fallar.

E' verdade que era de bom tempo, no tempo dos *Canones*.

Agora havia de ser difficil...

Só se fôr o sr. Pinto Coelho.

Com aquellas theses de tanta religião...

Graças

Foram finalmente distribuidas as graças regias resultantes do regio passeio.

Entre os agraciados vemos o sr. dr. Marnoco com a carta de conselho.

Parece-nos que s. ex.ª não é homem para essas coisas e por isso o melhor se á passar a carta para o sr. Goyo.

Era uma alegria para elle e o illustre presidente da Camara nada perdia.

Antes pelo contrario...

Um discurso

O discurso do sr. Alpoim proferido na dia, no sarau em beneficio dos famintos do Duro, é destas orações que merecia uma desenvolvida referencia da nossa parte, mas que a absoluta falta de espaço nos impede de a fazer como deseáramos.

O que porem não podemos deixar de dizer é que o illustre orador esteve absolutamente á altura dos seus creditos e deu a todos que o escutaram uma elevada sensação d'arte e de belleza. N'uma terra onde se falla muito e mal, o sr. Alpoim é dos poucos que mantem a tradição elevada, a sublime arte da palavra — tão desgraçadamente vulgarizada hoje, em bocas de phariseus.

Um bravo ao distincto orador!

Ridendo

No baile.

— O sr. Conde não atira tambem papelinhos?

— Não, minha senhora. Eu sou passivo...

Algumas opiniões sobre a ideia da Criação d'uma Escola de Direito em Lisboa.

Uma carta de guerra Junqueiro

A Commissão de Propaganda da criação de uma escola de Direito em Lisboa pede-nos a publicação da seguinte carta de Guerra Junqueiro em que o grande poeta aplaude a sua louavel iniciativa; com bastante praser a publicamos:

«Presado amigo

Desculpe-me não satisfazer o seu pedido. Sou quasi um invalido. E as poucas energias que me restam não posso dis-trahil-as da minha obra filosofica que desejava concluir.

A campanha de que me falla é justa e necessaria. Os estudos abstractos requerendo paz, silencio, meditação, devem realisar-se em Coimbra. As sciencias applicadas em Lisboa e Porto.

E' tão absurdo crear advogados e engenheiros no Penedo da Saudade, como crear poetas, rouxinões e filosofos no meio de guindastes e locomotivas.

Seu amigo obrigado

Guerra Junqueiro

Registro civil

Registou-se civilmente hoje um filhinho do cidadão Antonio Nunes da Silva, sendo te-temunhas os nossos estimados correligionarios Antonio Francisco Mendes d'Alcantara e Antonio Maria dos Santos.

A criança recebeu o nome de Acacio.

UMAS THESESES

Precisamente dois annos depois da greve academica, na mesma sala dos Capellos e com os mesmos lentes nos doutouraes, defendeu theseso menino Pinto Coelho, conhecido pelas suas ideias excessivamente reacionarias.

Dias antes haviam sido afixadas na Via Latina como é costume, as theses que o candidato se propunha defender e desde logo para ali se fez uma romaria de estudantes ansiosos de conhecer as ideias do manco.

Nunca na Universidade, desde que estamos em Coimbra se ousára dizer tanto disparate, lemos e não quizemos acreditar.

Era lá possivel no seculo XXI!... E a Universidade, a facultade de Direito deixaria passar sem protesto aquelles absurdos scientificos? Mas logo nos lembramos de que a maioria dos lentes não é mais avançada, embora aparentemente queiram mascarar-se de liberaes. O menino Pinto Coelho havia de ser elogiado dizia-se. Alem disso a facultade de Direito devia-lhe os serviços prestados por occasião da greve de 1907 para cujo desastroso resultado elle contribuíra com todas as suas forças.

Não tivera coragem, é certo, para entrar nas aulas no dia 8 de abril, mas mais tarde, fóra dos primeiros a mandar carta ao orgão do franquismo. Atraiçoara os seus camaradas, mas isso que importava, e com essa traição tanto mais infame quanto partia dum alumno que tinha aspirações a ser um dia professor, elle havia contribuído para a aparente victoria dos lentes?

E não se enganaram os que assim pensavam. Lá os vimos, os mestres que haviam sido pateados dois annos antes, enaltecerem as altas qualidades de talento do sr. Pinto Coelho, embora se mostrassem um pouco contrariados por lhe ouvirem defender aquilo que intimamente sentem mas que não ousam afirmar.

O dictador, o que quiz matar e deportar dezenas de cidadãos sem nenhum respeito pelas leis de humanidade, até esse ousou chamar reacionario ao candidato!

No fim de tudo 18 valôres! Esta Faculdade de Direito!

TRIBUNA DOUTRINARIA

Philosophia e catholicismo

Summariamente, mas com bastante clareza, utilizando-me das proprias doutrinas catholicas, eu mostrei já alguns dos mais flagrantes absurdos da Religião com que elle ludibria as almas simples.

No ultimo numero me referi tambem a um estratagemas que ella vulpinamente accommodou, como subsidio, quando presentiu a vanidade dos argumentos tradicionais diluidos na critica que a sciencia d'elles começou fazendo: derramada profusa e conveniente luz sobre o circulo vicioso de suas cavilosas demonstrações, a Egreja tentou e conseguiu illu-uar as intelligencias por uma philosophia adrede preparada.

Postergando a experiencia, repudiando a realidade dos phenomenos, relegando para um plano secundario os ensinamentos que só dos factos nos provém, ella poude afeiçoar os desprevenidos a tal ponto, que conseguiu levar-os de conclusão em conclusão até obter o fortalecido alicerce que lhe era indispensavel: a necessidade do acto creador!...

Posta esta grilheta á intelligencia humana, debalde esta escabujaria na tenebrosa masmorra onde cahira; como colôrio da criação, vinha o Ser Creator, editor das mais tresloucadas doutrinas, fonte inexaurível de indigestos absurdos, patrono accommodatio dos mais atrevidos e insolentes dislates.

Tal tem sido a função da philosophia

metaphisica e dualista em cujas dobras o calholicismo se esconde e donde lança as suas nefastas raizes de escalracho que no solo humano vem, terriveis concorrentes, absorver quantidade consideravel de seiva que a sociedade deve não lhe conceder sob pena de ver estiolar a viçosa planta da Verdade que tão difficilmente pode brotar por entre o mato damninho do Erro.

Com agrado eu venho notando, é verdade, ousados e reflectidos constructores do futuro, bem municiados pelas conquistas irrefutaveis da sciencia, que levam de vencida as hostes aguerridas do Vaticano pela encosta abaixo solicitadas para as profundezas do aniquilamento pelo peso do proprio e ro que professam.

Eu não repudio a philosophia. Muito pelo contrario persisto em a considerar processo não despiçando. Ella é, sobre tudo, a cohesão de toda a sciencia.

Divorcie-se qualquer ramo de sciencia da philosophia e aquella resultará, sem duvida um conjunto de factos sem utilidade como incentivo, ensinamento e direcção da Humanidade na via ascensional do proprio aperfeiçoamento.

Para que haja sciencia urge que observemos e provoquemos os phenomenos; que espreitemos cuidadosamente a Natureza, cotejando e relacionando as suas manifestações; que busquemos o nexo de continuidade que liga a successão dos factos e que aos necios antepassados deu a impressão de causa e effeito; que completemos as conclusões que decorrem da nossa observação, elaborando as hypothesees e as theorias, coordenações mais ou menos provaveis cuja contraprová nos será dada pela syntese: tudo isto é do dominio da philosophia.

Ora a philosophia tem como instrumento imprescindivel, exercitada no maximo gráo, a faculdade da razão.

Eis a deusa exclusiva da Humanidade futura.

Será tanto mais poderosa, tanto mais infalivel, quanto mais crescido for o pectulo da observação, porque ella propria nada mais é do que a syntese resultante das impressões que a observação accentral e individual, tem vindo modificando o animal desde o protoplasmata até a republica de células harmonica e aperfeiçoada que constitue o homem civilizado e erudito.

Carecem-se de muitas gerações para que uma observação atice o organismo, encarne e se consubstancie, mas por isso sem que de tal o ser vivo tenha consciencia, este embora os seus juizos, ficando os no substracto da propria mentalidade como se obedecesse a uma lei infalivel e irresistivel. De o critico não repara profundamente no processo, ao da balança aos proprios phenomenos, convence-se que elles provem duma mania extranho a sua substancia e cre facilmente que as normas porque alere os proprios juizos lhe foram dadas por algum legislador extranho a natureza animal.

Se cahir nesse erro, tem dado um passo para o campo da esotericism metaphisica, que tanto tem entravado o progresso humano.

O homem primitivo desajudado de tudo, ainda desarmado da propria experiencia, que era muito limitada, observou phenomenos cuja experiencia colligiu por um modo imperfeito e erroneo. Assim se fixaram os primeiros e basilares erros que vieram informar a mentalidade humana com uma quantidade consideravel de juizos, a que hoje chamamos preconceitos.

Esses preconceitos dominaram inconscientemente entre os homens através de muitas gerações, e assim adquiriram um tal foro de cidade que difficilmente se vão hoje desenraizando. Esta difficuldade de para-se-nos não só perante os espiritos incultos, senão, o que mais é, perante alguns celeberrimos eruditos!...

Em numeros seguintes, desfilarei os mais basilares desses erros, investigando-lhes a origem e influencia, e pateando a inanidade em que a sciencia os deixa por meio das suas conquistas indefectivas.

Lucifer.

A «REVOLTA»

Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO», Rocio.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis assignantes pedimos desculpa do atraso deste numero do Jornal. Foi devido a uma mudança da machina em que elle é impresso.

O Brazil moderno

VI

Carlos Gomes

Nascido na formosa cidade de Campinas (Estado de S. Paulo), logo na sua infancia começou a manifestar uma accentuada tendencia para a musica, em cuja arte subime se tornou depois notavel.

Assim foi que, depois de haver concluido o seu curso no Conservatorio, onde ganhou sempre os primeiros premios, se dirigiu para a Italia subvencionado pelo Governo, a fim de ali desenvolver e aperfeiçoar os seus estudos.

Longa foi a sua permanencia n'aquelle paiz onde então deu largas ás suas faculdades, expandindo todo o seu genio artistico em produções que a immortalizaram, honrando tambem a Patria, de que era filho dilecto.

Alóra as operas a que ligou seu nome como: O Escravo, Salvador Rosa, etc. quem ha que não conheça o «Guarany» que, por si só, bastaria para o glorificar? Inspirando-se no commovente e emocionante romance do grande escriptor e seu illustre patricio José de Alencar, cujo trecho se desenrola na epocha do Brazil colonial, e onde se accentuam as sympathicas figuras da adoravel Cecy, sentimental e enternecida, e do generoso Peiry (indio do tribu Guarany), destemido e apaixonado, Carlos Gomes, legou ao seu paiz, o fructo d'essa bellissima inspiração, em que a nossa alma suavemente embaldada nas ondas d'uma tão maviosa e melodica harmonia se perde n'um vago mysticismo...

Quando Carlos Gomes, foi ao Rio de Janeiro, reger, pela primeira vez, esta sua opera, terminada a symphonia, em que elle distillou toda a sua inspiração, e apoteose que então, e merecidamente lhe foi feita, foi indescriptivel. Os mais indifferentes á divina arte, electrizados pelos suavissimos accordes, que lhes fazia vibrar vivamente as cordas nervosas do sentimentalismo, associaram-se espontaneamente, n'um gráo maximo de entusiasmo sincero, a todos os outros que, por natureza, sensiveis á arte do divino Apollon, n'um brado unisono e n'um phrenes elirante, explodiram todo o seu arrebatamento.

O grande maestro teve n'essa noite, n'essa memoravel e rara consagração feita no Theatro Lyrico, a mais concludente prova do extraordinario apreço em que era tido.

O governo brasileiro, mais uma vez procurando demonstrar, quanto não lhe é indifferente a gloria dos cidadãos illustres do seu paiz, concedeu-lhe uma generosa pensão, premiando tambem assim o seu alto valor.

Regressando de novo á sua terra natal, a fim de gosar por algum tempo a tranquillidade que o seu organismo já um tanto depauperado exigia, começou então para elle uma existencia atormentada, resultante d'um terrivel carcinoma que, traiçoeiramente e zombando de todos os recursos de sciencia, lhe roubava dia a dia, a preciosa vida.

Flagellado e corroído por esse horrivel mal, ali cerrou para sempre os olhos em cujo brilho se adivinhavam as geniaes fulgurações do seu grande espirito.

Campinas, querendo relembrar aos seus posterios, a grata e saudosa memoria d'esse tão glorioso filho, e prestar-lhe uma justa e louvavel homenagem, mandou e igithe um magnifico monumento, que lá estará, perpetuamente, a attestar a sua enlevada admiração.

Centro Democratico Academico de Lisboa

Publicamos hoje a ultima parte da conferencia que sr. Fidelino de Figueiredo fez no dia da inauguração deste centro, subordinado ao thema.

Considerações sobre Portugal

e de que já demos a 1.ª parte no penultimo numero.

Meus senhores, para todo este progresso contribuiu Portugal brilhantemente. Constituido no seculo XII pela federação de algumas behatrias que Afonso Henriques soubera tornar conscientes, entrou nos seculos XV e XVI na grande transformação europeia que foi a Renascença.

Esta pôde encarar-se sob quatro aspectos capitaes: as sciencias, as artes, a philosophia e a sociedade. Sob todas quatro, Portugal foi importante colaborador, começaremos breve.

Mas o que mais urge esclarecer é que elle não foi só um colaborador nos resultados mentaes, mesmo poderoso agente pelos descobrimentos.

Nós hoje supomos banal que um punhado de homens se aventure ao mar, numa barçaça mal segura, aporlem a uma terra longinqua, levantem um padrao e regressem. Mas abstrahimos por um momento da nossa constituição moderna, amputemo nos e reconstruamos o estado de espirito dos homens da idade media. Compreenderemos então como os impressionarios saberem que a terra não era só a Europa, o Mediterraneo e a velha Asia, que havia novos continentes, novos mares, novas ilhas, compreenderemos como desavariaria verem novas estrelas para as especuações astronomicas, novas plantas e novos animais, homens amarellos, vermellos e negros que nem azeitavam da existencia do branco, suposto rei da criação; perceberemos o que era esse alargamento de vida, fora da Biblia, da Teologia ou da sciencia dos antigos. Copernico foi dos primeiros a estabelecer a gloria da nossa patria, confessando que as viagens da Lutzania, como elle escrevia no livro «De revolutionibus corporum coelestium» foram a confirmação para o seu heliocentrismo. E no seculo XVII Humboldt, analisando o reflexo da natureza na consciencia humana, verificava como Portugal alargara consideravelmente essa consciencia.

Isto foi Portugal como agente. Vejamos como elle colaborou nas consequencias mentaes. Nas sciencias foi o primeiro a aproveitar o novo campo de observações de fauna e flora. Garcia da Costa fundou em Bombaim um jardim botânico, cujas observações consignou na sua obra, que longamente influu nas ideias coevas da historia natural, como o mesmo Humboldt confessou.

Francisco de Mello consultou Euclides e Arquimedes e discussu as relações da Geometria com a Astronomia. Pedro Nunes, inventor do micrometro Nonio, saiu a campo para contradiar as jaclatias do francez Oroncio que se dizia descobridor da trisección do angulo, da quadratura do circulo e da inscrição de qualquer poligono num circulo, pôs em sistema scientificas as conclusões experimentaes dos navegadores e tornou-se eto da cadeia da evolução da sciencia.

Nas Artes, meus senhores, realisamos a aspiração suprema de todas as literaturas do seculo XV, a epopeia nacional. Todos os factos do tempo presentiam a grandeza do seculo e como elle devia ser memorado numa obra eterna, como as epopeas homericas ou a Ilíada, e nesse intuito todos se estimulavam. A França só via essa aspiração realisada no seculo XVIII por Voltaire, glorificando um rei actual, Henrique IV e Carlos V e Philippe II tambem foram glorificados em poemas subservientes.

Só Portugal, porque realisara o feito supremo do seculo, o predomínio da intelligencia humana sobre a natureza hostil conseguiu esse ideal, «os Lusíadas». Cantos pelo genio e pelo sofrimento, nas luctas, nos naufragios, nos cercos, nas fomes e carceres, criou isso que é a obra de Arte Eterna da nossa terra. Todo o mundo a sentiu. A proposito direi, meus senhores, porque sei que isso lisonjeira o seu orgullo nacional, que vai fazer-se em Paris uma nova edição dos «Lusíadas» em francez, por iniciativa de quem tem a benevolencia de ouvir. Continuando:

na philosophia, o genio portuguez tambem se manifestou brilhantemente.

Francisco Sanches combatu o subjectivismo teologico, compreendendo como as Sciencias Novas reclamavam uma Sintese mais larga, e defendeu Aristoteles contra Petrus Ramus que só conhecia o filosofo grego através as interpolações deturpadoras da escolastica medieva.

E socialmente acompanhámos o movimento do absolutismo, que era ainda um progresso porque um só tirano é sempre preferivel a cem tiranetes.

Isto é tão bello, meus senhores, tão grandioso, tão épico que dir-se-á que fantezio; mas não, é aos estrangeiros que é necessario ir buscar a força e a consciencia do nosso individualismo politico, porque são insuspeitos de amor patrio. E hoje a atmosfera moral é tão acabrunchada que mal compreendemos essa grandeza passada. E' necessario congregarmos, incrustarmos numa moral e numa philosophia intransigente e avançarmos juntos e invenciveis como os soldados da ve ha falange macedonica, integrarmos a nossa patria no grande quadro da civilização, porque a patria e a humanidade são incompativeis.

A nossa apatia fez-no-la julgar incompativel e isso levou espiritos como Anthero do Quental a declarar que deviamos abdicar da nossa individualidade politica para nos lançarmos no seio da Espanha e juntos caminhar. Um homem soube parar essas torrentes de descrença, foi o professor Teofilo Braga, um exemplo moral, uma lição, uma esperança.

E assim é esse velho de 67 annos que hoje personifica a nossa crença, mostrando dia a dia que tivemos uma historia nacional, uma Arte Nacional, Cultura propria, como eu rapidamente esbocei a proposito da Renascença. Tudo isto merecia maior desenvolvimento e isso far-se-á na proxima edição franceza dos «Lusíadas», destinada a circular pelo mundo.

Urge pois trabalhar activamente por uma Patria que não é uma vaga idealidade poetica, mas a reunião de todos os portuguezes, ciosos do seu bem estar e da sua felicidade. Continuando nesta apatia e nesta indifferença pessimista, dir-se-ia terem nascido para aquêle destino que lhes attribuia Anthero:

«Para serem no paramo enfadonho,
«A luz d'astros malignos a enganoso,
«Como um bando de espetros lastimosos
«Como sombras correndo atrás d'um sonho».

Tenho dito.

ENSAIOS DE CRITICA

A arte moderna

II

Il n'y a pas de régle qu'on ne puisse blesser à cause de SCHONER.

Beethoven

A arte d'hoje repudia completamente todos os systemas, todas as direcções, tudo o que de perto ou de longe pode dar ideia de adhesão a qualquer programma de escola. A individualidade é a unica lei a que se quer obedecer, o que afinal é excellento, visto que a individualidade é o principio essencial da arte. A regra, o modelo, a escola, tantas restricções que durante tantos seculos, até hoje, se impunham á imaginação creadora dos artistas mas dentro dos quaes, diga-se de passagem, nasceram as grandes composições dos maiores genios, tudo se pôs de parte para não subsistir senão a inspiração absolutamente livre do artista.

Fundiram-se os generos, desapareceram os laços de escola, esqueceram-se quasi totalmente as antigas formas musicas — ninguem hoje faz motetes ou canoes, salvo raras faz sonatas, excepções (Grieg) ninguem e embora algumas composições, se apresentem sob a forma de roudó, é tão profunda a alteração do periodo principal nas repetições que só difficilmente se reconhece aquella forma; é característico, entre outros, o poema humorístico de Ricardo Strauss — Till Eulenspiegels Streiche.

A symphonia moderna em pouco se parece com a Classica; hoje os symphonistas, alem de abandonarem as formas existentes procuram traduzir a ideia de coisas conhecidas, inspirando-se, geralmente, para isso, em poemas e poesias muito vulgarizadas.

Para exemplos, basta citar — L'apprenti sorcier — de Dukas, d'après la balade de Goethe; Le camp de Wallens-

lein — de D'Indy, inspirada na poesia de Schiller.

O que representa, historicamente, nas suas obras symphonicas, um Beethoven, é a emancipação definitiva duma arte que começou a libertar-se da antiga tutela na epocha da Reforma e da Renascença e que desde então apenas conhece a humanidade, a natureza e a religião natural.

O que representam os compositores contemporaneos é essa liberdade absoluta, não se exercendo só abstractamente como nas symphonias classicas, mas applicada a factos concretos, naturalistas e sociologicos com uma independencia illimitada.

O que caracteriza presentemente a musica é um estado de renovação profunda e integral realizada pelo impulso individualista que destroe ou abala todas as velhas convenções.

Sendo a arte a natureza vista através dum temperamento, a mais perfeita será aquella que se realice no artista sem convenções, sem peias, sem formulas, sem leis.

E' a anarchia — é a Verdade.

Sarau Academico

Foi, como o do mês passado, litterário e musical.

Mas mais ameno na parte litterária, pois apenas um brioso nos cantou uma poesia: não se ganhou em qualidade, mas lucrrou-se em quantidade. Do mal o menos.

Tambem representaram; sabem o quê? «Uma anedota».

São corajosos, os amadores!

Lamentamos do coração o sr. Marcelino de Mesquita, que na mesma noite viu assassinados dois filhos... Sejam mais humanos!

No fim, a conferencia sobre o namoro no Rio de Janeiro, por Baptista Coelho. Espirituosa, bem observada, muito bem dita; interessante, enfim. Mas o namoro, lá como cá...

Na parte musical tornou a exhibir-se a Ex.^{ma} Sr.^a D. Eduarda Ivens; não desvaneceu a má impressão que nos deixou no ultimo sarau, antes pelo contrario; tambem, foi logo escolher um trecho de tal difficuldade, que até pessoas que sabem cantar não conseguem muitas vezes interpreta-lo satisfatoriamente. A musica de Saint-Saens não é positivamente a «Margarida vaes á fonte»...

O Orpheon apresentou um novo trecho: Coro dos pastores da Serrana de Keil; bem, como tudo; admiraveis mesmo os diminuendo e pianissimo.

O grito de entrada é que devia ser dado com mais força, mais energia, mais... selvajaria.

O tom dado foi um tanto baixo o que tambem contribuiu para que o «Eh! lá! lá!» não resoasse como grito de pastores do Herminio.

O mesmo se deu na cavalgada do Jägerchor.

Pequenos defeitos que o grande artista que rege o Orpheon facilmente corrigirá.

A verdade é que o Orpheon é e será sempre nos espectáculos em que tomar parte, o clou, a great attraction.

Triplina.

AVISO

A todos os srs. assignantes que não mandaram satisfazer ás estações postaes correspondentes, a importancia da assignatura do 1.º trimestre, e a quem enviámos circulares participando o caso, pedimos com insistencia para que tenham a bondade de nos enviar a respectiva importancia, poupando-nos assim despezas eseusadas.

«A REVOLTA»

ASSIGNATURAS

Continente, ilhas e ultramar, trimestre. 300
Estrangeiro. 600

Pagamento adiantado

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS — cada linha... 30 réis
Repetições ... 20

Consultorio Medico-Cirurgico

Doenças dos ouvidos, fossas nasaes e garganta

CARLOS DIAS

Doenças do estomago e intestinos.

ANALIZES: succo gastrico, lézes e urinas

MANUEL DIAS

MEDICOS ESPECIALISTAS

Com pratica nos hospitais de Paris

Consultas, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde

Rua Ferreira Borges, 5 COIMBRA

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos orgaos genito urinaes do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justica

Electrotherapia

Medicacão electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Consultorio Dentario

DE

MARIO MACHADO

Cirurgião Dentista pela Universidade e com pratica da especialidade em Paris

Praça 8 de Maio, 8 — COIMBRA

Tabella de preços

Consulta	500
Extracção de cada dente ou raiz	500
Extracção com anesthesia	15000
Obturação	16500
Aurificação	45000
Limpeza de dentes	15500
Dentes artificiaes	25500 e 45500
Dentes de pivôt	85000
Corôas de ouro	125000
Tratamento de doenças da bocca e gengivas, por sessão	15000

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

CACHORROS DA SERRA DA ESTRELLA

A venda no Sanatorio de Manteigas, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Dozes de ovos com os mais finos recheios.
- Dozes de fructa de diversas qualidades, seccos e crystalizados.
- Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
- Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de jolhado
- Galantines diversas Tête d'Achar Patê de Liever e Foie.
- Sauissés Pad ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
- Pão de ló, pelo systema de Margaride.
- Especialidade em vinhos generosos e licôres finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Christostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cida de

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que affirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, cor lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de ve tido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 15350, 25320, 28800, 45100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 15200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	15200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 15000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 55000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL. Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico. Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram. Não confundir os GRANDES ARMAZEES DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualq'uer outro estabelecimento, porque depois arrepenhem-se, e só nós vendemos bom e barato

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

- Faz leilão em todos os mezes de novembro
- Compra e vende mobília usada
- Encarrega-se de leilões e liquidações
- Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automóvel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

Barberia Universal

157 — Rua Ferreira Borges — 157 COIMBRA

Bazilio Augusto Diniz

Artigos para barbeiro e cabelleireiro, tudo o que ha de melhor em fabrico e qualidade.

- Especialidade em navalhas de barba
- Perfumarias — das mais acreditadas fabricas allemãs e francezas.
- Pós e pasta dentrificas.
- Pescovas para dentes, cabelo e fato.

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasôes e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

Relojoaria Ferreira

DE MANUEL NUNES FERREIRA

53, R. Ferreira Borges, 55

COIMBRA

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante colleção de relógios de todos os systemas e auctores, de ouro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relógios proprios para mesa, parede e morés. Ha espetadores desde os preços mais baixos aos mais elevados. Vendem-se orreentes de prata e ouro.

Concertam-se relógios de todos os systemas e auctores e caixas de musica. Preços limitadissimos

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo. Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservacão de calçado. Solas de borracha de todas as qualidades. Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

DROGARIA VILLAÇA

146 — Rua Ferreira Borges — 148

COIMBRA

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas. Tintas, oleos, vernizes, brochás, etc.

Alcool e perfumarias

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Formez impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOs

Telephone n.º 114

O BLOCO

Dissidentes e Vilhenistas, ainda hontem insultando-se e deprimindo-se uns aos outros, acabam de se unir fraternalmente para de combinação bem calculada atirarem a terra com o governo dos senhores Campos Henriques e José Luciano. Houve muita gente que ficou surpreendida com o facto, mas nós de ha muito acostumados a estas reviravoltas politicas, tivemos apenas o mesmo encolher d'ombros do dia em que nos comunicaram que o João Franco tinha dissolvido o parlamento *sine die* e atrado para o lado a mascara de liberal que o tinha levado ao poder.

O senhor José d'Alpoim não nos inspira hoje menos confiança do que nos dias em que trabalhava connosco para a implantação da Republica, pela simples razão de que nunca acreditamos nos seus protestos liberaes. Até na hora mais accesa da lucta contra a dictadura franquista nós vimos no senhor Alpoim conspirador, o Alpoim antigo, perseguidor da imprensa e auctor dos artigos que no jornal *O Dia* auctor advogaram a exclusão dos deputados republicanos do parlamento.

E áquelles que nos afirmavam que o senhor Alpoim estava mudado e arrependido nós respondemos sempre apontando o dictador João Franco que tantas decepções trouxera aos que o tinham acreditado na sua fase de liberalão.

Mas se algumas duvidas podiam ainda existir a respeito dos propositos e intenções do senhor Alpoim e da grande maioria dos seus partidarios ellas desapareceram já, de certo, depois da confirmação da aliança parlamentar com o partido regenerador.

O primeiro passo no caminho do poder e da aliança com o rotativismo, que tanto atacou, deu-o o senhor Alpoim no dia em que no Porto se coligou com os reaccionarios de todos os matizes contra o partido republicano.

O segundo deu-o agora, aliando-se com os regeneradores e esquecendo-se de que nesse partido militam e são marchas alguns dos adeptadores de maior vulto.

Se o senhor Alpoim fosse sincero e estivesse resolvido a levar até ao fim a questão dos *adeantamentos*, como tantas vezes lhe ouvimos apregoar, não poderia de maneira nenhuma fazer um acordo parlamentar com um partido que ha de ter todo o interesse em que se não faça luz em tão melindroso caso.

Não podemos negar aos regeneradores uma certa habilidade na maneira como conseguiram destruir toda a acção parlamentar dos dissidentes que alguma coisa poderiam fazer em beneficio do paiz se continuassem no seu posto de combate. Mas quer-nos parecer que os partidarios do senhor Alpoim, não foram tão tolos como á primeira vista parece, e antes se deixaram ir na corrente, por já estarem cansados d'u-

ma opposição honesta e desinteressada, e irem vendo cada vez mais longe as cadeiras do poder.

E assim tudo acabará em bem. O senhor José d'Alpoim ficará regenerador ou formará com os regeneradores um partido qualquer, e o senhor Campos Henriques sem forças proprias para se fazer chefe de partido ver-se-ha na dura necessidade de ir ocupar no partido progressista o logar que o senhor Alpoim lá deixou.

E quer-nos parecer que com a troca tanto lucram uns como os outros. O senhor Alpoim tem talvez mais um bocado de talento mas em compensação o senhor Campos Henriques parece ter um pouco mais de vergonha...

Entre os dois venha o Diabo e escolha!

Carneiro Franco

«CANÇÃO» PERDIDA

Com este titulo publicámos no numero anterior a traducção d'uma interessante poesia grega á maneira de Sapho que, por um feliz acaso, um nosso amigo encontrára perdida no ultimo baile do Gremio.

A pessoa que a perdeu enviou-nos uma amabilissima carta que muito agradecemos e, juntamente a resposta á poesia publicada, traduzida igualmente do grego e que se atribue a Tavaridika, poetisa de Athenas, a quem, como os nossos leitores notaram, a primeira se referia.

Gostosamente inserimos esta que em nada desmerece da outra e é interessantissima como documento de costumes do tempo:

— O' Barakteia, Barakteia de cabellos negros e profundos, como os bosques sagrados nas noites tenebrosas tenho medo do brilho dos teus olhos e tremo de frio se tu não olhas para mim.

— Queima-me a tua bocca os hombros nús e quero fugir — mas, apres-sa-te, desata os laços que me prendem a tunica, porque são horas e eu estou gelada.

— Tu hoje não me batas, choras muito depois, mas eu fico com os braços cheios de nodos, eguaes ás que deixas na alvura das tunicas o vinho escuro de Samos, que se verte das amphoras nos banquetes.

— Que culpa tenho eu, ó Barakteia, de que o estrangeiro hospede de Chrysothemis, viesse hontem depôr joias e flores á minha porta? Os braços d'elle eram mais brancos do que os teus e não tinham aquella penugem muito fina que eu gosto de sentir na palma da minha mão, e que os teus braços têm.

— Ha junto á ponte, a estatua d'um Appollo Delphico nús, que é tão bella como eu adivinho que será o estrangeiro, hospede de Chrysothemis. Ai Barakteia não me batas!

— Magoaste-me muito, e agora ajoelhas a meus pés. Estou transida

de frio. Agasalha-me. Porque será que eu não posso fugir-te?

— Se tu soubesses em que eu estou pensando, Barakteia. Vae perguntá-lo ao Oraculo e elle te dirá que eu penso, enquanto tu choras e me beijas — no estrangeiro loiro, hospede de Chrysothemis.

Adelino Veiga

E' amanhã que, como dissemos no ultimo numero, tem logar a homenagem que uma comissão de operarios de Coimbra resolveu prestar á memoria de Adelino Veiga.

E' de toda a justiça e portanto digna da maior sympathia essa festa feita pelos operarios a um camarada e conterraneo illustre.

Adelino Veiga, modesto operario guarda-solteiro, foi realmente no seu tempo e no seu meio uma figura de destaque, e pena foi que a doença não permitisse que elle continuasse a sua obra.

Morreu novo, em 1887, tendo nascido em 1848.

Brutalmente a tuberculose veio cortar a vida d'esse homem cujo valor se mostrava em todas as suas aptidões, que as tinha e muitas.

Como poeta elle deixou, além de muita collaboração dispersa em jornaes, dois livros de versos, *Lyra do trabalho* e *Guitarra de Almaviva*. Nesses livros se encontram poesias de alto valor, principalmente entre aquellas em que se manifesta a sua alma de revoltado, porque Adelino Veiga foi acima de tudo um revoltado.

E' sob esse aspecto que elle nos apparece collaborando no jornal *A Officina*, pugnano sempre pelos bons principios e pela emancipação da classe operaria.

E assim, foi um entusiasta do movimento associativo, trabalhando sobretudo na organização das associações de classe. Era tambem um actor distincto. Tendo começado como amador chegou a ser um profissional da arte dramatica, fazendo parte d'uma companhia da actriz Emilia Adelaide.

E tambem nesse campo foi notavel esse homem dotado pela natureza com altas qualidades que elle, nascido na pobreza e vivendo sempre na pobreza e até na miseria, soube deseavolver, educando-se a si proprio, lendo, instruindo-se, até chegar a ser considerado e admirado entre os intellectuaes do seu tempo.

E tão admirado era que o seu enterro foi uma das maiores e mais sentidas manifestações que nesta cidade se teem feito.

Milhares de pessoas, não só da classe operaria mas de todas as classes sociais, se incorporaram no cortejo.

E ainda bem que a sua figura não foi esquecida.

Agora, vinte annos depois da sua morte, elle é ainda lembrado com saudade e com admiração pelo povo de Coimbra que numa festa civica vai consagrar a sua memoria e lembrar aos novos, aos que já o não conheceram, esse illustre filho d'esta cidade, para que assim a moderna geração conheça o homem e a sua obra de artista e de defensor dos opprimidos, d'essa classe tão numerosa e a que elle tambem pertenceu.

A Camara Municipal deu tambem o seu concurso para esta festa, dando o nome de Adelino Veiga á rua onde elle nasceu, a rua das Sollas.

Assim o resolveu em harmonia com o brilhante parecer do vereador Dr. Silvio Pellico, sobre o pedido feito nesse sentido pela comissão promotora da homenagem.

A redacção da *Revolta* applaude sinceramente tão sympathica festa e tem o prazer de a ella se associar honrando as suas columnas com a publicação de uma poesia de Adelino Veiga, uma d'aquellas em que mais eloquentemente o poeta se insurge contra os privilegios e desigualdades sociais.

CELEBRES... DE BORLA



Um documento historico

Proponho que os membros da Conferencia se comprometam aqui formal e expressamente a impedir a entrada para o Magisterio de Medicina do estudante Antonio José d'Almeida quaesquer que sejam as classificações que hajam de lhe ser conferidas quer agora, quer no quinto anno ou depois.

30-VII-94

Lopes Vieira

(Dum autographo publicado no livro do Dr. Antonio José d'Almeida *A Desaffronia*.)

O SABIO E O PRETO

(Para cantar com a musica da cançoneta

No mi parió mi madre
Para casada
Porque yo no puedo ser-lo
Con esta cara!)

Era uma vez um preto
Que estava doente!
E desmaiou de susto
Mal viu um lente!

Julga o lente que o preto
Já não vivia!
E levam-no p'rá mesa
D'Anatomia!

Logo o lente começa
Com furia brava
A cortar no pretinho
Que p'r'alli estava!

Mas o preto era bruto
Sem consciencia!
E estava-se nas tintas
Para a sciencia!

Não poudo aguentar-se
Com tanta gloria!
E deu o maior espirro
De que ha memoria!

Vejam o desacato
Deste indecente,
Que queria saber mais
«Que o senhor lente!»

«Tu não teimes commigo»
Diz o doutor.
— «Tu estás morto e bem morto,
Grande estupor!»

Depois sem hesitar,
E logo alli,
Corta o pescoço ao preto
C'o bisturi!

E foi muito bem feito
P'ra se saber!
— Não se desmente um lente
Como um qualquer!

E acabou assim
A discussão!
Tinba afinal o lente
Toda a razão.

Dr. Watson.

A UNIVERSIDADE

CARTAS A UM AMIGO

Meu caro:

Na sua ultima carta V. compromete-me, «inoculando-me n'alma o capcioso veneno da lisonja» — como se dirá, em estylo patafascado, segundo eu calculo. E reproduzo os periodos venenosos; para o comprometer, por meu lado:

«Porque não faz você, serenamente, á boa-paz, com moderação para se livrar de possíveis represálias, o seu depoimento d'estudante, sobre os processos e os homens da Universidade e especialmente d'essa tão decantada Faculdade de Direito que você frequenta?»

Segue aqui uma lisonja muito redondinha e bem cuidada que eu não reproduzo, «como o outro que diz», por modestia, e depois acrescenta você: «Procure ser justo e claro e tem meio caminho andado. Não lhe fica mal, quando tiver de dizer bem um pouco de prodigalidade e, quando tenha de dizer mal, lembre-se da doutrina «da benevolencia» d'esse filósofo inglez, Hutcheson, tão sympathico á sua intelligencia e ao seu coração.»

Ora V. julgando-me capaz de fazer esse depoimento, sequer ao menos com clareza e com justiça, supõe muito de mim. Nada mais difficil do que ser «claro». E' talvez, mais facil ser brilhante, paradoxal, vistoso, malabaresco — do que «claro». A clareza presume a nudez simples das opiniões e das ideias. Ora além de que é preciso, ou ter muitas ideias pequenas, «de trazer por casa», ou duas ideias grandes «de sair a passio», para encher um linguado de papel, quem ha ahí que se julgue incapaz de torcer um bocadinho á ideia, á opinião, ao pensamento, só pelo prurido de fazer uma phrasinha mais interessante ou dar ao periodo um recorte mais original? Estou certo que poucos terão essa coragem em Portugal — e eu «não sou d'esses».

O «aticismo», é uma virtude archaica, que morreu com a civilização classica e estaria deslocada n'esta nebulosa e confusa civilização contemporânea — tão complexa como uma orquestração de Wagner. Além d'isso eu sou meridional e «um rapazola» como você benevolmente me chama. E a «justiça», então?! Já não fallo d'aquella justiça com J grande, que anda nos livros dos philosophos metaphysicos, nos poemas, nos jornaes e na bocca dos rethoricos. Fallo da outra, da justiçainha modesta, que cada um pode fazer dentro do pequeno tribunal que é a sua consciencia. Repare você n'esta phrase tão bonitinha e tão ôca como uma *cabaça de cheiro!* — Por isso eu, a principio, fiz como o facundo Ulysses — resisti, «ao canto da sereia» que era a sua carta, mas faltava-me a tempera dos heroes d'Homero e acabo por ceder, como você está vendo, escrevendo-lhe esta, — a primeira duma serie, que V., por mal dos seus peccados, terá que ler, porque eu, em represália, tratarei em conversa consigo, de ver-se as leu ou não!

Ah! meu caro, você encontrou o terreno optimamente preparado, para que a sua sugestão fructificasse — não vá presumir agora d'Onofro! Quanta vez no decurso d'essa malfadada questão academica eu pensei em «depôr na tribuna da Imprensa», ou — o que seria um excesso injustificavel! — arrojarme a mais alto commetimento e perpetrar essa coisa criminosa e anti-social que era um *livro* escripto por mim e n'aquelle momento, em que, ferido d'asa pelos fulgurantes raios de Minerva, eu via seriamente ameaçada por um lado, a eloquencia forense que, á certa, perderia o esplendor futuro do meu verbo, e por outro justificadamente jubiloso a agricultura e o commercio de modas, que me esperavam no exercicio dum d'estes dois misteres, por igual, uteis e salutares: — *cavar batatas ou vender*, empanado e dengoso, *surahs* ás nossas elegantes — unica coisa p'ra que serve no nosso paiz, um aborto de bacharel. Depois, o tempo passou, eu voltei, besuntado de graça régia e limpo de meus infandos crimes de lesa-cathedra, ao seio acolhedor e amavel de Minerva a quem passára a colera. . . tinha mais que fazer, e por isso mesmo não fazia coisa nenhuma. . . O caso é que o depoimento não appareceu mas a ideia, essa, cá estava latente, embryonaria, prompta a traduzir-se em factos, no primeiro momento. . . O sol da sua boa e honrosa amizade fez com que a semente desabrochasse.

E, posto isto, vamos assentar no plano que seguirei n'estas cartas, — por

que estas cartas tem plano, o que julga! — e, como se diz por cá, «no espirito que as informa».

O plano é simples. Primeiro expor-lhe-hei, em face dos factos que me estão diariamente sobre os olhos e das conclusões — certas ou erradas — que delles tiro, o que eu chamarei «a deficiência geral», «o mal b' silar» da nossa organização do ensino superior, mais de notar na Universidade do que em qualquer outra escola — e dentro da Universidade na Faculdade de Direito — se bem que seja descaçoavel injustiça atirar p'ra cima da «pobre velha do Mondego» todas as diatribes e julgar os outros estabelecimentos d'ensino do paiz livres das mesmas maculas e dos mesmos vicios de que ella enferma. Tem-se batidona Universidade muito, e na Faculdade de Direito ainda mais, e sabe você o motivo porque tudo isso não tem dado resultados alguns?

E' porque havendo carradas de razão, para atacar-l'a — esse ataque não tem sido feito com justiça e com conhecimento de causa. Esta é a verdade. Tem-se dito isto: «o ensino da Faculdade de Direito é mau, é pessimo, difficilmente será melhor. . .» E' absolutamente exacto, quanto a mim. Mas ao mesmo tempo, diz-se «os professores de Direito não trabalham, não procuram acertar, são d'uma ignorancia enorme, estão ainda na literatura juridica do seculo xviii. . .» E isto é redondamente falso, como eu lhe provarei, porque estou convencido e desde já lhe affirmo que, em regra o lente de Direito — fallo dos que estão aqui amarrados á nora universitaria e não se servem da cathedra como degrau para a politica — é de todos os professores da Universidade, o que mais afincadamente e tambem mais inutilmente trabalha. A seu tempo eu falarei d'isso e bastará citar-lhe os nomes de Marnóco e Sousa, Dias da Silva, Alves Moreira e Alberto dos Reis, para ter demonstrado a minha these.

Depois de conversar consigo e com o publico sobre as deficiencias goraes do ensino e as suas causas deixo-me assim dizer — «objectivas» reportando-me em especial á Faculdade que frequento — eu passarei a tratar do ensino tal como aqui se ministra, entrando em linha de conta com o coefficiente de qualidades ou de defeitos, que cada um dos professores, pela sua cultura ou incultura, pela abundancia ou ausencia de qualidades pedagogicas que possua, pelo seu methodo, traga á regencia das suas cadeiras.

Esse trabalho será feito, para maior garantia da minha imparcialidade, sempre que fôr possível, com transcrições das *sebetas*, em face da reproducção fiel do que se passa nas aulas.

E, no que diz respeito, ao «espirito que as informa» estas cartas deixo-me fazer-lhe esta confissão: eu — não pame! — sou um amigo da Universidade!

Não cuidará, decerto, que esta minha declaração seja p'ra me recomendar á misericórdia dos mestres que me leem — como já allí está a pensar, com ares de finório, aquelle *vacão* lanzudo e *manteigueiro*, que veiu da terra a abarrotar d'empenhos e, *se calhar*, já recomendado para lente. (Isto succede por cá!)

De resto meu amigo, não corro esse risco, porque na balança da justiça cathedratica, orgulho me eu e muito, de que pesem mais os negrões de minhas feias culpas do que as *qualidades universitarias* que — felizmente — em absoluto me escasseiam.

Mas voltando ao caso: eu sou um amigo da Universidade! A's vezes, quando em Lisboa, sento á mesa dum café, oiço fallar os meus compañeros, alumnos da Polytechnica, da Medica, do Curso Superior de Letras, nas suas aulas, nos seus professores, nos assuntos que estudam, — ah! meu caro amigo! — como me custa, como eu fico triste!

Eu acompanho quasi sempre com alumnos da Escola Medica — alguns dos quaes os meus melhores e mais intimos amigos, todos — louvado Deus! — inconclastas e honestos, como eu me preso de ser, e é o meu unico orgulho já que outros não me é licito, por deficiência da madrastra natureza — possuir. E elles falam com entusiasmo, com admiração, commentando, d'alguns dos seus mestres — Betencourt Raposo, Ricardo Jorge, Miguel Bombarda — das suas prelecções, da sua intelligencia, dos horisontes novos que elles lhes abrem na sciencia!

—E tu? Tu! — Dize lá! perguntam-me, pedem-me.

Eu. . . sim eu. . . Tenho dito coisas para não ficar mal, que — Deus me perdoe! — são muito exageradas e eu. . . não as penso, pela simples razão de que não posso pensá-las.

Depois o descredito, o ridiculo, que cae sobre mim a toda a hora. E eu amo a profissão d'homem de leis, eu interesso-me, na medida das minhas forças, pelos assumptos que se professam no meu curso. . . Mis. . . Ainda me ha-de lembrar a tortura que passei quando, nas ferias de Natal do meu primeiro anno, tive de mostrar ao nosso amigo P. V., as licções do Cordeiro, por onde eu estudava Sociologia! Ah! isto nem tudo são rosas, meu bom amigo. . . Esta vae longa. No proximo numero começarei a tarefa. Que *Minerva* e *Themis*, as deusas da intelligencia e da Justiça me ajudem no emprehendimento e que V. me perdoe a massada de que tem immediata culpa.

Com toda a consideração,

Barrada Curto

Factos e Commentarios

Uma garofice

Um jornal que para ahí appareceu no domingo passado e que se diz republicano, insere sob a forma de annuncio uma piada chula dirigida a uma familia d'esta cidade, que é digna de todo o respeito.

Achamos pôco o facto e contra elle protestamos, principalmente por a garofice partir de um correligionario ou de algum que se inculca como tal.

Outros processos, que esses são de Padre Mattos.

Erratas

Isto cá por casa é um horror a respeito de *gralhas*. A revisão teima em nos dar amargos de bocca. Assim por exemplo na secção *Celebros de Boria* saiu, no numero anterior esta coisa, *mas a chorar, num rio por mas a chorar, nunca rio que deveria ter saído*. No artigo *Um anniversario* na primeira columna da segunda pagina saiu *as septentissimas controversias romanistas* por *controversias romanistas* que já quer dizer alguma coisa.

E, *ainsi de suite*.

Boato

Corre o boato de que nas conferencias havidas entre o rei e os srs. Vilhena e Alpoim estes foram ameaçados de serem chamados a governar com as actuaes camaras, porque o sr. D. Manuel não sairia *por ora* da legalidade, dissolvendo-as.

Depois do paiz se *cansar* de ver a impossibilidade ou a instabilidade de tais gabinetes, seria, segundo o boato, chamado novamente o sr. Campos Henriques, o *Perdido*. As côrtes sam mandadas passar e depois: *o que a Deus aprouver!*

E o paiz não se *cansará* entretanto da instabilidade da monarchia?

De passagem

— Envio incluso os dez mil réis. Não pode registrar a carta a tempo. Ficarem roubados?»

— Onde em resposta e por partida: — Fomos infelizes. Não recebi nem a sua carta de hoje, nem o dinheiro, que agradeço.

Fallecimento

Falleceu ha dias o estudante do Lyceu Antonio Oliva Mendes da Fonseca que tinha ingerido tres grammas de sublimado corrosivo.

Desconhecem-se os motivos que o levaram a essa resolução que o fez soffrer horrosamente durante oito dias.

Foi muito sentido a sua morte porque era muito estimado por todos os que o conheciam.

Aos nossos amigos José Oliva e Achilles Gonçalves, irmão e cunhado do fallecido enviamos os nossos sentimentos.

Paris em Coimbra

Aos nossos leitores recommendamos a leitura do annuncio que inserimos na secção respectiva referente a esta importante casa. Confirmando os créditos de que vem gosando, o seu proprietario e nosso amigo J. M. de Vasconcelos contractou habéis contramestres para todo o genero d'obras tanto de cavalheiro como de senhora.

O CREDO

Quando passarem tempos, sim, passarem annos,
Que o povo não se curve aos vis palacianos,
Quando o trabalhador ao qual o suor orvalha
Souber que só é rei o homem que trabalha,
Quando elle comprehendder que a grande Mãe, a Terra,
Faz podre esterquilino dos mandões da guerra,
Quando elle bem entender que um Deus immaculado
Não pode ser a capa ignobil do peccado,
O Deus do jesuita, o Deus do beaterio
Que esconde um crime vil cõ as maguas d'um psalterio,
Ah! . . . quando elle despertar do sono em que inda dorme,
Quando se erguer possante, audaz, com força enorme,
Um crente, que beijando a Biblia da ex'ualdade,
Já saiba soletrar um lemma: a liberdade,
Então, só nesse dia, tão festivo e novo
Eu poderei dizer: « tu acordaste, povo! »

Adelino Veiga.

IMPRESSOES

Em geral as Theses na Universidade de Coimbra são raras. A propria faculdade de Direito dá-nos quando muito por anno duas a tres. Mas, é sabido, chegadas ellas, saboream-se os feriaditos, ouvem-se com um certo ar de importancia, e commentam-se com a autoridade de entendidos.

Pois, senhores, as ultimas, do candidato Pinto Coelho, deram que fallar.

Formaram-se partidos, houve sciões e blócos, uns reaccionarios, outros liberaes, discussões e criticas acerbas, coisas da bréca sobre o caso que mereceu durante tempo as honras do cavaco ás mesas dos cafés.

Alguns se abalançaram até a rabiscar sobre o assumpto, a favor, em contrario, e já agora, se a vossa bondade o permite, não ficarei tambem sem a nossa fazenda. Um episodio mais.

Não seremos nós d'aquelles que vão negar o talento invejavel do candidato. Admiramol-o sómente, em qualquer campo que elle se evidencie, porque é notorio.

Não nos traz aqui ainda qualquer menos respeito pela pessoa em questão, nem tão pouco motivos politicos para tal ou tal. Longe d'ahi.

— Diga-me os mandamentos da lei de Deus.

—! . . . Os mandamentos . . . não sei bem, mas . . . no primeiro pecco, no segundo não pecco, . . . pôde ficar uma coisa pela outra; no terceiro pecco, no quarto não pecco, . . . tambem fica uma cousa pela outra; no quinto pecco, . . . E assim chegou o rapazote até ao decimo.

— Pois bem, respondeu-lhe o padre amigo, o anno passado absolvi-o, este anno não o absolvo, e fica uma cousa pela outra.

Não calcula, amigo, e que se passou então. Em plena igreja, e confessionario, o rapazote levanta-se, e abanando fortemente as orelhas do pobre padre gritou-lhe que — se o anno passado lhe não puxara as orelhas, . . . agora puxava-lh'as, e ficava tambem uma coisa pela outra.

A tarefa foi tremenda, o escândalo enormissimo, durante muito tempo, e o rapaz excomungado. O diabo!

Correram porem os annos e tudo mudou.

Hoje, veja bem, hoje, já rico titular esse rapazote liberal dos seus tempos é um reaccionario consagrado, ingerindo varias missas e padres nossos, bentinhos a dentro da camisa, homem de muitas medidas e cruces. Procure-o bem e verá que é nosso conterraneo.

Quem nos diz a nós que o candidato tão fallado, começando ás avessas, não chegará a endireitar-se?

Esperança, caro amigo, e fé na Santa Religião.

« A REVOLTA »

ASSIGNATURAS

Continente, ilhas e ultramar, trimestre.	300
Estrangeiro.	600

Pagamento adiantado

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS — cada linha. . . 30 réis

Repetições. . . 20

CARTEIRA D'UM REBELDE

Ha já dias que na imprensa de mais circulação corre o boato da formação d'um novo bloco politico em que dissidentes — o mais radical partido monarchico, tão radical que não vae longe o tempo em que elles, com os republicanos se ligaram para nas ruas da capital derrirem o pleito ha tanto existente entre nação e regimen — e regeneradores — o mais conservador partido da monarchia se unificam para entre si partilharem as supremas e embriagantes delicias do mando.

Para aquelles, que ainda acreditasse na possibilidade d'uma monarchia liberal e em que se podessem accomodar as mais impreteriveis exigencias do espirito moderno e para quem a tragica memoria da ultima experiencia de João Franco não tenha sido prova concludente da irrerealização d'esse milagre absolutamente inédito, esta ultima experiencia, a verificar-se como tudo leva a crer, deve ser com certeza o golpe mais cruel vibrado na ingenuidade das suas esperanças.

Não nos anima contra o Sr. Alpoim, cujo talento admiramos, nem contra os seus amigos politicos, na sinceridade de muitos dos quaes — diga-se de passagem — numa acreditamos, a menor sombra de má vontade que, por momentos sequer, escureça a imparcialidade da nossa apreciação.

O certo é, porem, que os factos parecem apostados em nos destruir uma a uma, todas as duvidas que porventura ainda no nosso espirito existissem, como o vento desliza os flocos tenuissimos da espuma.

E não sabemos os que estranho accaso que constantemente estimula a nossa descrença, agora nos sugeriu a lembrança dos primeiros tempos d'oposição do dictador maldito que tão miseravelmente falliu, num tarde tragica de Fevereiro...

Parece-nos ainda estar ouvindo o suggestante calor com elle defendera as liberdades publicas postergadas, e nos nossos ouvidos ecoam ainda os sentidos lamentos que elle carpia sobre o seu passado odiento para sempre sepulto — jurava-o elle pela sua honra — no eterno esquecimento dos sonhos maus, das hallucinações momentaneas.

E o que elle foi, não nos parece necessario recorda-lo.

Isso está, com certeza bem impresso na memoria de todos, como eternamente fica chumbado no tornozello dos criminosos a cadeia infamante dos forçados.

Sabemos bem que nos poderão objectar que entre o Sr. Alpoim e o fatidico espectro que foi João Franco não existe paridade que justifique o vaticinio de que o chefe dos dissidentes venha a desempenhar na vida politica da nação o mesmo papel que desempenhou o chefe dos regeneradores liberaes. E nós firmemente acreditamos tambem que as indomaveis energias do povo portuguez ainda não desapareceram por completo depois de terem escripto na historia com o seu proprio sangue as imperdaveis paginas do seu glorioso passado.

Mas o parallelo que facilmente se pôde agora estabelecer entre dois vultos da politica portuguez não são certamente de molde a atrair sobre o Sr. Alpoim o vento favoravel das sympathias populares.

Quando João Franco foi elevado ao fastigioso do poder, o seu primeiro acto foi ligar-se com os progressistas, sobre cujas cabeças tão duras responsabilidades tinha feito accumular, — formando assim o bloco liberal sem o qual elle não poderia governar.

Agora o Sr. Alpoim que nos mais variados estilos tem cantado o hymno triumphal da liberdade, elle que abandonou os arraiaes do Sr. José Luciano, á sombra de cuja bandeira a sua indomável aspiração ao progresso e o seu intranhado amor á democracia se não podiam acoirar, elle que, com a sua voz inspirada de tribuno tem azorragado impiedosamente os responsaveis da nossa precaria situação, foi ligar-se para a escalada do poder, precisamente como o fizera João Franco, com aquelles a quem mais duramente retalhou as faces lividas de criminosos celebres o latego justiceiro da sua critica impiedosa.

Depois da colligação eleitoral do Porto, para dar batalha aos republicanos, esta ultima alliança é sobremodo suggestiva.

Ella representa, sem contestação possível, o repudio completo do seu passado, a negação formal do seu programma proposto e lançado aos quatro ventos pelos quattros cantos do paiz.

Ella deixa-nos augurar que, se, porventura, as circunstancias fossem as mes-

mas, o Sr. Alpoim não hesitaria em ser uma nova edição correcta e augmentada de João Franco.

Ella não é afinal mais do que, a sua filiação negavel nas fileiras d'esse rotativismo abandalhado que a seu odio fulminou.

Creou o Sr. Alpoim em volta do seu nome uma atmosfera de sympathia, precisamente, porque fez rasgadas affirmações liberaes e principalmente porque acremente verberou aquelles aos quaes a sua insatisfeita vaidade e a sua insaciavel vontade de governar, o fez alliar agora.

Precisamente como João Franco e até para maior similitude nem o seu passado abona. Se algum houve que de boa fé acreditasse na sinceridade das suas palavras, bem cruelmente deve estar desiludido; e se algum ha que ainda acredite na possibilidade d'uma monarchia liberal onde se possam accomodar as mais impreteriveis exigencias do espirito moderno, que veja e que medite bem na facilidade com que os seus mais estrenuos defensores acceitam e convivem com aquelles cujo programma é, a todo o custo e por todas as maneiras, conservar o passado com todos os seus erros e com todos os seus crimes.

Sherlock-Holmes.

TRIBUNA DOCTRINARIA

A metaphisica

A metaphisica tem sido a temerosa calamidade que no seu ingente e avassalador turbilhão tem empolgado a natureza humana e desorientado loucamente a razão que vacila e vacilará por muito tempo em busca do norte da verdade.

A palavra, sublime synthese propulsora do progresso humano, exactamente porque é uma synthese da experiencia, tem servido para firmar bem profundamente em a nossa natureza o resultado da experiencia insufficiente e erronea. Daqui decorre, evidentemente, que ella pode ser, e é muitas vezes, o mais colossal travão do progresso, contrapondo a synthese que representa da experiencia imperfeita do passado á experiencia mais clara e perfeita do presente, verificada e exacta.

Os homens foram formulando pelos simbolos da linguagem a idéa que das coisas viam adquirindo. Passado algum tempo, esquecidos de que a experiencia originára a idéa e de que esta fóra irraduzida pela palavra, individualizaram esta, divinizarão-na até, e partiram della para a idéa e daqui para o facto!

Desde esse momento estava creada a metaphisica, e a razão, constringida a ver-se apertada no anel de ferro duma pseudologica, perdida num labirinto interminavel de preconceitos, elevados á categoria de juizes indecíveis, começou a divagar de palavra para palavra, gerando conceitos a que não correspondiam já realidade alguma nem modalidades objectivas.

Este processo foi-se gravando na intima natureza humana, foi substanciando-se no que nós chamamos espirito de homem, informou a educação das gerações, transmittiu-se hereditariamente: constituiu uma segunda natureza. As creações metaphisicas converteram-se em moldes onde os homens se tem visto forçados a lançar todos os seus conhecimentos.

Pelas conclusões metaphisicas o homem teve de alir toda a propria experiencia actual, em vez de conferir aquellas por esta.

Assim nós, hoje, difficilmente evitamos o processo da avariada logica de raciocinar, não pelo que observamos, mas caindo insensivelmente em considerar os phenomenos não pelo que elles exprimem e significam, senão pelo que perante elles os nossos longiquos e ignorantes antepassados julgaram ser a realidade.

Ao alvorecer da humanidade, o homem, isolado e inexperiente, viu-se envolvido por um meio hostil e tenebroso. Por toda a parte surgiam perigos, em todos os phenomenos se lhe deparavam misterios insondaveis.

Em volta do homem os animaes e os outros homens executavam acções movendo-se: em tudo o que se movia elle começou a figurar uma vontade intima em ordem á operação: daqui a divinização de muitos seres, animaes e cousas, como a historia das religiões nos patenteia.

Certos seres, animaes e vegetaes especialmente, surgiam á sua vista maravilhada sem que elle podesse conhecer o

modo como se dava esse apparecimento: daqui a idéa da criação.

O homem, o animal, a planta morriam e, confiados á terra, desapareciam; e a água, que os invernos tinham estagnado no reconverso dos rochedos, secava no estio; inventado o fogo, nelle se consumia a lenha ou as victimas dos sacrificios de tal modo que cousa alguma do que fóra restava em seguida á operação: o homem concluiu destes phenomenos que aquellas cousas se tinham aniquilado, e deste modo no seu cerebro se fixou a idéa do aniquilamento e do nada.

Por toda a parte, nesta experimentação incompleta e simplista, sem meios de correcção, nem facultades de verificar, sem a suspeição, sequer, do contrario, a humanidade presenciava que aexecendo certas acções se seguiam determinados movimentos, e no seu ponto de vista restricto e imperfeito, attribuia a si ou a qualquer outro agente, considerado como um todo indivisivel, como continuo no existir e modo de ser, toda a produção do phenomeno; julgava que operando fazia com que uma cousa que não existia passasse á existencia!

Nesta concepção o homem sentiu-se creador, e convenceu-se de que havia causas ou acções ineludivelmente ligadas consigo simples e absolutamente: elaborou a idéa de causalidade.

Por sua vés as religiões, falando em nome da causa suprema, causa primaria de todas as cousas, synthetizaram todas as conclusões a que a humanidade na sua observação incompleta e errônea havia chegado, apresentou-os á humanidade docil como verdades emanadas dos deuses, verdades immutaveis e irrefutaveis, portanto.

Desde então todos esses erros constituiram o triste patrimonio da humanidade desvaída.

A educação no erro elevado a dogma, veio, sem duvida, a robustecer-se e crear raizes fundas na mente humana através de edades.

Foi o que succedeu.

Hoje o Catholicismo define-se nos o mais completo manancial de preconceitos elevados a dogma uns, rotulados sob a marca de principios philosophicos outros, e todos conducentes a esmagar a verdade sob a empastada exalção cadaverica do colosso do passado que, mesmo cadaver, ainda conserva um poderio consideravel sobre a mentalidade humana.

Veremos como:

Lucifer.

O Brazil moderno

VII

Clovis Bevilacqua

Formado em direito, em 1882, na Faculdade de Direito do Recife (Pernambuco) foi Clovis Bevilacqua, incontestavelmente, um dos mais distinctos discípulos do notavel juriconsulto Tobias Barreto, individualidade que mereceu o estudo attento e profundo do nosso grande escriptor Sampaio Bruno.

Enfileirando ao lado de Sylvio Romero, Cyro Azevedo, João Vieira e Viveiros de Castro, como elles, em breves annos, conquistou uma justa nomeada, producto da sua desvotada applicação e facultades privilegiadas.

Antes de se deixar influenciar pelos publicistas francezes, sobretudo Gabriel Tarde, foi elle um dos mais fervorosos sectarios da Escola Anthropologica, cujas idéas, principalmente as de Lombroso, vulgarizou no seu paiz por meio de escriptos, que a critica severa e imparcial respeitou e enalteceu.

Foi em 1885, que a proposito do bimetalismo, publicou o seu primeiro trabalho intitulado *Uma lei natural no dominio da economia politica* seguindo-se-lhe então outros que, pela ordem chronologica, em seguida apontamos: *Estudos de Direito e de Economia politica*; *A hospitalidade no passado* (tradução de um dos opusculos de Ihering); *Resumo das lições de legislação comparada sobre o direito privado*; *Criminologia e Direito*; e *Os juristas philosophos*.

Este ultimo trabalho, publicado em 1897, foi seguido de um intervalo de cinco annos, durante os quaes, nenhuma obra appareceu a que ligasse o seu nome, fazendo assim prevér que a fadiga tivesse entorpecido a sua energia cerebral, tantas vezes posta á prova em produções de tão elevado folego.

Mas assim não aconteceu, e o que é mais, é que passado esse breve periodo, a sua vasta mentalidade ia-se então afirmar, por um convite honroso e acertada

escolha, no monumental *Projecto do Código Civil Brasileiro*, cuja execução, só por si, seria mais do que sufficiente para firmar de vez a sua reputação.

Esse monumento juridico, que só encontra similares na Alemanha e na Suissa, e está á altura do estado actual da sciencia, é, segundo os criticos mais competentes, uma obra clara, nitida, transparente, por muitos titulos superior aos projectos anteriormente elaborados pelos abalisados juriconsultos Teixeira de Freitas, Cons.^o Nabuco, Felicio dos Santos, Antonio Coelho Rodrigues, não fallando do projecto offerecido ao imperador D. Pedro II, pelo nosso Visconde de Seabra, que não tratava senão de um titulo preliminar e de uma primeira parte, e cujo autor, seja dito de passagem, para obviar ás objecções do amor proprio nacional, não teve duvida em se declarar natural do Rio de Janeiro e cadete honorario do antigo regimento de cavallaria de linha de Minas Geraes.

Vasado nos moldes modernos e subordinado a uma orientação verdadeiramente criteriosa e profundamente scientifica, o *Projecto Bevilacqua*, corresponde ás necessidades e condições de um povo livre, chegado á época de maior expansão das forças nacionaes e em que necessita afirmar a sua soberania.

Essa ardua e patriótica tarefa levada a cabo, elevando o Brazil á categoria de um paiz verdadeiramente culto e francamente liberal, immortalizou tambem o nome de Clovis Bevilacqua, emulo dos mais illustres apóstolos do Direito.

A. S.

ENSAIOS DE CRITICA

O Virtuosismo

... esse animal pernicioso, posado dos compositores, que se chamá virtuosos.

R. Wagner

O mal nefasto do virtuosismo no canto que devia, durante mais de seculo e meio, matar o drama lyrico italiano nasceu na Italia, em meados do seculo XVII com o apparecimento dos castrados soprano e contraltos que, sacrificados ao despotismo do prazer não tardaram a mudar o canto numa arte sem arte com prejuizo da expressão.

Desde o seculo XVI até ao fim do seculo XVIII os italianos tinham brillado maravilhosamente; como se explica que estes musicos deixassem cair a opera seria tão baixo que não era senão uma serie insipida de arias, ou a especie de arte feticia, sem calor, sem paixão e sem esthetica? Bons musicos mas *diletanti* sensuaes antes de tudo os italianos deixaram-se encantar pela voz humana, a tal ponto que chegaram a esquecer a propria musica.

Espectaculo magnifico e sumptuoso, a opera renhia ao principio a poesia e a musica vocal e instrumental; tudo devia concorrer para a expressão musical dos sentimentos humanos; mas quando os *diletanti* deixaram passar o cantor para o primeiro plano, todo esse esplendor cahiu. A orchestra teve de se calar e os côros de desaparecer; a harmonia foi simplificada até que se tornou quasi nulla: a melodia, vasada em moldes immutaveis, deu ao executante um modelo sempre igual e feito de antemão; excluíam-se as vozes graves, primeiro os baixos, depois os barytonos e por fim quasi todos os tenores.

E assim, sobre as minas da opera, arte magnifica construida com tanto trabalho, se ergueu triumphante e absorvente o virtuosismo, este ser perigoso para a arte e insipido para quem não for um *diletanti*.

A escola destes tende a desaparecer, o canto, não: a musica que tanto soffreu com o virtuosismo transforma-se e na sua conclusão ha-de transformar a arte do canto, matando o virtuosismo. O bel canto perdeu já parte do seu brilho, mas em proveito da musica rica, expressiva e harmoniosa; esta despreza os virtuosos, quer grandes cantores e artistas consumados.

Entre nós teve e tem ainda o virtuosismo tanta influencia habituando o publico portuguez a apreciar exclusivamente a voz sem cuidar da musica, que ha-de custar a radicar a idéa verdadeira de que a musica é tudo e a voz um simples instrumento. Este estado do publico portuguez, derivado da audição de companhias quasi sempre italianas onde o virtuosismo predomina mostrar-se facilmente, sendo vulgar ouvir dizer que «já não ha gargantas», «já se não canta como ha vinte annos» etc. Mais significativo é ainda o que aconteceu com o celebre tenor Viñas interprete de Cohengrin.

Tendo viajado pela Alemanha e assistido a representações desta obra de Wagner, com o rigor musical com que são feitas naquelle paiz, Viñas dispôs-se a cantar Sobenguiu como deve ser, em Lisboa. O publico ficou frio.

Em vista disto, na noite seguinte, Viñas italianizou e Lohengrin, cantou mal portanto, reapareceu o virtuosismo, e foi por isso delirantemente applaudido.

Que grande surpresa deve ter o publico que assistir á representação da tetralogia pela companhia allemã!

Triplis.

Cooperativa de pão A CONIMBRICENSE

A reunião da 2.^a assembleia geral ordinaria d'esta sociedade, será pela 1 hora da tarde, no dia 7 do corrente, no edificio da Cooperativa.

Se não comparecer o numero de socios exigido pelos nossos estatutos, fica desde já convocada para o dia 14.

ORDEM DO DIA: Eleições geraes.

Coimbra, 3 de março de 1909.

O Secretario,

Floro Henriques.

Conta de receita e despesa do Sarau Académico em beneficio das victimas sobreviventes do Sul da Italia em 23-1-909

RESUMO

Receita

Importancia de bilhetes vendidos	650.480
Offertas.....	23.000
	673.480

Despesa

Importancia de pagamentos conforme contas n.º 1 a 15.....	67390
Saldo a favor Reis..	606.090

A conta geral acha se patente na casa dos Sr. Gaitto & Cannas, Merceria Lusitana.

O saldo foi já entregue pelo quintanista de direito Elyas Gordilho, membro da commissão executiva do Sarau, ao ex.^{mo} sr, conde do Ameal, encarregado obsequiosamente de o mandar o seu destino.

Agradecimento

A commissão executiva do Sarau Académico em beneficio das victimas sobreviventes do Sul de Italia, agradece penhorada á Empreza do Theatro Principe Real a cedencia d'aquella casa de espectáculo e seus empregados, ao digno presidente da Camara Municipal, ao digno Commissario da Policia Civil e a todas as auctoridades do districto em geral, ao digno commandante dos Bombeiros Municipaes, ao Ex.^{mo} Sr. Albino Caetano da Silva pela valiosa offerta e gentileza de todo o material e trabalho typographico, ao Orpheon Académico, á Tuna Académico e Grupo Dramatico da mesma; á orchestra do Sr. A. Alves, a todas as senhoras e cavalheiros que tão obsequiosa e galhardamente cooperaram na realisação do Sarau, ás casas Commercias que generosamente promoveram a venda dos bilhetes e nomeadamente a casa Gaitto & Cannas, pelo revelante auxilio particularmente prestado á Commissão, á imprensa e a todos, aproveitando esta occasião para lhes tornar patente o seu profundo reconhecimento.

A Commissão executiva. — Alberto da Rocha Saraiva, Francisco Cruz, Antonio Madeira Pinto, Elyas Rosado Gordilho, Adelino Furtado, Orlando de Mello Rego, Antonio Quaresma de Vasconcelos Alberto de Sousa Costa.

A «REVOLTA»

Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONACO», Rocio.

Em oimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietario fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em deposito, só vendo se acredita.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150—RUA FERREIRA BORGES—156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente, montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Doces de ovos com os mais finos recheios.
Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.
Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de jolhado.

Galantines diversos Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
Saneisses Pud ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
Pão de ló, pelo systema de Margaride.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria
Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado. Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossa fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrencia, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	10
Flanellas d'algodão, metro	65
Ditas, cor lisa, muito largas, metro	120
Córtis de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para criança, desde	15
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanheiro, retrozeiro, estofador, modas, confeções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.
Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZEES DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portugueza, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14
Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelo laria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornecce impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56
COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de cor e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e e

— José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

— Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

PELA POLITICA

Quem, vindo do estrangeiro por onde ha muito andasse, fosse até o parlamento portuguez gosar de palanque uma sessão de qualquer das camaras, teria que concluir em face dos factos pela prosperidade deste povo risonho e feliz e concluiria tambem com a cançoneta franceza que

*les portugais
sont toujours gais.*

Efectivamente, reunidas as côrtes ha perto de duas semanas, o tempo tem sido consumido em nomeações de commissões, em comemorar os mortos, em apertos de mão dados a correligionarios, sem que uma só medida, uma só interpelação sobre politica ou administração tenham merecido ser levantadas, ouvidas e atendidas pelos illustres representantes da nação.

A maioria — não composta de individuos agrupados sob uma bandeira de principios avancados ou reaccionarios, mas parecendo que apenas um interesse ali a tem reunida e compacta — a maioria não sabe, e não pode sustentar a minima discussão, rompêr através das oposições o caminho seguro por onde o gabinete possa marchar. Não sabe e não pode. A questão politica da genese do ministerio, nem essa mesma, que apenas a um partido poderia interessar, foi ainda levantada.

Por seu lado as oposições monarchicas esboçam apenas de tempo em tempo o início do seu tam anuciado oposicionismo intransigente, para logo e após uma votação governamental voltarem satisfeitas ás suas carteiras, desempenhando o pacifico papel a que Gladstone deu o nome de... *oposição de S. Magestade.*

Que importa á maioria saber que em Valpassos se seguiu o exemplo de Alijó, que no Alemtejo se morre de fome, que o commercio paralisa e a industria está por sepultar?

A minoria, como irá com consciencia abordar taes assuntos, se os seus *homens* pela passagem nos bancos ministeriaes lhe não garantem que alguém a não faça calar com uma revelação importuna?

E assim é o interesse proprio e o das instituições que defendem, sem *homens* novos que a aceitem e com os velhos todos comprometidos, é o medo de que *tudo se saiba* e mais coisas se descubram, é este medo guarda d'aquelle interesse, que os faz calar e nada resolver.

D'aqui a aparente serenidade das sessões parlamentares.

E para quem nos visite fica a convicção da nossa riqueza, do nosso feliz viver!

Les portugais sont toujours gais...

Os republicanos, completamente sós no ataque, reduzidos em numero, não seram esses que vam ajudar a oposição d'agora a ser governo amanhã, envolvendo-se num obstruccionismo, que muitos olhariam

com satisfação e complacencia, mas que não surtiria efeitos d'alcançe para o Paiz e para a Republica.

Se o fizessem, fariam talvez o jogo do governo, que os teme na liquidação da grande questão moral dos adeantamentos e grande gaudio dariam á opposição monarchica, desejosa apenas de escalar o poder.

E nem uma nem outra coisa é evidentemente a sua missão.

Esta situação não poderá manter-se já agora por muitos dias; alguma coisa surgirá que a todos nos confirme na opinião que se vem formando no publico de que o medo que «guarda a vinha» da maioria é o mesmo que «guarda as uvas» da opposição. Se pode vir *tudo* a saber-se!...

Quando a questão de moralidade surgir clara e atingindo figuras de todos os lados das camaras, não tenham então duvidas: os republicanos atravez de tudo e apesar de tudo farão não o jogo dum contra outro grupo, mas a defeza do paiz contra a monarchia.

Expulsem-nos nesse momento — a sua missão parlamentar está cumprida.

Até lá, apesar das muitas lagrimas, pense embora o visitante incauto que

*les portugais
sont toujours gais.*

Depois nem tudo seram alegrias. Nem todos teram vontade de

rir.

Completar-se-á a cançoneta:

Vivent les portugais!

P. J.

Factos e Commentarios

Resposta

A' ultima hora, já quando o nosso jornal estava composto e a falta d'espaco, com o gesto imperioso de quem não admite replicas, nos impunha o silencio, recebemos nesta redacção um artigo do sr. J. Alpoim N. Manuel que os nossos leitores hoje terão occasião d'apreciar.

No proximo numero, porem, entramos na liça, para, com tão esforçado contendor quebrarmos algumas lanças. — *Sherlock-Holmes, Carneiro Franco.*

Carta de conselho

Parece que o sr. dr. Marnoco accitou a carta de conselho.

Não o felicitamos. Decerto S. Ex.ª se orgulhará muito mais com o seu titulo de doutor que obteve pelo seu trabalho, e com a sua obra de presidente da camara, que ahi fica a attestar os seus merecimentos, do que com esta graça regia.

Por isso para nós continuará sempre a ser «o sr. doutor»...

Um bemaventurado

Ha no «Porugal» um senhor Ruy chronista portuense que escreve *coisas* e diz tolices com uma limpeza e um desarmamento symptomaticos de quem tem coisa na tola.

Senão repare-se: «A oratoria, esta coisa poderosa e dominadora que entra pelos olhos e pelos ouvidos, pelos olhos com os gestos, e pelos ouvidos com a voz...»

Pelos olhos com os gestos e pelos ouvidos com a voz? Marrocos!

Colgaduras

Notámos que, apesar de a commissão dos festejos a Adelino Veigã ter pedido aos moradores das ruas onde passava o cortejo que ornamentassem as janellas com colgaduras, poucos o fizeram.

Achamos estranho o caso. Sempre julgámos que um filho illustre da terra merecesse dos seus conterraneos pelo menos a mesma consideração que o senhor D. Manuel ou o senhor dos Passos.

Infelizmente estávamos enganados. Registamos apenas o facto que, de resto, pouca importancia tem, pois não diminuiu a imponencia e o valor da manifestação.

Maluquinho.

E' um homem muito dado a devoções e a insomnias o tal sr. Ruy das chronicas para o Portugal.

Assim apesar de numa destas noites ter «cançado a imaginação á espera do Somno» e de ter soltrado «o vento furioso que vinha insolentemente em repêlões brutaes, de assalto á mão armada, bater de encontro aos vidros da janella do meu quarto» lá foi no dia seguinte papar a sua missinha e ouvir o competente sermão.

«Findo o sermão, disse adeus a Nossa Senhora das Dôres e retirei-me mais instruido, mais edificado, melhor.»

O leitor quere-o assim ou com mais molho?

Defendendo-se

Do sr. Dr. Luiz de Sousa Napoles recebemos um folheto — carta ao reitor do lyceu central de Lisboa —, queixando-se de varias irregularidades praticadas pelo professor interino da lingua ingleza, da 3.ª classe, sr. Jorge da Rocha Peixoto, em prejuizo do alumno filho do queixoso, e em geral em prejuizo do ensino e da ordem.

E' um trabalho simples mas cuidadoso, cheio de afirmações graves e accusações violentas, devidamente fundamentadas.

Agradecemos o folheto, desejando justiça e a reparação que o caso requer. Mas... a justiça já está mal vista entre nós. Passou de moda.

E quanto a irregularidades... lá como cá.

Na tuna

A tuna inaugurou ha dias o retrato do seu presidente honorario.

Dizem-nos que o retrato está muito parecido, representando S. Ex.ª a tocar pandeireta.

Achamos bem.

Boa ideia

Lembra a Palavra:

«Iniciemos nós, os catholicos, a verdadeira luta pela prosperidade da nação a ver se a libertamos da crise geral que nos ameaça a todos.»

Quem é que está para ahi a dizer chizça? como diria o Sr. Silva Pinto,

Erratas

Decididamente as gralhas não nos largam a porta. O ultimo numero então foi uma desgraça. No artigo «Ensaio de Critica» em vez de *Lohengrin* sahio *Cohengrin* e *Soengui* e não sabemos que mais.

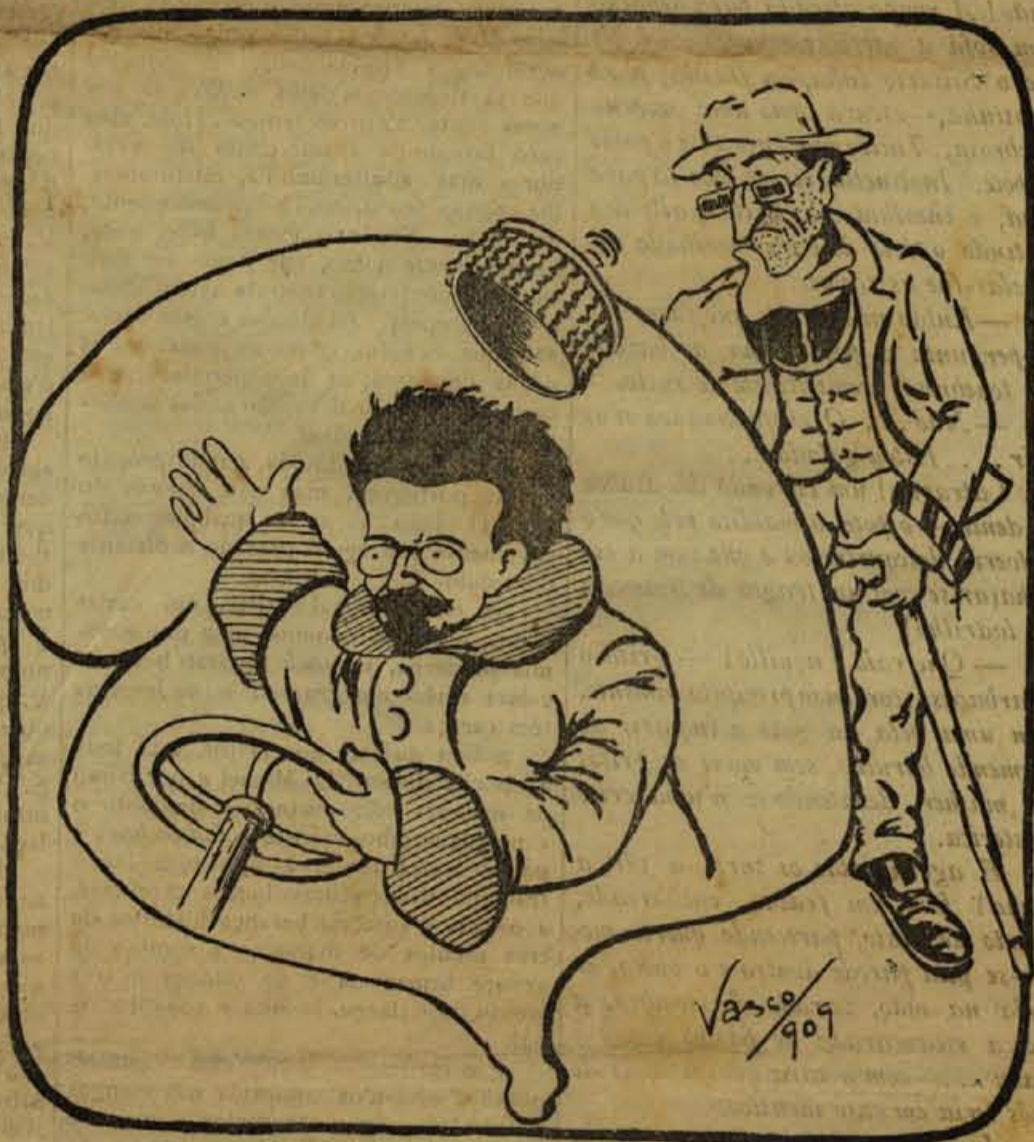
Que o nosso estimavel collaborador *Triplis* nos desculpe.

Ridendo

— Afinal o Papa não morreu. Os rapazes não apanharam aquelles feridos...

O Conde: — Nem apanharão. Estas pessoas da Igreja morrem sempre em ferias. Já o proprio Christo morreu nas ferias da Paschoa...

CELEBRES... DE BORLA



o Calcanhar d'Achilles

Vossencia, orador grandioso,
Parlamentar dos maiores,
Jurista sabio e famoso,
Foi cahir entre os doutores
Das leis no feudo manhoso.

E se na praça domina
O povo que o ouve attento,
Logo muda a boa sina
Se Vossencia num momento,
Enverga a negra batina.

E' igual aos mais como lente,
Feitas certas excepções,
Pra não ser irreverente
Nem fazer contradicções,
Que ha muitos que não são gente.

Dr. Lorin

MIUDEZAS...

Meia noite! — a hora misteriosa dos espectros, dos «sabats» phantasticos nas encruzilhadas, das escaladas nocturnas aos baldes das Margaridas romanticas!

Meia noite! — a hora em que o burguez ressona entre os lençoes e o vagabundo se escoa, como sombra fugitiva, nas vielas de prostituição e de crime.

... E era tambem á meia noite que o brutamontes do marido, que tinha continuados serdes na repartição, saía de casa rogando pragas «á porca da vida», para só voltar ás 6 horas da manhã.

Que noite fria, gelada de dezembro, que era aquella! — E como o bom do Silverio, — arripiado dentro do seu

«ulster», cosido com a parede, de gola levantada, furtando-se á luz dos lampões da rua que o vento fazia silbar e torcer-se — antegosava já o conforto da alcóvasinha discreta e tepida onde ella o esperava.

Que rica coisa é estar commodamente reclinado num leito optimo, junto d'uma linda creatura que nos ama, e nada nos custa, ouvindo uivar, gemer lá fora a invernua brava e a chuva fustigando os vidros das janellas!

Felizardo, o bregeirissimo Silverio! Um assobio em frente d'uma casa de boa apparencia, uma luz que apparece a uma janella do primeiro andar, uma esuada que se sobe apressadamente, outra portinha que se abre e...

— Vens gelado, filho...
— O barbaças?
— Vem ás sete...

A UNIVERSIDADE

CARTAS A UM AMIGO

E agora façamos o mesmo que se faz nos theatros — corramos uma nebulosa sobre a scena.

O poema dos ninhos confortáveis! ó delicia da vida e do amor! «Eterna sub sole» — é a traição das Evas e a figura triste dos maridos infelizes, segundo a historia imparcial refere d'esse Sansão a quem Dalila cortou a guedelha até ao «barbaças do nosso conto. E eterna também é a manha do Inimigo que se comprax em fazer partidas aos mortaes!

Duas horas e... subito batem á porta.

— Jesus! que é elle... Esconde-te!

Que balburdia! que incrível confusão! A roupa atirada para debaixo dum sofá á «trouxe-mouxe» — e eis que o Silverio enfia, em frolida, para a cosinha, — escura como uma caverna tenebrosa. Tactecendo, encontra o poial do pote. Instintivamente sobe lá para cima, e encolhido, a trillar, alli fica sentindo o frio do barro molhado enregelar-lhe as carnes.

— Então não tiveste que fazer... — pergunta a pobresinha, ao barbaças tenebrosos, tremelicante de susto.

— Não... O chefe mandou-nos sair... Estou gelado...

Catrapuz! um estrôno dos diabos lá dentro — o pote, o maldito pote que o Silverio desequilibrou e que vem a estilhaçar-se com um fragor de trovoadas no laurillo!

— Que raio é aquillo! — grita o «barbaças», correndo precipitadamente, com uma vela na mão a inquirir do tremendo barulho, sem ouvir os gritos da mulher, debatendo-se n'uma crise hysterica.

E agora estão os snrs. a vêr a scena! Um, em frolida, encharcado, morto de susto, parecendo querer metter-se pela parede dentro e o outro, de vela na mão, varado d'assombro, a bocca escancarada de pasmo e com a cara... — com a cara que qualquer de nós teria em caso identico.

Uma pausa e depois pergunta o barbaças, gago d'espanto:

— Que está o sr. a fazer ali nessa figura?!

— É que... murmurou o Silverio — é que...

... estava aqui mais fresco! «Rideau!»

D. Fuan

MAIS UM

Segunda e terça lá temos mais um a defender theses para a entrada na confraria.

Este d'agora é uma ave exotica que dos palmares indianos veio parar a este jardim da Europa.

E que ave! Fez escala por Africa onde tarimbou como advogado de provisão.

Tem a escola toda. E' o tal que no dia 8 de abril de 1907, o dia em que abriram as aulas depois da publicação do venerando accordão dos não menos venerandos de canos, que expulsava da Universidade sete estudantes, chegou á porta ferrea trazendo debaixo da capa, escondida, a sua pasta de quintanista.

Estava combinada a greve, sem que elle protestasse, mas elle vinha de pasta, a vêr em que paravam as modas.

A greve manteve-se e elle não teve a coragem de a furar naquele momento, arrostando com a irritação da academia então cheia de brios... por causa dos feriados. Não que elle jogava pelo seguro!

Se ninguem entrasse elle ficava de fora como bom camarada; se a greve fosse furada sacava a pasta para fora e com a sua pose de rajah pataqueiro entrava para a aula.

Se ninguem entrasse elle ficava de fora como bom camarada; se a greve fosse furada sacava a pasta para fora e com a sua pose de rajah pataqueiro entrava para a aula.

Eis o cavalheiro que agora vae entrar na faculdade, ser um dos seus ornamentos.

Pois que vá occupar o seu logar nos doutoraes, mas que fique aqui archivada esta nota da sua biographia.

Este caso da pasta, que é um dos mais nojentos da celebre questão academica, é o bastante para se avaliar o homem.

A Universidade julga o valor dos homens pela maior ou menor quantidade de coisas que elles possam dizer de côr. ... é o aniquilamento do espirito critico da reflexão, da iniciativa do raciocinio... o resultado é a ignorancia final... o processo é mnemonico.

Psychologia da Educação, — Gustave le Bon.

Meu caro

Como você me tem dito muitas vezes e eu abundantemente concordo, nós somos um povo a quem hoje, falta em absoluto, a originalidade. E' possível que já tivéssemos leito civilização por nossa conta, n'outros tempos. Hoje, meu caro fazemo-la e por conta do lavrador mas adulteramo-la, misturamos-lhe agua, traduzimo-la pessimamente, em calão. Nós não temos hoje, nada, genuinamente nosso, que possa ser considerado contemporaneo da actual civilização europea. As poucas coisas nacionaes que existem, como as prossições as pégas de toiros, os laus perennes, e a carta constitucional — são todas lamentavelmente atrazadas.

Tem não ha duvida, cunho proprio cunho portuguez, mas são coevas do sr. D. João V ou de qualquer outro cavalheiro por igual passado e distante do seculo.

Se em Portugal existe, em varias coisas, e varios homens, uma physionomia moderna, se você reparar bem, as coisas estão em travesti e os homens tem caraça.

Sob o disfarce dos factos, está toda a epocha do sr. D. Miguel e por baixo da mascara não custará a descobrir o «portuguezinho valente» fadunheiro e não te rales tendo a dynamisar-lhe o trabalho das circumvoluções cerebraes, a pesada e sombria herança historica de tres seculos de marasmo á sombra da arvore brigantina e de oitenta e tres annos de «dança da Bica» constitucional.

Em resumo — a civilização contemporanea está-nos comprida nas mangas e faz-nos pregas nas costas como um casaco do sr. Alpoim no corpo do sr. Julio de Vilhena.

Tendo nós, no entanto que importar a pouca, a apparencia de civilização que possuímos é para a França, para a extraordinaria França tão imbecilmente escoucinhada hoje, na bocca de todos os borrabotas que entre nós, presumem de sabios — que nos voltamos, implorativamente.

De lá vêm-nos tudo: — a sciencia, a literatura, as opiniões e os artigos de modas. Justamente nos podiamos chamar — pobre raça mal educada e estragada que somos! — «os macacos da França».

Os processos d'ensino, como o resto, desde a escola primaria, passando pelo lyceu, até ao ensino superior, da França vieram, porque lá os foram buscar os nossos habéis pedagogos. Dirá você que o celebre Jayme Moniz, o da reforma de instrucção secundaria, foi á Alemanha buscar o mostrengo. Não me parece. Eu desconfio muito que o homem saiba allemão — e, se alguma coisa sabe, á certa, que não traduz sem dicionario. Mas natural é, que nós, não podendo, por varias e longas razões facilmente comprehensíveis, crear-nos instrumentos proprios de alta cultura, como sejam as escolas d'ensino superior, ás grandes nações, affins da nossa pela raça, os vamos buscar. Outro tanto — e em parenthesis — me parece que não succede com o ensino primario cujas bases, nós não precisamos ir procurar lá fóra tendo a obra definitiva, nacional e originalissima que é a «Cartilha Maternal» de João de Deus — que está em relação para com a escola primaria portugueza, na mesma situação de Pestallozi e do Padre Girard para com a escola primaria da Suissa, a primeira nação do mundo sob o ponto de vista pedagogico.

Mas, voltando ao assumpto; natural é, repito que a nossa escola superior e ainda o nosso ensino lyceal, seguiu o modelo estrangeiro. Principalmente a alta cultura não é, nem pode ser na essencia, particularista e restricta a nações. A verdade scientifica é a mesma em toda a parte — em França, na Alemanha e até aqui em Coimbra. Só os methodos d'ensino podem variar, — mas esse coefficiente de variação só é apreciado de

povo para povo quando fundas divergenças ethnicas os separem. Tal o caso os latinos e dos anglosaxonicos — sobre cuja disparidade e profundas differenças há toda uma modernissima bibliographia, dia a dia, enriquecida por novas obras.

Ora, copiando nós do estrangeiro, tres casos, vê já V. que se podem dar: copiar exactamente, copiar melhor, ou copiar peor que o original. Nenhum d'estes tres casos — parece-lhe tollice?! se dá commosso. E não se dá por esta simplicissima razão de nós copiarmos pessimamente! Dirá V. — é ainda copiar.

Pois sim! — Mas é copiar tão mal, tão mal, acrescentar por tal forma os defeitos já grandes d'origem, não lhe juntar as qualidades proprias nem as nossas e, antes, a dicionando-lhe, por cima, tudo que temos de mau — que, meu caro! a copia não é já um desenho mal calçado é uma caricatura detestavel, insupportavel e ridicula a mais não poder. V. conhece certamente o livro de Gustave le Bon, sobre a Psychologia da Educação. Pois, hoje de manhã, quando me lembrei de que tinha de lhe escrever esta carta eu lembrei-me igualmente d'esse livro que em tempos lêra e não possuia aqui em Coimbra.

Fui pedi-lo á Bibliotheca da Universidade, onde amabilissimamente m'o cederam — para poder pôr ao serviço do que eu penso, a expressão lucida, synthetica e brilhante do eminente pensador francez. Tudo quanto alli se diz, á cerca do ensino universitario em França é applicavel e, em doses maximas, á nossa Universidade. E agora lembre-se V. que os professores da Sorbonne e das outras Universidades francezas, estão para os nossos cathedraes d'aqui — que S. Ex.^{as} me perdoem que não vae n'isto intuito de os melindrar — na mesma relação...

Eu não concluo, porque não é preciso, não acha? Basta notar que esses homens são «os que fazem a Sciencia», as suas opiniões correm mundo, os seus livros são traduzidos em todas as linguas, atravessam todas as fronteiras, enchem as estantes dos nosos cientistas como mananciaes de toda a sua sabedoria! E' por intermedio das obras d'elles que nós estudamos tudo e é com os seus nomes, as suas opiniões e os seus pontos de vista que eu ápanho quotidianamente em cima da cabeça, com uma profusão d'estarrecer — jogados do alto das cathedras universitarias e caindo dogmaticamente da bocca, para o caso apenas phonographica, dos meus lentes. Eu não sei se, igualmente, as opiniões, os pontos de vista e os nomes de s. ex.^{as} vão, por uma lei de compensações, para lá das fronteiras, ser arremessados, por igual, á cabeça d'outros desgraçados como eu...

E' possível — e, n'esse caso são os estudantes estrangeiros mais felizes do que eu, porque conhecem a opinia dos meus mestres que, de mim, systematicamente, a occultam por uma exagerada modestia ou o que será mais provavel, por não me acharem digo de a ouvir.

Ora e como esta vae longa e massadora, eu deixo ficar para a seguinte, a applicação das opiniões de Gustave le Bon á nossa Universidade e para amenisar, vou contar-lhe uma anedocta, absolutamente authentica, que V. talvez ache interessante.

Passou-se a scena no meu 2.^o anno, na aula de Economia Politica-regida pelo sr. dr. Marnóco e Souza, por quem eu e todos os meus collegas temos uma justa consideração, pelas razões, que eu a seu tempo lhe direi:

Tratava-se d'uma Escola Economica — ó a tremenda e ext-nsa lista d'escolas, cada escola, com dez auctores, cada auctor com dez livros, que ninguém leu! — Era a Escola Austriaca que V. não conhece naturalmente e com que eu, já agora lhe não farei travar conhecimento. Havia n'essa escola — e ainda deve haver se os não levou o diabo para não escreverem mais livros de que, os meus collegas que frequentarem a cadeira, terão que gravar as lombadas — dois figurões — que pelo nome não percam — chamados, respectivamente, Karl Menger e Böhm — Baverck. Estava a dar licção um honesto rapaz, creio que da Beira, alumno obscuro, forte, entroncado, plethorico de sangue na face bochechuda e com mais x no fallar que o João Franco. Emfim — era o que, por cá se chama, «o vacão».

A certa altura oigo eu esta pergunta: — Ora diga-me o snr. quaes são os principaes escriptores da Escola Austriaca?

— Karl Menger e (engulidela em seco, que o raio do nome é arrevezado!) e... Böhm-Baverck.

— Diz muito bem... diz muito bem... E... ora diga-me... diga-me... qual d'estes dois escriptores prefere o senhor?

— Como?! — Qual d'elles prefere? — Eu?!?!

Eu queria que você visse a cara do rapaz! Qual d'elles preferia! Por um momento pensei que elle ia dar um murro na mesa e perguntar ao lente se aquillo era «chuchadeira!» O pobre parecia ter um marmello cru atravessado na guella!

Qual d'elles preferia! Elle que vinha da Beira, forte e rude, com os seus interesses literarios e scientificos, preenchidos, em absoluto, pelo «Seculo!»

Olhou para o mestre, olhou para o curso, olhou para si e... depois lá disse a medo:

— Böhm-Baverck...

E logo o lente, sinceramente contrariado:

— Não senhor! não! O senhor não prefere Böhm-Baverck, não pôde preferir... O snr. prefere Karl Menger... Karl Menger é que é o genio d'essa escola...

— Xim senhor... Se os nomes estão trocados e V. sabe, na verdade, qual é o genio da escola austriaca, peide-lhe que lhe desculpe o lapso o todo seu:

Todo seu

Hamada Curto

Um dissidente na REVOLTA

Do sr. José d'Alpoim Napoles Manuel, sobrinho do conselheiro Alpoim, chefe da dissidencia progressista, recebemos o seguinte artigo, em resposta a dois artigos inseridos no ultimo numero da Revolta, assignados respectivamente pelos srs Carneiro Franco e Sherlock-Holmes

Porque o aspecto d'uma sincera convicção politica, e duma não menos respeitavel dedicacão de familia, nos é sobremaneira agradável, inserimos este artigo.

Os senhores Carneiro Franco e Sherlock-Holmes (?) teem o direito de fazer o que entenderem, travando ou não polemica com o sr. Alpoim.

A nós, por um dever de lealdade para com adversarios, competia-nos abrir a liça.

R. C.

DOIS ARTIGOS

O BLOCO por Carneiro Franco e a CARTEIRA DUM REBELDE pelo pseudonimo Sherlock-Holmes.

O Bloco se intitulava um artigo apparecido ha pouco na Revolta.

Assigna-o o sr. Carneiro Franco que volteja desconhecido na orbita do sr. S. H., e que, agora pretende, sem o talento do seu astro, analysar o accordo parlamentar entre o sr. Alpoim e os partidarios do sr. Vilhena.

Sr. Carneiro Franco! não tente aproveitar-se da luz que lhe lança o sr. S. H. porque a não pode assimilar.

Os dissidentes não se ligaram com o partido regenerador; os dissidentes ligaram-se com os partidarios do sr. Vilhena e ninguem pode negar que depois da reunião da Ega, não contenha este partido na sua bandeira principios que sempre os republicanos se orgulharam de ter na sua!

O partido regenerador, aquelle que os srs., os republicanos, fustigam, esse acolheu-se á sombra do transfuga Campos Henriques que não tem a honrar-lhe a scisão um principio como aquelle que honrou a scisão do sr. Alpoim, nem um programma como aquelle que agora o sr. Vilhena formulou. Tornada possivel uma aproximação pela declaração do sr. Vilhena na reunião da Ega, não se pode ver nella uma renegação do passado pois entre dois partidos que nos seus programmas tem principios que se tocam concebe-se um accordo, ou para a applicação desses principios, ou para a sua defesa. Vêr na politica actual do sr. Alpoim uma renegação dos principios que durante tres longos annos de luta, ardentemente proclamou e um motivo

para fazer um paralelo entre este e o sr. João Franco, é não conhecer a vida politica destes dois homens sr. S. H.!

Nas duas vezes que occupou os conselhos da corôa nunca o sr. Alpoim apresentou uma medida menos liberal, nem defendeu um principio reacionario por leve que elle fosse.

Rasgada uma vez com brilho immenso a sua pasta de ministro para não collocar o seu nome por baixo do nefasto contracto, o sr. Alpoim viu-se, no tremendo duello que provára com os seus escrupulos de ardente patriota, absolutamente só, não tendo ao principio a causa que advogava mais do que o apoio hesitante dos proprios republicanos.

Derrubado o sr. José Luciano pelo accordo da opinia publica, consequencia da mais honrosa scisão na historia dos modernos partidos portuguezes, caminhou sempre o sr. Alpoim e os seus partidarios, que ao sr. S. H. pouca consideração, como diz merecem, no trilhão que uma intelligencia lucida servida por coração amantissimo da patria lhe indicava, trilhão esse que era o da liberdade e da altivez patriota.

Cahiu o sr. Hintze Ribeiro e subiu o sr. João Franco, cahiu este e subiu o sr. Amaral e o sr. Alpoim a defender sempre com o mesmo vigor e a mesma paixão a liberdade, não se podendo queixar os seus unicos alliaados possiveis de então do menor acto de fraqueza ou de desanimo.

E' possível vêr, depois do que expuz, no sr. Alpoim uma encarnação do sr. João Franco? E' possível vêr na sua politica a menor renegação? Não!

Como ministro o sr. João Franco fez a lei de 96 e como presidente de conselho renegou a liberdade que prometera. De conferencia, em conferencia, sempre apregoando a liberdade, o sr. João Franco passou a mandar acutilar o povo.

A liberdade prometida synthetisouse na lei de imprensa. A administração economica renuiu-se no decreto dos adiamentos.

Persistem, sendo estes os verdadeiros factos em quererem fazer o paralelo?

Somos nós, dissidentes, uns renegados ligando nos, sem a menor quebra de principios, com os partidarios do sr. Vilhena fitando unicamente o bem da patria, e os srs. os republicanos, não o sam, tendo soffrido junto commosso o odio feroz do franquismo, partilhado das mesmas prisões, sentido os mesmos arrepios e defendido os mesmos golpes?

Houve em tempos, sr. Carneiro Franco, um club cuja divisa era: Pensar muito, fallar pouco e escrever menos.

Porque não adoptam esta divisa? Coimbra — 8 de março de 1909.

José d'Alpoim Napoles Manuel

IMPRESSÕES

Começára a semana, a cabra badalára, e a aula era certa. O frio, a chuva apertavam, mas no dever sagrado de bom estudante ahi fomos, manhã cedo, á pressa, esquecendo o livro, mas promptos ao sacrificio. Saudámos e sentámonos.

Mal tínhamos tido ainda tempo para coçar a palpebra, que não se conformava com o dia, já a nossa asa esquerda, não batia soffregamente no braço.

— Ora viva. Que quer você, fulano? — Vai um bilhetito?

A nossa asa offerencia-nos um bilhete.

— É só para homens... accrescentava baixo, e mexendo uns papelecros, mostrava-nos uns de uma côr, outros de outra, todos com uns certos dizeres impressos, gravados igualmente, e á laia de programma.

— É só para homens, repetia a asa, tres tostões, tres, e cinco tostões a superior.

— Só para homens? Ahn? Deixe você ver.

A conversa continuára, e dentro em pouco estavamos a par de tudo.

A actual companhia do Theatro Circo, o melhor e unico theatro da cidade, montára ali, cremos que logo de principio, um animatographo com sessões ordinarias todas as noutes. A concorrência não escasseava, mas as fitas apresentadas, embora escolhidas dia a dia, iam-se tornando monotonas. O certo é que a isso devido ou não sabemos a quê, a companhia resolvera apresentar novas fitas, de sensação, e... só para homens.

A acturidade policial parece que consentira, ou não sabia, e á socapa, sem barulho os bilhetitos eram vendidos por amigos e conhecidos e interessados, digam-se de passagem, sem grande difficuldade.

A sessão... só para homens, era no fim das outras, ás dez horas da noite, e logo por entrada e experiencia, prometia ter uma enchente.

Os leitores estão advinhando já o interesse que ella devia despertar. O nosso meio cimbrião constituido em enormissima parte pela academia, rapaziada nova, longe das familias, muito á vontade, e sempre apreciadora d'um escandaloso, prestava-se bellamente a essa sessão... só para homens.

Ha tempos, tinha-nos dado a capital noticia de que, n'uma das suas igrejas melhor concorridas, um celebre orador sagrado faria uma serie de tres sermões, de noite, e tambem... só para homens. O caso era curioso. N'uma igreja, sermões só para homens... Que mysterio!

Mas, era verdade, e lá estivemos, gostámos e não extranhámos. Demais, qualquer, sem distincão de sexo, devidamente bem orientado, e melhor fundamentado, poderia ter assistido aos tres sermões. Lá vimos a Virgem que a todos assistiu, e... não cõrou.

Mas, em Coimbra, n'um animatographo, uma sessão á socapa... só para homens, não restava a menor duvida, era fatalmente escandaloso. O programma entre outros numeros trazia até alguns com frades e freiras á volta; positivamente e sem hesitação, d'esta vez a Virgem se assistisse... talvez cõrresse, devia cõrar. Não assistiu.

Não podémos no entanto ir occupar a nossa cadeirinha. Tinha-nos os paes mandado para aqui para estudar, e religiosamente, ao toque da sineta, forçávamos a porta da casa e abancávamos á meza, de sobenta em punho. Depois eram dez horas e lembrá-nos a oitenta da asa esquerda. Ficámos com pena. Valeram-nos porém quatro paginas que já estavam digeridas, e a esperança, que os cabulos dizem ingenua, de um valor o mais ao fim do anno.

Em todo o caso tivemos occasião de matutar no pratinho. Demais na noite anterior tinhamos topado palmilhando a médo varias travessas e beccos da Alta, tres raparigas, descalças, talvez entre doze a desseis annos, cobertas de trapos apodrecidos, tiritando com frio, de carnes magras e olhar doentio, seguindo este e aquelle estudante, n'uma ancia desesperada de, á porfia, ganharem uns patacos ao dobrar da esquina, no recanto escuro, em plena rua ou n'um quarto, sem a mais elemental decencia, alugando o corpo e a honra, n'um costume já facil e antigo... e os patacos corriam realmente e muitos das mãos da Academia...

O espirito começou então a revoltar-se nos.

Lembrou-nos ao mesmo tempo o tal padre dos tres sermões, e, a historia já não nos agradava. Chegámos antes a ter pena da Academia.

Realmente era de mais... e a auctoridade, as auctoridades... Que desfôrto!

Promettemos fazer barulho com o caso, appellámos para o Espirito Santo, e desancámos emfim. A asa contaria.

A noite passou, e já estávamos outra vez com a asa ao lado. — Então? Que me diz você? Conte lá isso.

— Ora homem! Isto é gente do diabo. Já estava de papinho feito e afinal, tudo escangalhado. A brincadeira foi descoberta a tempo e tudo prohibido. Batatas!

— Hein? — Mas deixe você isso. Então lá temos uns feriaditos?

Positivamente, pensámos, a asa andava a caçoar connosco. Achava-nos com cara de engulir umas galgas... além a sessão, que afinal falhou, aqui uns feriaditos de chofre...

— Morreu o pápa. — O pápa? Essa agora! — Ou morreu ou está quasi morto. E' o que lhe digo.

E a asa esfregava as mãos de contente, inquietava-se no banco, fantasiava a doença, mostrava-nos um jornal com a noticia referente ao caso, assegurava nos umas ferias grandes, quinze dias ao menos, palavra endiabradamente, sem algum sentimento piedoso e pungido, antes troçando do pobre pápa.

Sorriram-nos os feriaditos, verdade seja, e o jornal referia... Podia ser.

O pápa, era certo, não podia viver sempre; já o meu visinho antigo cantava que « o pápa, a morte o pápa, não se escapa, tambem morre como a gente ».

Coitado, que a terra lhe fosse level! Anla acabada, duas voltas dadas, e a asa chega a nós de novo, agora muito desalentada. — Logo vi. Ora bolas. E' falso,

está outra vez vivo, e, peor do que isso, parece que já não morre.

Foi lhe a terra leve de mais, pensámos nós. — A asa ia-se-nos tornando antipathica.

Em summa o tempo, passou e confirmou-se na verdade a falsidade do boato. Um desastre, diria a asa! Tinha-nos enganado mais uma vez.

Não sabemos como a antipathia augmentou. Chegámos até a não querer olhar para a esquerda. Embirrações!

Voltámos ao nosso estudo paciente, o espirito soceguou e promettemos não ouvir mais.

Passa um dia e eis-nos de novo sentados, licção bem estudada, um tanto difficil, mas bem segura e decorada. Não olhámos nem cumprimentámos a asa.

Notámos em todo o caso certa extranheza e impaciencia. Parecia que queria começar novamente, dizer qualquer cousa.

Não se conteve e estoitou — então lá se foi Lourenço Marques, lá venderam Lourenço Marques.

E cortámos definitivamente as relações.

TRIBUNA DOUTRINARIA

Philosophia inconsistente

Como já disse, a Igreja, sentindo vacilar as suas provas tradicionais pelo advento da critica, procurou um outro campo onde pudesse combater a Verdade. Infelizmente para o progresso da Humanidade encontrou o processo que melhor lhe convinha: agarrou-se afincadamente á metaphisica, baseada, claro está, em todos os erros de observação ancestral, colligiu bem todos os pre-conceitos, elevou-os a principios sob a rubrica de philosophia, e, preparando uma razão e uma logica adrede creada para seu uso, fez daquella philosophia, intrincada e bizarra, o seu grande cavallo de batalha em que veio a campo bater todo o progresso, empanar toda a luz que a sciencia profusamente começava a difundir sobre os conhecimentos humanos.

Mas assim como facil foi encontrar na sua dogmatica materia para lh'a rellutar e destruir, assim tambem facil é apanhar o fio á intrincada philosophia de que a Igreja se serve e desenredar a complicada meada que os seus audaciosos e sagazes corypheus tem preparado no intuito de illaquear a intelligencia humana, prendendo aos mais crassos absurdos mentalidades tantas vezes aproveitáveis.

Para chegar á conclusão da existencia do seu deus a philosophia dualista e catholica começa por dividir os seres em necessarios e contingentes; i. é. — seres que em si mesmo tem a razão d'existencia e seres que existem mas podiam e podem deixar d'existir!

E' este o grande fundamento a que se prende e em que se baseia toda a sua capciosa demonstração.

Eis um argumento consideravel... pelo disparate:

« Um ente é necessario, quando não pode deixar d'existir. Ora o mundo pode deixar d'existir; porque, considerando as substancias mundanas, conhecemos que cada uma dellas pode ser destituida d'existencia, sem que d'ahi derive repugnancia alguma. Logo o mundo é contingente ».

(Thiago S. Ph. Cosmologia). Farçantes ridiculos! De forma que o mundo é contingente porque a materia não tem em si a razão d'existir: existe, mas pode conceber-se como não existindo: é contingente!...

Como contam demasiadamente com a preguiça intellectual que subrepticamente tem vindo a inocular, através dos seculos, nas multiões...

Que a materia pode não existir... mas então quando foi que elles ou alguém viu que a mais pequena porção de materia deixasse d'existir?! Coitados. Até 1789 ainda elles poderiam impunemente aventar o seu basilar disparate; Lovoisier, porém, deu o maior golpe que se poderia dar, sobre o preconceito, com a sua verificação irrefutavel da lei da constancia da materia.

Todavia, apesar da estulta e descarada estupidez do argumento que acima exarado fica, similhante a que todos os demais são, irracionaes nunca faltam que acceitem como oiro de bom quilate!

Aos philosophos do catholicismo não convem de forma alguma a experiencia, tanto mais que temos já bastantes meios de verificar. Ou melhor não lhe serve a experiencia presente, mas utilizam-se so-

fregamente do resultado da experiencia do passado quando os meios d'observação são deficientes eram que cousa alguma se observava que della não ficasse uma idéa erronea ou muito incompleta.

Por isso elles na sua philosophia começam sempre agitando bem, para as resuscitar, idéas atavicas, dando vida e fortalecendo todos os preconceitos que da incipiente Humanidade nos vieram por hereditariedade ou por tradição.

Todo o seu criterio consiste na razão, dizem elles.

Todavia não se julgue que elles, que tanto se arrogam servirem-se exclusivamente da razão, a considerem tal qual ella de facto é; de forma alguma. Para elles a razão é um ser metaphisico, é uma faculdade da alma que por sua vez é uma força extranha ao individuo e só actuando nelle por um modo transitorio, informando-o e defendendo-o todavia...

Assim elles consideram certos conceitos racionais como tendo sido inculcados ou insuflados á razão por um agente metaphisico—por Deus!

Fingem assim não comprehender que o individuo, seja elle de que especie fór, em qualquer momento, é uma resultante de todas as condições que circundaram toda a sua linhagem e a esse proprio individuo até ao momento considerado; e que, deste modo, aquillo que chamamos a sua alma nada mais é do que a synthese de todas essas influencias ancestraes e proprias.

Do mesmo modo lançam ás fêras a sciencia moderna quando esta lhes define a razão como uma synthese que o individuo através da serie dos antepassados até ao momento considerado veio fazendo das conclusões da sua experiencia.

Os decantados principios immediatos da razão em nada são differentes das demais conclusões racionais do que pele antiguidade e maior oportunidade a exercicio. Se a Humanidade ainda vivee tempo sufficiente, tempo virá que certos conceitos que hoje ainda carecem de demonstração venham a tornar-se tão evidentes como o principio de identidade, o de contradicção ou qualquer outro similhante.

E' a educação que vae gravando em a nossa natureza essas conclusões da experiencia, carecendo, ao principio, de serem meditadas e acabando por se tornarem inconscientes. Chegadas a este momento revestem evidencia. Depois de se saber, por exemplo, andar de bicicleta, parece-nos impossivel que haja alguém que não seja capaz de se equilibrar como nós. Succede mesmo que uma vez feita a aprendizagem e apoz bastante tempo de exercicio, nos encontramos incapazes de cair ainda que o queiramos, a ponto de algumas vezes um homem nesse estado correndo para um precipicio donde se poderia livrar deixando-se cair, o não faz pela simples razão que não sabe. E' que aquelle equilibrio tornou-se irrefletido, inconsciente, encarnou na harmonia de todo o seu ser: a sua educação está feita naquelle desporto.

A nossa razão é imprescindivel, mas depois de aferida pelos resultados da experiencia actual, porque ella synthetiza resultados da experiencia ancestral em que os meios de observação eram imperfeitißimos e insufficiëntissimos.

Luettner

Agencia Commercial

O Sr. João Villaca da Silva, antigo empregado da casa Alipio Augusto dos Santos acaba de estabelecer em sociedade com o Sr. Fausto de Paula e Silva uma agencia commercial de commissões, e consignações, com sede provisoria na rua dos Coutinhos — 11 a 13.

Esta agencia encarrega-se de todos os serviços commerciaes taes como: escripturação por todos os sistemas, concordatas, compras, vendas etc.: trata tambem de arrendamentos, plantas e orçamentos para edificações, esperando inaugurar em breve aulas de escripturação e contabilidade para empregados do commercio.

O caracter e reputação dos proprietarios são garantia segura do escrupulo e seriedade com que todos os negocios serão tratados.

A nova agencia desejamos muitas prosperidades.

Paris em Coimbra

Aos nossos leitores recommendamos a leitura do annuncio, que inserimos na secção respectiva referente a esta importante casa. Confirmando os créditos de que vem gosando, o seu proprietario e nosso amigo J. M. de Vasconcelos contractou habeis contramestres para todo o genero d'obras tanto de cavalheiro como de senhora,

Adelino Veiga

Realizou-se no domingo passado a homenagem a Adelino Veiga, a que no ultimo numero nos referimos.

Já os jornaes deram noticia circumstanciada do que foi a festa e por isso não o faremos nós.

Diremos apenas que os festejos foram cheios de enthusiasmo. Tanto no cortejo civico que foi imponente, como na sessão solemne que foi concorridissima, falando varios operarios e outros oradores, se viu bem como era sentida e sincera a homenagem.

Na antiga rua das Solas foram derradadas pelo sr. dr. Marnoco e Sousa as lapides com o nome de Adelino Veiga.

Nessa occasião o illustre presidente da camara proferiu um brilhante discurso em que mais uma vez mostrou as suas idéas rasgadamente liberaes.

Foi uma consagração digna do grande vulto a quem era feita e digna do operariado de Coimbra que a promoveu.

Sinceramente felicitamos todos os que contribuíram para esta festa civica e em especial a commissão organisadora pelo bom resultado dos seus esforços. E a nós proprios nos felicitamos porque nos é sempre grato ver que os nosos concidaãos pagam uma divida de justiça e de gratidão á memoria d'aquelles que, como Adelino Veiga, empregaram toda a sua vida, toda a sua actividade, combatendo pela emancipação das classes opprimidas.

Merecem por isso toda a nossa gratidão que é um dever.

E o operariado de Coimbra cumprirá esse dever.

O Brazil moderno

VIII Olavo Bilac

(DA ACADEMIA BRAZILEIRA) Quasi no fim do curso, abandonou ha annos a sciencia medica dedicando-se, devotadamente á cultura da poesia, cujos primeiros ensaios já deixavam antever o grande e genial artista. Bem conhecido é já o nome de Olavo Bilac, (o poeta das Estrellas), e por consequencia escusado todo o nosso esforço em salientarmos todo o seu valor, que por si só se impõe.

Poeta de raça, incontestavelmente o mais lidimo poeta da America Latina, os seus primorosos versos reflectem vivamente o esplendor do seu talento, a grandesa da sua alma, as scintillações do seu espirito e a sensibilidade do seu coração, d'esse coração onde se aninham delicadissimos sentimentos, e onde se albergam nobilissimas qualidades.

A sua vasta produção litteraria, quer compilada em livros, quer esparsa em diversos periodicos, as funcções honrosas que tem desempenhado no seu paiz, e o modo porque o tem, como litterato, representado no estrangeiro, são preciosos titulos que, de sobejo, o recommendam á merecida admiración, que lhe é tributada, e justificam o subido apreço em que é tido, por toda a parte.

Lisboa, que já teve a felicidade de, ha tempos, o acolher em seu seio, recorda ainda com saudade esses ligeiros dias que o poeta ali passou e tem ainda bem gravada a carinhosa impressão da sua palavra fluente, suggestiva, vi-rando todas as notas da arte e deterindo todos os accordes do Bello. Noticias mais ou menos fidedignas, dizem-nos que Olavo Bilac, de regresso de Paris, e acompanhado do illustre Baptista Coelho (João Phoca) que, ha pouco, esteve entre nós, deve aqui chegar ainda esta semana, onde, após ligeira demora, segue destino de Lisboa.

Se assim for, Coimbra, que a despeito de tudo, gosa ainda no Brazil gloriosas tradições, tem o dever de, ao menos por um momento, sabir da apathia em que se encontra, recebendo condignamente tão illustre visitante que, no seu paiz, jámais perde o ensejo de, publicamente enaltecer e salientar os brios e glorias de Portugal, de cujo facto tantas vezes fomos testemunha.

Por mais simples e modesta que seja essa manifestação, logo que seja profundamente sincera, significará um movimento de gratidão que lhe é devida e uma homenagem que incumbe prestar-lhe qualquer povo que se diga culto.

Sobra-nos a vontade mas falta-nos hoje o espaço e o tempo, para dizermos mais alguma cousa sobre esse vulto que sobremaneira honra a litteratura brasileira, glorificando assim tambem as lettras portuguezas.

Resta-nos porém a certeza de que, a proposito d'esta individualidade, bastaria apenas citar o nome, de tal modo é reconhecido unanimemente o seu alto me-

rito, sendo pois até redundancia encarece-lo.

Que seja pois verdadeira a noticia da sua proxima chegada a esta cidade, é o que sinceramente desejamos, afim de, embora por pouco tempo, gosarmos o prazer do convivio de tão illustre e notavel homem de lettras.

A. S.

A CRISE DO DOURO

CARTA ABERTA

As senhoras portuguezas

III.ª Ex.ªª Senhoras

A V. Ex.ªª se dirige no cumprimento d'um dever d'humanidade, um grupo de mulheres trastontanas, condoidas da situação afflictiva do operariado agricola da sua região a que tudo falta — o trabalho, o pão, o agasalho e até a esperança d'um dia melhor.

E como se fora pequena desgraça a angustiada tristeza n'este quadro, que põe medo e soffrimento ao coração mais preparado para as luctas da vida e para a escuridão tenebrosa das misérias sociaes, tem os entre nós, n'uma freguesia visinha — Sediellos — 98 creanças a quem falta, em consequencia d'uma epidemia de typho, o braço que lhes ganhava o pão de cada dia, muitas d'ellas sem ninguém, n'uma orphandade horrorosa que não tem comparação com nenhuma das desventuras humanas, miséria unica que não pode exprimir-se por nenhuma imagem.

Ser orphão! Não ter o carinho d'uma mãe, não ter am afago, quem lhe ensine a primeira oração, quem lhe ampare os primeiros passos, só, sempre só, caminhar sempre no escuro, sem a luz d'uma caricia, sem o calor d'um peito amigo, arremessado ao vacuo, na eterna noite da sua desventura, ser orphão é ser menos que o pó dos caminhos e que as ortigas das terras incultas!

E' preciso que a caridade, senhoras, ponha no caminho d'estes desventurados um oasis que lhes mirena as agruras do deserto a que o acaso da sorte os condemnou; é preciso que o coração de nós todas as portuguezas faça das suas mitalhas um pão para estes pequenos seres sem pai e sem protecção e que um pouco da nossa bondade lhes sirva de sol e lhes lembre a mãe que perderam.

A vós nos dirigimos, senhoras, certas de que nos ouvirá o vosso coração para que appelamos.

Pouco nos basta, o mais pequeno obulo nos contenta, ficando certas de que virão cooperar connosco todas as senhoras a quem por esta forma nos dirigimos. E bastaria que cada senhora que nos lesse desse um tostão para obra tão meritória, para estar assegurado o futuro d'estes desgraçados cuja sorte interessa a nós todas.

Seria como que um ninho de caridade construido pelos sentimentos piedosos das mulheres portuguezas.

Alliá-vos, pois connosco e fazei connosco a protecção d'estes orphãosinhos — a obra bendita da nossa ternura, da nossa caridade e do nosso dever.

Com a mais subida consideração de V. Ex.ªª

Cr. mt.ª alt.ª e ven.ª Regoa, 7 de Março de 1909

Pela commissão de beneficencia—Presidente — Clotilde de Moraes Bernardes Pereira; Vice presidentes — Anna Teixeira, Anna do Poço do Espirito Santo; Secretarias — Margarida Clotilde de Moraes Bernardes Pereira, Alice Claudino de Moraes, Adelaide Thalia Soares dos Santos, Noemia Vasques d'Almeida Coutinho; Thesourreira — Maria Pia da Silva Rolla.

Festa sportiva

A Direcção do Gynnasio Club, desta cidade, nomeou uma Commissão Thechnica Sportiva, composta dos Srs. Augusto Martins — para gymnastica — Dr. Alvares da Cunha — para tiro e excursões venatorias — Dr. Almiro de Vasconcelos — para luta e atletica — Dr. Camillo Castello Branco — para esgrima — Victorino P. Doria — jogos do ar livre — Mario Almeida — patinagem — Ascanio Pessoa — pedestrianismo — Mario Gayo — cyclismo com o fim de desembolver o gosto por todos os generos de sport e nesse sentido promove, a referida commissão uma festa sportiva que deve realizar-se em maio proximo no local, hora e dia opportunamente designados, á qual poderão concorrer todos os Clubs, escolas officiaes e particulares da cidade de Coimbra, havendo varios prêmios.

Os programmas serão brevemente annunciados.

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietario fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em deposito, só vendo se acredita.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no **Sanatorio de Manteigas**, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BRGE S — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente, montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Doces de ovos com os mais finos recheios.
- Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
- Fab loam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
- Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de jolhado.
- Galantines diversas Tête d'Aohar. Paté de Liever e Foie.
- Sauzeisses Pud ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
- Pão de ló, pelo systema de Margaride.
- Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, ohás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de B'lachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

E' o remedio mais eficaz para a expulsão de lombrigas, tanto em creanças, como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as creanças salvas com elle.

O Vermifugo Faria, é

diferente dos que existem do mesmo genero e duma efficacia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode affirmar que os não tem.

O Vermifugo Faria limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quaes forem, destroe as fermentações putridas e anormaes, cura as infecções intestinaes e as dysenterias infeciosas, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O Vermifugo Faria não tem deposito no fundo do frasquinho e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasquinho em agua quente. Preço do frasquinho em todo o reino, incluindo o sello, 250 réis. 12 frasquinhos, incluindo o sello, 2\$280 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C., Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C., Rua Ferreira Borge's

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vêrem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanellas d'algodão, metro	60
Ditas, cõr lisa, muito largas, metro	120
Córtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Meias para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	51
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanelã, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapens

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de faqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo-brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que ja se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque depois arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, n.º 6

Empréstimo sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMB

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14 Coimbra

Esta casa conhecida em todo o paiz, tem sempre calçado feito da melhor pelo laria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56 COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasós e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedades de luxo.

Sortido completo em pomadas de cõr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e e

José Lebre

Cratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

Espregueira

Não é já um nome — é um symbolo. Ha homens, em certos periodos da Historia, que são synónimos. Espregueira é a synthese do regimen. Melhor do que ninguém representa hoje em Portugal, a monarchia, os seus processos, a sua crápula, a sua impenitencia. Ha nomes que evocam um mundo de factos — e o nome d'este homem é um d'esses nomes privilegiados. Falla-se n'elle e recorda-se a «portaria dos sobrescriptos» toda essa inqualificavel montureira que se resolveu diante do paiz ab-orto, a quando da questão dos tabacos! Citá-lo é chamar á tela da discussão a extranha e inedita infamia dos adiamentos. Tem-lhe chamado tudo, tem-lhe dito tudo. As opposições gritam-lhe: o sr. roubou! — e elle ri-se! A imprensa accu-a-o: o sr. fez trapaça! — e elle, encolhe os hombros, pisca o olho frascado e ri-se! No parlamento, na imprensa, por toda a parte onde se falla, onde se discute, sobre a sua personalidade recaem as suspeições mais infamantes, os epithetos mais ultrajosos, as accusações mais tremendas! Pittorescamente, a forma das aggressões varia. O insulto simples não deu resultado? Tenta-se, portanto, o insulto requintado, trabalhado cuidadosamente, como uma filigrana d'ourives. Chamam-lhe por todas as formas, «ladrão» — mas faz-se esylo para lh'o chamar e, elle, de cada vez que lh'o chamam novamente, repara apenas n'ristecido, que já não ha originalidade possivel! No dia em que pomezem em musica a palavra «gatuno» e lhe cantassem, com tal letra, um coral em sua honra, esfregava as mãos satisfeito, e ia cumprimentar, sorrindo, o compositor. D'uma vez disseram-lhe que o seu logar não era nas cadeiras de ministro, mas na Penitenciaria. Foi dos dias mais felizes da sua vida: jantou melhor! Deseja a Immortalidade, a consagração dos vindouros. Falla para a Historia, como elle proprio declara, — corajosamente! Não diz para que Historia falla, por modestia, mas toda a gente lhe vê logo a aspiração e o desejo.

Nós, não lhe dizemos qual seja, — porque lhe não queremos ser agradaveis. O chefe confia nelle, esconde-se por traz da sua couraça impenetravel de indiferença. O anno passado houve uma historia d'uma carta do chefe — um assalto ao thesouro publico, ordenado, como a coisa mais natural d'este mundo, n'um simples bilhete, não sabemos se a lapis. Criaturas pessimistas e azedas chamaram a isto um roubo, uma pouca vergonha inqualificavel e preparavam-se para cair a fundo sobre o seu principal auctor. Mas o auctor não appareceu, porque conhecia Espregueira e contava, com elle, em absoluto. Chamou-o e encarregou-o de ir á Camara, receber, por elle, o chuveiro dos insultos.

Espregueira, acceitou, jubiloso!
— Mas olha que te vão insultar... ponderou-lhe o chefe.
— Que tem isso? — tornou elle, sorridente.

— Ficas a descoberto, sózinho...
Dizem-te as ultimas...
— Não faz differença...
— Não podes defender-te.
— Isso sei eu...
— E talvez te batam...
— Melhor!... — e sorria.
E por um pouco não lhe bateram o que, naturalmente, o contrariou por elle já contar com isso!
E' unico!

A monarchia tem tido grandes vultos no genero, — mas tão completo, nenhum. E', desconfiados nós, um discipulo do barão de Sade — que só attingia o maximo do prazer sensorial, vendo cair cabeças ensanguentadas no cadafalso da Revolução franceza ou quando calcado aos pés e azoragado pelas temiveis megeras, que faziam meia, á porta da grande Convenção.

Gostava de ver soffrer e de soffrer — este aristocrata curioso. Gostava com a dôr alheia e com a propria.

Espregueira, é o mesmo. Tem cavado a ruina financeira da Patria — para se comprazer com a spa tortura. Agora mesmo acaba elle de lhe dar nova facada — arrancando mais uma vez, um punhado doiro, á sua miseria e á sua fome, para o dar de mão beijada, a financeiros.

E escolheu a occasião mais azada para a satisfação da sua degenerescencia de sadico. A dois dias da abertura do parlamento elle sabia o que, certo, lhe ia acontecer.

Pois não hesitou! Sabendo que ia ser julgado por juizes que não podia pensar em corromper, elle praticou o acto incriminado, propositadamente, antegosando o azorague!

Extranha creatura!
Se um dia o paiz inteiro, a elle, como a outros pedir contas, Espregueira, estará sereno no pretorio, á espera da sentença... E se ella tôr para que o fuzilem, como é de esperar, Espregueira sorrirá, pedirá encarecidamente que o garrotem — para que a sensação e o prazer, sejam mais demorados.

E como a doentes é justo que se façam as vontades, o tribunal deve deferir-lhe o requerimento...

Factos e Commentarios

Hos srs. dos Correios:

— Estas coisas portuguezas! As reclamações chovem na nossa Redacção. Ha assignantes que recebem o nosso jornal alternadamente, ao capricho dos sr. distribuidores dos correios. Outros ha que nunca os recebem e ainda outros que os recebem juntos, aos dois e aos tres!
O serviço de cubranças então é phantastico! Serão por acaso os distribuidores e os empregados dos correios todos thalassas que fazem isto por odio ao periodico? Estamos inclinados a acreditar-o.
Vamos a ver se feito este aviso, as coisas melhoram um pouco...

Mais infantes

Ao que parece, D. Miguel renuncia ao throno portuguez e, revogada a lei que o expulsa do paiz e á familia, virá viver para Portugal com os seus 8 filhos — todos Braganças e todos infantes!
O sr. guarda!

Florilegio

Como é que retribuerei ao meu senhor meu Amo e Rei o perdão dos meus peccados e ineffaveis beneficios do seu Amor?
Padre Silva Gonçalves.

O sr. o que precisa, Padre, é duma ama.
Peccados... perdão... ineffaveis beneficios... Amor...
Mas que diabo terá o homensinho feito ao pequeno?

Grammatica real

Palavras do sr. D. Manuel:
«E se ha sentimento que mais se consubstancie com o da nação, a cujos destinos me sinto verdadeiramente feliz de presidir...»
Ora se S. M. se sente feliz de presidir aos destinos da nação, porque não começa por falar correctamente a lingua nacional?

Anthropophago

R. M. diz na Palavra que chegou a Bruxellas com um appetite de anthropophago.
Parece-nos que errou o itinerario.
Com tal appetite devia antes ir para Napoles, fartar-se de macarroni.

Um poeta

Padre Silva Gonçalves bota poesia na Palavra.
Aqui damos um bocadinho aos nossos leitores:

«Fazendo escravo do nosso amor ao odio mais fundo e bravo. Nosso Senhor livrará-nos de inimigos, de ingratiões: — Os mais ferinos leões veem a ser nossos amigos...»

E Nosso Senhor não livrará nos d'estes poetas?

Piada forte

O Correo da Noite, em polemica amigavel com o Illustrado, diz que o genio se ainchou todo na redacção do orgão franquista.
Esta do genio deve ser com o Ambrosio.
E' boa, mas forte de mais.
Deixem lá em paz o pobre diabo...

MIUDEZAS...

Era um rapaz muito talentoso e de muito bom coração — dizia-se.

Fez o seu curso de Direito com muito brilho e os senhores professores, olhando o através da luneta que «as cunhas» lhes collocaram deante dos olhos, acharam logo que sim, que o rapazinho poderia entrar para a «companhia».

— Muito talentoso, muito! — afirmavam todos.

E os actos do afamado academico foram sempre coroados de elevadas classificações como era da mais elementar justiça. Era neccessario recompensar o trabalho e render as homenagens devidas ás fulgurantes irradiações daquelle cerebro poderoso, daquelle illumada cabeça.

Acabado o curso, o triumphante bacharel começou a trabalhar — não era neccessario muito. O seu talento

NA ENCRUZILHADA



tornava-lhe faceis e evidentes todas as coisas — para subir os ultimos degraus que o separavam ainda da cathedra o que é o mesmo que dizer do Olympo da sciencia onde o esperavam aquelles que tinham sido seus mestres e passariam a colegas, a simples colegas seus. A cathedra! A cathedra!

Tinha sido sempre o seu sonho doirado.
Como os seus discipulos ouviriam extasiados o seu verbo fluente! Como elle faria, com o seu talento imenso, dos massudos e indigestos artigos dos codigos, preleções encantadoras!

E havia de ser bom para os discipulos, amigo delles mesmo... E ficava a sorrir, enlevado, olhando no espaço uma linda cathedra cheia de luz.
Ora o rapaz, o academico laureado, cavour por... amor com uma ricaça da provincia, gentes de herdaades, boas terras de trigo e fartos sobreirats de rendosa cortiça.

Que mais queria?
Bem casado, com o seu talento, a consideração do publico intelligente e do publico endinheirado...

Só lhe faltava um pequeno, um filho, que seguisse na sua esteira, que continuasse o seu nome.

Hoje é absolutamente feliz.
Tres dias depois do «bon successo» da esposa escrevia elle um bilhetinho a uma senhora das relações concebido nos seguintes termos:

D. Rosa

Participamos-lhe que tem mais um creadinho ás suas ordens. E' muito gracioso pequerrucho, bem formado e mu-

to interessante. Pesa quasi quatro kilos. Tem as feições muito definidas e possui — até ando preocupado com isso — uma intelligencia que me espanta, verdadeiramente extraordinaria.

Não julguem que o talento do bacharel seja uma «blague».

Não! O amor de pai é que o cegava naquelle momento e o fazia descobrir aquella aterradora intelligencia no pobre monosinho de tres dias que berrava desatmadamente.

A cathedra! A cathedra!

Triplus.

A' tesoura

Do Noticias de Lisboa:

O sr. ministro da Fazenda que falou com a maior energia explicando clara, cabal e catholicamente o assumpto, foi novamente apoiado por toda a maioria, produzindo as suas palavras sem sombra de habilidade, mas singelas e simples como a verdade, a melhor impressão.

Estamos a vêr.
A singeleza, a simplicidade, a verdade do sr. Espregueira!
Mas que descaramento!

Da Palavra:

O sr. Vilhena, se ficasse na Universidade, seria indiscutivelmente o nosso primeiro professor.

Discordamos. Não contestamos o talento do sr. Vilhena, mas acima de todos o Mestre!

Do Correo da Noite:

No entanto e, apesar d'isso, na vasta sala do 1.º andar da Liga, no largo do Quintella, tem-se reunido nestas duas primarias reuniões uma multidão compacta e entusiastica, escu-

tando a palavra dos oradores com uma crescente e communicativa animação.

Animação crescente devia ter sido com o discurso do sr. Gallis...

Do Portugal:

Vae fazer-se uma peregrinação a Roma. A laudimol-a. Teem-se feito outras já. Lourdes tambem ha recebido o concurso dos catholicos portuguezes.

Pois bem. Empreenda-se igualmente a visita ao Santo Sepulchro.

Pois empreendam, empreendam. Mas cautela com as reliquias, srs. pellingrinos.

Não lhes aconteça como ao Rapazão...

Lavra o incendio

Decididamente isto já não pára. Não é apenas a população dos grandes centros que é abalada e torturada por este mal-estar que em tudo se denuncia e a todos sobressalta.

Vai mais fundo: já as ultimas camadas, a pobre multidão campezina começa a revolucionar-se.

Para nós, é verdade, isto tem um aspecto intellectual e mais de principios. E' uma situação d'espirito, toda racionada e deduzida.

Para aquelles a questão é de facto, o argumento não se faz no cerebro—é elaborado no estomago.

Se alguma vez passasse pelo nosso espirito a duvida sobre a necessidade de sermos sempre revolucionarios por principio, podia ella em qualquer momento fazer-nos vacillar, suspellar da verdade das theorias que professamos, mas não conseguiria deter-nos na situação actual e perante os factos presentes.

E' que estes são tam prementes e decisivos que já nós não deixam livre o pensamento.

Esmagam-nos com a realidade. Sam uma tese que não comporta discussão.

Quando nós, os que não comemos e nem queremos comer á custa de qualquer forma de governo, sentiamos e diziamos que não era possivel sustentar este deboche por mais tempo, os amigos do regimen sorriam, uns com convicção, outros amalandradamente, como a querer significar-nos que eramos maus profetas e tudo «isto ia nem marido rassa».

Mudam porem os tempos. O sr. Teixeira de Sousa, conspicioo protetor da região mais devastada hoje pela fome, não é decerto suspeito á monarchia; pois foi o sr. conselheiro, ameaçando retirar a sua protecção ao Douro, quando se deu o primeiro incendio, o de Alljô, quem com esse simples facto veio fazer a confissão de que efectivamente as coisas p'ra lá do Marão eram de grande e indiscutivel gravidade.

Não é de crer que s. ex.ª fosse arriscar numa cartada o respeito que julga merecido pelas suas qualidades, se o momento não fosse dos tuos que não admitem hesitações.

Valpaços foi talvez uma resposta. Os acontecimentos de Murça sam quasi uma ameaça.

Hoje que o grande influente regenerador se sente baído e desprezado por esse bom povo que o ajudou a subir pode ter já outra opinião. Mas os factos é que começam a não deixar duvidas possiveis nos espiritos dos mais optimistas.

Aquilo que no Douro se está a passar é mais alguma coisa do que poderiamos supôr vir a dar-se.

E' a Revolução da fome, a unica que o lucido espirito d'Anthero antevia «como capaz de mudar a face das coisas neste desgraçado paiz».

Já não ha quem a detenha. O povo emancipou-se dos influentes locais, d'aquelles celebres açambarcadores que realisaram fortunas, depreciando os vinhos para os vender depois por altos e fantasticos preços.

O sr. conselheiro deve entender-nos!... Bem podem agora prometer-lhe o Credito agricola, não o iludem a esse povo de miseraveis e de famintos.

O dinheiro a juros molicos só iria parar a mão de infames e gananciosos, que o saberiam depois colocar entre os desgraçados a 15 e 20 p. c.

Nada deterá já agora a marcha dos acontecimentos.

Tudo o indica e assim é justo esperar.

Conselhos não os damos, que nem feito temos para isso, nem os mortos de fome tem ouvidos para nos escutarem e entenderem.

D'aqui apenas lhes testemunhamos a nossa simpatia e solidariedade.

D'hoje para o futuro os povos do Douro não sam apenas nossos compatrio-

tas, sam nossos irmãos d'armas a caminho já na grande jornada da Revolução.

E agora, que todos aquelles que tem uma mais larga e mais ampla concepção da Vida, do que a que se resume na palavra Ordem, cumpram serena e imperturbavelmente o seu dever.

S bre o rescaldo dos papais do fisco fica espaço bastante para reconstruir a fortuna e a felicidade dum povo inteiro.

Para cá do Marão, mandam os que cá estam.

Que em Portugal mandem emfim os portuguezes!

NA BRECHA

PADRES MATTOS

Opinião publica tem azorragado o padre Mattos, o já agora celebre politico de sacristia. Nada mais desastrado. Nada mais injusto. O padre Mattos é uma instituição não é um homem, e uma instituição antiga, classica mesmo.

As instituições, sejam ellas de que caracter forem, só caem quando a sociedade as abandona, ou quando as deita abaixo mesmo por suas proprias mãos. O padre Mattos não é abandonado, não cae assim ás primeiras, porque se não tem como a hydra de Ler-na sete cabeças, tem a faculdade de se identificar como o proprio Deus, estando em toda a parte.

Os padres Mattos borbulham por ahí a cada canto. Não é só aquelle que dirige o «Portugal» e é confessor de canastras.

Não! Padres Mattos são todos esses que familias piedosas recebem em suas casas para directores espirituales dos filhos.

São todos aquelles que, pela mentira, pela hypocrisia, e com modos azetados e seraphicos entram na casa alheia com Deus na bocca e um punhal escondido na sotaína.

E, isso, que é antigo, todavia parece que só agora dá signal de si.

Com effeito assim é e deve ser. No actual momento historico, esse padre Mattos, era fatal.

Não p dia faltar de modo algum. E' a nota discordante e necessaria E' o cynico do drama. E' o Satanaz da magia. O desmancha prazeres, o mal emfim.

A historia da Russia revolucionaria tem um tyrano, e os groduques reaccionarios, ao mesmo tempo que tem Gorki e Gopone.

A malograda revolta de 31 de janeiro teve um traidor, como a historia de Jesus teve um Judas.

Sem este não se comprehenderia a prisão do Christo e o triumpho do christianismo.

Os padres Mattos são os pseudo-carrescos das ideias novas e redemptoras, eternamente afiando o cutello para uma victima que nunca chega a immolar.

São o canto do cynico, o estertor dos principios caducos dando o signal de si na hora extrema.

Nunca nada morreu sem um grito, sem um gemido, sem um esgar ao menos. O pinheiro colossal e bravo que uma lufada faz baquear tem gentios de colera e dôr no estrelajar dos seus braços que partem e das suas raizes que se desarraigam da terra mãe.

Tambem 8 seculos que se desmoronam hão de fazer ouvir o seu estertor.

Nada mais simples. Nada mais natural.

No seio das familias os padres Mattos são o reflexo do grande, do celebre padre Mattos, desta sociedade que se vae pouco a pouco amortecendo.

E, nada mais phantastico do que um rapagão de bigodes á Kaiser tocado e regido por um padre. Mas palavra d'honra que os ha.

Elles representam na familia o papel d as redes de arame sobre um prato de carne. Livram das moscas. Elles curam de tudo. Da conservação do corpo e da saúde da alma, sobretudo no que diz respeito ao sexto mandamento.

São uma especie de prezevativos do mal, como um bentinho ao pescocoço ou uma ferradura a traz da porta.

A traz da porta... que mau lugar. Purificam a alma pela pedra de christá, e salvam o corpo das tentações da carne, e das ciladas do demonio.

Quando um pupillo sae das suas mãos vem branquinho, lavado de toda a culpa, mais casto e virginal de corpo e alma do que a mãe Eva antes da maroteira da serpente.

São uma segunda agua lustral, que

em vez de lavar-os uma vez, os acompanha durante a adolescencia, pingando sobre elles o piedoso leivor pelas coisas de Deus. Acompanham o educando a toda a parte, para que não caia em peccado, para que não apanhe sol, para que se não sente em pedra fria, nem durma sobre o corcã, porque ha posições prejudiciaes ao figado, aos rins e outras miudezas.

E, sendo assim, ainda ha quem se admire de haver um padre Mattos alto e poderoso, quando elle não é mais do que um comparsa obrigado n'esta grande comedia dolorosa mais tragica do que heroi comica.

Ah! Cambrone, diz uma palavra!

IMPRESSOES

Quem nos ultimos tempos tiver tido a madureza e a paciencia de, como nós, ir a par e passo observando o ridiculo do agonisar da Igreja portugueza, nos episodios curiosissimos que ella nos offerece a todo o instante, certamente deverá estar contente e não julgar perdidas as suas horas. A esses pois, os parabens.

Ans outros, não os felicitando, vamos contar alguma cousa a tal respeito.

Diz periodos mais interessantes por que duvida o da Quaresma um dos primeiros. Ma cam-n'o in initio uma torrea de ovos podres e tiemçada, e in fine uma barrigada de amendoads e confeitos. E' a lei das compensações applicada ao pobre corpe. Mas porque o periodo é grande em geral estas barrigadas, que são fartas de mais, dão sempre maus resultados durante uns dias.

Dixemos isso. Os leitores devem saber a vida atribulada que o Christo passou durante esse periodo. A velhota da casa com certeza lhes contou tudo isso quando eram mocinho. Pois bem.

Referem os livros e dizem os entendidos que os tempos mudaram muito de então para cá. E é verdade.

O Christo morreu, uma ou duas vezes, o certo é que morreu. Fabricaram-se então uns christos novos, uns de pau, outros de pedra, alguns mais de marfim, christos de toda a massa e feitio. E vá de distribui-los pelo mundo fóra.

Chegou certa altura porem que os christos eram tantos que a Igreja viu-se obrigada a pôr-lhes varios nomes. Appareceu então um, muito grande, semi-ajelhado, muito pesado e de cruz ás costas. Coitado! D'aburas dos tempos!

Mas, e ainda aqui a compensação, vestiram-no decentemente, aliviaram-lhe o peso da cruz, montaram-lhe varios palacios, entregaram-lhe uma fortuna invejavel, e resolveram... lavar-lhe os pés todos os annos.

Ficou-se chamando o Senhor dos Passos. Melhor lhe chama iam o Senhor da Cruz, ou o Senhor dos pés lavados... Isso é com elles.

Ora dá-se o caso de este Senhor ter de sair todos os annos á rua, em procissão, de charola.

Contam os fieses ser a procissão do Senhor dos Passos.

O que é facto é que, terrasinha que tenha lá o seu Senhor, chegada a Quaresma, em dia determinado leva-o a tomar um pouco d'ar. E faz bem.

Assim é que o pápa, por intermedio do bispo competente, engraçando pouco com o Senhor da cidade do Porto, taes manhas e complicações arranhou aquella gentinha que a procissão se não realisou este anno ali, e a estas horas deve aquelle Senhor estar fortemente asphixiado, se não já morto, e... de pés sujos.

Em Coimbra identico caso se deu, por outros motivos comtudo. Saira o Senhor quarta feira de Cinzas, e a multidão, julgando que era o Carnaval que se prolongava ainda, riu, riu muito, riu tanto, que o Senhor resolveu, por prudencia, não voltar á rua. Tambem fez bem. Que imbecilidade de gente!

Em muitas outras partes porem se salvou a situação. Os leitores vão ver.

Em Condeixa, por exemplo, o Senhor saiu e em procissão imponente. Tanto assim que o Senhor em paga resolvera fazer milagres, e cremos que fez.

Lá vimos, quando elle passava, em frente d'um regato que atravessa a terra, muito povo mettendo-se á agua, que era santa n'aquelle momento, lavado os pés, as pernas, a cara, só os olhos, só os ouvidos ou o nariz, emfim lavando e trazendo até em panellas, bilhas e tachos agua d'aquelle, agua santa, tirada na occasião. E tal era o enthusiasmo na lavagem, o desejo e na passagem do

Senhor, que os rebates da sua chegada eram dados a cada instante, n'uma vozzeria ensurdecedora: — « agora, agora »... « ainda não, ainda não »... « agora, agora! »...

E o Senhor lhes fez o milagre de os lavar, quem sabe? uma vez ao menos durante o anno.

Que o Senhor não é só hygienista, mas um hygienista milagroso! E' bom Senhor.

Em Montemor-o-Velho, se não erramos, faz-se mais. Sae o Senhor e a Virgem, cada um de sua vez e sua parte, havendo o encontro n'uma praça larga, onde se ouve então o sermão do encontro.

Lá está um orador grande que faz de pulito, e o orador pré ando — « vede irmãos, lá vem a mãe do filho, lá vem o filho da mãe ».

Podia-lhe tambem chamar — o filho da Virgem — mas, ... para não haver confusões....

Em Buarcos ainda temos a mesma imponencia do encontro, e do sermão. Ali porem o pulpito é, ou era pelo menos, uma dorna grande com areia do mar até meio.

O padre, diziam, era religioso e bom bebericador e assim conciliava tudo. Não se lhe leva a mal. Peor andou o malvado que uma vez lhe tirou o batoque da dorna, a areia foi caindo, o padre abaixando, a ponto de só deixar ver os braços e parte da cabeça. Herejes!

Em Miranda do Corvo igual sermão de encontro. Não sabemos se aqui se em Sernache dos Aihos, a festa atinge ainda maior brilho.

O cortejos são feitos a cavallo em burros e burras; burras e só burras do lado da Virgem, burros e só burros do do do Senhor. E' um espectáculo deslumbrante e commovente!

Burros d'um lado chegam, burras do outro tambem, e ha então uma zurraria burricamente grandiosa, que marca o inicio do sermão. E o padre falls. Algumas vezes tem que interromper, porque um ou outro burro quer fallar tambem, mas em nada perde a sublimidade do acto.

Bem diziamos nós que a situação se tinha salvado!

TRIBUNA DOCTRINARIA

Pelas supellicias sondagens, que nesta tribuna tenho feito ao arcabooço da Igreja, se patenteia min'amente como a lagadio é o terreno em le ella tenta firmar o seu carcomido edificio, que, corrido pelo assombroso salitre da sciencia, se vae esboroaño irremediavelmente. E a sua desmoronação será tão completa, tão deformada e corroída ficam os seus materiaes, que já mais possivel será reconstitui-lo.

Nestes ultimos tempos os argutos jesuitas, entre os quaes se tornou recentemente notavel o padre Wasmann, tem congregado apaixonada e eruditamente todo o seu esforço ingente em rebocar o velho casarão do dogma para lhe darem um tom modern-estilo... Era insidiOSO o processo e colheria os resultados desajados porque o numero dos nescios ainda é indifinido.

Amanhã viriam dizer que a Igreja não é contraria á sciencia nas suas conclusões verificadas, antes, pelo contrario, todas as vezes que a Sciencia attinge a certeza em qualquer ramo de saber humano, lá se verifica immediatamente que essa doutrina era já expendida na Biblia ou nos ensinamentos da Igreja, simplesmente se lhe não dêra com a interpretação, ou não houvera necessidade de a fazer, porque a Igreja não tem como munus ensinar a sciencia profana ás suas ovelhas!...

As tolices da Biblia e os crimes commettidos pela Igreja á sombra dessas tolices, não são nem tolices umas nem crimes outras.

E' tudo questão de interpretação!

A Biblia perfilhou e expendeu claramente, exuberantemente, o erro geocentrico e anthropocentrico; a Igreja por sua vez torturou os homens cujas observações scientificas levavam a repudiar este erro crasso....

Pois muito bem. — A Biblia lá fica infalivel e a Igreja não perde a sua santidade!...

E' que os agiographos escreveram a linguagem do povo, posto que soubessem, elles ou o seu divino inspirador, que era tudo o contrario; é que a Igreja perseguiu, vexou, martyrisou e fez reclinhar as carnes dos cultores da sciencia porque elles eram... atrevidos: vinham de chofre dizer cousas que, embora estivessem no espirito das Sagradas Escripuras, ao povo pare-

ciam contradicções e era urgente salvar... o prestigio da Fé!...

Isto, claro está, explicam elles hoje. Este capcioso subterfugio é de todos os dias.

O conego Alves Mattoso, desta cidade, compilou, em colloboração supornho eu com o Dr. Guilherme Moreira, um Compendio de Historia Universal e, tratando lá da immigração dos israelitas para Chanan, refere, com todos os pontos nos ii, o milagre de Josué mandar para o sol, para que o Deus dos exercitos lhe facultasse derrotar os inimigos com quem combatia! O nosso conego lá vem, sorratamente, em nota sentenciosa, dizendo: — « Refere a Biblia que, no meio da batalha, Josué, vendo o sol prestes a esconder-se no occaso, o mandou parar, e que o sol esteve parado enquanto não foi terminada a batalha... ».

.... Não pertence aqui examinar-mos... em que momento do dia mandou Josué parar o sol... Limitamo-nos a dizer sómente que das palavras de Josué, mandando parar o sol, não se pode concluir positivamente que elle estivesse persuadido de que o sol se movia e a terra estava parada. Falando deante de gente rude, Josué serviu-se da linguagem vulgar, que é realmente a que mais nos quadra, e de que usamos de continuo embora saibamos que é a terra que se move em volta do sol e não este em volta daquelle! — (!)

E' completo e não carece de commentarios.

Hoje, estamos um pouco livres dessa adaptação insidiosa.

E sabem a quem o devemos? Exactamente ao actual pontifice, sua santidade Pio X, cuja coherencia corre partilhas com a propria impolitica. Foi elle quem, no uso da infalibilidade que lhe assiste, cominou penas contra os modernistas — ou aquelles que tentam accomodar os textos da Biblia e a doutrina Ecclesiastica á sciencia moderna.

E tem muita razão o santo padre.

Se elle tem lá acumulada em estantes luxuosas a palavra de Deus pae e de Deus filho, alem disso tem ao seu serviço exclusivo o Espirito Santo, fontes perennas da verdade, e da verdade eterna, absoluta, indefectivel, para que hão de buscar os balbúcios da humana sciencia?!

Mas supponhamos que o Santo Padre não punha o leio da sua prerogativa ao desvairamente dos seus sabichões vassallos; supponhamos que elles queriam aceitar como boas as conclusões iniludiveis da sciencia a respeito da circulação da materia em transmigrações continuas de uns para outros individuos, neste cambio constante e indelencido da substancia, em que a vida se desenvolve á custa da morte; e supponham agora perante estas conclusões scientificas, que já não carecem de demonstração, a Igreja á braços com a explicação duma parte do seu credo....

« Creio na ressurreição da carne e em que Deus ha de vir a julgar os vivos e os mortos (sic) e dar a cada... ».

« Era uma dos diabos!... »

Quando a Igreja metteu esta phase no seu symbolo ainda os seus sabios não sabiam que o corpo está sujeito a continuas desassimilações, e que, uma vez morto o homem, o seu cadaver vae integrar-se na natureza onde se opéra a sua analyse para que os seus elementos componentes vão por sua vés entrar em milhares de corpos de plantas, de animaes e do proprio homem, por multiplices modos!...

Divertido deverá ser esse momento, se o Velho Padre Eterno ainda persiste inabalavel na catturice de fazer essa ostentação de força, resuscitando os mortos!

Espectaculo admiravel de ver-se essa lucta intinável em que milhares de milhões de milhões d'almas se hão de ver constringidos a disputar particula a particula a substancia dos antigos corpos, que terão, certamente, pertencido a multissimos!...

E ha ainda quem se escandalisa ao ouvir appellidar de imbecis aquelles cujo intellecto é capaz de aceitar tão descaabelados dislates!...

Lucifer

Fallecimento

No folgar dos annos, victimado pelos estragos da albumina, falleceu o quintanista de philosophia Manoel Gama Lobo Azambuja.

A morte do desditoso rapaz foi muito sentida por todos aquelles que conheciam o seu primoroso caracter.

A familia do extinto o nosso cartão de pesames.

QUESTÃO ABERTA

Um dissidente n' A Revolta

LEVES CONSIDERAÇÕES CARTEIRA D'UM REBELDE

Ao ver o senhor Alpoim Manoel com aquelle ar de Topsyus e conselheiro que passou a ter depois da sua viagem ao Egypto e da qual diga-se de passagem conta apenas ter trazido na mala umas pessimas garrafas de vinho, com que estragou o estomago dos amigos, alem do vazio na cabeça com que já para lá partira — mal diriamos nós que s. Ex.^a fosse capaz de escrever as palavras mal creadas que nos dirigiu no ultimo numero deste jornal.

Francamente não percebemos quaes os motivos que levaram o sr. Alpoim Manoel a ser tam aggressivo para conosco que toda a vida o tratamos com a consideração que se tem por aquellas pessoas que nos nam completa e indifferentes.

Lemos e relemos o pseudo artigo do sr. Alpoim Manoel e nada encontramos que viesse destruir ou pelo menos contradizer as despretenciosas linhas que haviamos escripto, dias antes, criticando o Bloco Dissidente-Vilhenista e que contra nós lançaram as iras implacaveis do sr. Alpoim Manoel. . . Judicibus.

As poucas linhas que escreveu referem-se apenas ao artigo do muito illustre colaborador da «Revolta» Sherlock Holmes (?), por cuja intelligencia temos a maxima admiração e nisto foi o senhor Alpoim Manoel absolutamente justo.

Pelo que diz respeito á nossa pessoa o senhor Alpoim Manoel foi unica e simplesmente malgrado, o contrario do que era de esperar das suas pretensões fidalgas. E termos-hiamos conservado silenciosos, tendo apenas o desprezo como resposta, se o sr. Alpoim Manoel não tivesse feito uma afirmação que poz em duvida a sinceridade que podia haver nas suas afirmações.

«Somos nós os dissidentes renegados etc.» diz o sr. Manoel. Nós os dissidentes!

O senhor Alpoim Manoel dissidente! E á nossa memoria acudiu a lembrança duma celebre assembleia geral da academia em que o senhor Alpoim Manoel fizera a sua profissão de fé republicana.

Fora quando andava mais acesa a questão dos tabacos e quando o sr. José d'Alpoim — o tio — acabava de separar-se do seu antigo chefe.

A questão interessou tambem a academia e, sem se saber de quem vinha a ideia, começou a dizer-se que ha eria uma assembleia geral naquella dia.

Para lá fomos. Constituiu-se a mesa, e como ninguém apparecia a dizer os motivos d'aquella convocação anonima dispunhamo-nos já para retirarmos em paz quando o senhor Alpoim Manoel surgiu surdido e enfado a dizer de sua justiça.

Era já conhecida a orientação dos estudantes republicanos que na vespera haviam reunido e deliberado não fazer o jogo dos partidos monarchicos nem dos estudantes que desejavam feriados.

E o senhor Alpoim Manoel sabendo isso começou por dizer que era tambem republicano, não d^e que andavam pelos comícios e jornaes, mas republicano de gabinete. — Já nesse tempo o senhor Alpoim Manoel aspirava a sabio!

E logo a seguir traçou o caminho a seguir pela academia de Coimbra que vinha a resumir-se em levar o senhor Alpoim, tio, ao poder.

Foi por isso que nos admirou a sua profissão de fé dissidente e nos leva a não concordar com as amaveis palavras do director deste jornal que viu no artigo do sr. Alpoim Manoel o fructo duma convicção politica sincera. A não ser que quando o sr. Alpoim Manoel se disse republicano na dita assembleia geral da academia, quizesse apenas arrastar consigo os estudantes republicanos e satisfazer assim os seus designios; ajudar a subida do tio ao poder e alcançar meia duzia de feriados. De resto a attitude do sr. Alpoim na greve academica parece levar-nos a acreditar que os feriados sam coisas que lhe agradam e que foi por causa delles que elle se fez grevista. . . furante.

Mas já disseemos demais e já gastamos muito tempo com o senhor Alpoim Manoel, e já agora queremos tomar o seu conselho: escrever o menos possivel. . . a seu respeito.

Carneiro Franco

No ultimo numero d'A Revolta — de vem os nossos leitores estar lembrados — o sr. José d'Alpoim Napoles Manuel poz sobre os hombros a pesada cota d'armas dos cavalheiros do Tavola Redondo, firmou-se bem no arção da sella, deixou cair a vizira, e de lança em riste, no fogos corcel da sua indignação, contra nós arremeteu por sua dama que é, no presente caso, o seu Excellentissimo e rotundissimo tio.

Começou o sr. Manuel por umas referencias ao auctor d'estas linhas, que nem por serem amaveis e inmerecidas, nos captivam ou penhoram. Nós não somos o astro que o sr. Manuel imagina e a estreita orbita em que giramos é tão nua e vazia de satellites como são nuas as paredes do nosso humilde quarto de estudante.

Não lhe agradecemos as palavras amaveis que nos dirige; ellas produziram-nos antes uma triste e dolorosa impressão, porque suspeitamos bastante que o motivo que as dictou, não foi o sentimento da justiça devida mesmo aos mais irreductiveis inimigos.

O sr. Manuel imaginou dirigilas a quem, pelas suas excepçoes qualidades já tantas vezes provadas, a ellas tinha exclusivamente direito e o Sherlock-Holmes que subscreve a secção «Carteira d'um rebelde», é um republicano convicto mas humilde — tão humilde que recebe muito sinceramente descobrir o seu nome, não vá o sr. Manuel desalojar lo das alturas a que, por um lamentavel descuido o elevou, e donde os astros irradiam a luz suavissima que inspira os poetas e faz estremecer o peito innocente ás virgens solitarias nas perfumadas noites de hystérico luar.

Dictas estas palavras, que reputamos d'imprescindivel necessidade para desfazer o lamentavel engano do sr. Manuel (tratamos assim o sr. José d'Alpoim para evitar tambem a lamentavel confusão com seu tio, cujo talento, como dissemos, admiramos) vamos entrar propriamente no campo a que o repto do sr. Manuel nos chamou.

A existencia d'uma monarchia liberal, em que, como dissemos, se possam accommodar as mais impreteriveis exigencias do espirito moderno, é para nós agora um milagre absolutamente irrealisavel.

Quando a memoria da ultima experiencia tragica de João Franco não fosse prova concludente, inilludível, bastava lançar os olhos para o estado actual da sociedade portugueza para inevitavelmente sermos arrastados a essa conclusão.

O que ampara e assegura estabilidade a um regimen politico não é a força das baionetas que pôde de um momento para o outro ser vencida, nem é a voz dos canhões, porque ha outra voz mais forte, mais vibrante, mais clamorosa, — a voz das revoluções que perdura a través dos seculos e eternamente fica gravada nas paginas da historia como se gravam nos discos dos gramophones as arias dos melhores artistas.

O que ampara e assegura estabilidade a um regimen politico é a força da opinião sobre que assenta, os principios que o escoram e a directa correspondencia entre o espirito da epoca e sua realisação por parte do regimen.

Ora, não é, certamente, precisa uma grande demonstração para provar que nem a força da opinião é pela monarchia, nem a excellencia dos principios é apanagio do regimen e muito menos que elle corresponda ao espirito e as exigencias da epoca.

Isto deu occasião a que a vida politica da nação se fragmentasse em dois campos perfeitamente distinctos e absolutamente incompativeis: d'um lado, «o progresso, a civilisação, o futuro» — é a republica; do outro, «o passado, a estagnação, a inercia» — é a monarchia com todos os seus erros e com todos os seus crimes.

Quiz o sr. Alpoim, como o quizera João Franco, quando dizia que «caçava no mesmo terreno que os republicanos» — associar duas coisas, pela sua propria natureza, irreductiveis e d'aqui o facto d'acompanhar o sr. Alpoim ainda um numero mais reduzido d'incultos do que aquelle que acompanhava João Franco.

Sendo assim, visto que o sr. Alpoim não tem a valorisar o seu programma,

a força da opinião que o eleve ao poder e lá o mantenha, se quizer um dia ser governo, o sr. Alpoim só dois caminhos encontra abertos: ou declarar-se francamente republicano e com os republicanos colaborar na obra de radical transformação politica, como já uma vez tentou, quando toda a gente suppunha a republica transformada de vaga e generosa aspiração n'uma realidade palpavel e certa, ou ir buscar a força e o apoio, que lhe faltam aos outros partidos da monarchia que o sr. Alpoim tão dura e justissimamente tem fustigado e d'um dos quaes s. ex.^a desertou porque n'elle não cabiam a sua indomavel aspiração ao progresso e o seu entranhado amor á democracia.

Adoptou o sr. Alpoim o segundo e não o felicitamos por isso. Talvez porque ainda visse longe a implantação da republica (deixe me o sr. Manuel aventar esta hypothese que n'ella não vae injuria para seu tio) a sua insaciavel vontade de governar fello ir buscar apoio ao grupo do sr. Vilhena.

Mas o sr. Vilhena é aquelle mesmo sr. Vilhena que em plena camara dos pares não hesitava não só em defender os adeptos e os adeptadores como igualmente declarava — não sabemos se com uma inconsciencia que é para lamentar num chefe de partido, se com uma desfaçatez que causa arrepios — que adeptamentos fariam tambem se lhos pedissem,

Mas no grupo do sr. Vilhena está o sr. Teixeira de Souza, adeantador confesso, está o sr. Pimentel Pinto, reconhecido reaccionario e catholico, estão muitos d'aquelles que já sentiram o peso esmagador da sua palavra cadente e fulgida e nos quaes o paiz inteiro tem os olhos fixos, apsentando-os num gesto cheio de coleras santas, ao tribunal incorruptivel da historia.

«Mas as declarações do sr. Vilhena no palacio da Ega? — clama-nos o sr. Manoel.

Ah! a eterna bretoeja que ataca a pelle mimosa dos nossos politicos d'officio quando o pontapé do dono lhes tira da frente a larta gamella do poder! . . . Como isso nos faria rir, se nós não sentissemos no coração, cruéis como punhalas, os gemidos lancinantes d'uma patria estremecida e infeliz na agonia indizível de quem se sente morrer irremediavelmente, inevitavelmente sa lhe não accudirem de prompto, e muito está apegada á vida como os lichnes aos roches velhos, como as heras ás pedras dos muros!

E aqui tem o sr. Manoel muito resumidamente expostas as razões porque nós julgamos d'impossivel realisação a monarchia liberal do sr. Alpoim e porque estabelecemos o paralello entre s. ex.^a e o dictador maldito de tão tragica memoria, nos primeiros tempos d'oposição.

E para terminar rogamos-lhe a fineza de, quando tiver que se nos dirigir, não nos chamar astro, porque nós, com franqueza, sempre nos suppozemos um razião apresentavel e muito nos custa se alguem imagina que temos cara de lua cheia que é como quem diz, cara de parvo ou alguma carranca de metter medo como a do chafariz do Sol. . . ao Rato.

Sherlock-Holmes.

DE LISBOA

Pedem-me vocês uma carta semanal para «A Revolta» que seja, como dizem, uma resenha dos factos predominantes da semana, annotados por mim. Ora, meus caros, a tarefa é espinhosa. Em Lisboa, como em todo o paiz, passam-se, dia a dia, immensas coisas, uma infinidade de pequeninas coisas, para a notação simples das quaes, não basta um depoimento de testemunha e é preciso mais — a fita d'um animatographo, por exemplo.

Mas o que vocês requerem de mim, não é a minucia e o detalhe. Justamente deixam essa tarefa ao noticiario dos grandes quotidianos — esses prolixos documentos para a futura reconstituição da vida social contemporanea, que annotam tudo, commentam tudo, d'este a ultima proeza dos gatunos de mosco, até ao emprestimo realisado pelo ministro da fazenda.

Querem só «os grandes factos» — as coisas de volume e de peso — como pittorescamente dizem. E aqui estou eu seriamente embaraçado! Fiam assim da minha incompetencia e da minha visão imperfeita, o papel de julgar, d'entre tantas coisas «de volume e de peso» que eu vejo passar ante meus olhos, quaes as «suficientemente volu-

mosas e pesadas» para merecerem o meu e o vosso interesse. Eu não sei que lhes diga. . .

Agora mesmo, em frente á porta do café, a uma mesa do qual, esta lhes escrevo — passou o sr. Alpoim e, mais atraz, o conhecido actor Chaby Pinheiro. E, logo ao meu espirito occorreu que estes dois homens eram sufficientemente «volumosos e pesados» para merecerem que eu notasse a sua passagem. . .

Como seja a politica a preocupação absorbente da actual sociedade portuguesa, e o sr. Alpoim, seja um politico, a sua passagem sugeriu-me a ideia de preencher esta minha primeira carta, com a narrativa ou, por outra, com o relato da impressão que em mim tem deixado as sessões parlamentares a que tenho assistido estes dias, por simples curiosidade, que eu — como voces sabem e pelo que asperamente me censuram — não sou «politico». As razões por que o não sou, são simplesmente estas: por um lado, julgo-me absolutamente incapaz de ajudar com utilidade apreciavel, á salvação da Patria e, por outro, sou sufficientemente limpo para não querer contribuir para a sua ruina.

Não me levei ainda «á superior compreensão dos interesses colectivos» — como já ouvi dizer não sei a quem. Estas coisas, meu caro, nascem com a pessoa.

Não sou «politico» pela mesma razão que não sou loiro. No entanto vou ao Parlamento. E, sabem por que eu lá vou?

Porque ando empenhado na resolução d'este problema: saber se aquelles homens que eu vejo, cá de cima das galerias, agitam-se na sala, dizer coisas, fazer barulho, indignarem-se, gritarem, estão a fazer aquilo a serio ou a brincar! A serio não pôde ser! Eu não concebo que seja a serio!

Então, é ou não verdade que o paiz atravessa uma crise afflicta, medonha, que parece o «começo do fim»? É verdade. Sobre isso não tenho eu duvidas. Que a situação é desesperada estão a attesta-l'o no Norte, com uma evidencia de estarrecer, estes factos: em pouco menos de tres mezes vão pelos ares os papeis de tres repartições publicas faz-se uma fogosira com os documentos publicos que garantem a propriedade individual e representam as bases sobre que o Estado lança o imposto de que vive. E a subversão da ordem social, é o desespero, é a anarchia!

Pois muito bem. Em tal caso o que os representantes da Nação tem feito é isto: por um lado as opposições dizem d'um homem, — o ministro da fazenda — as coisas mais graves que existem — ao que me tem querido parecer, provam-n'o; e, por outro lado, a maioria, solidaria-se com esse homem, que se não defende, ou pelo menos, se defende com tão subtis argumentos, que eu não attinjo, não percebo! Não saberia mesmo que quizesse, reproduzi-los! Isto não se entende, não tem, pelo menos, logica! Nem as opposições a têm — desculpem-me vocês, a franqueza. Se esses factos são verdadeiros o papel das opposições não é lá dent o — onde a acção seja decisiva, definitiva, como o momento me parece requerer.

Pois se ha fome — e se roubam o faminto, o paiz! Que esperam os seus defensores? Que acabem com elle?

Dizem-me que ha quem pense o contrario e que entenda que mais do que nunca, é necessario «prudencia e proposito».

Talvez seja por eu não estar no segredo da Politica, que vejo as coisas assim. Vocês dirão. . .

Mas agora reparo, que felizmente para os leitores da «Revolta» já enchi os linguados de papel que vocês de mim exigiram e por isso, até á seguinte.

Timido.

Fausto de Quadros

ADVOGADO

Rua da Sophia — 57, 1.º

COIMBRA

A «REVOLTA»

Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA MONARQUICA». Roçlo.

Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

ENSAIOS DE CRITICA

Formas de composição

A expressão em musica faz-se por meio de periodos representativos de imagens, ou motivos destinados a despertar no ouvinte uma associação de ideias tal que a imaginação deste, collaborando com a do auctor, reconstrua o conjunto e seja impressionada e sinta o que a musica descreve ou exprime.

Durante o classicismo os modos de variar e succeder estes periodos por inversão, transposição, repetição e imitação, fixaram um certo numero de formas que os musicos da epoca, adstrictos ás regras existentes, só com relutancia alteravam.

Dentre essas formas de composição os que se destacam como mais importantes são o canon, a fuga, a variação, a suite, o rondó, a sonatina e a sonata.

O canon é a forma em que a melodia, pelo seu desdobraimento, se acompanha a si mesma.

E' de notar que o numero de canones, que com uma só melodia se podem organizar, é grande, visto que aquella melodia pode ser alterada por transposição, modificação no movimento (d direcção do desenho melodico), no compasso, no valor das notas, no rythmo, no numero de partes, etc., obtendo-se assim canones por movimento semelhante ou contrario; por augmento, diminuição a contra-tempo; em unisono, em segundas, em terças, em quartas etc.

Aqui está em poucas palavras a forma musical que tanta influencia exerceu pelo seu desenvolvimento e applicação, sobretudo na musica religiosa, onde ainda hoje se encontra largamente.

Apresenta-se como episodio na fuga, raramente na symphonia e mesmo na musica dramatica vocal. Ainda assim alguns exemplos se poderiam citar, como duas passagens de *Les voitures versées* de Boieldieu, trío do *Mahomet* de Rossini, o canon a 3 vozes de *Nabuchodonosor* de Verdi e a abertura do *Carnaval Romain* de Berlioz.

Nenhum destes trechos tem contido a forma rigorosa do canon; são antes entradas em forma de canon, de que Wagner mesmo se serviu, por vezes, para os instrumentos.

O mais celebre dos canones dramaticos é o quator vocal do *Fidelio* de Beethoven. Modernamente V. d'Indy tem um canon a 4 vozes — *Chant de la cloche*.

O desenvolvimento do canon modificado e sujeito a novas regras produziu a fuga que consiste essencialmente num desenvolvimento, por imitação e combinação, de um thema ou assumpto, seguindo leis precisas.

O thema base da fuga ou antecedente é apresentado com ou sem acompanhamentos e, ordinariamente, seguido logo duma outra parte da resposta ou consequente tirado do primeiro, segundo regras fixas para a correspondencia das notas. Quando a resposta não segue immediatamente o thema, as notas que medeiam constituem a *codetta*.

Pode tambem haver um contra-thema que, reduzido ao seu papel minimo, não é senão uma figura acampanhente do assumpto ou da resposta. Mas, se é tratado de uma maneira igual ao thema da fuga, pode ser um segundó thema, e era costume expô-lo simultaneamente com o principal; neste caso a fuga é dupla ou a dois motivos, será tripla com tres e pode ter mesmo mais.

As divisões constitutivas e successivas da fuga são a *exposição* ou apresentação do thema e da resposta nas varias vozes ou partes da fuga, o *contra-thema* quando não é apresentado, como dissemos, no curso da exposição regular, os *episodios* em que motivo, resposta e contra-themas são objecto de imitações e variações; a *stretta* em que as imitações se cerram progressivamente, de modo que os effectos de contraponto attingem o maximo de intensidade; e, finalmente, a *coda* ou conclusão que consiste na reaparição do thema ou dos elementos principaes.

Attingiu esta forma a sua completa perfeição nos fins do seculo XVII e principios do seculo XVIII.

Os mestres da fuga são Bach e Haendel, podendo citar-se ao lado destes Leo, Scarlatti, Pergolesi etc. Mozart combinou pela primeira vez a forma da fuga e a da sonata na abertura de *Zauberflöte* e na ultima parte da symphonia Jupiter.

Empregou-se pouco em theatro mas ha excepções, e algumas recentes, como no primeiro acto de *Sauzon et Dolin* de Saint-Saëns e a celebre fuga da *Damnation de Faust* de Berlioz. Triplis.

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietario fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em deposito, só vendo se acredita.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no Sanatorio de Manteigas, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BRGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Doces de ovos com os mais finos recheios.
- Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
- Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
- Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de jolhado.

- Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
- Sauçisses Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
- Pão de ló, pelo systema de Margaride.
- Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.

- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

E' o remedio mais efficaz para a expulsão de lombrigas, tanto em creanças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as creanças salvas com elle.

O Vermifugo Faria, é differente dos que existem do mesmo genero e duma efficacia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode afirmar que os não tem.

O Vermifugo Faria limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quaes forem, destroe as fermentações putidas e anormaes, cura as infecções intestinaes e as dysenterias infecciosas, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O Vermifugo Faria não tem deposito no fundo do frasco e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasco em agua quente. Preço do frasco em todo o reino, incluindo o sello, 250 réis. 12 frascos, incluindo o sello, 2\$280 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C.ª, Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C.ª, Rua FerreiraBorges

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossa fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de vérem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanelas d'algodão, metro	60
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de ve tido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	51
Ferros a vapor, para engominar, a	320
Colchas brancas	540
Flanelas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armares d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2.500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciarmos artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualq' outro estabelecimento, porque dep' is arrepentem-se, e só nós vendemos bom e barato

Fatos promptos a vestir desde 4600

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMB

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14 Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 111

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mor, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e e

— José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

— Abilio Justica

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã às 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

EXPEDIENTE

«A Revolta» tem sido razoavelmente recebida. Feito o balanço verificamos que havia saldo e, n'essa conformidade, resolvemos visto não quererem os capitalistas, fazer a sua saída duas vezes por semana, sempre que possa ser. A cobrança das assignaturas far-se-ha por serie de numeros, d'aqui por diante.

Que os republicanos portugueses, que são os nossos unicos auxiliares, continuem a julgar que servimos, modesta mas honradamente, a causa commun e o que desejarmos — por unico premio do nosso esforço.

UNHAS ADUNCAS

Havia no paiz uma especie de gente que, não se atrevendo a negar e achando-se impotente para attenuar, levemente sequer, os crimes odiosos contra a liberdade e contra o Director, praticados pelo ditador, de tragica memoria, uma coisa invocavam sempre como sua unica defesa: a honestidade de João Franco e dos seus sequazes.

João Franco, não era mau porque não roubava — num paiz, onde, á saciedade, está demonstrado que, «homem d'Estado» é quasi sempre synonymo de gatuno. Todos os outros repugnantes feitos do politico e do homem, desapareciam diante d'este facto: — não era um ladrão.

O decreto dos *adeantamentos*, pretendendo saldar um saque de milhares de contos, feito ao thesouro publico, duma forma ignobil, por uma trapaça indecorosa, não era, para esses *franquistas attenuados* um roubo declarado e confesso, com a agravante de ser feito á *má cara* — calcando as regalias nacionaes, amordaçando a opinião, perseguindo, deportando, fuzilando o povo nas ruas!

Essa monstruosa liquidação dum roubo, era, para essas *honestidades* e essas mentalidades de *via-reduzida*, uma maneira de pôr ponto final na ininterrupta serie de peculatos e concussões que tem sido, entre nós, a gerencia dos dinheiros publicos! Mas, liquidadas as culpas antigas, entrava-se no caminho da mais escrupulosa honestidade. Não mais *adeantamentos*, não mais desfalques, não mais *unhas aduncas* sobre a fortuna publica, — diziam esses. Porisso lá estava a *honestidade* de João Franco, que respondia cabalmente ás suspeições! Com um roubo a mais punha-se ponto final na serie monstruosa e d'ahi por diante, a vida nova começaria, entrava-se no verdadeiro regimen da *virtude triumphante*.

Pois bem: nem isto, que é pouco, que não é nada, que só pode ser invocado como attenuante por caracteres mais que duvidosos e por intelligencias menos que elementares, nem isto mesmo é — ao que parece e, em breve, o paiz minuciosamente, conhecerá — nem sequer isto, é verdadeiro!

«Ralhavam as cãndides, descobrem-se a verdade!» — diz o dictado. Aqui, foi o antigo *compadre* do *franquismo*, a *velha raposa* da poli-

tica monarchica, José Luciano, — quem ralhou — e logo uma verdade surgiu, ao cimo d'agua: o *honesto franquismo*, cravou, como todos os bandos monarchicos «unhas aduncas» nos cofres publicos!

Quer dizer: á lista interminavel dos heroicos feitos, praticados pela *virtude rotativa* com que, pelo decreto dos *adeantamentos*, João Franco, se solidarisava, ha a accrescentar os feitos proprios da sua *puritana virtude*. São os *compadres*, os *cumplidos* que o dizem: elle é tão bom como nós; se menos fez em *quantidade* as suas *unhas* nada ficam a dever ás nossas!

Mas, — e é o mais curioso! — ao mesmo tempo que se faz a denuncia, saída talvez da penna dos *escribas* do «Correio da Noite» por uma inadvertencia, invoca-se cynicamente, para occultar do paiz a verdade, esta coisa monstruosa: o interesse das Instituições!

Não bastam já — que o povo, o pobre povo resignado, o saíbal — as monstruosidades que a monarchia, não pode occultar e são hoje do dominio publico! Ha mais — quantas mais! — mas não se devem dizer, não se devem punir, no «interesse das Instituições»!

A solidariedade de todos evidencia-se, mais do que nunca completa. O que se sabe era já mais que sufficiente para que um grande e nobre movimento de colera e de justiça, tivesse, de ha muito, varrido do solo sagrado da patria a chol-dra estercoraria.

Mas os *franquistas* dizem: — Nós temos provas! temos documentos! se nós quizessemos... Respondem os outros: — Vocês que fallam são tão bons como nós...

E uns resolvem calar-se, conchavar-se no mais criminoso dos silencias p' r esta coisa: os interesses do Regimen, que é como quem diz, a unica garantia de que a *bambochata*, o *baixo imperio*, o escandalo, continuem!

E isto quando a Nação agonisa! Quando se está rodeado de mil perigos! Quando o *dia d'amanha* para a Patria, mãe-commum é incerto e tenebroso! Quando ha fome, quando o desespero invade as almas e dos olhos dos que, no Douro, soffrem as mais negras torturas, fogem as lagrimas da supplica para dar logar ao lampejo das allucinações e das iras supremas.

Isto, este horror, no momento em que a crise nacional tem estas duas unicas valvulas de segurança: a emigração ou a morte — mas a morte lenta, a morte vagarosa, sem esperança de remedio!

Chega a não se acreditar como tal possa acontecer, como isto se pode estar passando, n'esta apparente quietação em que se vive! O que sairá de tudo isto? Que dias historicos ineditos iremos nós, os homens d'hoje, atravessar em breve?

Sejam quaes forem, — faltaria a logica á Historia, se o castigo, se a punição tremenda de tantos e tão repetidos crimes, não fosse, como elles tambem formidavel e tragica!

COISAS & COISOS

Intellectuaes

Todos os dias surgem livros no mercado litterario de Coimbra, que são lamentavelmente uma *porcaria*.

E' uma especie de febre infecciosa a contaminar uma geração, que pretende vincular o seu nome a uma grande aureola de imbecilidade. E' essa *litteratura de cordel* que appareceu sempre nas grandes phases de decadencia moral, a revelar o pulso d'um paiz. Que tristeza! Não se aproveita um traço, uma phrase, um verso!

O prosadór de Coimbra, embebada-se primeiro com o Eça, mastiga-lhe as ironias, tritura-lhe as phrases, e cóspe depois numa duzia de paginas todo o producto d'esse trabalho intestinal. Por isso o leitor, ás vezes, começa a desenterrar d'um livro, atalhada de cebo e de estupidez, a figura do Eça reduzida a cacos.

As descripções enfastiam, *chateiam* como planicies extensissimas e áridas onde a terra é ingrata. O detalhe é comprido, arvezado, sem essa leveza adoravel e torneada que illumina instantaneamente o espirito e prende os olhos de quem lê.

Palavras, muitas palavras, para dizer sempre *des reis de mel coado*.

Pois estes carpinteiros litterarios, tem sempre uma *côrte* que os adula e lhes enche a cabeça de minhocas.

E' nessa *côrte* que os *poetas* medram e se reproduzem.

Recebem a galladela do *pontífice* e põem um livro, tal como a gallinha põe um ovo.

E' o França Amado quem aguenta o parto, e expõe os ovos na vitrine. Faz-se um *reclame* immenso. Nas esquinas os *placards* annunciam o feliz successo — o sr. F... pôz — e o França Amado sempre que alguém se abeira do balcão, vem sollicitamente transmittir-lhe a nova — *antão, já sabe?!* o sr. Fulano pôz, é coisa boa!!! E' tão bom homem este França Amado!!!

O livro não se vende, é claro, porque os versos são intoleraveis. Imitações mal feitas do Cezario Verde ou do Antonio Nobre. A'quelle copiam-lhe a *côr*, a a plastica, a imagem. A este, a tristeza genial do seu temperamento. Mas como a imitação requer talento, e o auctor é *tauco*, o livro é sempre uma miseria.

D'ahi, o vêr-se um burro a lamentar tristezas, e um tolo a desenhar imagens, num soneto embutido a martelão capaz de resistir a um tremór de terra. Os jornaes agradecem sempre a offerta do *livrinho* em termos lisongeiros, incitando o auctor a novas *calamidades e perdas de tempo*.

Alguns dos nossos escriptores, menos escrupulosos, enviam os seus cartões a trasbordar de *hypocrisia*. Tudo falso, tudo mentira, mas o auctor que é burro, incha nesta consagração até rebentar com um novo original.

Neste segundo livro é costume transcrever todas as barbaridades que os jornaes disseram do primeiro, e isto para a gente *calhar* em o comprar. Já não é portanto uma simples tentativa litteraria, é uma *burla* com auctor e cumplidos.

Um dos nossos grandes poetas, dizia uma vez a proposito d'um *primeiro livro* que recebera — *acho melhor callar-me, porque o auctor precisa do meu elogio, apenas para enganar o publico*.

E' assim é. Que immoralidade litteraria! Que tremendissimo chiqueiro! Comprehende-se.

Coimbra é um meio ingrato para crear artistas, porque se tem retrocedido muito em grandeza moral e em criterio.

Respira-se o ar viciado d'uma politica górdia, envelhecida, réles, que atrophia to ia a nossa vida e não deixa vingar a nossa mocidade.

Artistas em Coimbra!? Arte, para educação, é coisa que não há. O *intellectual*, estarrece-se ao Domingo com a musica do 23, e assombra-se em frente

CELEBRES... DE BORLA



LÉVESINHO...

Parece de *celuloide*
Tão *mignon* e tão *franzino*
Que duvida toda a gente
Que seja já um doutor!
— Até nem mesmo é decente,
Sendo assim inda menino,
Que seja lente, Senhor!

Deixe crescer o bigode
E faça-se um *homensinho*
Depois então é que é!...
— Que enquanto for «rapadinho»,
Parece mais um actor,
Ou foi sacristão da Sé
Ou é... toureiro amador!

Foi com elle ou com o irmão,
— Com quem é muito parecido —
Que se passou a tal historia
Que eu estou farto de contar,
Da *cathedratica gloria*,
Indo-lhe um d'elles fallar,
Dizer « — Não sei, não decido,
Se estou certo, se m'engano,
Se acabo de o encontrar,
Ou ao mano!

Dr. Watson.

de Leão da porta-ferrã. Come arroz com a fáca, e nunca toma banho. A meio da leitura d'um soneto, arróta, e sublinha a grosseria com um *peço desculpa* muito natural. Limita-se a ter póse, a uzar luvas, e a mudar de ceroulas ao Domingo. Conheci um, em tempos, que escrevia peças para o theatro, e dizia — *eu nunca sei o que vou fazer; vou escrevendo, escrevendo, escrevendo, e no ultimo acto... zás, entio lhe a these... e bumba*.

Pois este *kázado*, teve uma peça premiada n'um concurso!!!!

Felizmente que o publico, na *prémi-*

ére, foi ouvindo, ouvindo, ouvindo, no ultimo acto... *zás*, apresentou-lhe as *armas de S. Francisco*... e bumba.

Ah! que se não fossem estas *sinceridades* do nosso povo, ninguém suportava a vida em Portugal.

Eu, por mim, quando vejo um *intellectual* dos que não tomam banho, não tenho hesitações, curvo o braço direito e... bamba. Póde ser duro, mas é bastante confortavel. E' confortavel e é *sincero*.

MIUDEZAS...

O celebre dr. Potenzen, sabio especialista de doenças nervosas, fôra chamado à corte do grão-duque que lentamente se definhava, se consumia, torturado por algum mal occulto e arrasando os seus melancolicos dias pelas grandes salas do palacio, como uma sombra, — sem cor nas faces e sem firmeza nas pernas.

O illustre especialista requisitara para suas ajudantes, cinco enfermeiras que elle proprio fôra escolher entre as formosas damas da corte, — que a isso gostosamente se prestaram na esperança de contribuirem com o seu esforço para as melhoras do illustre enfermo.

E todas tinham entrado para a alcova ducal, — emquanto, cá fóra, na antecâmara, a vistosa camarilha, esperava ansiosamente que o dr. voltasse a dizer a sua ultima palavra sobre o mal mysterioso que, lentamente, consumia o joven grão-duque, — fazendo-o andar como uma sombra pelas altas salas do palacio, sem cor nas faces e sem firmeza nas pernas.

Dentro, subito, ouviram-se gritos do doente. A camarilha, sobresaltada, anciosa, escutava.

—Coitadinho! Que lhe estarão fazendo! — segredavam umas ás outras, lindas fidalgas, compadecidas.

E um moço loiro e femiúno, revirando o boçalho do olho languido, suspirou:

—Ail não ser comigo... — Schiul! — fez um general, severamente, impondo silencio.

Porque, n'esse momento, atraves do pesado reposteiro de velludo vermelho armoriado a ouro, como um reposteiro d'egreja em dia de «lauspremi», ouviam-se mais distintamente os gritos do enfermo, o rebolico que ia na alcova.

Percebiam-se até phrasas soltas:

—Deixem-me... Fúrias! — Quem perder-me a alma... Mamã... Padre...

—Que horror! — murmuravam damas edosas, atterradas, pondo as mãos.

E a scena dentro prolongava-se, parecia eternisar-se.

Decididamente, Potenzen, o sabio especialista esgotava os ultimos cartuchos.

O pesado reposteiro de velludo afastou-se e o medico appareceu, correcto e loiro, como um verdadeiro sabio da sabia Allemanha.

O seu fino olhar azul claro, fuzilava, atraves dos oculos com malicia. Atraz vinham as cinco enfermeiras, com o ar despeitado e triste, e umas rosetas nas faces, indicadoras de cansasso e de fadiga...

—Então, dr. — perguntou-lhe um ministro.

—E' impossivel! declarou o sabio com a sua pronuncia gutural de allemão, pausadamente.

E elucidou:

—Fez-se tudo. Todo o possivel e nada... Molestia grave, molestia de raiz... Enfermeiras de rara dedicacão.

—Toda a camarilha se entrecolheu um momento, desolada.

E o ministro interrogou de novo o doutor.

—E agora? Que aconselha?

—Agora — respondeu gravemente o sabio — agora mandem chamar os primos todos!... E' a forma... Cumprimento e saú — deixando a camarilha boquiaberta.

D. Fuas

A UNIVERSIDADE

CARTAS A UM AMIGO

São os methodos, os professores, e não os programas que seria preciso reformar. Todos os programas são bons, quando nos sabemos servir d'elles.

Psychologia da Educação. Gustavo Le Bon.

Meu caro

A Universidade é a representante actual do espirito, dos methodos, da mentalidade jesuitica. E' com esta affirmacão que Le Bon inicia o seu trabalho de critica ao ensino que o Estado ministra em França. Claro, que ninguem irá tomar esta affirmacão, n'um sentido absoluto. Nem lá nem cá e muito menos lá — os professores são todos reaccionarios, arredados do seu tempo, imbuidos de dialectica Thomista e acreditando na infalibilidade pontificia! Não, senhor! Para a França ocioso será dizer que Le Bon não pensou tal, ao formular a sua these e para Portugal, sabe você tão bem como eu, que a quasi unanimidade do nosso professorado é louvavelmente livre pensadora e nem por sombras acredita por exemplo — no dogma da Immaculada.

Mas... Leu você a oracão de Sapiencia pronunciada na sala dos Capellos, este anno pelo lente da Mathematica, dr. Sidonio Paes?

Pois se a leu, ficou você sabendo, se ainda o ignorava que na nossa tradicional Universidade, hoje, n'estes nossos tempos de analyse e de critica, com a «hypothese de Deus», relegada para o logar de curiosidade historica — tola a vida scientifica do professor e do estudante está em constantes e cordealissimas relações, com a Divina Providencia, com Maria Virgem, com o Espirito Santo e varias outras personalidades illustres da religião.

A Universidade, é como o Estado fidelissimo, catholica.

O estudante, ao abrir matricula no 1.º anno, jura, de joelhos sobre uma almofada e com a mão sobre a Biblia, immensas coisas.

Antes dos actos invoca-se n'um mau latin, a protecção da corte celestial. Os graus são dados igualmente em latin e com o candidato de joelhos. Os de licenciado e doutor, confere-os o reitor, sollemnemente, na capella, depois de uma confortativa e reparadora missa, com byssopes, aspersão d'agua benta e um juramento da parte do candidato, que é segundo creio, de arripiar os cabelos... Na abertura das aulas ha a competente missa do Espirito Santo e o discurso solemne feito na cathedra da sala nobre é a «Oracão de Sapiencia». Em resumo, o latin, que ninguem aqui sabe, a não ser os theologos e os lentes prehistoricos que n'essa lingua ainda delenderam as suas theses, é a lingua official e solemne da «casa». Dirá V e com razão que isto nada prova e eu concordo, porque se por exemplo, eu amanhã he encadernar como um missal antigo, fradescamente, um livro da Haeckel, nem por isso o conteúdo do livro se modifica.

Mas, por outro lado, não acha V que isto dá atmosfera, cria ambiente? Talvez não... e talvez sim. Isto é, pelo menos symptomatico. Vamos agora a vêr se a casca corresponde ao miolo. No tempo em que estas, hoje sobreviventes formulas externis, estavam em plena florescencia, qual era, o processo de ensino, o methodo da nossa Universidade e dos estabelecimentos congêneres, pela Europa fóra?

Era o processo dogmatico, que o estado do espirito humano csntemporaneo e o limitado ambito da sciencia d'então plenamente justificava. As faculdades de critica, de exame, de iniciativa intellectual dos estudantes, eram exclusivamente applicadas á exegese das obras, das theorias metaphysicas, de tudo emfim, quanto anteriormente se pensara e se escrevera.

A innovação, o progresso scientifico — se assim lhe podemos chamar — podia dar-se, mas num ambito muito limitado, porque, de contrario, seria revolucionario, hetesia — e a esse tempo não se brincava com taes coisas. Era emfim a epocha do «problema dos Universaes; da «escholastica», das «humanidades puras». A Medicina era Galeno e Hypocrates; o Direito, Ulpianus e as Pandectas.

O tipo do cientista d'então, era — o erudito, o homem que mais sabia de tudo quanto fóra pensado e escripto antes del e e que, exactamente por essa plethora de conhecimentos estava impossibilitado de pensar, por sua conta, coisa alguma. A Inteligencia, o valor era apenas a argucia, a dialectica, a sophistica e sobretudo a Memoria, — elemento fundamental preponderante, hypertrofiado á custa de todas as outras faculdades do espirito.

Foi preciso toda uma enorme revolução mental, todo um cataclysmo scientifico lentamente preparado pelo genio de muitos homens atravez de longos annos, para mudar a face das coisas. E então, desmoronada a primeira pedra do espesso muro atraz do qual a Verdade se escondia, armado o esforço humano, de novos methodos, novos camartellos mais fortes e poderosos, a derrocada fez-se vertiginosamente e a Sciencia abandonou o passo reccido que levava e... passou a andar d'automovel hoje, e amanhã, como tudo leva a crer, lançará mão, para andar mais depressa... e mais alto... do aeroplano.

O sabio d'então, o erudito, é impossivel hoje e é sempre inutil e ridiculo. O humanista, o metaphysico, recolheu-se ao bolór das Academias e á somnolencia das Bibliothecas conventuales.

Hoje, só se estuda o passado quando elle pode dar ensinamentos aproveitaveis ao futuro. Quem hoje se propozer discutir, a não ser por mera distração, a immortalidade da alma, ou a existencia de Deus, é, pelo menos, imbecil. Esse cavalheiro já hoje se não ataca de frente, mas indirectamente, — com aparelhos, com rebortas, com bisturis, com a picareta que serve ás escavações geologicas. E... etc.

Óra, meu caro, acompanhou a Universidade o espirito moderno? N'uma Faculdade de character essencialmente profissional como a Faculdade de Direito, os seus professores conseguiram emancipar-se das influencias do Passado, apesar de toda a sua boa vontade, para serem os homens do seu tempo, os homens capazes de fazer progredir a sciencia, de educar outros homens por sua vez, capazes de enriquecer tambem, ou, pelo menos, — habilitarem, como o paiz requer e para o que lhes paga, razoaveis professionalismos do Direito?

Não! O orientacão que se colhe aqui em cinco annos, permite que o paiz tenha a esperanca, de que lhe estejam a chocar sociologos, legisladores, jurisperitos progressivos, uteis e de valor?

Não! O erudito antigo é, entre os professores o melhor que por cá temos. Este, por sua vez, dá origem ao urso, — que elle tambem já foi — urso, que por sua vez ha-le ser lente, p'ra crear novos ursos... e assim, até á consummacão dos seculos.

Salva-se quem? — O musico que, se não fór estúpido, e que se alguma coisa valer, nada ficará devendo á Universidade, que apenas lhe roubou tempo.

Continuaremos e creia-me Seu amigo

Bamada Curto

Factos e Commentarios

Acinte

Parece-nos que a benta Polavra anda proposadamente a desconsiderar o Mestre.

Outro dia era o sr. Vilhena que, se tivesse ficado na Universidade, seria o seu primeiro professor; agora é o sr. Espregueira que é muito considerado lá tora pelo seu saber financeiro.

E do Mestre nem palavra! Aqui fica o nosso protesto contra essa pena do silencio.

Nacionalices...

De uma conferencia do senhor Dr. Pinheiro Torres paladino do nacionalismo: «E, pelo amor que devemos restaurar a Patria, é pelo amor que resolveremos o momento problema social, dizendo aos ricos: — amaes os pobres: dizendo aos pobres: — amaes os ricos.»

E prompto! Tres palavras da parte dos pobres, outras tantas da parte dos ricos com seus posinhos de perlipimpim ali do senhor Pinheiro Torres é... Ora bolas!

Engano

Um collaborador de Palavra depois de nos dizer que 300 annos A. C. já havia distribuidores automaticos que mediante uma moeda forneciam ao publico medicamentos, diz que agora esses dsitribuidores só nos dão bombons, cigarros, lumes e outras coisas inuteis.

Com que então o articulista acha que os lumes ou phosphoros são coisas inuteis?

Pois enganase. E, se duvidar, pergunte aos povos de Alijó, Valpaços e Murça...

Não é, não senhor...

A proposito da Liga Monarchica affirmo a Palavra que Lisboa não é republicana.

Mas por que artes de berliques e berlôques descobriria ella isto! Quereem ver que é bruxa?! Sôme te cousa má... T'arrenego mafarrico.

Maus ligados

Atira-se o Portugal desenfriadamente ao pobre Mskavenko como Santiago aos Mouros por causa de no final do seu discurso ter metido aquella tirada em que offerencia o seu garfo aos elementos liberaes p'ra lucta contra o pastelão reaccionario.

Que maus ligados! Até nem o pobre Mskavenko escapa. Sabe que mais Portugal amigo, — purgue-se, purgue-se.

Caçoando

No seu discurso ha dias na Liga monarchica o conselheiro Jacintho Candido defendendo o conservantismo, objectou que — combatia os processos revolucionarios, que tudo destroem sem crearem nada de util...

Logo vimos que o sr. conselheiro não tomava a Liga a serio. Fazemos-lhe a justica de o crer sufficientemente erudito e intelligente para só fallar assim... a caçoar.

Um dissidente na «Revolta»

Do sr. José d'Alpoim Napoles Manuel recebemos dois artigos em resposta aos srs. Sherlock Holmes e Carneiro Franco que por terem chegado ás nossas mãos já quando o jornal estava quasi composto, só no proximo numero de 4.ª feira inseriremos.

Capellos

Domingo lá vão receber as insignias doutoraes os dois ultimos candidatos. A festa promette ser de espavento. Até a charameilla mette peça nova que já está ensaiando ha dias.

E' aquelle que por ahí se cantou ha dois annos, conhecida por Hymno da greve. Além d'isso o sr. Gayo, em traje de bailadeira indiana, fará o seu pé de dança em homenagem a um dos doutorandos. Nenhum brioso recitará. Já veem que não pode ser melhor o programma. Lá estamos cahidos!

Boa Logica

Na Palavra um collaborador que assigna Banco de Pé conta uma linda historieta em que ha dois cavalheiros que num restaurante não comem carne, um por conselho de dois medicos e o outro por ser menino de muita religião.

Até aqui nada de notavel. O que é de primeira ordem é a conclusão que o homem tira. Ah! vai; «Tinham recusado dois... um em nome da sciencia... outro da religião!... Mais uma vez as duas antagonistas... estavam de accordo!... Ora bolas, sr. Banco de Pé... dra!

S. José

A Igreja festejou hontem com a devida pompa este symbolo. As canastras devem ter feito novena cheias de gratidão pelo bello exemplo de tolerancia que aquelle ancão déra. É uma tocante consagração posthuma ao humilde carpinteiro de Nazareth que, velho e alquebrado ao peso do duro e ingrato trabalho, assediado pela miseria, teve por fim de sua vida a suprema consolação de ser brindado com um lindo menino que a sua jovem e formosa esposa de collaboração com... o Espirito Santo lhe apresentou, enternecida!...

Coitado!...

NA BRECHA

II D. MIGUEL

Vejo nos jornaes a noticia da renuncia do sr. D. Miguel de Bragança aos seus direitos á corôa portugueza.

Muita gente vê grave perigo n'essa renuncia o no regresso a Portugal do principe proscripto.

Aventa-se mesmo a hypothese duma tragedia, ou da esterilidade do senhor D. Manuel como causas da falta de successor legitimo a que poderia concorrer o sr. D. Miguel trahindo a sua renuncia.

Mas que nos importa a nós o nome do monarcha? Que variacão de cambios póle haver, pelo facto d'uma corôa mudar de cabeça? Fundamentalmente é tudo o mesmo.

A corôa não daria pela mudança de dono. Quando muito só se sentiriam as cabeças.

De resto, tudo o mesmo. O sr. D. Manuel não é um rei completamente constitucional, como o sr. D. Miguel não teria a louca pretensão de ser um rei completamente absoluto.

Seriam sempre eguaes um ao outro, para o que pouco teria de transigrir o sr. D. Miguel.

O sr. D. Manuel, constitucional, tem descido tanto até ao absolutismo, pelas circunstancias e por hereditariedade como o sr. D. Miguel teria de subir até ao constitucionalismo.

Assim, estando um onde está, e subindo o outro quasi nada identificar se-hiam completamente.

Ha apenas um papel a mais ou a menos: a Carta.

Mas o mais importante da renuncia é a sua significacão politica e social.

O sr. D. Miguel, proscripto e eterno pretendente, nunca abdicaria dos seus direitos se no seu espirito coubesse a ideia do seu triumpho num futuro mais ou menos longiuco.

Um throno não se dá a um amigo por sympathia, ainda que esse amigo seja um primo de radiosa mocidade, loiro e formoso como Apollo. Um sceptro não é uma bengala que se aborrece e se dá ao primeiro amigo que apparece.

Uma corôa não é um chapéu que passou de moda e se atira generosamente á cabeça d'um valet de chambre.

Um throno, mesmo hypothetico dá tamanhas honras e regalias que deve satisfazer mais a vaidade do que um logar de director geral, porque o sr. D. Miguel declarando não querer ser incluído na lista civil, deixa-nos o direito de supprór que enfileira no orçamento pelo menos como simples burocrata.

Nada d'isso. E' que o sr. D. Miguel sentiu a par da saudade da terra dos seus maiores, esta coisa flagrante e palpavel — que a monarchia foi terra que deu vinha e vinha que saltadeadores astuciosamente roubaram.

O acto do sr. D. Miguel não é o gesto sympathico dum absolutista que abre os olhos á luz e os braços á liberdade. E' muito mais. E' o salto gigantescoco d'um legitimista que se passa para a Republica, que outra coisa não é o reconhecimento tacito da fallencia da monarchia velha, a que uma sonhada monarchia nova queria dar um sacco tão forte que as prostrou a ambas.

Chapadas as duas, sobre ellas surgiu o espectro do sr. D. Miguel a sancionar o estenderente. De resto, se viesse o sr. D. Miguel, que mais poderia fazer do que mandar chacinar o povo na praça publica, confundir os erarios, coarctar as liberdades, e arvorar em Pina Manique o primeiro Padre Mattos que lhe apparecesse, e em ministro da fazenda qualquer apache contratado na sua passagem em Paris.

E... se o fizesse... Nihil sub sofe novum.

Os mesmos ministros serviriam S. M. o mesmo exercito escolta-lo-hia, as mesmas canastras adulariam a sua belleza e encostar-se-hiam á rainha sua esposa.

Tambem os cães quando mudam de dono, lhe ladram no primeiro momento, mas acabam sempre por lambem-lhe as mãos.

A questão é que seja dono.

E, caem raios nos desertos!...

A. F.

Fausto de Quadros AVOGADO Rua da Sôphla — 57, 1.º COIMBRA

CARTEIRA D'UM REBELDE

Ha pouco mais d'um anno, numa tarde tragica de Fevereiro, dois heroicos filhos do povo, com o seu rubro sangue de plebeus, amantes até aos ultimos sacrificios, do seu paiz, na historia d'esta infeliz patria escreveram uma pagina que não mais se devera apagar da memoria dos homens como amarga lição e salutar exemplo.

Um tiro de carabina, por mão certa disparado, no mesmo leito sangrento prostrou um rei e um principe; e como se a morte — a grande mestra da vida! — mais uma vez quizesse provar que o seu gelado e funebre beijo tanto poisa sobre os aristocraticos labios reaes como sobre as lividas faces dos desherdados e dos párias, ali mesmo tambem, sobre os olhos para sempre parados dos dois martyres, desceu o somno eterno da eterna noite.

Não foi um assassínio vulgar, esse que enopou de sangue o chão do Terreiro do Paço. Os tiros que quebraram o pezado silencio d'essa tragica tarde não foram senão o echo do grito soffido e estridido que sahia do peito opprimido d'uma patria inteira; e as balas que victimaram D. Carlos e o principe real foram feitas com as lagrimas cristallizadas que olhos soffredores choraram por longas e fatidicas noites, vendo partir para as terras distantes do exilio os parentes e os amigos, sem esperança talvez de os tornar a apertar nos braços carinhosos, presentindo-lhes o soffrimento, a tortura infinita de aprobecherem lentamente na immundicia das enxovias, ou cahirem, para sempre vencidos das febres des climas ardentes, sem uma unica mão amiga que os olhos lhes fechasse no ultimo momento.

Ah! não foi um assassínio vulgar, esse que enopou de sangue o chão do Terreiro do Paço.

Por isso essa tragica data nunca se devera apagar da memoria dos homens como amarga lição e salutar exemplo.

Ha pouco mais d'um anno que D. Manoel é rei. Sobre a sua cabeça, mais acostumada aos devaneios e ás doiradas fantasias das creanças, pesa agora uma corôa com sete seculos d'existencia e nas suas inexperientes e inhabeis mãos, mais acostumadas a manejar soldados de chumbo, está agora collocado o destino de cinco milhões d'almas.

Ah! o difficil officio de reinar!... Em torno da sua mocidade e em torno da sua radiosa belleza pretendeu-se crear uma atmospheria de piedosa sympathia, d'amorosa cumplicidade mesmo, e meninas hystericas, em calidas noites de perfumado luar, quanta vez não sonharam apertar no vivo marfim dos seus braços o seu busto gentil, sorvendo na rubra flor da sua bocca real o beijo infinito e soffregio do seu primeiro amor.

Conselheiros graves e circumspectos, cuja cabeça encanecera na ardua tarefa da politica, conhecendo a intello facilmente suggestionavel do povo portuguez, andaram em viagem triumphal—diziam— expondo o pelos quatro cantos do paiz, como—já a comparação sem intuitos offensivos—como os bandos dos ciganos andam pelas feiras mostrando, ante o pavido olhar dos laponios, ursos domesticados e macacos que fazem habilidades.

«Reinado novo, com um rei novo e gentil... ah! decedidamente o paiz pode confiar!...» E suas Excellencias por toda a parte tocavam a campainha d'este reclamo, como certos figurões que impingem, nas praças publicas, a troco d'alguns cobres, drogas avalladas, boas para tirar callos e arrancar dentes sem dor...

Ha pouco mais d'um anno que o Sr. D. Manoel é rei.

E contado, no curto espaço d'um anno os acontecimentos tem se succedido com a rapidez d'um quadro d'animatographo, destruindo uma a uma tantas promessas risonhas como o vento desliza os flocos tenuissimos da espuma.

E' o augmento da lista civil, são os emprestimos ruinosos, é o esbajamento das ultimas migalhas do nosso patrimonio, é o nosso descredito no estrangeiro, são as Espregueiricas é a vergonha d'uma infima politica de compadres, e sobre tudo isto a fome, uivando o seu longo e funebre gemido nos desolados lares do Douro, das Beiras, do Alentejo, de toda a parte emfim.

«Reinado novo com um rei novo e gentil... ah! decedidamente o paiz pode confiar!...» E o Sr. D. Manoel, para bem servir a seu povo, cerca-se de padres, reza todas as noites um comprido terço para afungentar os espiritos mali-

gnos, confia á Divina Providencia a resolução dos mais graves negocios publicos, de tal maneira que o Paço se pode dizer transformado num convento e a monarchia encarnada no padre Mattos.

Talvez uma unica vez na sua vida, D. Carlos viu o seu povo victoria lo sinceramente.

Foi quando elle se declarou abertamente contra a reacção clerical.

Pois nem essa lição se aproveitou e a monarchia do Sr. D. Manoel, com pouco mais d'um anno d'existencia, entrega se francamente, sem o mais pequeno rebuço nos braços da mais feroz e intolerante reacção religiosa, reconhecendo o mais irreductivel inimigo da luz e do progresso, porque das trevas e da estagnação moral e intellectual tira a razão unica da sua existencia.

Sherlock-Holmes.

A' tesoura

Da Palavra:

Cousa notavel: o sr. Espregueira é o ministro da fazenda mais combatido no nosso paiz, aquelle que uma grande parte da opinião reputa pernicioso e nocivo aos interesses publicos; e é, ao mesmo tempo, o ministro em que o estrangeiro tem mais confiança.

Podéra! Pois se o estrangeiro o vê trabalhar com tão boa vontade para lhe entregar o bólo!

E' claro que tem nelle toda a confiança...

Do Portugal:

Eis ahí os fructos d'essas doutrinas que diariamente vemos ahí apregoadas em toda a parte.

Eis ahí o fructo da educação sem Deus.

Isto diz Padre Mattos depois de noticiar que na Lourinhã uma fera matou o proprio pae e feriu outro individuo.

Os culpados é claro que são os republicanos, pois a elles se refere o bocadinho que recortamos.

E são estes os processos de combate daquelle jornal!

A infamia seria revoltante se não fizesse rir pelo disparate e pela estupidez.

Do Noticias de Lisboa:

Não pode dizer-se que seja merecedor de cumprimentos e felicitações o alvorecer d'uma carreira, em que um rapaz de 28 annos colloca um velho de 75 na necessidade de se bater com elle.

E' claro. O que merece cumprimentos e felicitações é o finalizar d'uma carreira em que um velho de 75 annos se colloca na situação de leilão o que ainda ha de valor no paiz de que é ministro.

Ou o homem, para arruinar a nação, não tem 75 annos?

Talvez seja só para duello...

Da Nação:

Nas horas em que o sentar-se no throno ou simplesmente acercar-se d'elle podia parecer uma regalia, o exilio era nobremente suportado.

Mas, agora, o caso é radicalmente outro. Viver no estrangeiro é a segurança, a quietação. Acercar-se do throno é correr para o foco do perigo.

Trata-se, é claro, de D. Miguel.

Eis explicada a razão da sua vinda para Portugal.

Vem para o foco do perigo.

Mas que amor ao perigo...

Que tesural

DE LISBOA

A questão culminante d'estes ultimos dias, foi, sem duvida alguma, o duello entre Caieiro da Matta e Espregueira. A esta hora já todo o paiz sabe o desenlace da pendencia.

As balas das pistolas não furaram o chapéo alto de nenhum dos padrinhos e foram, bondosamente, perder-se no espaço. Ainda bem. Somos avessos ás soluções violentas, quando inuteis, e repugnamos a effusão de sangue humano. Nunca fomos capazes de ver matar uma gallinha. E' uma questão de feitiço que não carece de ser justificada pois que cada um é como Deus o fez.

Mas, este duello suggeriu-nos umas ligeiras considerações que vamos fazer, despretenciosamente.

O sr. Caieiro da Matta, num inflamado discurso e em gesto tribunico, em plena camara, na presença dos seus collegas que enchiam o hemicyclo, das galerias apinhadas de gente e, pôde dizer-se, do paiz inteiro que, no dia seguinte, teria conhecimento das suas palavras pela imprensa, accusou o sr. ministro da fazenda de reu confesso do crime de burla, em face doCodigo Penal.

Para o sr. Caieiro o sr. Espregueira era, nem mais nem menos do que—um burlão.

O sr. Caieiro é um homem de bem, incapaz por consequencia de chamar tal coisa o ninguem sem estar, da sua veracidade, absolutamente convencido. Alem de tudo, o sr. Caieiro fallava no assumpto com mais auctoridade do que qualquer outro, pois que é professor de Direito Penal, ahí em Coimbra, na unica Faculdade de Direito que nós temos e por consequencia a primeira «competencia official» do nosso paiz, para apreciar taes questões. Convidado pelo sr. presidente a retractar-se, o illustre deputado manteve, nobremente e indefectivelmente, a sua accusação.

Para o sr. Caieiro, o ministro fôra, era e continuava a ser—um burlão.

Eu não tenho a honra de ser jurista mas creio que esta coisa de burlas é uma coisa séria, que aggravada no caso presente, pela excepcional situação do accusado, não se traduziria, positivamente, na offerta por parte da Nação ao sr. Espregueira, d'um rebuçado d'ovos, no caso de vir um dia a tornar-se efectiva a grande responsabilidade em que elle incorrerá perante a lei penal. Mas isto é o menos.

O mais, é a questão moral pois que, se por vezes a responsabilidade juridica se pode separar da responsabilidade moral, n'este caso d'um ministro, d'um homem culto, que, propositada e criminosa, desvia dinheiros confiados pelo paiz á sua guarda, para servir interesses inconscissaveis, proprios e de terceiros—as duas responsabilidades formam um todo de tal ordem, que tornam a creatura absolutamente incompativel com qualquer homem de bem.

Isto é, parece-nos, indestructivelmente assim. Nos chamados codigos d'honra pode a questão vir regulada bysantinamente. Mas, o bom senso, ou, pelo menos, o meu bom senso, e a minha consciencia—de que eu não abdicó porque não quero—não o podem entender d'outra forma.

Portanto, se eu como o sr. Caieiro da Matta tivesse a convicção de que o sr. Espregueira era um criminoso—e d'outra forma eu não admitto que tal se affirma—eu, depois de solememente o ter declarado—não me batia com o sr. Espregueira.

Quando muito, batia-lhe—o que é differente. «Pendencia d'honra» com um homem que eu solememente affirmára que cometera um acto deshonroso! De modo nenhum!

Esse homem só podia ter pendencias com a policia!

O seu campo d'honra era o Limoeiro.

Dir-me-hão podiam chamar á minha recusa, covardia. Isso não é razão. Positivamente, se eu ámanhã vir na rua um gatuno «picar» uma carteira, e o increpar com a violencia requerida, eu mesmo que o gatuno se susceptibilise e me mande desafiár, não accetto—porque não troco a minha vida pela do meliante.

O que faço é avisar as testemunhas do sujeito, se essa consideração me merecerem, por julgal-as illudidas, de que o seu constituinte é um cavalheiro que eu «vi picar uma carteira». E se ellas «pontarem» eu mando as sahir para que me não incomodem.

Se por esse facto alguém me sahir ao encontro no meio da rua, defendo-me conforme as circunstancias e as «minhas posses», primeiro a murro, depois a chicote, e por ultimo a tiro,—tendo previamente o cuidado de abotoar o casaco, não vá ficar na refrega,—sem carteira tambem. Depois chamo a policia e mando prender os que me atacaram. Isto é que é logico—alem de que o duello, quando é possível, não resolve nada. O sr. Caieiro não se retractou e guarda a sua convicção, o ministro ficou como d'antes, e depois d'isto—vae cada um dos contendores jantar para sua casa, tranquillamente, tendo corrido um risco que nada justifica.

Mas... serci eu que penso mal?

Ha outra coisa que eu não percebo e gostava que me explicassem.

O duello é ou não é prohibido por lei e severamente punido?

—E' Quem, mais do que ninguem, deve fazer respeitar as leis?

Os representantes da auctoridade, creada exactamente para que ella se cumpra.

Pois, meus amigos: nós tinhamos as touras, os theatros, os animatographos, as corridas de velocipedes, todas os espectaculos emfim, annunciados com hora e logar marcados.

Agora temos outro espectáculo: o duello! Annuncia-se a hora e o local,

previamente, nos jornaes. Vae para lá tanta gente como para os toiros.

—O' coisa onde vae tu?

—Vou ao duello...

—Quem se bate hoje?

—E' um ministro e um deputado, que vão para o campo da honra, porque um chamou ladrão ao outro...

—Ah!

E ainda havemos de ouvir aqui no Rocio, contractadores gritarem:

—Cá estão bilhetes para o duello...

Cadeiras numeradas para palanque... Sol ou sombra ou quem vende algum bilhete...

Timido

O Brazil moderno

IX

Dr. Francisco Pereira Passos

Ennumerando as diversas individualidades que, com o seu esforço, têm poderosamente concorrido para o extraordinario movimento evolutivo que ultimamente se tem accentuado no Brazil, não podiamos de forma alguma, deixar de traçar o perfil deste notavel engenheiro civil e importante industrial, a quem a sua patria deve inestimaveis serviços.

A sua não pequena permanencia no cargo de director da Estrada de Ferro Central do Brazil, onde desenvolveu uma intelligente actividade, reconstruindo a estação principal, inaugurando novas vias, augmentando o material rodante, reduzindo tarifas, disciplinando o pessal, regularizando o serviço, tendo sempre em vista a commodidade do publico, seria bastante para evidenciar não só as suas raras qualidades de administrador como ainda a sua admiravel orientação tecnica e profissional.

Quando eleito para supremo magistrado do paiz o dr. Rodrigues Alves, acertadamente andou este, escolhendo o dr. Passos para prefeito do Distrito Federal, onde então se lhe offerencia um vasto campo em que, como em nenhum outro, poderia desenvolver toda a sua actividade prodigiosa. Essa previsão não falhou.

Encontrando seguro e eficaz apoio no governo central e interpretando o sentir geral da população, concebeu o gigantesco e colossal empreendimento de reconstruir a cidade do Rio de Janeiro, plano este que, aos olhos de tantos, parecia irrealisavel, tal a somma de obstaculos que se antolhavam.

Sem hesitações, e visando apenas o fim que na sua mente delineava com firmeza, deu inicio á primeira phase do seu plano, mandando proceder ao arrazamento de morros, e ordenando, depois das devidas e justas indemnisações, a derrubada de centenas de casas e edificios, para o que poz em jogo as forças de milhares de operarios que, revezando-se, trabalhavam dia e noite ininterruptamente.

Dentro de pouco tempo, parecia que uma grande parte da cidade, fortemente abalada e attingida por um grande calycismo, se desmoronara, deixando a se-pulta sob as suas proprias ruinas.

Feito o desentulho e realisada a remoção, começaram então os trabalhos de medição, alinhamento e reconstrução, que atacados com o mesmo vigor e dirigidos por mão de mestre, accentuavam-se dia a dia, de sorte a causar admiração áquelles mesmos que, como nós, ali tínham a sua residencia fixa, sendo portanto continua a sua observação.

No fim de um anno apenas, era inaugurado o eixo da Avenida Central, larga e extensa arteria ao centro da cidade baixa, batida pelo sol e varrida pelo ar do Oceano, e que se substituiu á santigas vielas, onde pardieiros e vetustas moradias ainda dos tempos coloniaes, alimentavam em antinham innumeros focos de immundicie e infección que tornavam do Rio de Janeiro uma cidade inhabitavel, apesar das suas admiraveis condições naturaes de salubridade.

Mas os trabalhos foram progredindo. Novas ruas e avenidas amplas foram rasgadas; soberbos edificios obedecendo todos á architectura modernã e de estylos differentes, foram construidos; largas praças e lindos jardins appareceram profusamente disseminados; o grandioso Theatro Municipal, com o qual muito poucos da Europa rivalisaram, foi-se rapidamente erguendo dos seus profundos e solidos alicerces; as poderosas lampadas electricas succederam-se aos bisonhos candieiros de gaz, e assim proporcionalmente, de modo que, em pouco tempo, a peza-da, sombria e assustadora cidade de S. Sebastião, imperio absoluto da febre amarella, nihô de todos os microbios, lugubre necropole dos europeus, transplantada para o dominio da tradição,

deu lugar a uma das mais bellas e salubres cidades do mundo, onde a prodigalidade da natureza, rivalisa com as magnificencias realisadas pela mão do homem.

E o inicio de toda essa grande obra de remodelação, deve-a o Brazil ao ex-prefeito dr. Passos, a quem, por isso mesmo, é com justiça prestado um verdadeiro culto de admiração e respeito, e de quem ha ainda muito a esperar pela sua incontestavel proficiencia e afervorado patriotismo, apesar de, ao acabar o periodo presidencial o dr. Rodrigues Alves, haver de novo convergido a sua cuidadosa atenção para a sua importantissima casa industrial, talvez, no genero, a primeira do paiz.

A. B.

ENSAIOS DE CRITICA

Formas de composição

II

Por variação entende-se as differentes maneiras de apresentar uma melodia sob uma forma adornada e embelezada com ornamentos de todas as especies. Mas, por mais complicadas e multiplicas que possam ser as variações devidas á imaginação do compositor, é regra que ellas sejam taes que o thema que serviu de base, a aria primitiva, se possa sempre reconhecer. Igualmente é necessario que — se num trecho variado se apresentam muitas variações successivas — cada uma se distinga por um caracter especial de ornamento que as differencie das outras.

Quando aos processos que, na pratica musical, servem para variar uma melodia, podem, dentro da grande variedade dos seguitos e usados, apresentar-se rapidamente os principaes. Ordinariamente procede-se primeiro diminuindo os valores: processo que suppe ao mesmo tempo o emprego de notas de passagem e fragmentos de escalas ou arpejos. Desta maneira podem sobrepor-se ao rythmo principal, que não é essencialmente alterado, muitos outros rythmos accessorios diversamente combinados. O numero destas combinações é infinito, tanto mais sendo empregadas simultaneamente. Serão ainda elementos para novas variações todos os artificios de contraponto.

Tudo isto sem que a harmonia mude; pois querendo modifica-la novos effeitos se obterão; um dos mais classicos consiste em mudar de modo, passando do maior para o menor e inversamente.

Era ordinariamente ao virtuose que compelia fazer as variações, sendo, umas vezes, feitas de improviso, no momento de executar, outras não. Por isso apesar da multiplicidade apparente dos meios, a monotonia destes ornamentos era muito grande.

Mais tarde, os mestres deram-se ao trabalho de escrever as suas variações: a aria variada é uma das formas favoritas da sonata ou da symphonia de Haydn, Mozart, Beethoven. Mas, se as arias variadas dos dois primeiros Mestres, apesar da sua elegancia e engenho, não modificam o caracter expressivo do thema, a variação beethoveniana tem um caracter absolutamente diverso. Prodigiosamente amplificada reveste o caracter de um verdadeiro desenvolvimento; tendo partido do mesmo ponto para cada variação, o grande compositor chega a dar uma expressão completamente original a cada apresentação do thema cujo sentimento se modifica incessantemente.

Este processo já tinha sido esboçado por Bach, particularmente nos coraes variados, mas só attingiu um grande desenvolvimento e perfeição com Beethoven que o empregou constantemente.

Basta citar as variações do quatuor 12, o andante com variações da sonata 12 para piano, ou o adagio variado da nona symphonia, para ver a differença que ha entre a variação assim entendida e a que os virtuosos praticaram — simples trabalho de amplificação que apenas tem por fim espantar o ouvido com prodigios de agiltude ou mecanismo.

Um processo raras vezes empregado, se não é invenção do auctor, é o que Vinceté d'Indy adoptou no poema symphonico Istar. Consiste em fazer ouvir as variações antes do thema de maneira que este, ao principio mal percebido, se vae progressivamente precisando até o momento em que apparece com a sua forma definitiva.

Por estas ligeiras referencias se vê a importancia desta forma que foi muito usada, tanto isoladamente, como difundida entre outras, chegando mesmo a ser empregada para dar unidade ás suites, forma de composição menos importante e de que em breve falaremos.

Triplum.

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietario fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma reduçãõ de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em deposito, só vendo se acredita.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A venda no Sanatorio de Manteigas, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Doce de ovos com os mais finos recheios.
- Doce de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
- Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
- Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de jolhado.
- Galantines diversas. Tete d'Achar Paté de Liever e Foie.
- Saneisses Pad ngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo systema de Margarida.
- Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, ohás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

É o remedio mais effizaz para a expulsão de lombrigas, tanto em creanças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as creanças salvas com elle.

O Vermifugo Faria, é differente dos que existem do mesmo genero e duma effizacia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode affirmar que os não tem.

O Vermifugo Faria limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quaes forem, destroe as fermentações putridas e anormaes, cura as infecções intestinaes e as dysenterias infecciosas, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O Vermifugo Faria não tem deposito no fundo do frasco e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasco em agua quente. Preço do frasco em todo o reino, incluindo o sello, 250 réis. 12 frascos, incluindo o sello, 2\$280 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C., Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C., Rua Ferreira Borges

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanellas d'algodão, metro	60
Ditas, côr lisa, muito largas, metro	120
Côrtes de ve-tido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	51
Ferros a vapor, para engominar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armuers d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

É um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapens

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZEES DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualqer outro estabelecimento, porque dep is arrepenhem-se, e só nós vendemos bom e barato

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagõas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14 Coimbra

Esta casa conhecida em todo o paiz, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Forneca impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56 COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genit urinaes do homem e da mulher e e

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicacão electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

D. MIGUEL

A vinda de D. Miguel para Portugal é um expediente da *clericalha* dominante, reforçando as hostes e tomando posições, com o fim de garantir o exito final da lucta em que anda empenhada contra a Liberdade e contra a Nação. Agora já não pôde haver duvidas, pois que a Reacção desmascara uma das suas baterias.

Depois da morte de D. Carlos os arbitros dos destinos do paiz são, incontestavelmente, os jesuitas. O perigo não está no Padre Mattos, porque esse é um desbocado e repugnante banaboa que tem um publico imbecil e impotente de beatas, padres sertanejos e lanzudos, e alguns androgynos de cerebro estreito e alma de laçao, com a monomania fidalga. Estamos mesmo convencidos que, se a imprensa ultramontana é essa coisa reles e tórpe que para ahi está escripta por collarejas e matoides, isso obedece exactamente a uma tactica habil de quem, por traz e na sombra, meche os cordelinhos do drama. O espirito liberal do paiz não se assusta, não se previne, não e reage, porque não vê um perigo n'aquella miseria, n'aquella baixaza que enoja e faz rir. As gentes, ostensivamente ultramontanas em Portugal, não fazem presumir que por traz d'ellas esteja um grande exercito, superiormente disciplinado, intelligentemente dirigido, tenaz, persistente, habilissimo, aguardando pacientemente um descuido do adversario, para saltar sobre elle e dominá-lo definitivamente. Os da "Palavra", o Mattos, o homem das "Folhas Soltas", quando muito se fazem support alguma coisa é que sejam a vanguarda d'uma manada d'onagros, vomitando baboseiras e aos coices.

Mas não é o caso. Por traz d'este rebotalho human oestá—é indubitavel!—o *jesuita*. Sim, meus senhores, o jesuita. Até ha pouco tempo o *jesuita* era para toda a gente que usa gravata ao pescoço e presume ter duas ideias na cabeça uma figura de rhetorica boa para os paluridios ou um producto de confeitaria.

Havia quem se risse d'alguns pobres diabos que tinham a mania do "jasuita", e, por toda a parte, estavam a descobrir, agachado na sombra e prompto ao salto, o "jasuita" temeroso. Como alguns d'esses pobres, tinham, na sua inconsciencia, profundamente rasão! Foi assim pela indiferença e o septicismo de todos e com a cumplicidade da monarchia, representada para o caso por Amelia d'Orleans, que a Reacção espalhou a sua rede pelo paiz, minou-o d'um formigueiro de congregações, apoderou-se sob todas as formas da educação da mocidade, em collegios esplendidos que atrahiam a frequência dos filhos da burguezia pretensamente liberal que respondia a quem a censurava de metter os filhos n'esses coices que "tudo isso são historias, e ducam-n'os bem e depois as caraminholas das rezas

desapparecem cá fóra sem custar! Desapparecem?!
Nós aqui em Coimbra sabemos o quanto isso é falso em face dos productos que nos vêm de S. Fiel e de Campolide, annualmente.

Querem um pequenino facto!
Pois ahi va: a poucos dias um do outro, enlouqueceram este mez dois infelizes rapazes com a monomania religiosa perfeitamente caracterizada n'um dos desgraçados Ha mais. Existem aqui, matriculados na Universidade, alguns estudantes, — não é um nem dois — que se ciliciam, andam de corda de nós amarrada a cintura, atiram-se a rebolar do alto de escadas, dormem no soalho, não consentem que as serventes lhes entrem nos quartos e consomem longas e interminaveis horas a mastigar resas sobre resas!

Mas nem só estes *tipos extremos* são symptomaticos. Uma parte mesmo, dos estudantes que frequentam a Universidade são — porque não dize-l'os? — reaccionarios, os que o não são em religião, são-n'o em politica, são-n'o por qualquer outra formal E d'anno para anno a percentagem augmenta. Nós aqui não fazemos, por programma, *politica academica* e podemos fallar desassombradamente como sempre.

Ha aqui creaturas que defendem o poder pessoal, o despotismo, a tyrannia e o arbitrio e para quem as conquistas do espirito humano, na lucta pela sua emancipação, são frivolidades irrisorias. Ha na nossa Universidade, entre rapazes de vinte annos, *estudantes franquistas*, estudantes que applaudem o *dictador*! Isto é extraordinario, mas é assim! Quem escreve estas linhas tem o intimo receio de que, se a obra da Reacção, na conquista das gerações futuras, poder prosequir sem obstaculo, em dez annos, teremos mudado a maneira de ser e a mentalidade da classe que exerce as profissões liberaes.

Ha aqui creaturas que defendem o poder pessoal, o despotismo, a tyrannia e o arbitrio e para quem as conquistas do espirito humano, na lucta pela sua emancipação, são frivolidades irrisorias. Ha na nossa Universidade, entre rapazes de vinte annos, *estudantes franquistas*, estudantes que applaudem o *dictador*! Isto é extraordinario, mas é assim! Quem escreve estas linhas tem o intimo receio de que, se a obra da Reacção, na conquista das gerações futuras, poder prosequir sem obstaculo, em dez annos, teremos mudado a maneira de ser e a mentalidade da classe que exerce as profissões liberaes.

Ora quem faz esta obra?
Quem tem dirigido o extranho trabalho de *sapa* do Ultramontanismo em Portugal? O padre Mattos?!

O irrisorio estupor, coitado! São creaturas intelligentes, astutas, habilissimas, que em Portugal estão hoje governando, manobrando na sombra. São os *jesuitas*. E, por exemplo, o director de Campolide, — o padre Gonzaga Cabral — e outros mais.

Ora essa gente precisa da monarchia para completar a sua obra. Se a monarchia lhes foge, basta que se volte á execução das leis d'Aguiar, revogadas pelo reaccionario Hintze, para que elles fiquem perdidos.

Mas a Republica, faria inicialmente e sem esforço, muito mais, — separando, por exemplo, a Egreja do Estado, garantindo a egualdade de cultos perante a lei, a liberdade de manifestação religiosa, — sem a qual a "liberdade de consciencia", da Carta é uma burla, — laicisando o ensino, e, sobretudo, contrapondo

á obra clerical, a obra de instrução, de educação, de liberdade, que só é possivel dentro das formulas politicas democraticas. Ora isso era a morte do clericalismo e por isso *elles* odeiam a Republica e como a successão monarchica seja apenas hoje uma probabilidade fallivel, que venha D. Miguel, — que não *renuncia* mas apenas se abstem dos seus *direitos á coroa* — para prevenir qualquer hypothese e ser, ao mesmo tempo, o nucleo, o fulcro, o centro d'acção do Ultramontanismo!

O que farão os monarchicos liberaes do paiz? Deixarão reconstituir-se, com uma tolerancia criminosa, aquella sociedade, que, pelo menos, perdeu o poder, com a convenção d'Evora-Monte, e a que só o constitucionalismo burlão e fradresco dos Braganças reinantes, tem emprestado força e deixado medrar, — ou, percebendo a cilada, defenderão a Liberdade ameaçada e o que resta da obra dos nossos ingenhos mas bem intencionados avós? As prisões d'Almeida, a força, Telles Jordão, o exilio, o confisco de bens, os assassinatos covardissimos praticados contra os liberaes, tudo isso se desvaneceu, tudo esqueceu?

Receamos bem que elles, os politicos da Monarchia, o tenham, esquecido, mas o povo é já outro, o tempo outro é tambem e, com um e outro, nós contamos.

João Fernandes Costa

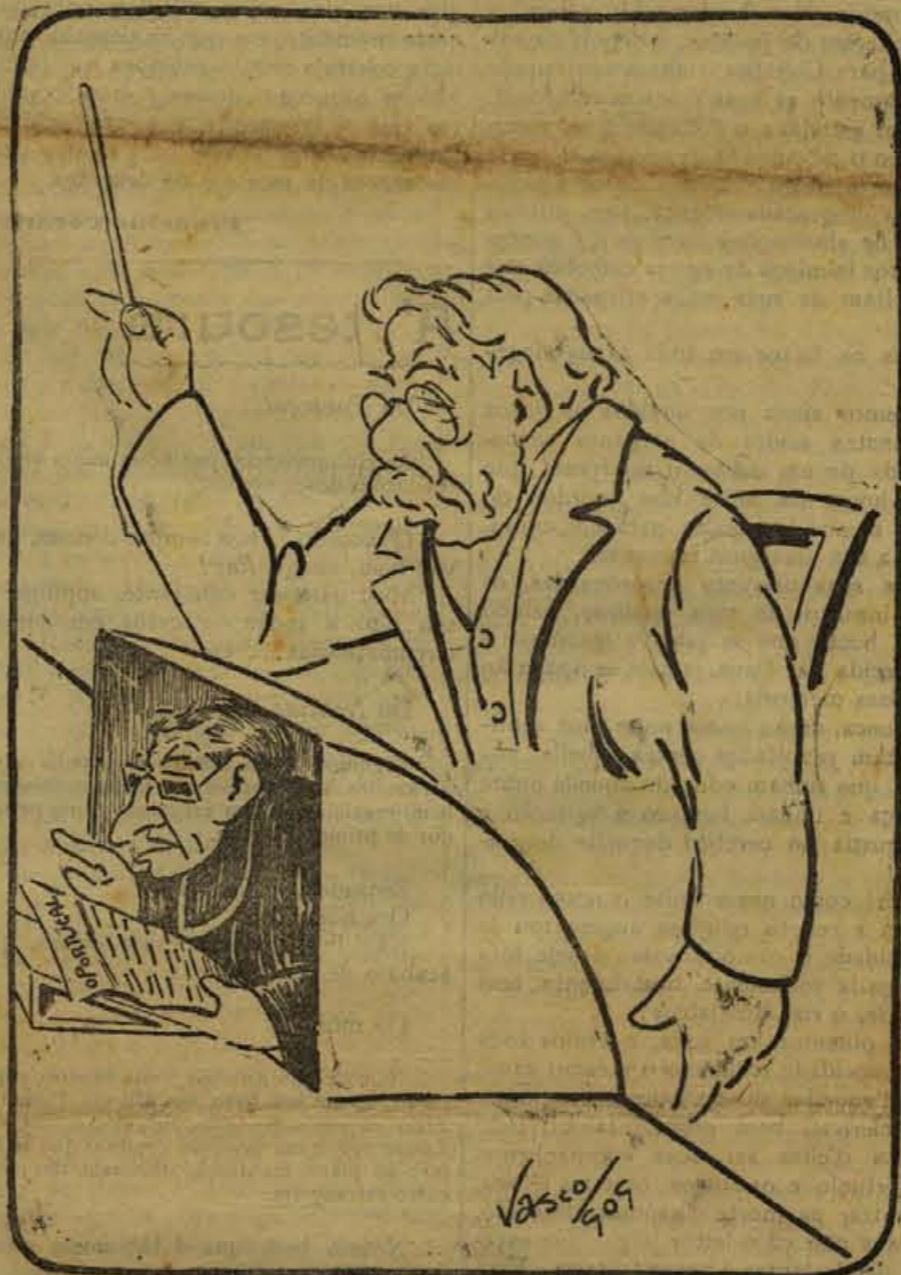
Ante-hontem, pelas quatro horas da tarde, fomos dolorosamente surpreendidos pela noticia de que este nosso querido camarada e amigo, fóra victima dum desastre, na occasião em que, ao que parece, examinava um revolver que se disparou indo a bala alojarse-lhe no craneo. No primeiro momento, no entanto, não calculámos a gravidade pavorosa do facto e tratámos de nos informar.

Era infelizmente verdade. João Fernandes Costa, fóra transportado de sua casa para o hospital afim de se tentar uma intervenção cirurgica melindrosissima e os amigos communs a quem nos dirigimos tiraram-nos logo toda a esperança de que nos restava. O nosso desgraçado amigo estava irremediavelmente perdido e na madrugada d'hontem exalava o ultimo suspiro, deixando a sua familia extremosissima presa da mais crueante das dores humanas, e os seus camaradas consternados e aflictos.

João Fernandes Costa, era um rapaz extremamente sympathico, physionomia expressiva e insinuante que captivava todos que, de perto, o conheciam. Dotado d'uma bondade enorme tinha inumeros amigos entre os seus camaradas de estudo. Pode affirmar-se que o malogrado moço só contava dedicções e sympathias — e a vivacidade, a espontaneidade de da sua intelligencia, a communicativa suggestão do seu espirito, davam o direito de support a quem com elle privava que estava ali uma promessa radiosa de futuro. E tudo isto foi brutalmente, barbaramente ceifado por uma fatalidade inesperada! Pobre amigo! desgraçado camarada! Pela nossa magoa profundissima, pela desolação em que nós todos ficámos, podemos nós avaliar a angustia inenarravel, a dor immensa que a palavra humana se nega a traduzir, que neste momento deve esmagar o coração de seus paes e de seus irmaos.

Todas as palavras de conforto que nós d'aqui, lhes poderemos dirigir nada poderiam significar e em nada attenuariam a enormidade d'aquella aflicção.

OPERA BUFFA



O maestro e o ponto

Lá fomos hontem em piedosa romagem, acompanhar o cadaver do desditoso moço, até ao cemiterio de Santo Antonio dos Olivaeas. A grande quantidade d'estudantes que se incorporaram no imponente prestito provaram, á saciedade o que acima escrevemos — que o nosso amigo gosava entre os seus camaradas d'uma privilegiada situação de sympathia. E lá o deixamos no seu jazigo, a um fim de tarde, já tocado da graça e do encanto da primavera nascente, aquella outra primavera que tão tragicamente se extinguiu.

O Centro Republicano Academico, de que o fallecido era socio, depoz sobre o feretro uma corôa e grande numero de estudantes n'elle inscriptos acompanharam o cadaver até ao cemiterio. Outras corôas da Commissão Municipal e Commissions Parochias Republicanas, do Centro Fernandes Costa e de todos os cursos do lyceu, cobriram a carreta que transportava o corpo.

A "Revolta", fez-se representar por toda a sua redacção — e, á familia enlutada, envia a sincera expressão do seu profundissimo pesar.

Factos e Commentarios

Registo

Do Ex.º Sr. Manoel Marques Ferreira recebemos um folheto em prosa e verso intitulado *Grito de Revolta*.

São 16 paginas de verdadeiro e justo ataque á actual situação politica do paiz, cuja unica solução é a inadiavel proclamação da Republica.

Vende-se ao preço de 60 reis e todos os pedidos devem ser feitos ao sr. Armando Magalhães, Rua de Serralves 566 — Porto.

Ao sr. Marques Ferreira agradecemos o exemplar que teve a gentileza de nos offerecer.

Horriavel crime

«A misera, ao desatino N'aquella scena de horrores, Fustiga o vil assassino Co'o ramo gentil de flôres!

Logo apoz, olhos de assombro Erguendo a vér o que seja, Vê d'arma fincada ao hombro Monstro que os filhos lhe alveja,

— «Oh! Não! Não! Que atroz maldade!
«Se já matastes o Paé! . . .
«Os Filhos, por caridade,
«Meus Filhos, orphãos, poupae.

O troar de arma de fogo Responde ás vozes da Mãe, E tomba um dos Filhos logo, Esphacelado tambem!

Está o leitor a pensar que isto é um bocadinho d'uma d'essas historias rimadas de *horriavel crime* que por ahi se vendem ao povo das aldeias, não é verdade?

Pois fique sabendo que é obra de um official de engenharia a quem deu para prantear em verso o dia 1 de fevereiro, como diz o *Portugal*, d'onde recortamos a preciosidade.

Emfim, a lagrima é livre e a asneira tambem...

As canastras

Conta-se que as *canastras* de Lisboa já estão sendo ensaiadas pelo rufião do Mattos, do tal, para irem para a Torre de S. Julião, cantar o hymno patriótico de D. Miguel, mal chegue á barra o vapor que o conduz.

Para as *canastras* que desejarem assistir á chegada e não possam comparecer aos ensaios, aqui lhe damos a quadra do hymno:

D. Miguel chegou á barra, Padre Mattos lhe deu a mão. Anda cá filho da . . . minh'alma, Filho do meu coração!

P. Mattos

Educação Religiosa

Dois factos da maior gravidade tiveram lugar a semana passada, e para os quaes julgamos absolutamente necessario chamar a attenção daquelles homens que, não desiludidos ainda da salvação desta pobre patria portugueza, á custa de tudo procuram conquistar-lhe um futuro cheio de felicidade que a faça esquecer das desgraças presentes e dos crimes passados.

Acabam de endoidecer nesta cidade de Coimbra dois estudantes, e o caso seria banal, embora para lamentar, se ambos elles não tivessem como causa fundamental da sua desgraça a educação religiosa.

Ambos elles, haviam sido educados em collegios de jesuitas, e depois da sua vinda para Coimbra, tinham continuado assiduamente as suas praticas religiosas. Um estudava o 7.º anno dos lyceus, o outro o 2.º anno de medicina.

Um e outro nos momentos agudos da sua desgraçada doença, sam vitimas ainda de alucinações mysticas e é contra supostos inimigos da igreja catholica que se voltam as suas mãos crispadas pela dor.

Eis os factos em toda a sua singularidade.

Temos ainda nos ouvidos os gritos lancinantes saídos da garganta enrouquecida de um delles, o do lyceu, que altas horas da noite nos acordou do nosso somno tranqullo para nos comunicar a sua amargura immensa.

As suas palavras desordenadas, os seus insultos, as suas supplicas, saindo duma bocca que se julgava inspirada e fortalecida por Deus, jamais se apagarão da nossa memoria.

Nunca, como nessa noite, nos sentimos tam revoltados contra aquelles homens que tinham educado aquella pobre creança e tinham lançado a agitação e a angustia no cerebro daquelle desgraçado!

Ah! como nessa noite o nosso odio contra a reação religiosa augmentou de intensidade e como o nosso desejo fora esmagar-la rudemente, brutalmente, sem piedade, o riso nos labios!

E olhamos em roda, e vimos toda uma mocidade trilhando o mesmo caminho d'aquellas duas victimas da educação clerical, bem pronto, talvez, indo muitos d'elles ser seus companheiros d'infortunio e os outros, os mais felizes, encontrar na morte o repouso desejado.

Mas não vá o leitor julgar que estamos dando largas á nossa fantasia. Esta é infelizmente a verdade. Sim, porque neste anno que vaee correndo, o anno de 1909, muitos annos volvidos depois da Revolução Franceza e das descobertas de Lavoisier, ha em Coimbra rapazes com menos de 25 annos, estudantes de sciencias sociaes, naturaes e medicas, que passam as melhores horas do seu dia a ciliarem-se e a rezar o terço!

Não acredita o leitor! Pois é simplesmente a verdade.

E os males que d'aqui resultam são maiores do que á primeira vista parece.

Este estranho misticismo, signal evidente de degenerescencia mental, é quasi sempre acompanhado do horror pela mulher e pela familia, e do consequente onanismo.

Conhecemos ahi muitos rapazes em cujos quartos não entrou jamais um riso de mulher e se alguma de sangue mais quente tenta aproximar-se d'elles, atrahida talvez pela tristeza dos seus olhos cavados, logo elles tratam de as afastar rudemente, ameaçadoramente.

Aos vinte annos que tristeza! Dum sabemos nós que não consente que a mãe ou a irmã o beijem, quando vae a casa nas terrias, porque nos beijos d'ella elle vê apenas lubricidade, o canalha!

E ao ve los passar, envoltos nas suas capas negras, muito pallidos e muito tristes, os olhos fundos, parados e sem brilho, sem um gesto de alegria ou de vida que traia a sua idade juvenil em que é costume viver cantando e amando, nós lemos nas suas fronteas caídas a marca da casa que os educou e lhes tirou a vontade e a alegria.

Aos vinte annos e já velhos!

Pobres victimas!

Atirados de pequenos para o collegio, ao chegarem á idade em que um vago desejo da mulher os perturba, e o seu espirito deseja abrir-se francamente ao sonho, não encontram para a sua satisfação, mais do que os vicios repugnantes que os proprios professores lhe inculcam, e a adoração mystica da Virgem.

Vindos para Coimbra, vigiados de perto pelos representantes dos seus pri-

meiros educadores e encontrando organisadas dentro da academia as forças clericais, hade ser difficil que um d'elles consiga escapar-se-lhes da rede e libertar-se, para sempre, das suas garras esmagadoras.

Ah! mas é preciso que se oponha um dique invencivel a esta corrente de desvario.

Não se deve continuar a permitir que se mutilem intelligencias e se aniquilem vontades nas fabricas de loucos e de monstros que sam essas casas de ensino religioso, sob pena de não podermos evitar a derrocada que se avizinha para a nossa pobre raça e para o nosso desgraçado paiz.

É um apelo angustiado que neste momento dirigimos aos liberaes portuguezes para que pousem os olhos no que vae por esses collegios, para que neste momento, em que se desenha uma lucta contra a reação religiosa e politica, não se esqueçam dessas pobres creaturas que a ignorancia e a cumplicidade de muitos paes atiram para dentro desses antros de morte e de desgraça.

Francino Corare

A' tesoura

Do Portugal:

As circunstancias justificam muita vez as resoluções desesperadas.

D'accordo. Diga sempre d'essas, que vae bem, amigo Ruy!

Mas, para ser coerente, applique o seu dito a todos os casos em que as circunstancias... etc.

Do Noticias de Lisboa:

Seguiu-se-lhe o illustre deputado o sr. Alexandre Albuquerque que fallou muitissimo bem, revelando-se um estudioso e um pensador de primeira ordem.

Pensador, o Xandre?! Ora adeus... Não lhe chamem essas coisas, que acabam de o estragar!

Do mesmo:

Na collecção Antonio Maria Pereira, appareceu agora um livro de Alberto Pimentel *Fitas de animalographo*, de que damos em *Livros novos*, um gracioso capitulo que se refere ao piano, instituição universal, tão nossa como estrangeira.

Notem bem que é tão nossa como estrangeira a tal instituição universal.

Não haja enganoso. E' tão explicito que até parece do Mestre!

GAZETILHA

P'ra pagar certos favores, E por mandado divino, Carregaram de louvôres E metteram um menino Na assembleia dos doutores.

Era justo dar-lhe entrada A elle que bem mostrou Por maneira assignalada Que a estorço se não poupou Para a greve ser lurada.

Para as folhas predilectas, Com suprema gravidade Fez cartas com muitas tretas, Elle que estava na idade De apenas fazer... gazetetas.

Tambem outros apanhavam A devida recompensa Por aquelles que chamaram. Os mestres deram licença E os *chumbos* lá se acabaram.

E agora ao vê-lo rosado Como a maçã camoeza E de capello envergado, Volto os olhos com tristeza P'ra um collega desprezado.

Pois é bem extraordinario Que ao desgraçado cabreiro Que teve o triste fadario De pôr a cabra em berreiro Nem o façam secretario.

Dr. Loria

Dr. Fausto de Quadros

Abriu escriptorio de advogado na rua da Sophia 57, o nosso illustre correligionario Dr. Fausto de Quadros. Desejamos-lhe muita e boa clientela.

QUESTÃO FECHADA

Um dissidente n' «A Revolta»

Palavras perdidas

Palavras perdidas são estas para uma alma pequena. Sensação de espanto, de dó e de magua, mas de sabor agradável e cruel, me causou o seu artigo sr. Carneiro Franco! Pequeno, mesquinho alcance do daquelle que agora me responde desabidamente, com o rancor a saltar de cada palavra, como o faria o mais intransigente, o mais feroz nacionalista. Não responde assim uma intelligencia lucida, não devia responder assim um republicano! Empregar na defeza os mesmos meios que empregam os nacionalistas — repare que ponho nesta palavra o mais baixo conceito — é descer da dignidade que o partido republicano sempre gostou de vêr nos seus membros, e aprego sempre que todos possuem.

Que sentimento enorme de piedade se apoderou de mim quando agora descobri que aquelle rapaz meu condiscipulo que faz a entrada na aula abanando a sua *uba* — *symbolo das suas ideias* — um grande gesto de independencia escolar, esse rapaz que nós vemos querer descobrir em si a veia oratoria nos comicios republicanos, não contem no fundo mais do que o odio proprio dos reacconarios por todos aquelles que o atacam.

Descobriu-se no sr. Carneiro Franco uma synthese do Padre Mattos!

O Padre Mattos é a concretisação do odio dos reacconarios; o sr. Carneiro Franco quer ser a concretisação do odio do seu partido. Se o conhecido Padre é considerado por todo o português digno da sua patria com uma alma, ... como quer que eu o considere a si, sr. C. Franco?

Sr. Ramada Curto cautela! não consinta que desabroche nessa redacção o cacto maldito! Por piedade sr. Carneiro Franco, corra para o partido nacionalista, ofereça-lhe os seus serviços porque aquellas qualidades que agora evidenciou vam levantar entre si e o nefando Padre uma rivalidade só util, ao passo que a sua permanencia no partido que pretende honrar cobriria de vergonha aquelles que agora, tam illudidamente, o consideram como collega. Senti-me nesse dia um grande prazer: uma amputação necessaria no partido republicano, e uma vergonteia robusta e promettedora no covil do Padre Mattos. Não devia responder-me assim, sr. Carneiro Franco. Como se comprehende que o tenha magado a minha affirmacção de que não assimila a luz que lhe lança S. H.? Não diz o sr. no seu artigo, que muito o considera? Considerar-se offendido indica nada menos do que a sua falta absoluta de sinceridade. Quando nós, os sinceros, consideramos algum, orgulho sentimos sempre em ouvir uma affirmacção como a minha, pois é mais um preito de homenagem aquelles que estimamos. O simples facto da nossa consideração por algum abrange, como consequencia, o reconhecimento pela nossa parte de merecimentos nesse individuo superior aos nossos, pois não nasce a consideração por aquelles que julgamos inferiores e os eguaes passam-nos desapercibidos.

Que falta de coherencia a sua, sr. Carneiro Franco! Magoar-se com esta affirmacção e com o conselho com que termino o meu pseudo, diz o sr. Carneiro Franco, artigo, confesso que é uma leviandade! *Couto, sim, o outro, — o S. H.* — não se magou e, á parte umas ironias leves que o sr. Carneiro Franco não pode conceber, o seu artigo é bem digno delle e não uma copia do brevariario do Padre Mattos. Não temos pretensões a fidalgos, algum dos meus aqui bem alto o disse ha pouco, mas mesmo que eu as tivesse, como o sr. C. Franco o diz, nunca insultaria ninguém porque o insulto é a arma dos fracos, é a arma das intelligencias curtas, é a arma dos... nacionalistas.

Escrevo debaixo da desillusão profunda que, sobre o seu character, as palavras que escreveu me causaram.

A minha profissão de fê dissidente não é uma renegação da affirmacção de «republicano de gabinete» que o sr. C. Franco pretende ter-me ouvido.

Nunca até hoje fiz a mais leve affirmacção publica de principios partidarios, e o que eu disse nessa reunião da academia pode bem sabe lo quem quiser lêr a correspondencia de Coimbra para o «Diario de Noticias» de 12 de fevereiro de 1906. Vá ler esse numero com attenção, e diga-me depois, arrancando a volta e despidendo a batina, se não é falsa a afir-

macção que faz. Não horam nada o seu character, sr. C. F., os meios com que me combate, e eu sinto-me triste, muito triste, muitissimo triste em ter inconscientemente concorrido para fazer cahir a mascara que agora com certeza ha-de pretender esconder, pois lhe falta o cynismo necessario para, perante aquelles mesmos que a viram cahir, a afivelar novamente. Agora um conselho se o permite, sr. C. F.: Não esereva, falle antes em comicios porque pode ser mais util do que tentando insultar: o insulto é a espada dos cobardes. Lembre-se de que o seu partido nunca se serve desses meios, e ao rancor que os reacconarios lhe mostram responde serenamente, imperturbavel, como um forte.

Neste artigo sereno não queira vêr uma traquêsua: a primeira condição da victoria é a serenidade.

Tenha mão nos seus nervos sr. C. F., poupe-me ás suas iras e acredite que, se para isso precisar de algumas gottas do mau vinho que do Egypto unicamente trouxe nas *minhas bagagens* lhas offereço de boa vontade: dar de beber a quem tem sede é uma obra de misericordia.

Homem ao mar! Homem ao mar! Timoneiro lança-lhe a boia, o brevariario do padre Mattos.

Considerações uteis

Não me admira, sr. S. Holmes, ter lido no seu artigo as considerações que faz e, deixe-me dizer-lhe, que ellas o honram como republicano pois confessar ser possivel uma monarchia com os partidos liberaes e os dissidentes constituem todos esses partidos — equivaleria a admitir uma salvação com a monarchia e isso foi sempre um principio com o qual os srs. nunca poderam concordar. Combatem os srs. com denodado esforço, e têm-me nesse ponto absolutamente a seu lado, os velhos erros da monarchia e aquelles que ainda hoje os velhos partidos historicos vao cynicamente commettendo cegos aos ensinamentos do passado, e surdos ao renascer de energias temperadas no bem que, com equal intensidade, os erros feitos fazem nascer nas varias camadas da nossa desgraçada população. Bem sei: foram grandes os erros e deve ser enorme a expiação!

Todos nós, portuguezes, temos a obrigação, tam querida como a mais querida obrigação familiar, de conjugar os nossos esforços para minorarmos os soffrimentos da nossa patria, isto é, os nossos proprios soffrimentos que mais tarde haviam de ser os espinhos de nossos filhos.

Compete-nos fazer isto rapidamente, energeticamente, sem esticções violentas, numa evlução constante mas serena para conseguir que um dia o povo portuguez possa acordar com os pulsos livres, apto a travar com o mundo um combate tremendo que lhe traga como recompensa o logar que as prodigalidades regias e a ganancia dos fidalgos lhes fizeram perder vae para trezentos annos!

O somno que o povo portuguez dorme é tam profundo que por cima delle se têm dançado as quadrilhas mais macabras sem que o menor acto de consciencia se manifeste, e a bestialidade em que elle o fez já cahir é tam caracteristica que todo aquelle que o quer acordar, ou para a sua salvação, ou para assistir á sua morte, é derrubado em impetos de furor. Quizeram os republicanos accorá-lo para o salvar; quiz João Franco accorá-lo para o matar, e ambos foram vencidos sem distinguir o salvador do carrasco! Os primeiros tiveram a derrota do Porto; o segundo teve o drama do Terreiro do Paço.

E' por isto, sr. S. Holmes, que eu entendo necessario, util e possivel uma monarchia liberal. Para isso devem-se exigir duas condições: afastamento dos culpados, afastamento dos reacconarios.

Os velhos partidos, aquelles que em Portugal durante tantos e tam infastos annos espalharam a corrupção no nosso povo, esses sam inaproveitaveis; os seus membros só podem e devem entrar num ministerio verdadeiramente liberal liquidados perante as camaras e perante a opinião publica a responsabilidade que tiveram nos erros do passado.

A monarchia liberal é possivel assim, e é assim que os dissidentes a querem

realisar. Ligaram-se agora com os partidarios do sr. Vilhena como outrora com os srs., os republicanos, estiveram ligados, e a concordancia de muitos principios que então claramente se mostrou ainda nesta sessão não foi negada. Realizada a monarchia liberal duas hypotheses se apresentam aos srs.: ou essa monarchia é viavel, ou cabe levando consigo aquelles que a fundaram. No primeiro caso realisaram os srs. sem revoluções e sem sangue a quasi totalidade do seu programma; no segundo alcançaram o poder espantosamente serenos, com a convicção absoluta de que tinha chegado esse momento. A monarchia liberal é possivel nas condições que indico pois o povo não torna a adormecer. Narcoticos já os não quer, e desgraçada della se os tenta um dia empregar! O povo já não se adormece e mesmo tentar embala-lo um louco o pensaria. Hoje não é a opinião publica dirigida pelos partidos conservadores, mas sim pela imprensa liberal e republicana não sendo o ministerio que indica ao povo como deve pensar, mas sim o povo que indica ao ministerio como deve sentir. Falla-se ao governo como os deputados dissidentes estam fallando ao ministro Espregueira.

Cahiram os ministerios José Luciano, Hintze Ribeiro e João Franco porque quizeram amordaçar o povo e, se o ministerio Amaral cahiu por combinações de camarilha politica, repare-se como a reação está dando e como o povo e as camaras fiscalisaram os actos do seu successor. A monarchia liberal constituída e cumprida a missão do governo a quem ella se entregar, faz dar ao paiz um passo para o bem de todos e os srs., os republicanos, devem felicitar-se porque tanto como nós o bem da patria querem. Defendo a organização assim duma monarchia liberal pois para ella se constituir não é preciso abrir os quartéis e lançar cá para fóra, no mesmo impeto sanguinario, soldados e officiaes de alma tam baixa que consideram de suprema ventura mergulhar a espada até aos copos no corpo doentio do nosso povo, não lhes impedindo os salpicos quentes de sangue de abraçar a esposa que não teme, que se não indigna. Acredite sr. S. Holmes que eu, se entendesse precisar da monarchia liberal um momento, um minuto que fosse, ao auxilio destes officiaes e soldados deshonrados não viria fazer as affirmacções que leu mas sim collocar-me-hia no seu partido abertamente. Diz muito bem que se não governa por detraz dum ranque de bayonetas, que se não governa com o *knout* na mão; chicotear o povo é chicotear a nossa familia, é chicotear o nosso sangue e só um canalha, um canalha maldito, tem coragem para rasgar a carne já tam martyrisada do nosso pobre e querido povo, sentindo prazer em se salpicar de sangue.

O amor da patria é o amor do portuguez pelo portuguez, e arrancar do coração essa illor com as bayonetas dos soldados é, sr. S. Holmes, — concorde plenamente — a maior prova que os dirigentes nos podem dar do seu desejo sincero de aniquilação. Constituida algum dia commosso a monarchia liberal nunca, sr. S. Holmes, o sangue portuguez manchará as bayonetas — não é a força que deve impor-se, é o direito que deve vencer. — A monarchia absoluta teve já a sua epoca e não é agora, quando a Turquia se orgulha com o seu parlamento e a Persia conquista uma constituição, que Portugal, o glorioso Portugal doutros tempos, aquelle que sustentou o mestre de Aviz, que expulsou a duqueza de Mantua, fez a revolução de 20 e toda a gloriosa epopeia liberal ha-de dar ao mundo o espectáculo triste da renegação da liberdade. Vam longe os tempos dos duques de Alcudia, dos generaes Serrano e Marfosi; — hoje os favoritismos só se recebem do povo. A monarchia liberal ha-de vir e o povo se a não quiser que a derrube, porque não porá ella de permeio as boccas dos canhões: — o povo é soberano e quando elle manda todo o bom portuguez obdece.

O povo quer a paz necessaria para o trabalho, quer ter a certeza de receber em beneficios os impostos que paga, quer um domicilio respeitado, um lar inviolavel e abençoará aquelles que, em nome dum rei liberal, ou em nome dum presidente de Republica, lhe dêm o socego porque ha tanto anseio. E é um portuguez, um verdadeiro portuguez, que preside aos nossos destinos que importa ser elle o rei desde que exista um entranhado amor á patria? Não é esse amor que faz os bons dirigentes sejam elles um Victor Manuel, um Eduardo VII, um Roosevelt, um Fallières? A monarchia liberal italiana e a monarchia liberal inglesa vivem; porque não ha-de viver uma monarchia liberal portugueza? Não

existe na Italia e na Inglaterra uma opiniao publica mais avançada e consciente do que a nossa e resistem com honra, sem a menor violencia, essas monarchias? Os dissidentes põem mais alto a sua honra do que o sr. Espregueira, e já mais consentiriam a seu lado a quem a multidão numa só voz chama—ladrao Deixem-me terminar, sr. S. Holmes, dizendo que lastimo não poder conhecer o seu nome pois me permitiria, se não fosse possível ter relações pessoas, ficar conhecendo algum com o qual lealmente, de vizeira cahida como o sr. diz, nos é possível combater.

Jose d'Alpoim Napolé Manuel

Meu caro Ramada

Ahi vai o artigo do sr. Alpoim Manoel que tiveste a amabilidade de me mandar para eu ler, perguntando-me ao mesmo tempo se elle deve ser publicado visto o seu auctor tentar apenas fazer um ataque á minha pessoa, o que em nada pode interessar os leitores de A Revolta. Publica-o, peço-te. Elle é a minha melhor defeza e a prova de tudo quanto eu disse a respeito das qualidades do sr. Alpoim Manoel no meu ultimo artigo.

E' por isso que eu não tomo a serio as insinuações que elle pretende fazer ao meu caracter que até hoje não me deixa ficar mal em parte alguma, e seria absolutamente incoerente dando-lhe a honra de o tomar a serio, eu que dei-xei de lhe fallar depois da questão academica por o julgar indigno da minha consideração.

A questão tomou um caracter pessoal e está já fora da inlele de A Revolta. Por isso te não quero roubar mais espaço.

Teu

Carneiro Franco

Meu caro Ramada

O Sr. José d'Alpoim Napolé Manuel de novo descarregou sobre mim o pezo do golpe da achá d'armas da sua prosa.

Embora muito agradável me fosse continuar uma discussão sobre todos os pontos de vista interessante e até necessária, visto ser essa discussão que, como já uma vez disse, em dois campos perfeitamente distinctos divide a actual sociedade portuguesa e a dinamiza, o certo é que o Sr. Manuel não me oferece campo para terçar armas.

Julgá o Sr. Manuel possível uma monarchia liberal, pela fantastica razão de que a monarchia tem sido até agora má e porque as monarchias inglesa e italiana se têm mantido dentro dos limites dos seus programmas liberaes.

Pondo de parte, para a realização do seu ideal, os velhos partidos historicos que o Sr. Manuel confessa os principaes responsáveis da nossa má e precaria situação e com um dos quaes, para a escala do poder, o Sr. Alpoim se aliou agora, esquece-se o Sr. Manuel lamentavelmente de que nem os dissidentes tem força propria para dentro da monarchia effectivar o seu programma, nem o meio português em coisa alguma se pode equiparar ao inglês e italiano.

Assim, nada mais me resta do que penhorado agradecer-te a promptidão com que, como director, puzeste as columnas do nosso modesto mas querido jornal ao dispor da minha desastivada prosa.

E visto o Sr. Manuel parecer te interesse em me conhecer podés dizer que o Sherlock-Holmes que subscreve a secção «Carteira d'um Rebelde» é o Teu velho e dedicado amigo

João Garrato

Abrimos a liça, compete-nos fecha-la. A questão, pelas cartas de Scherlok Holmes e de Carneiro Franco está, ipso facto liquidada, visto estes nossos camaradas desistirem do pleito. Como h'spede acolhemos o sr. Alpoim, como acolheremos qualquer que se nos dirija — lealmente. Relativamente ao nosso camarada Carneiro Franco revestiu a controversia um ar de agressão pessoal e de hostilidade que, absolutamente nos collocava ao abrigo da suspeita de parcialismo, se n'esse pé, lhe tivéssemos recusado seguimentos ou mesmo inicio.

Mas emfim... tout est bien qui finit bien! E o sr. Alpoim, nosso adversario, saiu da contenda, pelo visto, com todas as honras da guerra.

— Arauto! abra a liça! Toquem trombetas!... Tá tá tá... tá tá tá... tá tá tá tá tá...

R. C.

Annel do Nibelung

Nas vespervas da representação da Tetralogia, que tão grande interesse tem despertado, achamos de utilidade publicar o capitulo «Para a intelligencia do poema de Wagner», do esplendido livro de critica de Hans voe Wolzogen.

Inserimos hoje a primeira parte desse capitulo que no proximo numero concluirá.

A's mães cuidadasas recomendamos o Vermifugo Faria, infallivel na expulsão de lombrigas.

O Brazil moderno

Dr. Ruy Barbosa

Com este perfil que modestamente vamos traçar, terminamos a serie de artigos que nos propuzemos fazer sem a menor pretensão e com o fim unico de, como no primeiro accentuamos, tão somente vulgarisarmos alguns conhecimentos acerca do Brazil actual.

A modestia de estilo, a simplicidade da forma, a exposição synthetica e resumida, a imparcialidade na apreciação, e a escolha de alguns assumptos principaes, foram tambem o objectivo que tivemos em vista, para que, os que nenhuns conhecimentos possuem d'esse admiravel paiz ou d'elle têm uma falsa idéa, podessem, embora superficialmente, adquirir uma ligeira mas verdadeira noção do progresso sempre crescente d'essa nacionalidade, progresso esse que, sem duvida alguma, começou a accentuar-se depois de implantado ali o regimen republicano.

Não é isto uma simples afirmativa que encontre a sua origem no nosso espirito de partidario, mas pura e simplesmente um facto genuinamente verdadeiro, que resalta das paginas da historia contemporanea, facto palpavel e frisantissimo que, pela sua concretisação, destrõe, aniquila e pulverisa por completo, qualquer argumento sophistico, que se proponha contrario.

Os proprios monarchicos brazileiros, reduzidos hoje a um numero limitadissimo, não osam de modo algum contestar a marcha evolutiva do seu paiz, feita a passos agigantados, determinada e produzida pela orientação do novo regimen, commquanto o seu estabelecimento date ainda de epocha tão recente.

Até lá, o paiz, embora naturalmente riquissimo, achava-se mergulhado n'uma apallia propria dos povos latinos submettidos ao regimen illogico da monarchia, onde a iniciativa não existe, os melhores estimulós fallecem, e onde só e sempre vingam, predominam e se effectivam as ruinosas aspirações das classes privilegiadas, fataes vampiros que sómente cuidam e tratam de se encher á custa do Erario publico, alimentado pelo ouro que se escóe das mãos callosas e doridas pelo trabalho, do povo tyrannizado e embrutecido.

E esse estado de coisas, tão propicio e agradável era á classe dos conservadores que estes, na sua cegueira de ambiciosos, no seu carrancismo de obsecados, e na sua basofia de auctoritarios, estavam perfeitamente convencidos de que o maná jamais se lhes acabaria, porquanto o povo sufficientemente entorpecido e fortemente subjogado, nunca se animaria a reagir.

Basta lembrar as palavras proferidas pouco tempo antes da Proclamação da Republica, pelo então presidente do conselho Visconde de Ouro Preto, quando se apresentou á Camara dos Deputados e se referiu aos republicanos: «Onde estão? Cresçam e appareçam!».

Felizmente porem, appareceram pouco tempo depois, e com mão firme e animo decidido, expurgaram e extirparam do paiz o cancro que o minava e corroia, sugando-lhe as forças vivas, anemizando-o e corrompendo-o.

Foi proeminentemente n'esse glorioso e memoravel movimento, Benjamin Constant Botelho de Magalhães, a cabeça organizadora da revolução, notavel mathematico, illustre tenente-coronel do exercito e abalisado lente da Escola Militar, tendo como braço executor o marechal

Manoel Deodoro da Fonseca, um dos heróes da celebre campanha do Paragnay. Este ultimo, constituido então o governo provisório, foi nomeado seu chefe, fazendo parte do referido governo, entre outros, como ministro da fazenda, — Ruy Barbosa, — o illustre bahiano, com justiça denominado: — A primeira cabeça da America do Sul, — com cujo esboço rapido, pretendemos fechar o presente artigo.

Republicano historico, sabio jurisconsulto, publicista de pulso, e possuindo uma cerebração maravilhosamente organizada, Ruy Barbosa contribuiu alta e poderosamente para o advento do regimen democratico, em cuja propaganda evidenciou tambem todo o seu elevado patriotismo.

Desde então e mais do que nunca, a sua acção na politica, quer ella se exercesse no Senado Federal, onde já occupou uma cadeira como representante do Estado da Bahia, quer na imprensa, quer em qualquer outro campo em que a sua actividade intellectual se possa manifestar, tem demonstrado exuberantemente todo o seu extraordinario valor e toda a sua incontestavel competencia.

Ainda não ha muito que, escolhido e convidado pelo governo actual, para ir desempenhar o pesado encargo e honrosa missao de representar o seu paiz no ultimo Congresso de Haya, ali patenteou, como ninguem, uma solida orientação e um fino politico, associados a uma vastissima e descommunal erudição, predicaes estes que, em tão selecto meio, o collocaram em plano superior.

Foi como que o astro-rei, luzentissimo sol, no meio d'aquella constellação de eruditos e doutos.

As scintillações do seu espirito e as fulgurações do seu talento, jamais deixaram de sobresahir intensamente no meio de tanto brilho irradiado d'aquella apuradissima assembléa, que, salvo rarissimas excepções, não era mais do que a expressão synthetica das maiores sumidades dos diferentes paizes, que ali se fizeram representar.

Vultos d'uma tal grandeza, nobilitam e houram uma patria.

Quando ministro da fazenda, cuja pasta occupou, como dissemos, no governo provisório, em 1889, além da intelligente direcção que sobre imprimir aos negocios que lhe estavam affectos, revelou igualmente uma probidade a toda a prova, incompativel com os pequenos esterqueiras que, no tempo da monarchia, tambem por lá medravam, e que a saneadora pá da democracia, varreu para o lixo das coisas despreziveis.

Ruy Barbosa, que hoje é um vulto universalmente conhecido, tem sido devidamente apreciado e cuidadosamente estudado por uma grande parte da imprensa estrangeira, encarando-o já como estadista, jurisconsulto e publicista, já como caracter inconcusso, de modo a não ser levado á conta de excesso, o que tão imparcialmente vimos affirmando.

Ainda ha pouco que o illustre democrata e nosso patriota dr. Cunha e Costa, que tambem como nós, permaneceu durante alguns annos no Rio de Janeiro, e que trabalhou por algum tempo no jornal — A Imprensa — propriedade de Ruy Barbosa, cujo covirio demorado o habilitou sufficientemente a ter d'elle uzo. conhecimento solido, ainda ha pouco iamos dizendo, que, n'um dos periodicos da nossa capital, publicou um interessantissimo e succulento artigo em que, servindo-se de valiosos elementos, analysava proficientemente esse vulto, salientando vigorosamente todo o seu indubitavel merecimento.

Não será mesmo para estranhar que, n'uma das proximas legislaturas, Ruy Barbosa seja ainda elevado á suprema categoria de primeiro magistrado do seu paiz, como revela o facto do seu nome já haver sido apontado para o desempenho de tal função, e ninguem poder negar-lhe, competencia e aptidão para o exercicio de tão nobre e trabalhoso cargo.

A. N.

Na sala dos Capellos

No nosso numero de sabbado publicaremos algumas impressões sobre o acto de doutoramento sr. Luiz Gonçalves, que se realisou na passada semana na sala dos Capellos.

Fausto de Quadros

ADVOGADO Rua da Sophia — 57, 1º. COIMBRA

ANNEL DO NIBLUNG

Para a intelligencia do poema de Wauer

Puro de qualquer desejo, o Ouro dormia outr'ora, na sua inteira belleza, no fundo do Rheno. Em volta delle, brincando, nadam as graciosas Filhas do Rheno, descuidosas guarias do thesouro que dormita. Mas um Nibelung lascivo, da raça tenebrosa dos anões, o perfido Alberich, sae das entranhas da terra e abre caminho através das ondas. De repente, resplandecendo aos raios do sol que nasce, o Ouro do Rheno, o Rheingold, desperta-lhe a attenção. As Nixes, que o escarnecem, revelam-lhe a rir, tagarelado, a significação maldita do metal que conquistaria o mundo se quem o obtivesse renunciasse ao Amor: porque o Amor deve ceder o logar quando o Ouro se torna omnipotente. O Nibelung, vendo apenas o esplendor do ouro que lhe promete o poder, esquece os encantos das Filhas do Rheno; amaldiçoa então o Amor que só significa, para elle, o gozo sensual, e, violentamente, arranca o thesouro ao rochedo. Sobre o abysmo innocente, uma noite eterna se estende. — Entretanto, no cume das montanhas, aos raios claros do sol, brilha o novo castello de Wotan, o rei dos Deuses. Tambem a elle, perdido o praser do amor dos annos juvenis, chegou o desejo da riqueza e do poder. Foi por isso que elle obrigou, por tratados, a robusta raça dos gigantes a construir-lhe aquelle castello; em troca, exigiram elles o que é desejo de todos os seres: o Amor cheio de luz representado pela deusa da juventude e da belleza, a suave Freia cuja presença devia aquecer o seu frio reino. Veem agora os dois irmãos formidaveis, os gigantes Fasolt e Fafner, reclamar o preço combinado; mas Loge, o astucioso companheiro de Wotan, Deus das chammas e da mentira, cerca os, e excita nelles tambem, pela descripção da aventura de Alberich, o desejo do Ouro funesto.

Elles pedem esse Ouro, como resgate de Freia. — Então, Wotan e Loge descem ás profundas cavernas onde Alberich habita, abysmos cheios de escuros nevoeiros. Alberich forjou um Annel com o Ouro do Rheno e, pelo poder deste Annel, obriga a raça dos anões a accumular os thesouros em montes gigantescos. Seu irmão Mime tem de fabricar-lhe o «Tarnhelm», capacete que torna invisivel aquelle que o põe e lhe permite mudar de forma. Os deuses servem-se delle por astucia, para enganar o seu orgulhoso possuidor, que se vê obrigado a abandonar o thesouro, o Tarnhelm e até o Annel. Só lhe resta agora o poder da maldição. E esta cabe, tremenda, sobre a cabeça dos deuses ao mesmo tempo que o Annel nas suas mãos. Mas os gigantes exigem sempre a recompensa: Wotan recusa-lhes só o Annel cujo magico poder não desconhece, e já Freia parece abandonada aos gigantes quando Brda, a divina, a vidente que tudo sabe desde a origem, sahe da terra, ameaça Wotan com a maldição ligada ao Annel e com o fim eterno que por causa delle ameaça a raça dos deuses; decide-o — muito tarde — a abandonar o Annel aos gigantes. Cedo reconhece Wotan a verdade da ameaça: ao juntar febrilmente o thesouro, Fafner mata Fasolt para se apoderar do Annel, e parte com todas as riquezas, que guardará sob a forma de dragão. Abalado até o fundo do seu ser, Wotan dirige-se com os deuses para o castello, e, ao entrar na ponte do arcotris, um novo pensamento creador desperta nelle, pensamento que não nasceu

duma alegria de creador, mas da desgraça sagrada dos deuses; chama «Walhall» (1) ao edificio celeste. — Tal é o assumpto do «Ouro do Rheno».

Wotan gerou com a propria Erda as Walkirias, cavalleiras encarregadas de levar para o Walhall os heróes cahidos nos campos de batalha da terra. Esses heróes deviam defender os deuses ameaçados de destruição pelo poder de Alberich, porque Alberich esprieta sempre o Annel. Entre as Walkirias está Brünnhilde. Mas de que lhe servem todos os heróes, que só procedem segundo a vontade divina, se não crear aquelle, o unico, que, livre da maldição, independente de tudo, realisaria a obra de redempção pela conquista do Annel? Neste desejo gerou com uma mortal, os gêmeos Siegmund e Sieglinde. A rapariga foi raptada por Hunding, tendo crescido no meio de inimigos, fez-se um homem vigoroso. Mas quem, senão o proprio Wotan, foi auctor da sua desgraça? Foi ainda Wotan quem cravou o gladio sagrado na arvore da casa de Hunding; gladio que só Siegmund pode arrancar do tronco. Mas Siegmund tambem não é o heroe livre: tambem elle está ameaçado da maldição. Foge, com as armas quebradas, á multidão dos parentes de Hunding; e é na casa deste que elle encontra a irmã perdida e o gladio promettido. Os dois Walsungen, filhos do deus, unem-se para salvar a sua raça, e esta união não é apenas fraternal. A guarda das leis do casamento, Fricka, esposa de Wotan, irrita-se e mostra ao rei dos deuses o seu erro. Este vê-se por isso obrigado a retirar a sua protecção ao heroe culpado; o unico objecto do seu desejo é agora «o fim»: na mais terrivel das maldições, abençoa Hagen, o filho de Alberich, gerado por este sem amor, com uma mulher que o ouro comprou, esposa do rei Gibich; e proclama este heroe dos Nibelungen herdeiro e exterminador do mundo. E Brünnhilde, que recebeu a confidencia da desgraça dos deuses é encarregada de annunciar a morte a Siegmund. Mas quando o vê fugindo, perseguido por Hunding, com a mulher que tão apaixonadamente ama, extenuada e desesperada, o seu nobre coração sente uma emoção poderosa. O combate com Hunding começa, Brünnhilde protege o Walsung, mas Wotan, colerico, estende a sua lança celeste entre os combatentes; nesta lança se quebra a espada divina de Siegmund que cae com o golpe vibrado por Hunding. — A Walkyria auxilia a fuga de Sieglinde e dá-lhe os pedacos da espada de Siegmund; depois offerece-se ao castigo que a colera de Wotan promulga. O deus, que não é livre, é obrigado a adormecer a sua mais querida filha num rochedo até que um homem a encontre no seu caminho, a desperte e a conquiste. As lagrimas da virgem apenas obteem um favor do pae que a castiga: cercará o logar do seu somno com um vasto circulo de chammas devoradoras, para que aquelle que despertar Brünnhilde só possa ser um heroe sem medo, e a virgem espera que esse heroe seja Siegfried — Eis o assumpto da «Walkyria».

(Conclue no proximo numero).

(1) Walhall significa «palacio dos heróes mortos».

Registo Civil

De Arruda dos Vinhos, uma modesta villasita a algumas leguas de Lisboa, um amigo communica-nos a noticia do registo do baptisado d'uma filhinha do nosso amigo e correligionario Joaquim José d'Azvedo e Silva, testemunhando o acto os srs. Tavares Delicado e Abel Teixeira Pinto.

Cremos que é o primeiro registo civil que na Arruda se faz.

E assim por toda a parte a emancipação das consciencias começa de se afirmar, nitida e triumphante e a monarchia portuguesa continua esperando da Divina Providencia a resolução dos negocios que mais interessam ao paiz.

Que o exemplo do nosso amigo e correligionario fructifique é o que mais sinceramente desejamos.

Amendoas

Na Casa Innocencia rua de Ferreira Borges, 91 a 97 encontra-se grande sortido de amendoas e confeitos, estes desde 300 a 360 réis e aquellas desde 340 a 650 réis o killo. São ao todo 43 qualidades todas fabricadas nesta Casa já bem conhecida do publico e premiada nas exposições a que tem concorrido.

Os compradores de 5 killos ou mais tem desconto de 20 réis em killo; e alem disso, os que compram de 15 killos para cima, tem bonus de 2 p. c. a 5 p. c. conforme as quantidades, pagando á vista.

Ha tambem doce sortido, rebusados, marmellada, doces de fructas etc. etc: e todos os artigos de mercearia que vende por preços minimos.

A tabella de preços é a do anno pasado, apesar do assucar e o miollo de amendoa, ter subido este anno muito.

Mandam-se tabellas a quem as requisitar.

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietario fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma reduccion de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em deposito, só vendendo se acreditada.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no Sanatorio de Manteigas, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Doces de ovos com os mais finos recheios.
- Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
- Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.
- Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de jolhado.
- Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
- Sauces Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
- Pão de ló, pelo systema de Margarida.
- Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

É o remedio mais effizaz para a expulsão de lombrigas, tanto em creanças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as creanças salvas com elle.

O Vermifugo Faria, é

diferente dos que existem do mesmo genero e duma effizacia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode affirmar que os não tem.

O Vermifugo Faria limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quaes forem, destroe as fermentações putridas e anormaes, cura as infecções intestinaes e as dysenterias infecciosas, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O Vermifugo Faria não tem deposito no fundo do frasco e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasco em agua quente. Preço do frasco em todo o reino, incluindo o selo, 250 réis. 12 frascos, incluindo o selo, 2\$280 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C.^a, Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C.^a, Rua Ferreira Borges s.

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanellas d'algodão, metro	60
Ditas, cor lisa, muito largas, metro	120
Córtés de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	51
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2, 500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

É um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuímos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque dep'is arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato.

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

DE

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14 Coimbra

Esta casa conhecida em todo o país, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56 COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasóes e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de cor e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e a

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA

A crise... do regimen

Qual virá a ser a solução da crise que o governo atravessa neste momento?

Em vão o procuramos descobrir por entre os contraditórios boatos que para ahí circulam e que, ora nos dam como certa a queda do gabinete Campos Henriques, ora nos apanham como já assente e assignada a dissolução das camaras dos deputados.

Um e outro facto sam-nos absolutamente indiferentes a nós republicanos, porque quer dum quer do outro esperamos colher os melhores resultados para a grande obra de regeneração nacional em que andamos empenhados.

A queda do governo, provocada pela rejeição do *inquerito* aos actos do senhor Manuel Affonso Espregueira, trará como consequencia immediata e necessaria a aceitação desse *inquerito* por parte do futuro gabinete.

Ficará estabelecido o precedente, e como o sr. Espregueira não é o unico ministro que tem prejudicado e aruinado o paiz com as suas duvidosas operações... financeiras, é de esperar que novas propostas de *inquerito* appareçam e novos escandalos sejam revelados.

A seguir a um escandalo virá outro, como as cerejas, e será já tarde de mais para os occultar aos olhos do povo, abertos de pasmo e colera ante tanta podridão e tanta ignominia.

E o povo então cansado já de perdoar, procurará fazer justiça para que não se repitam tamanhos crimes e o socego e o bem estar voltem de novo a acalentar-lhe os sonhos e as justas ambições.

A monarchia, porem, que tem nesses criminosos os unicos defensores e aliados ha-de procurar por todos os meios impedir essa imprescindivel obra de hygiene publica, e como ultimo recurso lançará mão da violencia, convencida de que pela força conseguirá esmagar a consciencia nacional, como se a tarde de 1 de fevereiro tivesse sido apenas um mau sonho e o sr. D. Carlos estivesse ainda governando a *piolheira*.

A monarchia não exitará em queimar os ultimos cartuchos em deteza do sr. Espregueira e *colegas*, porque defendendo-os defende-se a si propria.

Não o faz por gratidão, porque os Braganças jamais souberam ser gratos, mas porque os liga a cumplicidade criminosa da questão dos *adeantamentos* que a todo o custo se procura fazer esquecer, mas que cada dia aparece mais ameaçadora para o futuro da monarchia portuguesa. A questão mesmo do *inquerito* não é mais do que uma das variantes daquella melindrosissima questão que foi o motivo principal da dictadura franquista e ha-de ser a razão da dictadura que se avizinha.

Querendo desviar-se della os monarchicos não fazem senão provocá-la, ateando elles proprios a fogueira da revolução que os ha-de justicar.

Admitamos, porem, que o senhor Campos Henriques, pelos favores dos reacionarios do Paço, consegue do senhor D. Manuel a dissolução da camara dos deputados.

Nesse caso os acontecimentos precipitam-se e o povo portuguez só tem um caminho digno a seguir. A violencia do golpe de Estado, mais repugnante neste momento por tentar cobrir as indecorosas ladroerias dum ministro, só se pode responder com a insurreição.

Não se pode ficar outra vez para ahí, de braços cruzados, á espera que nos ataquem para depois reagirmos como aconteceu durante a dictadura franquista, expostos a ser esmagados sem dó nem piedade.

Depois do que nos aconteceu temos obrigação de estar preparados para tudo, de modo a não haver surpresas que nos detenham um instante sequer na nossa marcha, e a não termos hesitações que ponham em perigo a nosa causa.

E se o não estivermos teremos praticado um grande crime contra a Patria que deixaremos ir a caminho da morte e da deshonra sem lhe podermos valer, ou sem lhe havermos preparado ao menos um suicidio digno do seu passado glorioso.

O partido republicano tem mais que nenhum outro a obrigação de cumprir o seu dever, pois além do que deve ao seu paiz que reclama urgentemente o seu auxilio, tem tambem o seu passado cheio de dignidade e sacrificios que tem de respeitar e engrandecer.

Saberá cumprir-lo estamos certos.

Carneiro Franco

Factos e Commentarios

Uma Circular

«Os inimigos da monarchia não querem comprehender que haja progresso com ordem e liberdade com lei».

Isto diz uma circular sobre a fundação d'um novo centro monarchico, que para ahí appareceu, assignada por um estudante, o sr. Prospero, e por mais dois cavalheiros.

Ao que parece, os homens teem da republica a mesma idéa que tem a nossa creada — uma casa desarrumada e onde todos mandam.

Para criterio de creada, vá, mas para estudante de Direito, parece-nos pouco.

Em todo o caso louvamos a sua actividade.

Sim senhor, muito activo!

Nunca esperamos...

Hve implume

O sr. Antonio Cabral declarou no parlamento ser uma ave implume que desfere os primeiros vãos.

Que frio que o pobre homem deve sentir por esta primavera borralhada que vae correndo!

Mettam lá no orçamento uma verba para cobertores, que o nosso bom coração não pode ver estas coisas!

E quanto aos primeiros vãos... cautela com os trambulhões.

Elogio incompleto

O Portugal elogiando o novo doutor-sinho Pinto Coelho diz que elle tem diante de si um futuro dos mais brilhantes. E atraz de si um passado dos mais furantes... da greve, é claro, que outra coisa não seria elle capaz de furar. Fica assim completo o elogio.

D. Miguel

Afinal parece que o sr. D. Miguel já não «chega á barra». Quem está damnado é o Padre Matos que já estava a antegosar o prazeresinho de ver a força a trabalhar. Tenha paciencia, que ainda não é d'esta. Mas não perca as esperanças...

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não podemos publicar alguns artigos em nosso poder bem como a carta de Lisboa, do que pedimos desculpa aos nossos estimaveis colaboradores.

Ridendo...

— O sr. Conde não leva o impermeavel?
— Não, que está chovendo muito; molhava-se todo!

MIUDEZAS...

— Amanhã, então?

— Sim... ás tres horas... Espero-o na rua, á esquina...

Até que enfim! A fortaleza rendia-se depois d'um porfiado cerco de tres meses! E que «fortaleza», rapazes! Linda como os amores, requisitada, elegante, com uma reputação impecavel e... casada!

Um adúlteriosinho galante, com o atractivo do risco eminente, o mysterio, a difficuldade das entrevistas...

Mas o terrivel conquistador, o irresistivel Pires, sentia-se seriamente embaraçado!

Onde demonio iria elle, no dia seguinte occultar a sua felicidade? Aquella «sorte» encontrava-o desprevenido, sem «garçoniére», sem «ninho» — o lugar discreto dos doçes encontros entre juramentos e beijos!

Era uma seria «entalção»!

Desistir isso nunca! Seria d'um riaculo atroz, as mulheres são caprichosas e a occasião, uma vez perdida, podia não se repetir!

— O Hotel? — lembrou-lhe.

Mas era o diabo, o hotel! O dono da casa podia não estar pelos ajustes, pôr difficuldades... E além de tudo elle precisava da mais rigorosa descripção, do mais absoluto sigillo... Mas era o unico meio, a unica solução...

— Talvez, tentando, pelo creado... Não ha outro meio... Vamos a ver...

E o Pires subiu a escada do Hotel p'ra fallar ao creado.

— Olha lá, ó Francisco...

A laia de preambulo o irresistivel Pires foi-lhe metendo nas mãos algumas placas e, n'um recanto do corredor, murmurava-lhe ao ouvido o seu segredo...

— Não ha duvida...

— Mas o patrão!...

— Ora essa! Não ha duvida...

— Palavra d'honra?!

— Sim senhor... Não ha duvida...

CELEBRES... DE BORLA



TRES PERGUNTAS

Doutor: falta-me só pr'a vir a ser
Um colonizador,
Tres unicos problemas resolver.
Só tres! Tres só, doutor!

Eu peço, humildemente, ao seu valôr,
E á sua erudição
Que me dê as respostas, por favor,
E int'resse da Nação!

A primeira pergunta ella ahí vae,
— Responda com cuidado! —
Do Gama, o muito illustre e feliz pae,
Era ou não vacinado? —

A segunda: — talvez que não responda,
Ou hesitante fique...
— Quantos macacos ha — conta redonda —
Em Angola e Moçambique?

A terceira, qual é nem adivinha!
— Veja pois se s'engana...
— Quantos cabellos tem a carapinha
Do tio do Gungunhana?

Vê bem a importancia das questões!
E se as resolve agora,
Portugal brilhará entre as Nações
Como brilhou outr'ora!

Dr. Watson.

— Mas... que ninguém saiba, que ninguém suspeite!
— Póde ir descansado... As tres horas... Eu espero... Isto aqui é um poço... Ninguém saberá...

No dia seguinte ao da entrevista, o Pires, radiante foi jantar ao hotel. O Francisco servia á mesa.

— Então Francisco... Ninguém viu entrar...

— Ninguém... — fez o creado, convicto.

— Era uma dos diabos se viesse

a saber-se... Era caso para mortes, enfiendes?

E então o Francisco, com o ar mais natural d'este mundo, sem baixar a voz, na sala do Hotel cheia de gente, affirmou com entôno para socgar a alma inquieta do Pires:

— Póde estar descansado, senhor! Tambem cá vem varias vezes o dr. Porphyrio e a senhora Carvalho e ninguém sabe nada... Isto aqui é um poço!...

O Pires fugiu, espavorido.

D. Fuas

A UNIVERSIDADE

CARTAS A UM AMIGO

Meu caro amigo:

Para provar as asserções da minha ultima carta vou hoje tratar d'um assumpto que não deixa de ser destituído de interesse o qual vem a ser—o processo seguido aqui para o recrutamento do professorado universitario.

Para que a coisa seja mais clara, suponha você que acompanha na sua evolução d'eso do primeiro anno até á cathedra, o escolar que Minerva complacente destinou, d'esse o berço, aos fastidios scientificos de professor da Universidade. Note você que eu ponho propositadamente de parte a melindrosa e rebarbativa dissertação sobre os factores extranhos á capacidade intellectual e aproveitamento científico do nosso *sujet* e a correlativa e enorme influencia que taes factores possuem ter na criação d'um futuro lente.

Por temperamento, por decôr proprio e—porque não confessa-lo?!—pela minha situação d'alumno, ao qual uma excessiva franqueza podia ser tomada á conta de desacato digno das punições que eu já conheço por experiencia propria—essas coisas estão todas fora do meu plano ao escrever estas desprezenciosas e desvaliosas linhas.

Assim a carta d'empenho, os padrinhos, as influencias de toda ordem, as subversivencias que agradam ao mestre, etc.—tudo isso,—deixo á sua perspicacia avaliar até que ponto influem na genese e evolução do cathedratice.

Apenas lhe declaro, como opinião pessoal—que pode ser errada mas é sincera—que, na factura d'um lente, as coisas de que eu não fallo estão para aquellas de que lhe fallo—na vantajosa proporção de... meio por meio. Adiante.

Supponha você um rapaz da provincia—os professores aqui são, creio que na quasi totalidade, provincianos—terminado o seu curso do lyceu, com muito aproveitamento, muita myopia, alguma caspa, e matriculado na Universidade, no 1.º anno. Você, conhece o specimen do estudante do lyceu laureado, esperança da familia, orgulho dos paes e futuro luminar da terra que o viu nascer e mais tarde o ha-de enviar ás Camaras, já doutor a representá-la e defender-lhe os interesses. Qualquer d'esses rapazes é capaz de em Historia, lhe dizer de cór, sem hesitações o nome de todos reis de França, por sua ordem, com a data das batalhas principaes que venceram ou em que foram vencidos! Em Geographia, se V. quizer dizem-lhe todos os rios e regatos da Asia com afluentes e sub afluentes! Em Mathematica—santo Deus!—enchem-lhe emquanto o diabo esfrega um olho, uma pedra dos mais complicados calculos mas,—si de você!—se substituir por quantidades positivas os symbolos com que trabalham porque deixarão cair o giz, de puro assombro!

Sabem latim—o que é d'uma grande vantagem!!—mas em recompensa não fallam uma unica lingua, nem o francez, nem o allemão, nem o inglez—e a sua fallam-n'a e escrevem-n'a sem gosto, sem arte e... sem grammatica.

Fora do ambito estreito do que ouvirem na aula e leram no livro de texto—não sabem mais nada. Não tem interesses literarios—porque a literatura sempre foi por elles considerada e com gostoso applauso da familia, como uma frivolidade que apenas serviria a distrahi-los das obrigações escolares. Quando muito leram em pequenos o Julio Verne e, como maximo deboche permitiram-se em ferias «Os Trez Mosqueteiros» «o Monte Christo» e o Monasticon do patriarcha Herculano. E sendo, assim, em relação ás coisas literarias, são em tudo o mais, perfeitamente semelhantes. Não tem duas ideias, nitidas, proprias, claras, dentro do cerbro pejado de cisco, de serradura de sciencia—petmita-me V. a phrase.

Desenvolvida apenas uma qualidade—*a memoria*—como o *erudito* antigo, de aquelle fallei na minha ultima carta e que era pelo menos viavel, no tempo em que, inda não havia o... Larousse. Este typo é quanto a mim, o do «bom estudante» do lyceu ao fim do curso. Eu,—e commigo o grande numero,—saí d'aquella machina de deformação intellectual por conta do Estado, d'uma *ignorancia encyclopedica* tendo consumido sete annos—sete longos annos!—a fugir que estudava, toda a casta de *chineses* inclusivé *Philosophia e... da boa*, do Boivar, o Alves de Souza da França, que

me provava, á saciedade de «existencia de Deus» «o livre arbitrio» e a «immortalidade da alma!» Pura idade d'ouro da *Metaphysica!* De sciencias naturaes, decorei e esqueci logo, classificações, descrições d'apparehos, formulas a que não ligava a minima ideia—e, a respeito do que deve constituir a base da educação de todo o homem moderno, qualquer que seja o ramo especial d'estudos a que se destine, a respeito de ideias geraes e certas sobre evolução, transformismo, hereditariade, etc... nada absolutamente nada! Felizmente o que não me conseguiram cansar foi a memoria e—louvado seja o Senhor!—não me embotaram a curiosidade de saber, de «procurar saber», pelo menos. Mas a disciplina mental, que me não deram tenbo eu de adquiri-la por mim, e já não posso recuperar o tempo precioso que perdi. A maior parte, porem, sai do lyceu já completamente estragada, sem curiosidades, sem interesses,—n'uma atonia absoluta de todas as facultades mentaes.

O curso é uma especie de «tarimba» que tem de se cumprir durante uns annos, sabendo «cubalar» para passar nos exames. Isto é horrivel, mas é assim!

E é isto, que entra todos os annos na Universidade, para encontrar em grande escala, a mesma coisa que deixou no lyceu e, para ao fim da formatura, sair então *completo* das mãos do Estado que o inutilizou e lhe deu, em todo o sentido, um «canudo»—o das cartas e o da absoluta impossibilidade de vir a ser geralmente na vida mais do que... um *bacharel*, um *pedantocrata*, um *vasio*. Entre esta *leva*, cá vem, o nosso *calouro aproveitado*, o estudante distincto do lyceu, preparadissimo já para ser o «curso» o «martelão», o «grande homem do curso»! Quasi sempre vem recomendado ao interesse do mestre. F...—dizem-se os professores uns aos outros—informou-me que está no 1.º anno um rapaz de merecimento, com um curso do lyceu muito distincto... Vou ver o que elle dá...

E um dia chamam o rapaz. E agora, veja-o:

—Alli vai elle, pela coxia abaixo até á mezinha em frente do qual se senta. E' macilento, tem olheiras d'onanista, espinhas carnaes na cara. A testa fogue-lhe, estreita e recuada, sob o cabello aspero e na sua physionomia não ha um traço vincado, que diga qualquer coisa que exprima ao menos, que elle é novo, tem vinte annos, pode ser o embrião d'alguma coisa de geito». Nadal nadal *Compositinho, arranjadinho* apagado e sóbna, antropomórpho e teio, duma fealdade chãta que nada indica. Começa a fallar. A voz áspera e rude, sem inflexões, como a d'um phonographo rouco. Em cima, o lente escuta, com ar de quem está a ouvir coisas profundas. A «sebenta», as dezasseis indigestas paginas da lição, são repetidas quasi textualmente pelo rapaz e profusamente intercaladas de nomes que lá não vem, de phrases d'escriptores, de titulos de obras, para provar que o alumno estudou «leu por fóra», consultou «expositores». O curso olha-o, estarecido, espindo no rosto do lente «a impressão». Nas bancadas commenta-se baixinho: «ó coisa, parece que o *gajo* sabe d'isto!» E a qualquer tirada mais pomposa, honestos repentes da *colheira*, sublinham pasmados:

—Gaita!...

A certa altura o lente interrompe. Ah! meu caro, o que então se passa é phantastico! Toda aquella tremebunda erudição do rapaz se despeja de chofre, em resposta ás objecções d'encomenda do lente, que por sua vez tambem, se entusiasma, cita, controveverte, rebate as afirmações, falla para «a plateia», finge-se abrazado em puro ardor científico, deante do curso que olha para os dois, «como boi para palacio».

O alumno nunca leu aquelles livros, respigou-os apenas para n'elles colher phrases desconexas e de effeito e *epáter* os condiscipulos.

Não leu porque lhe faltou materialmente o tempo, porque não tem preparação anterior que lh'o permitta. Nenhuma d'aquellas coisas lhe estão no *subconsciente*, não foram assimiladas, não passaram, mediante uma longa e lenta elaboração mental que as corrigisse as criticasse, as analysasse, para o patrimonio intellectual do alumno.

Tudo aquilo é falso, é postiço, é ócco, é deshonesto! O lente sabe-o—mas consente na deshonestidade scientifica,

no ridiculo exhibicionismo e contribue até para o realçar e fazer valer!

Fará isto involuntariamente, por habito, por que já lá vem de traz,—mas fa-lo, ajuda os acrobatismos irrisorios do parlapatão! No fim o archeiro vem abrir a porta, estudantes d'outros cursos atheados pelo barulho, enchem a aula e então—então, meu caro!—é que é ver o berreiro em que nenhum já se entende e estoriar um homem *«nd gnação* ou de risóta! Depois sae se da aula: «foi d'*escacha*», tu entupiste o *gajo*!

—Olha lá, que raio de nome arrevezado é que tu lá disseste? aquillo era troça?!

—E logo «o urso» responde, serio e conspicuo:

—Não... Era *Fodéré*... Pradier-Eodéré... um escriptor celebre...

No fim o rapaz tem uma nota elevadissima, que lhe dá o «accessit» no fim do anno. Depois, está lançado. Vae, pelos cinco annos do curso fora, sendo chamado «as licções d'urso» que d'antemão já sabe quaes são e repe indo a scena do 1.º anno. E' conspicuo, frequenta a *bibliotheca*, visita os srs. professores a pedir livros e opiniões e formase, com uma informação final que lhe permite ir a *actos grandes*. E' a Faculdade que o convida.

Os actos, «grandes» e «pequenos» são a reprodução em ponto maior das scenas das aulas. Ha nos doutoraes rajadas d'indignação contra o candidato que já d'antemão sabe que não tarda que tambem lá esteja a indignar-se por sua vez... O licenciado, o capello, o concurso e... aqui tem você, o estudante da vespera, com mais barba, com mais nomes na cabeça, a representar o mesmo papel na cathedra.

Espirito pedagogico, orientação propria capaz de ser transmittida a quem aprende—quem pensa n'isso? Elle é alli apenas, o julgador, d'interrogatorio disembainhado contra o alumno que não saiba a lição e prompto a inutilisar-lhe com um zero na caderneta um anno de curso ou a fazer com um 18... um futuro collega...

E... continuaremos.

Todo seu

Ramada Curto.

NA BRECHA

III

GOVERNOS E OPPOSIÇÕES

Aberto o parlamento e a torneira da nacional verborrea, estamos em pleno simulacro de nação constitucional.

O governo no seu posto: no seu posto a opposição. Um em florescente regimen de violencia e abafarete; outro na pujança de obstrucionismo e oratoria enfiada.

O insulto, a insinuação, a descompostura, são o pão nosso de cada dia. E, o governo, firme no seu posto, sem a confiança do paiz, mas com a confiança do dono que lhe paga para que o defenda e por sua vez lhe pague tambem, apregoa que governa com a lei, que o estado ainda pode salvar-se, que o emprestimo é uma obra messianica, que as colonias prosperam, e que os 80 p. c. de analfabetos não são coisa de espantar.

Sim. No tempo do sr. D. Manuel 1.º era maior a percentagem e nós descobrimos o caminho maritimo para a India.

No tempo do sr. D. Diniz igualmente, e este monarcha fundou a Universidade...

São assim os argumentos d'elles. Aos ministros chama-se-lhes ladrões, retumbantemente, e elles defendem-se com um sorriso como quem tem a consciencia tranquilla ou a certeza da sua impunidade. Da consciencia d'elles sabemos nós, e da sua impunidade intelizmente tambem.

As opposições monarchicas clamam e vociferam de tal forma que diriamos ter-se transferido para S. Bento a praça da Figueira pollida e vestida de novo.

E esta praça nova não cheira tão mal, mas em compensação indispõe mais o estomago e os nervos.

Ha tamanho consumo de eloquencia que a crise deve estar a rebentar.

Não tardará muito que o deputado Oliveira Mattos se declare esgotado.

E então só haverá um remedio E' a opposição de agora ir á camara vomitar os discursos que o governo d'hoje lhes despejou quando opposição. E' facil a tarefa. Basta apenas alterar os nomes e as datas. A doutrina, os principios, os insultos, são os mesmos... Pois... se o crime é o mesmo...

Quem no estrangeiro ler o relato das sessões parlamentares pensará que em Portugal, cada dia cae um ministerio deante das arremetidas ferozes da opposição.

Bom tempo esse em que um governo cahia honestamente deante d'um artigo ou d'um discurso, corrido de vergonha. Agora não. Ninguem cahe senão quando empurrado por um homem ou por um facto tão grave como o assassinio do Buica e do Costa.

A vergonha e a honra teem agora dois aspectos—a do homem e a do politico. Uma não implica a outra. Segundo as theorias dos nossos estadistas um ladrão pode ser um honrado ministro da fazenda, como um ministro da fazenda ladrão pode ser um honrado mercieiro.

Podera... já se não discutem projectos de lei, nem programmas de partidos. Discute-se um prato de bifés, porque na superior concepção dos nossos homens a vida é um jantar.

Não seria portanto legitimo deixar a mesa na altura do prato do meio ou antes do café. Não. Quando a gente se senta á meza é para jantar bem. O jantar ha-de ir até ao fim, sobretudo quando na casa dos outros.

Ninguem se importa que o dono da casa repare em que o conviva come de mais, e com razão, porque elle se julga no direito de comer á farta, que nem para outra coisa foi convidado; e á sahida pode o dono da casa pedir-lhe um certo dinheiro que pagará com favores, tempo e outros jantares.

O paiz, o thesouro publico (?) o respeito pelo nosso nome lá fora, as nossas colonias tudo isso não vale um pingo do molho dos bifés do jantar.

A lei e a justiça parece que eram do Douro. Emigraram com fome.

A's boccas dos famintos que pedem pão atrá se com a ponta das baionetas para que se callem, porque não ha nada mais desagradavel do que ouvir fallar em comer quando se tem a barriga cheia.

E, aos que sinceramente clamam contra as Pelles vermelhas que assolam o paiz, aos que dizem *Verdades cruas* fazem *Cartas Politicas*, a historia da *Gafanha*, conferencias e comicios, prepara-se-lhes uma hospedagem barata nas fortalezas que se construíram para defender a nossa independencia, de camaradagem com parasitas e policias de má cara.

A constituição é um baralho de cartas incompleto. Só conserva as figuras e n'essas não se toca porque são ellas que ão de jantar.

Ah! Jesué que boa hora para mandar parar o sol... no outro hemisferio.

A. F.

NA SALA DOS CAPELLOS

Domingo passado realison-se na Universidade, com a pompa do ritual, a consagração official dos meritos academicos dos srs. Pinto Coelho e Luiz Gonçalves, doutores em Direito.

Noticiando este acto, cumprimos meramente o dever de assinalar nessas columnas um acontecimento da vida coimbrana. Nem vale o espaço de duas linhas de composição a descrição minuciosa da festa universitaria, a cujo brilho o sr. Silva Gayo, a charamella do Paes, e o demais pessoal menor dedicaram todo o seu cuidado, pelo que lhe endereçamos os nossos cumprimentos. De resto, o programa toda a gente o conhece. Pois heuve tudo, desde o sorriso das senhoras (a quem desta vez não foi dirigida a galante saudação da praxe) aos discursos laudatorios e aos abraços dos lentes.

Só o bom-tempo que costuma comparecer em toda a festa de espavento (ou, pelo menos, na rethorica dos noticiaristas) não se fez representar. Foi um dia de chuva, quasi tam insupportavel como o longo discurso que o decano da Faculdade impingiu aos candidatos, e que só elles ouviram, visto como estavam a seus pés, ajoelhados numa fôfa almofada...

Isto posto, e agora que o sr. Luiz Gonçalves já dormiu o somno profundo dos triumphadores, registemos o que foi esse acto de conclusões magnas que durante dois dias da semana passada encheu de estudantes e futricas a sala dos Capellos.

Esse acto foi positivamente, e no consenso unanime dos que a elle assistiram, um desastre. E em contraste com o do sr. Pinto Coelho, a que já aqui se fez os devidos reparos, vincou no auditorio uma desoladora impressão de vacuidade e collocoo o sr. Gonçalves—não ha negalo—numa situação mais que subalterna.

Será o facto devido á decidida protecção da Faculdade com que o sr. Pinto Coelho contava, tam clara, tam franca, que até certas palavras mais duras iam envolvidas em papel de seda, como rebuçados, a lembrar ao candidato que podia estar descaçado, que ninguem lhe tirava os seus «dezoito»?

E' possivel, mas não importa averiguar-lo.

O que é certo é que só por abuso... de liberdade poetica—se póde chamar ao acto do sr. Gonçalves—defesa de theses.

Não o dizemos por antipathia pessoal que nos mereça especialmente o sr. Gonçalves. De tudo algum. Até á greve de 1907 os srs. Pinto Coelho e Luiz Gonçalves luctaram sempre, dentro do seu curso, desavindos por rivalidades de ursos. A greve veio,—e aproximou-os.

Alguns estudantes revolucionarios do Coimbra perigaram nessa aventura em que toda a academia collaborou. Os srs. Pinto Coelho e Gonçalves abandonáramos na hora em que o seu silencio podia ser a perda dum anno de luctas, dado que não se decidiram a romper na manhan de oito d'abril, Porta-Ferreira dentro, como o seu condiscipulo Armenio Girão. Não podemos tributar a um mais sympathia do que ao outro.

Mas, que diabo! O sr. Pinto Coelho durante a formatura, todos sabiam, trabalhava, e trabalhava com afan, com vontade. Via-o a gente sempre a caminho da sua casa, das aulas, da Bibliotheca, e um facto o impunha á consideração dos que apreciam os trabalhadores tenazes. E' que, filiado na extrema direita reaccionaria, miguelista em politica, clerical em religião, andava sempre arreio de *coteries*, fugido á trica politica ou religiosa. A gente tinha assim a convicção de que, dentro da sua orientação, que não vem para o caso discutir, ia era a dia ganhando o diploma que—era certo!—a oito de dezembro de cada anno, sob o patronato de N. S. da Conceição e em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, o reitor pontualmente lhe entregava.

Do sr. Gonçalves não se notava propriamente o trabalho. Quando por ahí, nas conversas, vinha a pêlo fallar nelle, não era bem o seu trabalho que sobressaia, era— a sua fama. Vinha da India, junto a palmares, e á beira de azulados mares orientaes, exercera a advocacia,

e era justamente a na qualidade de advogado provisionário, homem de libellos e casos julgados, que o ligava ao seculo e lhe tirava em certo modo a vaga cathogoria de personagem epico, vagamente aparentado com navegadores.

A sua fama cresceu. E o que a sobre-dourou foi certo sorriso desdenhoso e superior, — a que os lentes não foram insensíveis — e que pelas alturas do seu terceiro anno se lhe cavou mais, tornando-o autenticamente depreciativo do que ao seu redor se passava. Esse sorriso e a pose vagarosa e lenta com que elle seguia por essas ruas foram, talvez, o seu triumpho. Mas impuzeram-lhe pesadas responsabilidades.

Como se saiu o sr. Gonçalves do encargo? Victoriosamente? Todos quantos entraram na Sala dos Capellos o puderam verificar. Da eloquencia, da intelligencia, da vivacidade, até mesmo da celebrada erudição, o sr. Gonçalves, dir-se-ia por modestia, se recusou a dar uma irrefutavel prova instantanea, scintillante, que em todos os espiritos ficasse, para amostra de seus meritos.

Absolutamente nada. Desde a dissertação escripta, que versava um problema de direito privado, o seu forte, em que o verdadeiramente o candidato não argumentou mas só o lente monologou, numa longa catilinaria, até a ultima these — dir-lo colonial, em que se sussurava sua cathogoria de *chavão*, capaz de Preleccionar ao professor, — o sr. Gonçalves limitou-se a articular meia duzia de phrases, sem recheio e sem trilha, que seriam o insucesso dum *município afundado*, tirado á sorte do saco do bedel.

E facto curioso notado por muita gente que leu as theses affixadas na *vila-latina* — o sr. Gonçalves teve o cuidado de enfeixar com outras já mais ou menos conhecidas certas theses, das chamadas avançadas, provavelmente por haver outras excessivamente retrogradadas. Pensou de si para si que a Faculdade não lhes tocara para que ninguém podesse *supplicar* que a Universidade combatia affirmações avançadas. Enganou-se. Lastimavel imprevidencia! Ella explica porque tam fracamente foram defendidos o direito á revolução (aliás em contradição com a these que preconisa a extradição dos criminosos politicos) e a reorganização do regimen familiar, questões juridicas que ha já alguns annos andam para ahí tratadas em jornaes diarios noticiosos.

Virá agora a proposito perguntar porque foi que a Faculdade de Direitos corou com 17 — desasete — valores o estenderete do candidato, que tantas censuras ora asperas, ora facetas, lhe mereceu.

Evidentemente, a hypothese da *cunha*, instituição nacional com honras de cidade em Portugal e seus dominios, e em Coimbra com honras principescas, tem de ser posta de lado, visto como ha já alguns lentes para quem ella não pega, e para os *tradicionalistas* se tornava já hoje escusada a sua applicação. Nem assim se explicaria a attitude dos lentes que no primeiro dia caíram a fundo sobre o candidato e saíram da Universidade com cara de caso.

O que se conclue, portanto, é que do primeiro para o segundo dia o bom senso de meia duzia verificou que seria um desastre para a Faculdade de Direito, já não diremos reprovar o sr. Gonçalves longe disso! — mas baixar-lhe uns tantos valores na classificação.

Quer dizer: a Faculdade de Direito para se livrar das observações impertinentes que seria licito formular sobre aquelles tantos *accessits* e premios com que presenteou o sr. Gonçalves, transigiu com a mediocridade das suas provas finaes de doutoramento.

Quer dizer: a Faculdade de Direito dá ao sr. Gonçalves o direito de ir ao concurso para lente e o direito de ser aprovado.

Quer dizer: a Faculdade de Direito sacode a agua do capote; o sr. Gonçalves que se arranje como puder quando lhe apparecerem na aula rapazes esportos que estam a acabar os preparatorios por esses lycées fora, e os de boas intenções, que tudo esperam do saber do lente, podem confiadamente entregar-se á sua sabia direcção, que nem por isso periga a sua formação intellectual, a sua educação juridica.

Estará o sr. Gonçalves disposto a receber o favor da Faculdade?

Veremos, Esperemos os concursos.

Um lente de direito, a certa altura da argumentação, como o candidato teimasse (por monosyllabos) em afirmar que certa these estava bem redigida baixou dos doutores o olhar sobre o

auditorio e, com voz pastosa e solemne, invocon o testemunho do publico para as suas affirmações erroneas.

Aqui fica, portanto, o depoimento da *Revolta* sobre o que foi o acto de doutoramento do sr. Luiz Gonçalves, e fa-lo com perfeita e serena imparcialidade.

J. O.

Cooperativa de Pão

O bem progride sobre a terra, ainda que isso these aos pessimistas que, na morbidez da sua degenerescencia, se não na hipocrisia dos seus feticios terrores, propalam imbecil e cegamente que só o mal vencerá.

A solidariedade humana na sua infancia embóra, é bem evidente sob multiplices aspectos. Ainda não vae distante o caso da Calabria em que a infeliz terra d'Italia encontrou em todo o mundo a maxima generosidade, accorrendo todos e de todos os continentes á compita a endecar-lhe palavras de sympathia e, o que muito era, enviando-lhe quantias, ás vezes avultadas para obviar aos prejuizos materiaes.

Antigamente á guerra entre os povos era a regra; hoje a guerra é a excepção e as relações de confraternização são a regra, são o facto de todos os dias.

As cooperativas, começando, em geral, por um unico aspecto da questão social, e muita vés um pequeno capítulo, como succede com esta cooperativa que, por óra está limitada ao pão, são as pequeninas escolas onde pelo actualmente mais visível movel — o interesse a humanidade se vae preparando para solidarizar um futuro mais ou menos proximo, mas que ha de vir, com certeza.

No domingo passado lá fui até á sede da cooperativa de pão — «A Conimbriçense» para assistir á inauguração solemne do seu edificio. Não perdi o meu tempo: posso, pelo que presencié, congratular-me com esta cidade pela obra social que ali está realisando.

Naquelle dia tomavam posse dos cargos para que haviam sido eleitos, os novos corpos sociaes.

Desde pela manhã que a Direcção cessante e os empregados incançavelmente, mas sem prejuizo dos deveres profissionais, andavam azafamados engalmando o edificio e distribuindo pão e bró aos necessitados que em muitas centenas ali accorreram.

Ao meio dia, perante uma assistencia numerosa, apesar do dia aborrecidamente chuvoso, era aberta a sessão pelo digno presidente da assembleia geral, o nosso amigo Dr. Fernando Costa, alma diamantina, que toda a cidade conhece e reconhece, como o acaba de provar no tranze afflictivo porque passou o seu coração delicado de pae amantissimo.

Num improviso eloquente e suggestivo, como sempre é a sua fluente palatrara, o nosso amigo historiou sucintamente a vida daquella cooperativa, poz em relevo as suas vantagens, sublinhou os progressos incessantes, patenteou, com a clareza que tão peculiar lhe é, quanto o cooperativismo influe beneficemente na educação social; poz em destaque os homens que a lançaram base e os que trouxeram até este triumpho a cooperativa de pão, tomando d'ahi argumento para demonstrar quanto pode valer o esforço, pequeno embóra, dum homem logo que somado com o esforço dedicado de outros homens.

Tomada a posse pelos novos corpos sociaes seguiu-se um delicado *copo d'agua* gentilmente offertido pela direcção cessante aos novos eleitos e á Imprensa.

Entre vários e calorosos brindes aos progressos da cooperativa e áquelles que por ella tem trabalhado destacámos os evantados ao nosso amigo Dr. Fernandes Costa pela imparcialidade, convicção e disciplina que sempre soube imprimir ás assembleias, ainda ás mais apaixonadas; ao nosso correligionario João Simões Favas, presidente da Direcção cessante pela suas qualidades exceptionaes de administrador, pela sua comprovada tenacidade com que sempre trabalhou, pustergando os proprios interesses, quantas vezes, para se dedicar á obra, cuja vigilancia os seus consócios lhe haviam confiado; ao secretario da assembleia geral pela escrupulosa imparcialidade com que sempre redigiu as actas, pôsto que longas, durante o seu secretariado, pela impercavel precisão com que sempre compareceu nas sessões com tudo o que delle dependia, elaborado e pronto.

Pelo secretario da assembleia geral foi levantado um brinde á Imprensa a quem elle agradezia ali, em nome da cooperativa, o auxilio que sempre n'ella encontrou para tudo o que á cooperativa importava.

Enquanto isto se passava um grande grupo de creanças maltrapilhos que tinham accorrido á cooperativa receber pão, enquanto devoravam com avidéz este, fixavam os olhares sobre cousa diversa.

Depressa foram notadas pela alma sensivel do nosso amigo Dr. Fernandes Costa que pediu á Direcção que distribuisse alguns bolos pelas pobres creancinhas. Insignificante acto este aos olhos superficials mas que dá a immediata comprehensão do quilate d'aquelle alma de eleição.

Tambem, mal significava o seu desejo logo varios membros da Direcção tomavam salvas que enchiam de bolos e distribuiam profusamente pelas creancinhas extasiadas.

Na sua simplicidade foi um acto de uma belleza adoravelmente tocante.

Preparada uma larga meza onde ia ser servido aos empregados da panificação e venda um lauto jantar offertido pela cooperativa, tomaram logar n'ella os funcionarios, ouvindo de pé todos as notas repassadas de saude e propulsores de revindicações do Hymno 1º de Maio que uma philarmónica executou a pedido do nosso correligionario Antonio Francisco Mendes A'cantara.

Os membros da Direcção cessante em volta da meza ministravam aos empregados que haviam trabalhado sob o seu consulado todos as iguarias enquanto os demais membros dos corpos sociaes assistiam ao jantar.

Foi esta uma outra nota que divisei nesta festa tão democratica, tão bella, tão cheia de agradável confraternização.

Aos vinhos finos levantou-se um dos empregados, Julio dos Santos que levantou a sua taça brindando pelos que saiam e saudando os que começavam naquelle dia á frente de cooperativa; especializando o sr. Dr. Fernandes Costa, Cassiano Augusto Martins Ribeiro e João Simões Favas, não porque se quer pretendesse deixar no olvido os restantes, mas porque queria sintetizar nestes, como presidentes, todos os corpos sociaes que tão formidavel impulso haviam dado áquella cooperativa. Numa alocução cheia de franqueza e de sinceridade dirigiu-se aos seus companheiros para lhes dizer que no amor e dedicação como haviam visto todos aquelles homens trabalhar sem especie alguma de remuneração a não ser a calumnia manejada uma outra vez contra os que mais trabalhavam, elle e os seus camaradas deveriam encontrar um incentivo a trabalhar na medida de suas forças e competencias em pro' daquella cooperativa; que se lembrassem como ainda naquelle jantar se havia visto, que ali não tinham patrões, mas pessoas que, pelo mandato que lhes estava confiado, tinham o dever e o direito de dirigir e fiscalizar.

O seu brinde foi calorosamente correspondido pelos padeiros que se levantaram em acclamações, subresaindo as acclamações ao Presidente que saia, o nosso correligionario Simões Favas.

O pessoal, findo o jantar, tirou um grupo. Assim terminou a simpatica festa, a que não faço commentarios, porque do seu relato fiel, pôsto que sucinto, se apprehende quanto foi o seu valor.

Reporter

Annel de Nibelung

Para a intelligencia do poema de Wagner

A partir deste momento, o deus renuncia a acção; erra como viajante pelo mundo fóra, que exanima, numa superior contemplação, e vê realizar-se o que deseja. Na floresta do leste, onde fica a caverna do gigante Fafner, Siegfried cresce, Siegfried, que Sieglinde ao morrer deu á luz: é seu astucioso educador o Nibelung Mime, que quer, educando Siegfried, educar o matador de Fafner e o conquistador do Annel. Mas Siegfried odeia o repellente anão: educa-se a si mesmo, sósinho na livre floresta. Logo que a creança sabe que a espada cujos pedaços Mime não consegue soldar lhe pertence, executa ella mesma esse trabalho, e pede para matar o dragão com «Nothung», a sua nova arma. Mime prepara uma bebida envenenada para o vencedor, para que elle morra logo após a sua victoria sobre o dragão. — Siegfried realiza este grande feito, mas não comprehende o valor da presa. Ora, como lhe espirrou para os labios algum sangue do dragão, isso faz que elle fique a comprehender o que as aves cantam. A conselho dellas, apodera-se do Annel e do Tarnhelm, e mata o traidor Mime. Agora,

é elle livre senhor do thesouro; mas o filho da floresta importa se pouco com o Ouro deslumbrante. Na tetrica solidão dos bosques, apodera-se delle o desejo sagrado do amor que elle ainda não conhece, e, cheio de alegria, segue a avessinha em direcção ao rochedo de Brünhilde. Wotan ainda uma vez embarga o caminho ao neto embriagado de victoria. O que o deus deseja, o que elle quer, deve o heroe conquistá-lo pelo combate, pela desgraça e pela sua propria força. A espada, quebrada outrora pela lança divina, quebra-a agora por sua vez. Siegfried desperta a virgem. O heroe triumpho da ultima resistencia.

Brünhilde lança para longe de si a dor da eterna vergindade perdida, o receio sagrado do homem a quem deve pertencer: o amor celebra a sua mais brilhante victoria. — Assim termina o segundo dia, «Siegfried»

Mas o fim, a redenção do mundo amaldiçoado, ainda não se attingiu: Alberich existe ainda; vive e espreita, e o mesmo acontece a Hagen, seu filho, que Wotan, desesperado, elegeu para herdeiro do mundo. O Ouro ainda não repousa nas ondas do Rheno. Siegfried possui ainda o Annel; é o drama do «Crepusculo dos Deuses». — Em busca de novas aventuras, o heroe separa-se de Brünhilde, deixando-lhe o Annel. Como poderia ella, completamente transformada em mulher amante, entregar ao Rheno essa cara recordação d'amor, mesmo para salvar o mundo e os deuses? E tambem ella, na sua felicidade mentirosa, no seu orgulho d'amor, agora fica sujeita á maldição.

— Entretanto chega Siegfried á corte de Gibich, onde já o espera Hagen, filho de Alberich e irmão uterino do rei Gunther. Hagen, com a sua perfidia de Nibelung, faz cair Siegfried: Gutrunne, irmã de Gunther, oferece a Siegfried a bebida mágica: esquece o que lhe era caro e sagrado, e apenas deseja Gutrunne, nova visão da graça terrestre. Para a ter, promete elle tomar a figura de Gunther por meio do Tarnhelm, e conquistar Brünhilde para Gunther, que a deseja. Com o Tarnhelm na cabeça, domina-a, e arranca-lhe o Annel. — Desesperada por ser assim enganada, Brünhilde accusa-o abertamente de traição: não foi Gunther quem a conquistou, porque elle não possui o Annel; foi Siegfried que foi seu esposo! Assim Gunther vê se ao mesmo tempo desmascarado e obrigado a accusar Siegfried de o ter ultrajado. Brünhilde, Gunther e Hagen, juram a morte do heroe. E' na caça que Siegfried deve morrer. — As Filhas do Rheno advertem-no no ultimo momento da maldição que pésa sobre o Annel, e pedem-lho. Mas o heroe sem medo despreza as suas ameaças e marcha assim, voluntariamente, para uma morte que era ainda evitavel. A lança de Hagen fere-o, quando, ao descançarem da caçada, elle contava aos companheiros a sua vida, e fóra da acção da fatal bebida, descobria a sua união com Brünhilde, num despertar de todas as recordações. O heroe morre, exhalando um ultimo pensamento d'amor para Brünhilde; os corvos voam para Wotan a annuciar-lhe o fim. Quando Hagen quer apoderar-se do Annel, Gunther disputa-lho: Hagen entam mata-o; mas Brünhilde, a quem as Filhas do Rheno contaram tudo, e que agora percebe claramente a verdade e o erro, a falta e a expiação, tira o Annel d'ouro do dedo do heroe morto, enquanto os creados fazem uma fogueira funebre para ella e para o seu verdadeiro esposo. Lança o Annel ao Rheno, para expiação e redenção eterna. Depois lança-se nas chamas, montada no seu cavallo Grane. As Filhas do Rheno approximam-se nadando, as vagas inundam a margem, submergem a fogueira. Hagen espantado precipita-se para o rio, e enlaçada pelos braços morticidas das Nixes, o filho do Niblung é arrastado para o abysmo. O Ouro é restituído á sua primitiva habitação, o fogo consome os Deuses libertados; ao longe apparece vagamente, numa flammante vermelhidão d'aurora boreal, o fim dos Deuses, o fim do velho mundo. Mas o Amor que fóra outrora amaldiçoado pela conquista do Ouro, symbolo da sensualidade funesta, o Amor que, captivo no desgraçado mundo da inveja e do odio supportava as consequências trágicas desta maldição, no meio da falta e da expiação, esse Amor, depois que o Ouro symbolico foi engulido pelo innocente elemento original da natureza, sobe para o ceu como o sol dum universo novo, puro fructo espiritual de toda a luta trágica, liberto e santificado.

Esta tragedia é o conflicto do elemento ideal e do elemento sensual, taes como se reunem, funestamente, como duas almas, no peito do homem (Goethe). Pode representar-se mythicamente o es-

tado primitivo como uma unidade e egualdade absolutas, uma especie de imperio (tambem ideal) da *Natureza* innocente ou de ideias eternamente puras (as aguas primitivas ou o ceu dos Deuses); mas é preciso sempre que um desejo, uma vontade de viver, desperte nelle (isto é, lhe seja immanente); como tal, esta vontade de viver não pode existir senão pela contradicção, e traz assim, por si e para si, o fracionamento, a dispersão do ser primitivo no jogo enganador da individualização (Alberich, Loge). Ora, no individuo estes dois elementos existem: porque os individuos encontram-se na luta pela vida no estado de seres isolados, compostos de vontade e de intelligencia (os Deuses, os Albes, os Gigantes). As forças mais poderosas que animam taes compostos são ainda contrastes de principios: o Amor e o Egoismo (symbolizados por Freia e pelo Ouro). O Amor é, na sua essencia, ideal, e por isso mesmo chamado a redenção; o Egoismo, pelo contrario, é sensual e é por isso que é a verdadeira maldição do mundo. Mas o Amor sofre pelos sentidos, meios que emprega, na sua illusão, para chegar a uma realisação terrestre da sua essencia ideal; o Egoismo, inversamente, serve-se do espirito para realisar o seu desejo sensual; e assim se combatem já os dois principios da acção humana. Como Alberich amaldiçoou o Amor para ganhar o Annel, symbolo do seu desejo egoista para o poder de que os sentidos gosam, assim Brünhilde, a mais nobre encarnação do amor humano deve renunciar ao Annel para livrar o Amor da maldição do Egoismo, quer dizer, da sensualidade que nelle ha. Nella, a *que ama mas que possui o Annel*, esta ultima e supremamente representada a união terrivel que liga estes dois elementos. Por causa desta posse a illusão de Brünhilde arrasta a perda de Siegfried: e esta renuncia ao goso sensual do Amor, renuncia tragica, constringida, cheia de faltas traz sómente no fim a renuncia voluntaria, expiatoria, verdadeiramente moral, a restitução do Ouro as ondas de Rheno. Esta renuncia significa, ao mesmo tempo que a morte terrestre de Brünhilde, a immortalidade do seu Amor, livre agora de todo o elemento terrestre, na união eterna de Brünhilde com Siegfried, isto é, a sua livre entrada no reino do ideal. E isto não é senão um typo dramatico tomado como exemplo e figurando a redempção do mundo livre ao mesmo tempo da maldição do Egoismo pelo poder renunciador do Amor em geral (o Crepusculo dos Deuses); e assim se reflecte no microcosmos do ser humano, a metaphisica do mundo. Tal é a significação ethica do drama.

ANNUNCIOS

EDITAL

(Copia)

O Doutor Antonio Pereira e Solla, Juiz presidente do Tribunal do commercio de Figueiró dos Vinhos.

Faço saber que no dia 5 de abril proximo por dez horas á porta do Tribunal do commercio da Cidade de Lisboa se hade proceder na venda e arrematação em hasta publica, a direito e acção que a massa fallida de João Alves Bebiano tem ás cinco sextas parte dos mobiliarios e immobiliarios da Fabrica de Escoubaes, em Castanheira de Pera, comarca de Figueiró dos Vinhos, que será posta em praça pela quantia de trinta contos de reis, sendo pelo presente citados quaesquer credores incertos que se julgeum com direito á dita fabrica para o declararem dentro do prazo da lei. E para constar se passe o presente que será affixado á porta do predio. Figueiró dos Vinhos, — vinte e tres de março de mil novecentos e nove. Elycio Nunes de Carvalho com o Juiz Presidente — Antonio Pereira e Solla.

Fausto de Quadros

ADVOGADO

Rua da Sophia — 57, 1º.

COIMBRA

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietario fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em deposito, só vendo se acredita.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no Sanatorio de Manteigas, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

- Doces de ovos com os mais finos recheios.
- Doces de fructa de diversas qualidades, séccos e crystalizados.
- Fabricam se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
- Variada pastellaria em todos os generos, especializando os de jolhado.
- Galantines diversas. Tête d'Achar. Paté de Liever e Foie.
- Saneisses Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
- Pão de ló, pelo systema de Margaride.
- Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

E' o remedio mais effizaz para a expulsão de lombrigas, tanto em creanças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as creanças salvas com elle.

O Vermifugo Faria, é differente dos que existem do mesmo genero e duma effizacia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode affirmar que os não tem.

O Vermifugo Faria limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quaes forem, destroe as fermentações putridas e anormaes, cura as infeções intestinaes e as dysenterias infecciosas, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O Vermifugo Faria não tem deposito no fundo do frasco e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasco em agua quente. Preço do frasco em todo o reino, incluindo o sello, 250 réis. 12 frascos, incluindo o sello, 2\$280 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C.ª, Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C.ª, Rua Ferreira Borges s.

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossas fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quizer comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para mesa, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanellas d'algodão, metro	60
Ditas, côr lisa, muito largas, metro.	120
Côrtes de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	51
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	50
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor 2. 500, a	1\$200
Colbertos grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapens

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc. **Brindes!** — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciamos artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

NÃO confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque dep. is arrependem-se, e só nós vendemos bom e barato

Fatos promptos a vestir desde 4500

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz tellão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14 Coimbra

Esta casa conhecida em todo o pais, tem sempre calçado feito da melhor pelaria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas.

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODO

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 58 COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guarda-sóis e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo. Sortido completo em pomadas de côr e cremes para a conservação de calçado. Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

o Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e e

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA



Pela Patria
e
pela Republica

A REVOLTA

Director e proprietario
Ramada Curto

Redação e administração
PATEO DA INQUISIÇÃO 6
Officinas de composição e impressão
Largo da feira, 29, a 37.

Jornal Republicano Academico

N.º 20

COIMBRA — Quarta feira, 31 de Março de 1909

ANNO 1.º

O FÓRO ACADEMICO

Cinco estudantes processados! — A repetição da scena de ha dois annos — Mais alguma violencia?!...

A Universidade é impenitente, não tem emenda possível! A esta hora estão processados academicamente cinco camaradas nossos, sob o irrisorio pretexto de «se terem salientado no barulho da sala dos Capellos e á Porta Ferrea, por occasião da solemnidade dos doutoramentos do dia 21 do corrente». E sempre a mesma coisa! Hoje como hontem a Universidade que não sabe impor-se ao respeito dos que a frequentam, a Universidade dogmatica, fradesca, mais do que mediocre, a Universidade que é, sem duvida, um dos maiores e dos mais perigosos cancos nacionaes, a Universidade sente-se desprestigiada e procura vingar-se «às cegas» escolhendo as suas victimas, dentre a massa anónima o capricho do seu odio e da sua furia dementada. Todos os estudantes que a frequentam as suas velharias, troçam da sua sciencia holorenta e sórna, dos seus capellos, dos seus archeiros, do seu ritualismo cuja pompa recorda a das operetas de feira — e são dois, tres e meia duzia, os responsaveis!

Victimas expiatorias, nesta nova Inquisição, não sabem de que os accusam, nem quaes os esplôes que os indicam ás iras do tribunal que os julga!

Não podem, portanto, defender-se e quando a revoltante iniquidade duma pena cae sobre elles, têm apenas que «fazer a trouxa» e sair de Coimbra em 24 horas, com a carreira — quantas vezes! — absolutamente cortada. No dia 21, a pecegada do cerimonial provocou a costumada troça, a franca e irresistivel gargalhada de que tudo aquillo é merecedor!

Tudo riu, tudo troçou!

Os «responsaveis» são para a Universidade apenas cinco!

Veremos o que daqui estará para sair!

Mal auguramos da repetição da scena de ha dois annos! O tempo não vae para provocações e é preciso que esta situação insustentavel acabe para honra de todos no estabelecimento que pomposamente se rotula de «primeiro estabelecimento scientifico do paiz»!

E até ver...

A situação

A proposito do inquerito aos ultimos actos do ministro da fazenda surgiu contra a monarchia mais uma questão de moralidade.

Como não bastavam os adeantamentos, roubos já de ha tempo denunciados ao paiz e ainda hoje por liquidar, o sr. Espregueira contrae um emprestimo com varios agiotas deixando-lhes a todos as mãos untadas do melhor de mil e tantos contos. Foi este o pretexto para o inquerito exigido pelas opposições.

E' claro que aqueles que ainda ontem apoiavam todas as manigancias do ministro não passaram a mereceros consideração com a attitude que tomaram. Esta moralidade, esta honestidade de *põe e deixa*, não é recommendação que honre caracteres.

Mas nós que ontem os combatemos por todos os seus erros e os desprezamos por todas as suas infamias temos o direito de, sem nos confundirmos, achar e dar razão á minoria obstrucionista que n'este momento desempenha um alto papel de moralisação e de valor.

Os tumultos dos ultimos dias na camara dos deputados e a declaração de incompatibilidade feita pelo sr. Vilhena em nome do *bloco*, indicam bem ao governo, que os

seus dias dentro do parlamento e da constituição estão contados. Podem ser dissolvidas as camaras e ficar o governo, que nem por isso ganhará muito a monarchia. A confiança da corôa está já hoje na razão inversa da do paiz e a dissolução dada como manto para cobrir os hombros *d'apache* do sr. Espregueira e dos seus consocios havia de ser recebida por entre os ultimos preparativos d'insurreição.

Cae o governo, fica o parlamento? Não ganha nada a monarchia com a alternativa. O gabinete d'amanhã tinha que proceder criminalmente contra todos os *reus de burla* confessados e por confessar e o regimen sem gente nova, que o salve, veria sumirem-se nas cadeias e nos presídios um grande numero dos seus mais persistentes defensores.

A situação é, pois, esta: ou a ditadura de cruz e de espada tendo contra si os elementos liberaes que ainda restarem, ou a queda irremediavel de varios amigos da monarchia insubstituiveis talvez nas suas funções de paternaes adeantadores.

Em qualquer dos casos ganhou o paiz, a verdade e a justiça.

A attitude dos deputados republicanos não poderia ter sido mais cheia de tino politico, correção e até delicadeza. Tendo votado o inquerito abstiveram-se, até aqui, de

intervir na tumultuosa liquidação dos partidos e dos homens, deixando aos adversarios a sumaria e simplissima tarefa de se aniquilarem politica e mesmo moralmente.

Não tendo podido no parlamento manifestar ao partido que os elegeu e ao povo que representam tudo quando necessario era dizer-se no actual momento, dois delles e em nome de todos os outros seus collegas vieram até ao estrado das conferencias populares lavar o seu protesto e aclarar ainda alguns pontos que permaneciam escuros e por explicar.

Para o partido republicano o incidente politico ficou assim liquidado.

Agora a acção tem de ser toda revolucionaria, extra-parlamentar e extra-legal, como nos saudosos dias de janeiro contra a dictadura do rei Carlos e do seu *homme de caractère*.

Não somos nós dos «impacientes», mas ou «isto que ahi está» é rapidamente removido e atirado ao monturo, ou então decididamente andamos todos a jogar uma entrada nas barbas do paiz que pouco nos importa salvar, perdendo tempo com o «amanhã» constante dos nossos revolucionarios...

Não é assim. Não pôde ser, nem será!

O povo tomou já sobre si o pezado encargo de se libertar «elle, por si», e é ainda e sempre no povo

NA ENCRUZILHADA



que estão as esperanças e a certeza de que alguma coisa se vae passar rapidamente, tão depressa que nos fica o receio de sermos colhidos de surpresa.

A situação é clara.

A politica passou ao segundo plano e vai aparecer — o Povo portuguez.

E ainda bem.

F. J.

NA BRECHA

IV

OS TEMPOS MUDAM

Ha cincoenta annos ainda não era facil ser-se republicano. Hoje, cincoenta annos volvidos, é facilimo ser-se anarchista.

São os tempos que mudam e com elles principios e doutrinas.

Ha cincoenta annos um republicano era excomulgado, apodado de hereje e pedreiro-livre como designação inflamante. Ao vêr um republicano, as beatas que edificavam capellas e pagavam procissões benziam-se aterradas, murmurando, unctuosamente.

— Credo! Cruzes! Tarrenego...

Os chefes de familia, aconselhando os filhos, prohibiam-lhes as más companhias e as camaradagens com elles, com os atheus, almas perdidas, instrumentos do diabo.

Mas, cincoenta annos se passaram e os tempos mudaram.

Hoje, ha republicanos, socialistas e anarchistas, á luz do sol, com associações e centros, fazendo propaganda na imprensa e na praça publica, como se n'estes cincoenta annos se tivesse modificado a face da terra, e os homens tivessem esquecido todo o passado que a historia rememora.

O espirito moderno libertou-se de preconceitos moraes e religiosos.

A moral d'hoje é tão differente da moral d'ontem que quasi lhe é opposta.

A civilização avança intemerata.

O progresso scientifico é audaciosamente acompanhado pelo progresso social.

Deus recolheu-se quasi ao interior dos templos. Quem o quer e quem o ama vae lá adoral-o.

Ha cincoenta annos era elle que ia a toda a parte impôr a adoração da sua divindade.

A França deu de mão á Igreja, prescindiu d'ella como d'uma coisa usada. Todavia, quem a quer e quem a ama pôde servir-se d'ella. A tolerancia religiosa deixa livre a passagem áquelles que vão a caminho do céo. Talvez Deus por sua parte, é que os não receba a todos, porque elle, conservador supremo, muito ha de estranhar que tamanhas modificações tenha soffrido a doutrina cuja implantação lhe custou o sangue e a vida.

São os tempos que mudam, dir-lhe-hão, e os homens que mudam com o tempo.

Isto é fatal. Não ha que discutir, porque não ha que discordar. A historia que o diga. As ideias avancam com mais ou menos lueta, conforme as resistencias que encontram. As grandes doutrinas victimam quasi sempre os seus maiores apóstolos. Assim, Christo e Copernico, Savonarola e Prometheu.

Mas que importa o combatente que cae na liça se a doutrina se expande e fructifica fatalmente, se a ideia é grande generosa e redemptora.

As resistencias que o passado oppõe pôdem impedir em parte a marcha gloriosa do caminho do futuro. Mas os tempos mudam, as doutrinas caducam e triumpham sempre aquillo que vem de novo com seiva e força para vencer. A seiva da justiça, a força da razão.

Isto é fatal.

O passado cheirando a agua benta e incenso, bronzado e de canhões de renda faz o que tinha a fazer. Resistir. E o presente deixa-o agonisar enquanto pôde, mas vibra-lhe por fim o derradeiro golpe. Acaba-lhe mais rapidamente e misericordiosamente a tortura do esteror e serve a hygiene porque ha corpos que ainda com vida se decompõem e cheiram mal.

E, não ha que discutir. São os tempos... Os tempos que mudam...

Pôde o passado resistir que a sua resistencia será como a do moribundo que resiste mais por desabafo do que com esperança de salvação. Pois se a morte é fatal...

O mesmo mal que hoje fulmina a velha monarchia constitucional derrubou já a sua antecessora monarchia absoluta, e o mesmo mal atacará um dia a republica que nasce.

Pois se os tempos mudam... e com os tempos os homens mudam também...

Ahl a historia que não se calla!

A. F.

COISAS & COISOS

Um caso typico

O sr. Campos Henriques por uma solicitude official de presidente de conselho, mandou que o secretario da sua pasta fosse a Espinho e verificasse os estragos feitos pelo mar.

Partiu o secretario. Na gare de Lisboa teve uma despedida affectuosa dos correlegionarios.

Installou-se no seu wagon-lit, recomendando ao *controlleur* que nas alturas da Pampilhosa lhe mandasse servir um chocolate. Era a primeira vez que o secretario sahia em missões official. La brilhante com a sua *pélisse* de mil francos e as suas mallas de coiro inglez. E enquanto o *controlleur* lhe preparava a cama, elle passava aristocraticamente pelos olhos os jornaes da noite, que noticiavam a sua partida para Espinho em termos lisongeiros. Como era invejavel a sua posição! O que diriam as Souzas, as Almeidas, em sabendo d'isto!

Pelas alturas de Villa Franca, o secretario empallideceu e teve um calafrio. Encontrára n'um jornal da noite, um telegramma sinistro e pavoroso que o abalára. — *Espinho. O povo exaltadissimo pede immediatas providencias ao governo.* E d'um salto correu ao W. C. sem tirar os olhos da noticia. O coração batia-lhe apressadamente e no cerebro desenhavam-se-lhe duas ondas formidaveis — uma de mar a engulir Espinho, e outra de povo a engulir-o a elle.

Que horror! que angustia, a d'aquelle pobre secretario com a sua *pélisse* de mil francos sentado no W. C.!

No Entroncamento levantou-se, e trémulo, nervoso, compoz a sua toilette como poudo e foi abancar n'uma meza do buffete. Tomou um chá preto, um chá fortissimo que o acalmou um pouco e voltou para a cabine.

Deitou-se, mas só adormeceu pelas alturas de Coimbra.

O *controlleur* ao chegar á Pampilhosa, abriu a porta da carruagem e pé ante-pé, com a chavena de chocolate á fumejar, parou-lhe á cabeceira.

Não se atreveu a acordal-o.

O secretario dormia soffregamente, com uma respiração agitada, e exalava um cheiro desagradavel. Fallava no mar, no povo, em Espinho, e gritava pelo major Dias.

Dormiu até Aveiro. A manhã estava linda e isso reanimou-o ao despertar.

Accendeu um charuto e começou a passear pelo corredor.

Era preciso tomar uma resolução energica porque a sua pessoa corria muito perigo. Afrontar as iras do povo, era uma imprudencia.

Ahl estava salvo!

Pegou na sua bagagem e em Esmoriz trocou o seu reservado luxuoso por uma modesta segunda classe. Era conveniente não dar nas vistas.

Despiu a *pélisse*, levantou a gola do frak, e saltou em Espinho, atravessando a gare com os olhos no chão, livido, a tugar a umas dezenas de pessoas que procuravam o secretario nos reservados.

Ao entrar no hotel inscreveu-se com este nome — *Jodo Antunes, caixeiro viajante.*

Pediu um quarto, mandou que lhe arranjassem nma chavena de chá bem forte com duas torradas, e fechou-se por dentro a consultar o horario do caminho de ferro. Sob a janella do seu quarto, passavam grupos que tinham ido á estação esperar o secretario.

Increpava-se o governo e rugia-se. O secretario tivera a vida por um fio. Sentiu bater na porta do seu quarto e estremeceu.

— Quem é?

— É o chá que o sr. pediu.

Abriu a porta, e emquanto o creado o servia, elle perguntava a médico — *Então isto está mauisito?*

— *Se lhe parece senhor! Aqui a gente a morrer de fome e aquelles malandros de Lisboa... nada. Deviam que vinha hoje ahi um dos do governo, mas o ladrão não se atreveu.*

Ficavam-lhe cá as tripas!

O secretario estava livido e ao ingerir a ultima chavena de chá, pediu ao creado que lhe fosse buscar a conta porque sahia no rapido para Lisboa e não tinha tempo a perder.

Pelas alturas do Entroncamento, o secretario, recostado n'uma poltrona, aconchegava a *pélisse* e digerira o almoço do rapido, com o seu charuto a fumejar grandezas.

Estava outra vez imponente o secretario.

E em Lisboa, quando ao saltar na gare os amigos o interpellavam anciosos, elle respondia serenamente:

— *Gostei de Espinho, é interessante, é pittoresco, e vi aquillo bem.*

É facilimo evitar o perigo. Faz-se um paredão, mesmo dois paredões, ou tres sendo preciso, e aquillo não é nada.

O presidente da camara recebeu me principescamente.

Pois é verdade, um paredão ou dois é basta.

Para grandes males... grandes remedios!

Desfazendo uma calumnia

Meu caro Ramada:

Alguem espalhou por ahi que o nosso amigo Alfredo Pimenta tinha sido menos correcto no cumprimento de contractos com a casa Lello & Irmão, do Porto.

E' claro que para nós que conhecemos o caracter do Pimenta a calumnia não produzia os seus effeitos.

Mas como nem todos o conhecem e eu não sei a quantas pessoas a calumniador fallou no caso, pedi ao Alfredo Pimenta um documento comprovativo da falsidade d'aquella afirmação.

E' esse documento que te peço que faças publicar n'A Revolta.

O original fica em meu poder para ser examinado por quem quizer.

Coimbra, 31-3-909.



Se alguem affirmou consciente ou inconscientemente, que o nosso amigo não tem sido calunniador honesto dos contractos sobre trabalhos litterarios, de que o temos encarregado, esse alguem faltou redondamente á verdade.

Pode fazer o uso que quizer d'esta declaração, e acrescentar a ella que as relações entre o amigo e a nossa casa (irmãos Lellos) são, alem de cordeaes, as de intimidade.

Creia-me

Amigo certo

Antonio Lello

29-3-909.

N. B. — O original traz o carimbo da casa Lello & Irmão.

JARDIM—ESCOLA

E' amanhã que se realisa no Colyseo dos Recreios, em Lisboa, o sarau promovido pela Associação de Escolas Moveis pelo methodo de João de Deus, e cujo producto se destina á construção da escola infantil que a Associação se propõe fazer em Coimbra, no terreno situado junto ao Jardim Botânico e que foi concedido pela Camara, a pedido da comissão auxiliar da Associação.

Toma sarte no sarau, de que constitues um dos melhores numeros, o Orpheon Academico que tão apreciado tem sido nos espectaculos em que nesta cidade tem tomado parte.

E' pois de esperar que o sarau seja uma festa brilhante, pelos elementos de alto valor que nelle tomam parte e pelo fim a que se destina, auxiliar a realisação de uma obra tão importante como é a installação de uma escola em que será applicado em toda a sua extensão o methodo pedagogico de João de Deus.

Será uma obra util e patriótica que, por isso mesmo, deverá encher de satisfação todos os que para ella tiverem dado o seu esforço.

Por esses motivos a Revolta sinceramente deseja o melhor exito a esta festa que ha-de ficar marcada na historia do Orpheon Academico.

O Xuão

Mais um numero vem honrar a magnifica colleção d'este semanario, e este é dos que á primeira vista se impõe, não só pela perfeição como está executado, mas tambem pelos assumptos das suas paginas, que realmente são muito bem pensados. O numero que hoje se publica é o 57, quinto do 2.º anno.

Factos e Commentarios

Conferencia

Continua a dizer-se por ahi que o numero de deputado nacionalista, sr. Pinheiro Torres, vem a Coimbra fazer uma conferencia.

Se a coisa fôr publica lá iremos ouvir o sermão.

E — quem sabe? — talvez S. Ex.ª nos leve para o bom caminho.

Ou então a inspiração divina pouco vale...

As carteiras

As carteiras da camara continuam a ver uma bruxa com os ataques dos paes da patria que parece que em cada uma vêem um bocadinho de Espregueira.

Qualquer dia este tem de fazer um emprestimo para concerto das desgraçadas.

Mas porque não acabam com esse luxo?

Cá a rapaziada tambem é filha de Deus e alli nas aulas só aveza o banco puro e simples... e duro como pedra.

E cá se vae vivendo...

À ave implume

Diz uma gazeta que o sr. Antonio Cabral, em materia de propostas ultramarinas, vencerá o record de todos os seus antecessores.

E isto é sendo ave implume, como S. Ex.ª modestamente jisse ha dias.

Se lhe chegam a crescer as pennas ainda voltamos aos tempos aureos.

Lamentamos que o Dr. Ayer não tenha inventado o Vigor da penna!

Estava resolvida a questão colonial... com umas pinceladas da droga.

Mais uma vez!

Agora é uma dama que num jornal de Guimarães apparece a dizer que Alberto Costa se matou por não querer matar o rei.

Mas quando acabará esta infame exploração com a morte do desgraçado rapaz?!

Agora até uma senhora se faz echo da torpeza.

E' triste.

Padre feroz

O tal jornal de Guimarães diz que os republicanos são feras a quem é preciso atirar á cabeça.

Convém dizer que o director da gazeta é um padre.

Mais curto, reverendo! Já que quer atirar...

À ganhanha

Recebemos do illustre publicista e nosso amigo Dr. Campos Lima o n.º 2 desta publicação semanal.

Continua sustentando o bom nome do seu autor, já hoje um panfletario de pulso.

Agradecemos.

De passagem

No club: — Não sei como possa haver homens que consistam numa mutilação para conservar a pureza da voz. Deviam ser canonisados, sam uns verdadeiros martires...

O Conde: — Não. Está você enganado — aquillo vem já de paes p'ra filhos.

CARTEIRA D'UM REBELDE

Se o nosso juizo não erra, a Liga Monarchica fundou-se para, á propaganda e ao desenvolvimento das ideias republicanicas, que vão de dia para dia, minando cada vez mais os alicerces d'este velho casarão de oito seculos até o fazer ruir, o que não tardará, com o estrondo dos cataclismos historicos, contrapor a propaganda e a defeza da monarchia.

Desta maneira na Liga Monarchica devem estar os melhores e os mais bem equilibrados cerebros da monarchia e o que das suas sessões constar ou da bocca dos seus oradores sair, deve ter o cunho da inilludível verdade e a força esmagadora dos argumentos indestructiveis.

Ha por esse paiz lóra quem tenha a audacia de pensar que se não comprehende que um homem, pelo simples facto de ter sido gerado num ventre eburneo de rainha, receba em herança uns milhões d'almas, como quem recebe d'um parente rico umas geiras de terra e umas varas de porcos?... A liga desfará o lamentavel

engano e provará duma maneira que não admite replicas, que, assim como do calix mimoso da solitaria flor a abelha extrahie o mel doirado e a cera que illumina os altares, no beijo solrego da mulher amante em cujo ventre se geram os principes, se transmittem tambem as qualidades que fazem os homens superiores e lhe dão essa mysteriosa unção de sabios, de genios, d'heroes, de quantos adjectivos encomiasticos as historias baratas costumam circundar o nome dos reis.

Ha por esse paiz fora boccas hiantes de fome, labios contrahidos no rictus feroz das supremas maldicções, braços erguidos num gesto de inenarravel dor e de formidavel colera, contra quem os tem espoliado e escarnecido, e do suor bendito do seu trabalho tem feito o ouro para os adeantamentos, para os divertimentos regios, para quantas *Espregueirices* tem caracterizado a politica portuguesa?...

Insenatos! A liga lhes provará á sociedade, pela voz inspirada dos seus meliores oradores, que é justissimo que o paiz soffra para que o rei se divirta, que dos seus desolados lares deve sair a ultima migalha envolta na ultima lagrima para assim se manter o decoreo necessario a quem logo no berço foi tocado da graça divina, que a politica portuguesa tem sido para elles d'uma brandura mais que invejavel, porque ainda lhes não tirou a pelle e finalmente que o Snr. Espregueira é o mais honrado de todos os homens publicos.

A liga monarchica fundou-se para a propaganda e defeza da monarchia. Assim os seus oradores fallam para o paiz, para que elle se convença da verdade indestructivel das suas afirmações e para que elle não vá, numa hallucinação momentanea, destruir o que é base e a condição fundamental da sua felecidade e do seu progresso. E cada uma das suas palavras deverá ser um argumento e cada uma das suas phrases uma promessa de bemaventurança eterna.

Não são elles que fallam, é a propria monarchia, personificada nos seus defensores, que desenrola ante o olhar espantado da nação o extenso sol das suas virtudes.

Ainda ha poucos dias, um orador (não nos lembra quem; o nome para o caso pouco importa) dizia na sala da liga, por entre os applausos que estrugiam de todos os lados, que a monarchia tem de ser fatalmente conservadora.

Talvez nenhum outro fallasse com tanta sinceridade. E assim o paiz ficou sabendo, se algumas duvidas lhe restavam ainda, o verdadeiro espirito do regimen.

A monarchia tem de ser conservadora. Quer o paiz integrar-se no pleno desenvolvimento do seculo, livrar-se de quantos preconceitos uma educação jesuitica e fradesca lhe distillou no seio, como um veneno corrosivo e lhe fez adormecer as qualidades d'iniciativa e d'energia?

A monarchia responde: — *tenho de ser conservadora.*

Quer o povo conquistar um maior numero de regalias e de libertades sem as quaes impossivel se torna todo o progresso, como sem reforos é impossivel funcionar uma pilha? — *A monarchia tem de ser fatalmente conservadora.*

Todos os dias a ciencia, com o seu formidavel bisturi, vae dissecando o corpo social para d'elle arrancar todos os velhos erros do passado, como do corpo humano se arranca um cancro ou um órgão que a doença inutilizou? *A monarchia tem de ser conservadora.*

Todos dias se rasgam á iniciativa é á intelligencia humanas novos horizontes que precisam, para que d'elles se tirem todos os beneficos resultados, d'outras tantas reivindicacões nos regimens politicos. *A monarchia tem de ser conservadora.*

E assim, pela bocca dos seus meliores e mais estrenuos defensores, a monarchia colloca-se em aberto antagonismo com o espirito da epoca e em lueta renhida com o progresso e com o futuro.

Como ha pouco o espirito intolerante de Pio X condemnava o modernismo, a monarchia portuguesa condemna todas as conquistas da civilização e da sciencia.

Decididamente a liga monarchica fundou-se para a propaganda e defeza... da republica.

J. G.

As mães cuidadasas recomendamos o VERMIFUGO FARIA, infallivel na expulsão das lombrigas.

Coisas da Universidade

As saídas das aulas

Entre as coisas curiosas que apparecem nesta universidade que, por mal dos nossos peccados, frequentamos, ha uma que merece duas palavrinhas.

Trata-se da attitude dos differentes lentes perante o caso tremendo de um alumno sair da aula durante o exercicio escolar.

Uns, apenas o desgraçado acaba de sair, tocam a campainha a chamar o bedel que chega e, implacavel, marca a falta da ordem. Isto se o alumno, ouvindo o som, não entra antes do bedel, o que quasi sempre succede.

Outros, ao levantar-se alguem para sair, suspendem a voz e com a vista seguem o discolo até á porta. E' claro que o alumno sae do mesmo modo e o lente, feita a cara de desgosto, volta a tomar o fio da prelecção interrompida.

Ha até um que, mal o rapaz sae, rapa da planta da aula, levanta os oculos e levando o papel a menos de dois palmos adiante do nariz, verifica quem é o ausente e chama-o á lição. E essa falta nem Santo Antonio a tira.

Outros, finalmente, não se importam ou fingem não se importar. Mas de todos os casos do genero que temos observado, o melhor foi o de ha dias.

Em certa aula levantou-se um alumno para sair. Logo a seguir outro se levantou.

Immediatamente o mestre, dando um estalinho com os dedos, chama a capitulo o rapaz e diz coisas: que o regulamento não permite as saídas da aula, que *dura lex sed lex*, que elle, como o pretor, não applica a lei em todo o seu rigor, mas que o que não pode permitir é o abuso de saírem dois estudantes ao mesmo tempo, etc.

E assim ficamos sabendo que tolerantemente se permite que uma pessoa saia porque essa pessoa pode ter necessidade d'isso.

Mas só uma. Duas é que não. E porquê?

Porque é um abuso dois individuos terem simultaneamente a extravagancia de ter de satisfazer qualquer necessidade.

Ainda havemos de ver na universidade o systema das aulas de meninos: — dá licença que vá lá

fora, sr. professor? — e o mestre responderá — agora não que está lá outro. —

E assim deve ser para que os meninos não vão lá para fora brincar.

Decididamente o estabelecimento (o primeiro, etc.) está cada vez melhor.

E, se não fossem estas coisas, como havia a gente de supportar as aulas?

A' tesoura

Do Noticias de Lisboa:

Braga, 25. — O dia de hoje em que a igreja catholica commemora a Anunciação da Virgem, mãe de Deus e dos homens, bastantes solemnidades se tem effectuado, em sua honra, nos differentes templos d'esta cidade.

Mas que mania que tem estes homens de Braga de ser filhos da Virgem! Um já nós conheciamos, mas, ao que parece, tem por lá muitos manos.

Para que lhes havia de dar!

Do Portugal:

Opponha-se ao bloco revolucionario o bloco conservador. Pode não estar em perigo a Monarchia e cremos que não está. Mas está em perigo a paz e o socego do paiz. E' preciso tocar a unir. As affirmações platonicas de Liga Monarchica tem de ser substituidas por actos. Palavras já são de mais.

Agora o caso é serio... se elles tocam a unir.

Que vae ser de nós se elles passam aos actos?!

Ai Jesus!

Do Portugal:

Quando é que o sr. Amarel se convencerá de que, n'este paiz, só pôde haver duas qualidades de ministerios: os ministerios como o que deixou fazer manifestações ao Buiça, ou ministerios de combate.

A ultima parte ficaria melhor assim: « ou ministerios como o que fez apparecer o Buiça ».

Não acha, reverendo?

TRIBUNA DOUTRINRIA

Justiça divina

Batidas e postas em debandada as tropas de primeira linha que Roma nos oppunha, entreter-me-ei agora a metralhar um outro posto da reserva que eu descortino no campo do dogma ou da philosophia dualista.

Hoje falarei na justiça divina e suas relações com a bondade.

A justiça divina... como os nescios nella confiam!... Todavia ella é, como o juiz que a ministra, obra dos homens,

e como tal participa de todos os erros da justiça humana antiquada, como Deus participa de todos os vicios dos homens da civilização incipiente que o creáram á propria imagem e similhaça «Deus vult omnes homines salvos fieri» diz S. Paulo.

Sendo Deuses omnipotente e querendo elle que todos os homens se salvem, nenhum se perderia... Mas então para que o inferno e o Purgatorio?!

Santo Agostinho, bispo de Hipona, que viveu no seculo V poz essa questão em pratos limpos, solicitado pelas doutrinas de Pelagio e Celestus cujas proposições não eram destituidas de razão, claro está, dentro da crença christã.

Segundo aquelle grande doutor da Igreja, «o genero humano tornou-se n'uma especie de massa de perdição sobre a qual Deus desconta préviamente uma parte da raça humana de que elle se compadece e destina para a salvação, enquanto que abandona a restante á reprobación»!

Como préviamente havia a proposição de S. Paulo, Santo Agostinho não hesitou, explicando que quando o collega afirmára que *Deus queria que todos os homens se salvassem*, se deveria entender todos os *predestinados*.

De fórma que os homens salvam-se não em virtude das suas boas obras e por causa dellas, mas porque Deus lhes concede o unico meio pelo qual possam conseguir o seu desiderato.

Ninguém se salva sem a *graça*, mas a *graça* é «um dom sobrenatural concedido gratuitamente á creatura intellectual em ordem á salvação eterna».

Eis ahí a que fica reduzida a decantada justiça divina: não recompensa ninguém segundo as suas obras mas ao sabor do proprio arbitrio.

Que culpa tem o homem de não crer, se o misero não pode ter fé sem a *graça*? Como condemnar o homem porque não cumpriu, se a *graça* indispensavel lhe não foi conferida?!

E que importa mesmo que o homem creia e pratique a lei, se nem por isso a *graça* lhe é devida, e sem esta elle não pode tornar-se meritorio em ordem á salvação eterna?!

Misera humanidade, se fossem verdadeiras todas essas tolices!... Não julguem que esta doutrina de Santo Agostinho é da responsabilidade particular do santo, e que portanto a Igreja possa repudiar-a. Não senhor. E' doutrina aceita em varios concilios e é doutrina que o proprio Santo Agostinho affirmou no seu livro *De Predestinatione Sanctorum*, c. 4, que ella lhe fôra inspirada por Deus.

E' bastante. Sendo elle sancto, não podia ludibriar a Igreja em uma affirmação de tal natureza, se ella não fosse verdadeira.

E' redundante, pois, que os Thomistas, Congruistas, Molinistas e outros andem a barafustar nesse indigesto pastelo.

Podem, meus caros leitores, desistide pensar na salvação eterna: os seus esforços serão inuteis e baldados.

Se aprovér á caturrice do Todo Poderoso elle lhes enviará um cheque sobre a Graça da Bemaventurança por meio do qual podem angariar qualquer logar no ceu, se não, não. Todo o producto do trabalho é esteril as taes obras, sem o tal cheque, são moeda desvalorizada!... Pobres mystificados!...

Mas a justiça divina não fica por aqui, no conceito da Igreja Catholica.

Os meus amáveis e pacientes leitores tem ouvido falar nessa mina dos padres, nesse inexaurivel thezouro de Roma, — o Purgatorio?!

E' outra prova de que a justiça divina é calcada sobre a justiça humana e... sobre a justiça humana de peor especie.

Para o Purgatorio vão os que tendo commetido peccados veniaes não podem entrar no Ceu sem se purificarem dessas pequenas maculas no temporario fogo do Purgatorio.

Até aqui está tudo muito bem.

Mas o velho e rabugento Padre Eterno remove-se facilmente e no seu Imperio de delicias receberá os denegridos peccadores, antes de terem acabado de chamuscar toda essa multidão de maculas que os conspurcam. Para isso é urgente ter... dinheiro para mandar dizer missas e celebrar outras especíes de recommendações!...

Tudo é venal, até o proprio Deus!...

Se um milionario vae para o outro mundo enluzado em peccados veniaes, que levariam muitos seculos a lavar com a tal benzina com que os peccadores são esfregados no Purgatorio, pode muito bem nem sequer lá permanecer um minuto; basta que tenha deixado o testamento da sua colossal fortuna para que, acto continuo á sua morte, os padres de todo o orbe catholico digam cada um sua missa!...

E' ótimo e engraçadissimo! E vão aos ares se não os tomámos a sério!...

E' verdade que elles dizem que as missas, onde se sacrifica a *divina victim* (sic) tem os meritos de N. S. J. C. que são bastantes para anular toda pena temporal...

Pois sim, mas isso prova de mais e não explica tudo.

Se assim é, como a victima de taes sacrificios é de méritos infinitos, infinitos são tambem os meritos que redundam desses sacrificios: desse modo será sufficiente uma unica missa para libertar do Purgatorio quantos lá estejam e quantos lá tenham de estar.

Mas essa doutrina é que lhes não serve, porque então lá iria agua abaixo o manancial dos pingues proventos.

Desinteressadas e santas creaturas, sobre tudo...

Lucifer

JULIA AUGUSTA MENDES

Rua Fernandes Thomaz — 59

COIMBRA

Acceita hospedes para casa, cama, roupa lavada e engommada, e tambem só para comer.

EDITAL

(Cópia)

O Doutor Antonio Pereira e Solla, juiz presidente do Tribunal do commercio de Figueiró dos Vinhos.

Faço saber que no dia 5 de abril proximo por dez horas á porta do Tribunal do commercio da Cidade de Lisboa se hade proceder na venda e arrematação em hasta publica, a direito e acção que a massa fallida de João Alves Bebianio tem ás cinco sextas parte dos mobiliarios e immobiliarios da Fabrica de Escoubaes, em Castanhiera de Pera, comarca de Figueiró dos Vinhos, que será posta em praça pela quantia de trinta contos de reis, sendo pelo presente citados quaesquer credores Incertos que se julguem com direito á dita fabrica para o declararem dentro do praso da lei. E para constar se passa o presente que será affixado á porta do predio. Figueiró dos Vinhos, — vinte e tres de março de mil novecentos e nove. Elysió Nunes de Carvalho com o Juiz Presidente — Antonio Pereira e Solla.

Amendoas

Na Casa Innocencia rua de Ferreira Borges, 91 a 97 encontra-se grande sortido de amendoas e confeitos, estes desde 300 a 360 réis e aquellas desde 340 e 650 réis o killo. São ao todo 43 qualidades todas fabricadas nesta Casa já bem conhecida do publico e premiada nas exposições a que tem concorrido.

Os compradores de 5 killos ou mais tem desconto de 20 réis em killo; e alem disso, os que compram de 15 killos para cima, tem *bonus* de 2 p. c. a 5 p. c. conforme as quantidades, pagando á vista.

Ha tambem doce sortido, rebuçados, marmellada, doces de fructas etc. etc: e todos os artigos de *merceraria* que vende por preços minimos.

A tabella de preços é a do anno pasado, apesar do assucar e o miollo de amendoa, ter subido este anno muito.

Mandam-se tabellas a quem as requisitar.

Fausto de Quadros

ADVOGADO

Rua da Sophia — 57, 1º.

A «REVOLTA»
Encontra-se á venda em Lisboa na «TABACARIA HONACO», Reolo.
Em Coimbra TABACARIA ANDRADE, R. Ferreira Borges.

FOLHETIM

FIGOS SECCOS

Tinham-se encontrado naquelle dia os cinco. Falando do seu antigo viver, quando eram companheiros de estudo e não conheciam ainda as difficuldades da vida pratica, resolveram faser qualquer extravagancia que os transportasse a esses tempos de feliz camaradagem.

Passaram de carro pela cidade sentindo a garotice e a despreocupação dos desoitos annos, e foram terminar o dia a um bairro excentrico jantando num restaurante de terceira ordem, similhante a muitos outros onde flintara vivamente a sua alegria de rapazes.

Na primeira sala desocupada entraram. Era um pequeno compartimento de paredes nuas e enegrecidas onde uma janella dava claridade abrindo sobre extensos campos saturados de luz, intensamente coloridos...

Raparigas cantavam lá fora, a distancia... E tudo ria naquelle dia de maio, cheio de sol, perfumado e quente.

Sentaram-se á mesa com a mesma loquacidade, com as mesmas manifestações de jubilo.

Correu animadamente o jantar. Recordaram scenas da sua vida academica, lembraram *typos* d'esse tempo, alguns já d'pparecidos, e riram muito com varios e cdios contados pelo mais espirituoso

dos cinco — um official do exercito, casado e já com filhos, que tocava flauta e ocarina e imitava admiravelmente vozes de animaes.

Quando a creada — uma interessante morena de olhos gaitos — entrava na sala, dirigiam-lhe, á porfia, galanteios e a graça sabia a tempo, sem esforço, naturalmente.

Ora, quasi ao fim do jantar, exactamente quando os outros estavam mais faladores, gesticulando fortemente e escancarando sorrisos a proposito de tudo, um delles cahio no silencio, concentrou-se.

Era um homem alto, encorpado, de phisionomia muito sympathica, as barbas negras crescidas.

Tinha chegado, havia uma semana, da Belgica onde estivera aperfeicoando os seus conhecimentos de engenharia, visitando fabricas e praticando.

— Oh! Vejam, vocês, o Carlos! — Disse um que notou com espanto a attitude sombria do amigo.

— Que cara!..

— Que tragedia!...

— Romancesinho no estrangeiro?

— Seu tolo...

— Não, meus amigos! Não foi lá fora que se passou aquillo em que estava pensando agora. Foi numa cidade do norte do nosso paiz... Coisas da vida em que não vale a pena falar e que me foram sugeridas — embora pareça extraordinario — por esse prato de figos seccos que ahí está.

— Hein?!

— Está a disfrontar-nos...

— Não estou, não! mas falemos de outras coisas.

— Vinho triste...

— Figos seccos?! Como é que uns simples figos podem faser lembrar coisas tão serias?! Não, agora tens de contar...

— Tem de contar! Tem de contar — disseram quasi a um tempo convencidos de que o amigo os estava mystificando.

— Para quê? Para quê? continuava elle.

— Para o que quizeres. Conta! Instado desta forma, resolveu-se a falar.

Fez-se silencio; e os olhos embacoados de todos elles fitaram-se no enge-nheiro.

— Foi ha dez annos, meus amigos, naquelle tempo em que estive de serviço no Minho. Eu era das relações do meu collega Alberto de Moraes. Um pobre diabo!

• Como tu sabes — dirigindo-se a um dos companheiros — é um homem sem energia para nada, com extraordinarias irregularidades de character, um inconsequente, uma creatura sem individualidade, feita de pedaços.

• Uma psychologia que nunca percebi.

• Tinha casado, havia tres annos, com uma loirita muito engraçada que o detestava pelo seu desmaselo. Viviam os dois, num sitio retirado da cidade, numa esplendida casa cercada dum vasto jardim que se cobria de milhares de flores

e se perfumava intensamente de magno-leas...

• Grande jardim, com longas arcadas de buxo, ermas e silenciosas, com elegantes estatuas de marmore, com recantos encantadores, com uma gruta de antigos azulejos que representava o nascimento de Venus e que muitas coisas doces me recorda...

• A casa, admiravelmente posta, com mobiliario rico, alguns quadros de valor e os grandes espelhos nas paredes re-produzindo as imagens...

• Já vocês comprehenderam — apreciem os factos como quizerem — quaes tenham sido os resultados daquella aproximação, da minha intimidade com Alberto de Moraes. Quiz fugir, quiz evitar os acontecimentos mas foi-me absolutamente impossivel faze-lo.

• De visita passei a amigo, a confidente. Ella falava-me do marido, contava-me tudo, queixava-se da vida que levava, allí, affastada da sociedade, quasi sem relações, sem divertimentos de especie alguma. Desejava ser pobre. Lamentava-se, chorava. Censurava asperamente o Moraes pelo seu desmaselo e achava-o brusco, irritante, mal educado mesmo.

• De confidente passei a amante. Amei-a com sinceridade, com frenesi, com loucura. Tive dias de soffrer horrivelmente com a presença do meu collega e pensei em partir com ella para o estrangeiro. Chegámos a faser planos dessa vida de felicidade que doiravamos encantadoramente com a nossa fantasia. • Contar-vos as venturas? Descre-

ver-vos todo esse amor impetuoso e ardente? Falar-vos dessas horas inolvidaveis de praser, dos momentos de tristeza, dos desgostos, das alegrias?

• Para quê? Para quê?

• Basta que vos diga que foi a mulher que mais teve da minha alma, que mais me impressionou, que mais me fez viver.

• Ora uma noite, quando estavamos, sós, no salão, dócemente enlaçados no sofá, e eu lhe dizia, entre beijos requintados, palavras ternas que já milhões de vezes repetira, ella, com grande surpresa minha, arrancou-se-me precipitadamente dos braços e caminhou para uma mesa proxima.

• Nesse mesmo instante o Moraes entrava. Olhou-nos, cumprimentou seccamente, atravessou o salão a passos firmes e desapareceu por traz dum reposteiro.

• Maria — ficou branca varada de espanto e só pôde abrir os labios para diser sumidamente:

• Foi buscar o revolver!

• Dei umas voltas atoadas e fui collocar-me entre ella e a porta por onde o Moraes sahira.

• Nesses minutos terriveis odiei-o terrivelmente.

• Alberto tornou a atravessar o salão serenamente, com firmeza. Os seus passos ouviram-se na escadaria. A sua portareu e a campainha teve uma leve tremura que nos irritou.

(Continua)

PARIS EM COIMBRA

High-lif tailor

J. M. de Vasconcellos

Esta casa resolveu por motivo de grandes compras que o seu proprietario fez no estrangeiro, fazer durante 15 dias uma redução de 50 p. c. em todas as fazendas actualmente em deposito, só vendo se acredita.

Esta casa é a unica que vende em boas condições e que importa directamente do estrangeiro todos os artigos do seu commercio.

Cachorros da Serra da Estrella

LEGITIMOS

A' venda no Sanatorio de Manteigas, desde a um tres mezes, esta excelente raça de cães de guarda. Todas as encomendas e esclarecimentos devem ser pedidos a

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Pastelaria e confeitaria Telles

150 — RUA FERREIRA BORGES — 156

COIMBRA

N'esta casa, regularmente montada no genero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza:

Dozes de ovos com os mais finos recheios.
Dozes de fructa de diversas qualidades, secos e crystalisados.
Fab. com se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de jolhado.

Galantines diversas. Tete d'Achar. Paté de Liever e Foie.
Sauisses Pudngs de diversas qualidades, vistosamente enfeitados.
Pão de ló, pelo systema de Margaride.
Especialidade em vinhos generosos e licores finos das principaes marcas.
Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJAS

Deposito dos magnificos vinhos da Empreza Vinicola de Salvaterra de Magos, da finissima manteiga da Quinta de Fontello e dos productos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos da Couraça de Lisboa, 32.



VERMIFUGO FARIA

Vermifugo e antiseptico intestinal

E' o remedio mais eficaz para a expulsão de lombrigas, tanto em creanças como em adultos.

Tem sido milhões as lombrigas expulsas por este remedio e centenas as creanças salvas com elle.

O Vermifugo Faria, é diferente dos que existem do mesmo genero e duma efficacia superior a todos sem excepção. O doente que não deitar vermes pode afirmar que os não tem.

O Vermifugo Faria limpa o tubo intestinal de todos os vermes, sejam quaes forem, destroe as fermentações putridas e anormaes, cura as infecções intestinaes e as dysenterias infecciosas, e como é um grande antiseptico intestinal, os dentes melhoram, mesmo que não deitem vermes.

O Vermifugo Faria não tem deposito no fundo do frasco e quando o tenha, este dissolve-se de repente mettendo o frasco em agua quente. Preço do frasco em todo o reino, incluindo o sello, 250 réis. 12 frascos, incluindo o sello, 2\$280 réis.

Depositos. PORTO, Frederico Cardoso & Filhos, Praça de D. Pedro, 13; LISBOA, José Pereira Borges & C.^a, Rua Augusta, 41; COIMBRA, Rodrigues da Silva & C.^a, Rua FerreiraBorge s.

Grandes Armazens de Lisboa

Estrada da Beira, 35, 37 e 39 (Junto á Casa Minerva) — Coimbra

Para provar aos nossos amigos e freguezes que nenhuma casa em Coimbra pode competir com os preços das nossa fazendas, pedimos-lhes que as confrontem a fim de verem a veracidade do que afirmamos.



Somos os unicos a quem ninguem pode fazer concorrência, apesar dos nossos artigos ainda serem superiores aos que outros vendem por mais subido preço, o que equivale a dizer que, quem quiser comprar bom e barato, tem forçosamente que recorrer aos GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, a unica casa que até hoje tem conseguido proporcionar ao publico a compra de boas fazendas por preços insignificantes.

VER E CRER

Toalhas para meza, desde	140
Ditas para mãos a	65
Ditas felpudas para mãos, desde	90
Guardanapos, desde	15
Flanellas d'algodão, metro	60
Ditas, cór lisa, muito largas, metro	120
Córtés de vestido com 7 metros, de pura lã e lã e seda, a 1\$350, 2\$320, 2\$800, 4\$100, etc.	
Meias pretas, sem costura, para senhora, a	65
Plugas para homem, a	30
Meltons para casaco, muito bons, desde	700
Meias para creança, desde	51
Ferros a vapor, para engommar, a	320
Colchas brancas	540
Flanellas lisas, lavradas, a	30
Chitas, grande novidade	40
Lenços d'algodão para a cabeça, a	80
Lenços de percal, a	70
Chales grandes, que eram de 1\$200, a	500
Armures d'algodão, que eram de 200, a	100
Chales grandes, seu valor a, 500, a	1\$200
Cobertores grandes, em flanela, muito finos, seu valor 1\$000 réis, a	550

E um sem numero de artigos que só á vista se podem verificar

Ateliers de alfaiate e modista de chapéus

Vestidos para senhora, genero tailleur

Artigos de fanqueiro, retrozeiro, estofador, modas, confecções, perfumaria, brinquedos, etc., etc.
Brindes! — Todos os dias nas compras de 5\$000 réis para cima, além do direito a novo brinde pelo NATAL.

Os nossos brindes são dados de muito boa vontade a todos os freguezes, quer a compra seja pequena ou grande, sem que aproveitemos os sorteamentos que enganam o publico.

Só annunciamos o que temos á venda, e não nos servimos do expediente de annunciar artigos que não possuimos para depois dizermos que já se acabaram.

Não confundir os GRANDES ARMAZENS DE LISBOA, que são na estrada da Beira, 35 39, com qualquer outro estabelecimento, porque dep. is arrependem-se, e só nos vendemos bom e barato

Fatos promptos a vestir desde 4600

JOÃO FAVAS

CASA PENHORISTA

LARGO DE S. JOÃO, N.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada

Encarrega-se de leilões e liquidações

Compra objectos antigos em todos os generos

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

MERCEARIA por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Dão-se as senhas do bonus Lusitano

Automovel

Aluga-se o automovel n.º 30, de Coimbra, para passeio ou viagens.

Trata-se na Empreza Automobilista Portuguesa, ou na Typographia Litteraria, Largo da Feira.

SAPATARIA

Manuel Teixeira

Rua do Infante D. Augusto, n.º 6 a 14

Coimbra

Esta casa conhecida em todo o paiz, tem sempre calçado feito da melhor pelo laria estrangeira, e garante ao freguez calçado do seu fabrico, especializando o de borracha.

Fornece impressos a quem os pedir, explicando a forma de tirar as medidas,

Qualidade garantida

PREÇOS COMMODOS

Telephone n.º 114

ALFAIATERIA

Guimarães & Lobo

54, Rua Ferreira Borges, 56

COIMBRA

Casimiras nacionaes e estrangeiras, camisas, luvas, gravatas, plugas, guardasões e outros artigos para homem.

Modicidade de preços

AMAZEM DE SOLA E CABEDAES

DE José Correia Amado

Rua Sargento-Mór, 7 a 11 — Coimbra

Sempre variedade em cabedaes de luxo.

Sortido completo em pomadas de cór e cremes para a conservação de calçado.

Solas de borracha de todas as qualidades.

Todas as fazendas são recebidas directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

CLINICA CIRURGICA

e Tratamento das doenças dos órgãos genito urinarios do homem e da mulher e e

José Lebre

Tratamento das doenças dos olhos

Abilio Justiça

Electrotherapia

Medicção electroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone n.º 254

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CONSULTAS Das 9 da manhã ás 4 da tarde

Doenças da bocca e dentes

Rua Ferreira Borges, 174

COIMBRA